REVISTA LUSITANA

Vol. XXI 1918 N.os 1-2

INTRODUÇÃO
A
Lições de Filologia Portuguesa
NA
Universidade de Coimbra
Curso de 1917-1918

I

Na série de prelecções que terei de fazer nesta aula (às segundas e terças-feiras, das duas para as três da tarde), para os estudantes e estudantas do primeiro ano, tratarei, conforme sabem, de *Filologia portuguesa*. Mais exacto, mas menos apparatoso, seria dizer *da língua portuguesa*—visto que a história da *literatura*—essa talvez melhor das cinco belas artes—que constitue parte igualmente importante da *filologia portuguesa*, é ensinada separadamente.—A vastidão da matéria obriga a tal bipartição, aqui e em todas as Universidades. E exige (ou exigiria) que não se dedicasse a cada uma das partes, apenas *um* ano, de escassas sessenta horas. Para que o professor expusesse, concisamente, os assuntos principais, seriam precisos, pelo menos, três anos sucessivos. Nisso concordam todos os lentes e todos quantos estudiosos já terminaram o seu Curso. Mas por ora o Govêrno não quis saber de reformas e mantêm os programas que foram elaborados quando se criou a Faculdade de Letras. Será preciso caminharmos muito de pressa, trabalharmos muito, para num ano tratarmos da história, as origens, as fases e as tendências da língua [1].

[1] P. S. Quanto à literatura, já se emendou o *êrro*; quanto ao ensino da língua, está a tratar-se de o modificar.

Sua *língua pátria* — a língua *materna* de todos quantos freqùentam estas aulas.

Não me surpreenderia que muitos, que mesmo todos estranhassem o meu modo de ver, e considerassem a princípio desnecessária a reaprendizagem ou a continuação da aprendizagem de uma língua que falam desde o berço e que já os ocupou, indirecta e directamente, durante longos anos, em aulas primárias e secundárias.

Vou tentar dizer-lhes hoje, em duas palavras, em que sentido eu julgo útil, necessário mesmo — e o conselho de Instrução também julga necessário — que os *Académicos* continuem a ocupar-se da delicada e bela língua vernácula que em sete séculos de vida literária produziu obras-primas, em prosa e em verso, desde as singelas *baladas* em estilo popular de Sancho *o Velho* — pela *Menina e Moça* de Bernardino Ribeiro e a *Epopeia Nacional* — até os versos líricos de João de Deus, e os filosóficos de Antero de Quental.

*

Quem sai do Liceu e entra na Universidade, com o fim de passar de estudante a *mestre*, precisa de reaprender português por um processo muito diverso do que empregou até hoje; e com fins diversos tambem.

Até hoje os senhores se ocuparam da língua pátria, *empíricamente*, *práticamente*. — Sem objectivo *scientífico*.

Em pequeninos a aprenderam pouco a pouco, imitando, reproduzindo a custo e de vagar, balbuciando, e sem consciência, aquilo que ouviam da bôca da ama ou da mãe, suas protectoras e mestras naturais.

Depois, nas aulas (quer particulares, quer públicas) cultivaram a fala materna *sistemáticamente*, isso sim, mas também só *empíricamente*. Por meio de leituras e de exercícios de redacção, consultando dicionários (êsses campos santos das línguas, tão cheios de vida) afim de conhecerem termos novos, mas sobretudo decorando regras gramaticais a respeito de géneros, plurais, gradações, e fixando paradigmas verbais e nominais é que alargaram cada vez mais seu tesouro vocabular e familiarizaram-se com as construções sintácticas mais complicadas, empregadas em obras literárias. Alguns chegaram seguramente a escrever bem, estilizando com arte e engenho, erguendo a pequenas obras-primas a expressão dos seus pensamentos e sentimentos.

O estudo de línguas estrangeiras, sobretudo do *francês* e do

latim, que são (como os professores lhes disseram ou como individualmente reconheceram) intimamente aparentados com o português, contribuiu tambêm para chamar a sua atenção para alguns problemas linguísticos.

Em todo o caso, o ensino escolar, tanto primárió como secundário, foi e é sempre e em toda a parte (porque deve sê-lo) essencialmente *prático* e *pedagógico*.

Nele determina-se sobretudo o que se deve dizer—e o que se não deve dizer hoje em dia—por convenção dos sábios e segundo o exemplo dos bons autores.

Encarada assim a *Gramática*, o estudo da língua é árido; parece ser uma colecção de regras arbitrárias, restringidas por excepções mais arbitrárias ainda. Não é verdade?

Bem sei, que há mais de uma gramática pedagógica, de ensino secundário, que não se circunscrevendo em mera fixação de regras, passa a motivá-las, por ex. a de Epifánio da Silva Dias, e tambem a do Director da nossa faculdade; mas ambas são pouco usadas nos liceus.

Pois bem, nesta terceira fase da sua aprendizagem do português, proceder-se há de modo diferente. De *pragmático*, *empírico*, *prático*, o ensino passará a ser scientífico; isto é, *documentado, comparado*, *histórico, evolucionista*.

Retrocedendo aos primórdios da língua, à fase mais arcaica em que se escreveu, e às fontes do vocabulário e da morfologia, procuraremos a razão de ser de cada regra e de cada excepção, a origem ou *etimologia*—isto é a forma matriz e o significado verdadeiro de cada vocábulo.

Lendo textos dos primeiros séculos da língua afim de os senhores conhecerem êsse estado originário e os estados intermédios entre a lingua latina e o moderno português; vertendo êsses textos, ora para latim (bárbaro e vulgar embora), ora para os modos de dizer de hoje; transcrevendo-os, primeiro diplomáticamente, sem alteração, e depois criticamente, resolvendo as abreviaturas, separando os vocábulos e pontuando racionalmente as proposições não elucidadas por êsse auxílio nos pergaminhos vetustos; passando em seguida a intepretá-los, fixando tanto as evoluções fonéticas como as transformações de sentido e de função, por que grande parte do vocabulário latino, ou de origem não latina, passou; apurando a razão porquê certa minoria quási se não alterou (minoria composta de vocábulos de construção singela e sólida, e de significado tambêm singelo e permanente); considerando, numa palavra, os fenómenos linguísticos

sob o duplo aspecto que a linguagem humana tem: o *fisiológico* (acústico, mecânico ou material), e o *psicológico*, *ideológico* ou *espiritual*, é que insuflaremos vida nova, alma nova à velha Gramática.

Quanto ao português, chamo desde já a sua atenção para isto: que os legítimos textos arcaicos não são uma floresta *oscura*, *selvaggia ed aspra e forte*, uma série de vocábulos raros e complicados, entrelaçados em construções bárbaras, como aquelas *Reliquias* apócrifas e artificiosíssimas que durante sécuros passaram por obras dignas de fé, de um Egas Moniz Coelho e Gonçalo Hermiguez.

Numa balada de Sancho I, composta antes de 1200, uma das mais antigas poesias trovadorescas de Portugal, de deliciosa cadência rítmica, há apenas umas vinte e tantas palavras diversas, todas elas singelas quanto à forma e quanto à essência, e que todas já eram então o que são hoje. É um fenómeno notabilíssimo, talvez único, não só quanto ao português, mas também em todos os idiomas neo-latinos.

Reparem bem! — Ela diz:

Ay eu coitada! — Como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado. Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ay eu coitada! Como vivo
en gran desejo por meu amigo
que tarda, e non vejo! — Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

*

Pelas evoluções históricas, que o método comparativo nos patenteará, havemos de reconhecer também as tendências características, os traços privativos, as criações nacionais do belo idioma, que nos serve de veículo, e é como sabem, um dos diversos descendentes ou ramos do latim. Ou melhor: uma das fases modernas da linguagem da antiga Roma, tal como a nação latina a empregava, familiarmente, quotidianamente, ou vulgarmente.

De meros *faladores* e *escrevedores*, os senhores devem passar a ser conhecedores e investigadores da língua portuguesa, e sobretudo (se eu conseguir o que pretendo) *amadores* dessa he-

rança preciosa dos nossos ascendentes e em geral da fala humana. Isto é *filólogos*.

Porque *filólogo* quer dizer isso: *amador da fala*, como expressão de ideias, dêsse património lentamente adquirido, que é o distintivo supremo do homem.

A êsse respeito convêm que eu dê uma breve explicação.

Filólogo e *filologia* são, como todos os termos gramaticais e a própria *gramática* (ou em geral, como toda a terminologia scientífica das línguas cultas), vocábulos gregos, compostos de dois elementos, ou de dois radicais. No nosso caso há os radicais *filó* e *lógos*. *Fil-* (phil- φιλ-, é raiz do verbo φιλεῖν=amar. *Log-* (λογ-) é raiz do verbo *legein* λέγειν=*dizer*, *falar*, e significa *palavra, fala;* mas principalmente a essência, a alma da palavra: a *ideia*, o *pensamento*, o *raciocínio*, o *intelecto* e o *espirito* [1].

Mas já na Grécia—cinco séculos antes da era de Cristo—*filólogo* e *filologia* tinham evolucionado. Tinham chegado a ter dois sentidos; um, *lato*; e outro *restrito*.

Em sentido restrito, que era o primitivo, anterior a Platão e seu mestre Sócrates, *filologia* era o mero amor da palavra, o gôsto de falar, de conversar, ou de discutir. Em especial o amor da conversação e da discussão culta e espirituosa, como aqueles dois filósofos idealistas a praticavam, e com êles todos os Atenienses, os Atticos. A *filologia* deles estava portanto em oposição à *braquiologia* ou seja ao *laconismo* da gente de Esparta, ou da *Lacónia* ou *Lakedemónia* inteira.

Em sentido lato e derivado, que hoje todo o mundo liga à *filologia*, mas que também já lhe ligavam às vezes os dois Helenos citados (427-547), filologia era *amor do logos* ou das sciências (todas) do espirito (*Geistes-wissenschaften*).

Práticamente *Filologia* é hoje aquela Faculdade ou Disciplina, ensinada nas Universidades, que em oposição à *Jurisprudência*, *Medicina* e às Sciências exactas, e a par da *Filosofia* e *Teologia*, abrange as manifestações do intelecto humano, *históricas* e *artísticas*, mas principalmente se cifra no estudo das falas humanas, dentro e fora das literaturas, êsses maiores e mais significativos monumentos de arte que o espírito do homem criou, e a melhor imágem dele.

Sciências *espirituais* no plural.— Tomem nota de que num admirável Manual moderno de filologia classica, seu autor, fran-

---

[1] P. S. Claro que dei exemplos de *filo-* e de *-logia*, citando e explicando fil-antropia, filaucia, hispano-filo, luso-filo; antro-pologia, ana-logia, fono-logia, etc.

cês de nação, e hebreu etnicamente—, trata não sómente das línguas e literaturas da Grécia e de Roma, mas também inclue como sciências auxiliares a Bibliografia, a Epigrafia, a Paleografia, a Numismática, as Artes plásticas e pictóricas, a Arqueologia, a Topografia, Geografia, História polititica e a Música! Isto é: o conjunto do que entre nós, e em França, designam bem, embora vagamente, pelo nome de *Letras* ou *Belas Letras*—separando delas as *Sciências Históricas* e *Geográficas* que Salomão Reinach não separa delas [1].

O primeiro cultor de sciências de espírito, que na antiguidades e deu a si próprio o nome de «Philologos», foi naturalmente um *Heleno*.

Talvez já conheçam o seu nome, pelo menos uma das suas invenções aritméticas: a tabela dos números primos (indivisíveis), porque é costume chamá-la *Cribrum Eratosthenis*.

Em Roma, onde os letrados adoptavam, imitavam e nacionalizavam admirávelmente tudo quanto os Gregos tinham inventado, o primeiro *letrado* que quis para si o título de honra de *Philologus* foi o Gramático *Ateius Praetextatus* [2], mestre e amigo do historiador Salustio (2. P.)—Outros houve depois, em todos os grandes centros de cultura da Antiguidade. Sobretudo em Alexandria, refúgio dos perseguidos, como em tempos posteriores o foi a Holanda, e temporáriamente a Inglaterra e a Suiça.

Nos tempos modernos houve eruditos, desde que, na época do Renascimento, se renovou o estudo das línguas classicas; isto é, depois de numerosos Gregos cultos terem emigrado para a Itália, fugindo de Constantinopla (Bizancio), quando os turcos a invadiram em 1453. Eles não se chamavam todavia *Filólogos*, tiveram e teem o nome de *Humanistas: homines humaniores*, segundo uma expressão de Cicero, porque se ocupavam do que é superior e distintivamente humano: o espírito exteriorizado.

Como disciplina e quinta Faculdade universitária, a Filologia não entrou nas Universidades senão muito mais tarde. Nesta nossa *Alma Mater* só entrou há seis a sete anos. Mas nos países cultos lá de fóra, tem já um século de idade.

---

[1] Salomon Reinach, *Manuel de Philologie Classique*, Paris, 1879 e 1907.

[2] Vid. Max Schmidt, *Realistische Chrestomathie* § 14 e 83, (1900). Esse *Eratósthenes* (275-194-A), bibliotecário do Museu de Alexandria, tinha entre os coevos vários cognomes honoríficos. O primeiro é *Segundo Platão*; outro é *Beta* (a segunda letra do alfabeto), por êle ser segundo—imediato ao primeiro—em todas as sciências que cultivava. Em terceiro lugar apelidaram-no *Pent-athlos*: atleta em *cinco artes*: *matemática*, *geografia*, *astronomia*, *filosofia* e *história*. Um verdadeiro *poly-histor*.

Ele matou-se estoicamente à fome, quando na velhice se viu ameaçado pela cegueira, como fez posteriormente Attico, o amigo de Cicero.

Foi em 1777 que na Alemanha, um estudante, que ulteriormente foi um dos cultores mais excelsos da Antiguidade Classica (*Friedrich August Wolf*, o que tratou do Problema **homerico**), se matriculou ou inscreveu em Goettingen, espontaneamente, como *Studiosus Philologiae*.

Na idade-média a língua e a literatura *latina*, única que se estudava, constituiam tres das *Sete Artes Liberaes*.—Lembram-se seguramente de que a Música, a Astronomia, a Dialectica e a Rhetorica constituiam o chamado *Quadrivium*, ensinado depois da absolvição do *Trivium*, composto da *Gramática*, *Aritmética* e *Geometria*. A *Gramática*, a *Dialectica* e a *Rhetórica*, levavam o estudioso a ser bom *Latinista*.

Até 1800, claro que não houve senão *filologia* clássica: *greco-latina*. Desde então, desde o descobrimento espiritual da Índia, realizado pelos irmãos Schlegel (materialmente bem sabem que ela fôra descoberta cêrca de 1500 pelos Portugueses) é que principiou a *filologia* comparativa das línguas *áricas* ou *indogermanicas*, hoje um dos ramos mais importantes das sciências *espirituaes*. E com ela começou a moderna linguística ou glotologia geral. Pouco depois iniciou-se também a filologia *germanica* ou *Germanistica*, a filologia *céltica* e a *Romanistica* —de que a filologia portuguesa é apenas uma oitava parte— mas para nós importantíssima.

A *linguística* geral ou *glotologia*, avulta, como complemento *superior* do estudo especializado *das línguas*, agrupadas em famílias, ou de cada língua por si. Seu assunto é a *fala humana*, suas *origens*, suas *evoluções*, sua *natureza* e suas *leis*, como distintivo supremo do homem; como criação artística mais antiga, mais espontanea e mais constante do seu espírito, o qual elaborando-a, fazendo-a desabrochar e frutificar germes *inatos*, se fez colaborador da Providência.

É uma sciência relativamente *nova*, considerada como sciência *natural*, ao passo que a *filologia* ou *sciência das línguas* é histórica.

*

A respeito da fala humana, costumo também apresentar aos meus alunos, na *Lição Inaugural*, algumas considerações: um breve resumo dos resultados a que os investigadores antigos e modernos chegaram. Dando-lhes assim uma vaga ideia da importância enorme da fala e da *escrita*, sua irmã mais nova como exteriorização por meio de senhas, de pensamentos e sensações

de alma, desejo despertar a sua curiosidade, chamar a sua atenção para os grandes *Enigmas* relativos ao mundo e ao universo. Com êsse mesmo fim dou ao fenómeno o nome de *Milagre do Verbo* [1].

Milagre, não o tomo no sentido de facto sobre-natural, *revelado* ou *inspirado*, mas no de *maravilha* e de *mistério*, ou de coisa de valia transcendental, embora os germes da *palavra*, como tudo quanto existe, tenha, já o disse, origem *divina*.

E *Verbo*, tomo-o no sentido lato, em que por ex. na *Biblia* o empregou o tradutor do Evangelho de S. João, dizendo: *In principio erat Verbum — et Verbum erat apud Deum — et Deus erat Verbum*. Como tradução portanto do grego ἐν ἀρχῇ ἦν λόγος. Porque êsse *logos*, já o disse na explicação de *filologia*, significa o *raciocínio*, o *intelecto*, o *pensamento*, a *ideia*, o *espírito*. *Espírito* em oposição à *matéria*, ou como a qualidade mais sublime, a essência, a irradiação mais etérea e mais *divina* da natureza.

Ao *Milagre do Verbo*, à *exteriorização* de pensamentos e estados de alma, ligam-se naturalmente numerosos problemas, a que talvez nunca se darão soluções satisfactórias completamente, porque mesmo as mais fundamentadas não passam de conjecturas.

*

Quando, onde e como principiou o homem a *falar?* Existe a fala desde que existe o homem? Será ela verdadeiramente êsse milagre de Deus, tão poéticamente narrado na Biblia? — Será possível que dos nomes que Adão deu às cousas no paraíso, derivassem os dois mil idiomas que a humanidade hoje emprega? De que espécie é o nexo entre a coisa e o seu nome?

Já houve na antiguidade, na Judeia, e na Grécia sobretudo, pensadores que reflectiram sôbre êsses enigmas. E algumas das suas definições são dignas de nota, cheias de engenho e arte.

Platão, o filósofo idealista, que quinhentos anos antes da era de Cristo, dedicou um Diálogo inteiro aos problemas linguísticos — *O Kratylos* — acreditava num simbolismo natural dos fonemas: o *v* por ex. caracterizava o movimento *volante*, o *l*, coisas e seres escorregadiços, labeis e *glissantes*.

Para Aristoteles os vocábulos eram *gestos audíveis*.

Heraclito tinha-os em conta de sombras das coisas, seu reflexo, sua projecção.

---

[1] Os autores principais que se ocuparam de linguística são: *Humboldt* (Wilhelm von), *Geiger*, *Steinthal*, *Renan*, *Max Müller*, *Whitney*, *Saussure*.

Segundo Democrito, êles são a resultante de mera convenção entre os homens (*thesis*).

Epicuro via na fala uma faculdade física tão natural e própria do homem (*physis*) como o ladrar é próprio dos cães, o cacarejar das galinhas, o mugir da vaca, etc.

Sócrates era de opinião que metade das palavras eram um eflúvio natural das coisas—sombra, símbolo, reflexo e imagem, —a outra metade era devida ao capricho do homem.

Os modernos entendem que o nexo entre o *sentido* e a *forma* é nunca necessário (nem mesmo sempre nas *onomatopaicas*, visto que elas são diversas nas diversas nações); mas nunca *arbitrário*, sempre *motivado*.

Definem a fala (conforme já disse) como exteriorização de pensamentos e sensações, por meio de sons.

Sendo *audível* e produto dos órgãos fonadores do homem —êsse *bicho da terra* vil, que fisiológicamente pertence ao reino animal—é portanto (dizem êles) um fenómeno natural, *fisiológico*.

Mas como o assunto consiste em pensamentos, ideias, sensações, estados de alma, e visto que os sons articulados que saem da bôca humana e ferem o sentido da *audição*, impressionam certas células do cérebro que de novo os transforma em ideias, a fala é ao mesmo tempo um fenómeno espiritual, *psicológico*.—Um fenómeno físico-psicológico, e ao mesmo tempo uma instituição social de incomensurável alcance. Por meio dele entramos em comunhão com os nossos semelhantes. E transposta em escrita a fala é a memória do mundo, a base de toda a civilização.

Logo que houve *pensamento*, houve também fala, rudimentar embora. Um sem a outra, quer realmente enunciada, quer meramente *interior*, é impossível.

Mas para que houvesse ambos êsses fenómenos, foi preciso que no corpo humano, o cérebro tivesse chegado a um altíssimo grau de desenvolvimento; e êste só o pôde alcançar o homem depois de longamente haver praticado o andar erecto que o distingue do animal.

Todos êsses distintivos são o fruto de uma evolução lentíssima; são muito posteriores ao advento do *Homem* neste globo terráqueo.

Há respostas poéticas, teológicas, religiosas, e há respostas scientíficas às preguntas sôbre êsse *Advento*.—Mas umas e outras concordam num ponto: o Homem é a corôa da criação; é o último dos seres orgânicos que surgiram nesta terra.

Segundo a Biblia foi, ao cabo de seis dias de actividade criadora, que um acto espontaneo de Deus colocou Adão, pronto e perfeito, num jardim paradisíaco e ordenou-lhe que desse nomes às coisas. Segundo os elementos ministrados pela sciência moderna, que considera os dias do belo poema da criação do Mundo como simbólicos, o Homem surgiu num estado pouco mais que animalesco, rude e mudo, centenas de milhares de anos depois da existência do Cosmos.

É a concepção *evolucionistica*, esboçada por naturalistas eminentes como Lamarck, Lyell, Darwin; e elaborada pelo trabalho comum da anatomia comparativa e da embrionologia, da geologia e paleontologia e da arqueologia, mas sobretudo da moderníssima *sciência da enxada.*

Cuvier, o criador da anatomia comparativa e da paleontologia (1832), no século passado ainda dissera: *L'homme fossile n'existe pas.* E o grande antropólogo alemão Virchow não quis reconhecer ossos do Homem primitivo nos fragmentos de esqueleto, que nos seus dias, em 1856, foram encontrados num vale rhenano (Neander-Thal).

Mas quando, depois de excavações e achados casuais, se fizeram explorações metódicas das camadas sobrepostas que formam a crosta do nosso globo, o material demonstrativo da existência do homem, e da sua actividade em épocas remotas de que ninguem sonhava, multiplicaram-se constantemente.

Arrecadados em museus especiais da Alemanha, Inglaterra e França, foram estudados com tal persistência que a Sciência do Homem *prehistórico*, tem hoje cadeiras em numerosas Universidades dos países que citei, mas também na Bélgica, na Suiça e na América do Norte.

Os nomes do Belga Rutot, do Suiço Hauser, dos alemães Wilser, Klaatsch, Schwalbe, talvez sejam os mais conhecidos.

Os materiais coleccionados são plantas fósseis ou petrefactos, ossos de animais prediluvianos; pègadas deles, como vestígios da sua passagem por certos terrenos; fragmentos de esqueletos humanos; (esqueletos inteiros não apareceram ainda) instrumentos rudimentares de pedra e de osso (pontas de flecha, raspadeiras, martelos); outros de bronze e de ferro; e encontradas em camadas mais recentes, verdadeiras obras de arte pictórica.

As regiões exploradas com mais êxito, são na França, a *Dordogne;* na Alemanha o *Neanderthal* e *Heidelberg*, na Inglaterra o *Sussex*. As camadas geológicas de que se desenterraram ossos humanos pertencem todos à última das quatro épocas ter-

restres que os geólogos distinguem. — Mais exactamente à primeira metade dessa época *quaternária*, chamada interglacial, diluvial ou *Diluvium*, em que o aspecto do mundo era diferente do de hoje, o clima diverso, e diversa a fauna e a flora.

Na época anterior, *terciária*, de clima trópico, em cujo último estádio viveram o mastodonte, o mamute e mais animais monstruosos prediluvianos, ainda não se encontram vestígios humanos; mas muitos eruditos supõem que ainda se hão de encontrar.

Os cálculos sôbre a duração de cada uma das quatro fases evolutivas do nosso globo, claro que não tem rigor matemático. Há até divergências notáveis entre erudito e erudito. Os mais moderados, dão às regiões dos esqueletos mais primitivos a idade de 25.000 a 150.000 anos, a que outros dão 700.000. Às obras artísticas (pinturas em cavernas e sôbre ossos de renas (rangíferos), feitas na idade neólitica, dão 10.000 anos, e desde já seja dito que os admiráveis artistas a que elas se devem, *pensavam* e *falavam* seguramente de há muito, e tinham um craneo volumoso, e dentro um motor de grande energia. Eram do tipo *Homo Sapiens* e não o *Homo Priscus* de Neanderthal e Heidelberg.

Todos quantos cultivam a Sciência do Homem Pre-histórico concordam em que êsse, conquanto relativamente novo, e como já disse, último dos seres orgânicos, e até hoje ponto final nas evoluções cósmicas, é muitíssimo mais antigo do que se pensava até meados quási do século passado. Os escassos 4.000 anos do Homem històrico e da sua cultura, foram precedidos de muitos milhares de anos do Homem pre-histórico. Se mesmo as obras da sua indústria e da sua arte, que a arqueologia pre-histórica revelou, são anteriores seis séculos pelo menos às pirâmides do Egito e aos paços dos reis babilónicos.

Com relação às épocas geológicas, vou transmitir-lhes um simile retórico de um naturalista insigne, que impressionou os meus alunos de anos passados!

A idade terciária toda, dos paleotérios monstruosos, em que talvez o homem surgisse, é apenas a quinquagéssima parte do tempo que já decorrera desde que a vida orgânica apontara nesta nossa minúscula parcela do Universo. E essa vida orgânica, vegetal, por sua vez — que era *conditio sine qua non* da vida animal — não representa, conferida com a anterior, anorgânica, senão uma camada do nosso globo tão delgada como a névoa fina, ou nuvenzita, que cobre uma ameixa bem madura, névoa que o nosso dedo desfaz com um levíssimo *movimento*. Isto é

num *momento*, porque *movimento* e *momento* são dois estados diversos do mesmo vocábulo.

*

II

Quanto às ossadas humanas da época quaternária, a sciência e a arte, de mãos dadas, tentaram naturalmente completá-las e revesti-las de carne.

Até agora os paleontólogos distinguem cinco tipos diversos, de períodos sucessivos. Um sexto tipo estava para ser fixado, quando a abominável guerra interrompeu os trabalhos do Germano-Suiço Hauser na Dordogne francesa.

Alguns artistas, scientificamente educados, construiram com fantasia perspicaz (mas evidentemente sem acertar por completo) segundo os dados ministrados por catedráticos competentes, as figuras e as fisionomias do Homem verdadeiramente primitivo e de seus sucessores pre-históricos da idade paleolítica e neolítica, da de cobre, de bronze e de ferro, dando-lhes traços raciais e de inteligência muito diferençada.

O mais rude e selvagem é o tipo de *Heidelberg*, carnívoro, e o de *Neanderthal*, apto para trepar às árvores, onde talvez habitasse. O mais culto é o de Cro-Magnon (na Dordogne, caçador de renas e já apto para desenhar em cavernas escuras como a da *Madeleine* e de *Altamira*) ou sôbre ossos e bocados de marfim, com virtuosidade espantosa — animais de realismo estranho, e figuras humanas curiosamente *estilizadas*.

Esse tipo passa por ser o verdadeiro antecessor do *Homo Europaeus — Homo hodiernus — Homo Sapiens*.

Eu trouxe como ilustração do que lhes estou expondo algumas gravuras que representam tentativas plásticas recentes (de 1911 a 14). Uma, alemã, é uma estátua do tipo de Heidelberg, feita *in loco* por um escultor (Ernst Gustav Jaeger), segundo as indicacões e medições do professor de paleontologia da Universidade Heidelberg (Dr. Ludwig Wilser). Vid. *Weltspiegel* de 1911, n.º 16 [1].

A outra, inglesa, mostra dez bustos ou meios-corpos escul-

---

[1] Há publicações valiosas de Wilser como *Die Rassengliederuny des Menschengeschlechts*, 1907 e *Stammbaum der indogermanischen Völker und Sprachen*, 1906.

pidos segundo as indicações do belga Rutot pelo escultor Louis Maré. É dos *Illustrated London News* de 1914 (13 Jan.) — Outras tentativas se fizeram, plásticas umas e pictóricas outras, ; e muitos artigos descritivos sairam na mesma Revista, mas não consegui juntá-los [1].

As amostras que lhes apresento e deixo aqui sôbre a mesa para as examinarem, chegam contudo para dar aos senhores e às senhoras estudantas uma ¡ideia aproximada do que seriam os nossos antecessores — o nosso bisdono, o verdadeiro Adão. — *Não* o formosíssimo companheiro de Eva, imagem de Deus que no paraíso deu nomes às coisas, como os artistas da Renascença, cingindo-se ao *Genesis* hebraico, o pintaram, tomando como modelos os mais perfeitos exemplares indo-germânicos do século XV ou XVI da era de Cristo (Rafael, os da Itália; Dürer, os da Germania). Mas sim, o Adão pre-histórico que vivia nu em cavernas ou sôbre árvores há 25.000 a 150.000 anos. Esse era de estatura pequena. Tinha um cráneo chato, de pouca capacidade; uma testa que foge para trás. E dentro dela um pequeno motor de pouca energia ainda, mas vivo, mas capaz ¡ oh maravilha! de ser reforçado pouco a pouco. Arcos osseos massiços estão como um telhado saliente, um alpendre protector sôbre as cavernas dos olhos perspicazes. As mandíbulas, sem queixo humano, eram fortes, feitos para quebrar ossos e rasgar carnes cruas. Os braços enormes serviam para apertar com fôrça mortífera o inimigo, quer humano, quer animal. O *femur* e os pés não admitiam ainda um andar erecto muito firme e constante, nem um porte nobre, muito embora exactamente êsse *femur* e êsse pé já distanciasse o *Homem primitivo* das espécies animais mais aparentadas [1]. Por ex. do *pitec-antropos* encontrado por Dubois em Java, que tanto impressionou os Darvinistas.

A respeito dêsse *andar erecto*, importantíssimo, a que já aludi várias vezes, deixem-me lembrar-lhes em parêntese as palavras de um poeta romano, do século aureo de Augusto, que talvez lessem muitas vezes, sem a devida atenção.

Referindo-se ao *Demi-urgos* criador, ou à Natureza provi-

---

[1] Quem quiser e puder, procure os n.os relativos a 28 de Dezembro de 1912 (pág. 678); 17 de Maio de 1913 (pág. 679) *The Man of Sussex: restorations of the Piltdown Skull*; 16 de Agôsto de 1913 (pág. 241) *The Piltdown Man after Prof. Keith's Reconstruction* (o *craneo* de Piltdown é, nos olhos de Woodwards, o único craneo de mulher, descoberto até hoje); 23 de Agôsto de 1913. (pág. 297) *Periods of Prehistoric Man Pleistocene Types Weapons and tools*; 19 de Abril de 1913 (pág. 516); *The Halling Man.*

[1] Vid. *Der diluviale Mensch in Europa*, 1903, assim como os estudos de Piette, Mortillet, Bertrand.

dencialmente dotada de fôrça criadora, divina, Ovídio diz nas *Metamorfoses*, com respeito ao Homem comparado ao animal:

pronaque cum spectent animalia coetera terram,
os homini sublime dedit, caelum tueri
iussit et erectos ad sidera tollere vultus.

Em perifrase francesa:

Et lorsque de l'instinct la brute tributaire
courbe une tête esclave et regarde la terre,
doué de la raison et presque égal aux dieux
l'homme élève un front noble. et regarde les cieux.

Ou em português chão, literalmente traduzido:

Ao passo que os outros animais olham humildes para o chão, ao homem foi dado erguer a testa e levantar aos astros os seus olhos sublimes.

É significativo e sugestivo, não é verdade?

Em resumo: êsse porte *erecto*, caracteristicamente humano e com tendências ao divino, porque todos nós levantamos, ai quanta vez, os olhos ao ceu, cheios de ânsia, nunca satisfeitos de indagar de onde viemos, o que somos, e para onde vamos — êsse porte erecto produziu, pouco a pouco, um desenvolvimento assombroso, não só das pernas e das mãos, mas em particular do cérebro, da massa encefálica e do aparelho fonador, dos dois fócos do pensamento e da fala portanto.

A ideia bíblica, poética, religiosa, teológica, que a Terra saiu do çaos, e que o Homem surgiu, pronto e perfeito, apto para pensar e falar e dar nomes às coisas das mãos do Todo-poderoso, em virtude de um *Fiat Lux*, a Sciência substituiu-a pela prova de que o *Homo Sapiens* é o produto de outra espécie de trabalho divino, talvez mais admirável ainda: o *evolutivo* em que o Homem é colaborador de Deus. E essa convicção que êle *evolucionou*, lentamente e dolorosamente, em constante luta pela vida, sob a acção de energias exteriores, e de energias interiores, contidas no germe primitivo ou na célula primitiva — graças a um sôpro *divino inicial*, eu não a acho menos grandiosa do que a primeira.

Lentamente e dolorosamente, em linha sempre ascendente, ondulante embora, apesar do que em tempos de cataclismo como os de agora pensam os pessimistas.

O *Homo Priscus, Primigenus* ou *Primigenius* de Wilser e de Haeckel, testemunho do dilúvio, *diluvii testis*, não tinha fala. Era mudo ainda: *Homo alălus*, capaz apenas de produzir sons inarticulados e isolados como os animais: um *ai* dolorido; um *oh* de espanto; um *ah* de surpresa agradável [1].

Em outra ocasião tentarei explicar-lhes como, segundo as conjecturas mais plausíveis dos glotólogos mais peritos, êle chegado a ser *Homo Sapiens* criou palavras como exteriorização de sensações, estados de alma, pensamentos e ideias.

Hoje baste dizer que para chegar à convicção que a fala não é fruto de artifícios, nem invenção voluntariosa, mas sim, o produto natural do desabrochar gradual da razão, ou por outra a encarnação de ideias — os glotólogos aproveitaram de um lado todos os achados de um passado longínquo e pelo outro lado todos os indícios que a actualidade lhes ministra.

Observaram e analizaram os idiomas de povos selvagens. Observam e analizam sobretudo, com especial cuidado, o que se passa diàriamente, perto de nós, em família, onde sempre de novo entes irracionais, que não andam erectos, nem falam, nem pensam, se transformam de vagarzinho e dolorosamente (repito-o) em entes racionais que andam, falam e pensam [2].

E os resultados destas suas observações repetidas convenceram os scientistas de que a criança (— *o* e *a infante*) não passa só embrionològicamente, fisiològicamente, mas tambêm psicològicamente, espiritualmente pelas mesmas fases por que a Humanidade passou na sua infância, há centenas de milhares de anos, de *Homo alalus* a *Homo Sapiens* (que é sempre tambêm um *Homo faber*, inventor de instrumentos).

E êsse *Homo Sapiens* pode subir e sobe às vezes à altura genial de um Homero, de um Platão, de um Sócrates, de um Shakespeare, de um Goethe, de um Beethoven, de um Jesus Cristo. Ou em outros campos de acção às dimensões de um Napoleão, um Júlio César que foi estratega, legislador, orador e escritor, um Miguel Angelo que edificava, esculpia, pintava e poetava, ou um Leonardo de Vinci que, alêm de nos legar como pe-

[1] *Álalus* é vocábulo grego com forma latinizada. Compõe-se do prefixo negativo *a* (*in* ou *não*) e da raiz nominal *lal*, onomatopaica, indicadora de tentativas infantis de fala, balbuciante. Em alemão subsiste o verbo *lallen*—falar assim balbuciando, indistintamente. Em latim corresponde-lhe *in-fans*—o que não fala.

Para introdução podereis ler a obra de *Max Mueller* (alemão inglesado) sôbre *Science of Language*, em inglês ou na tradução francesa.

[2] Vid. W. Preyer, *Die Seele des Kindes* (4.ª ed. 1895).

nhor quadros como a *Joconda Monna Lisa* e a *Ceia do Senhor;* era engenheiro, matemático e físico distinto.

*

Passo às últimas das minhas notas preliminares. E aqui faço um empréstimo, ajudando-me do *Roman Merveilleux*, o Romance milagroso da Vida humana ou da Vida da Humanidade, de uma escritora que venero: Olga de Vicouline, Pierre de Coulevain com o seu nome de guerra.

A fala humana compõe-se de *palavras*: parábola é comparação, *Gleichniss*. Ela é um paragão, uma *alegoria*, um *símbolo*, uma *senha*.

Palavras! palavras! — no sentido de *meras* palavras — *Words! words! words!* diz desdenhoso o *Hamlet* de Shakespeare, num acesso de *spleen* ou misantropia, tomando o vocábulo depreciativamente como contra-nome de *actions* (=acções ou *actos*). E é um *facto* que imensas vezes as nossas *palavras* tem pouquíssimo valor e que com razão desprezamos as que não teem sentido elevado nem são eflúvios de *almas* rectas.

Mas abstraindo de tais abortos o poderio da *palavra* é imenso. Quási sobrenatural [1].

Há palavras que nos trespassam de terror, não é verdade? Oxalá nunca as ouvissem ainda! Com palavras actuamos em espíritos alheios. Entramos em comunhão com os nossos semelhantes. Falamos com Deus. Palavras servem para namorar. Exprimem ódio. Fazem bem. E fazem mal. Movimentam as massas. Conduzem à morte, à victória ou à derrota. Aumentam a fôrça dos braços e o vigor dos corações, ou aniquilam-nos num momento.

Há ditos imortais: ditos que acariciam e consolam; ditos que mordem ou queimam, ou corroem como o rádio. Ditos que matam. Ditos que vivificam. Pensem nas beatificações do *Sermão da Montanha* do Evangelho de Mateus (V-VII) e Lucas (VI), com que Jesus Cristo principiou os seus ensinamentos sublimes.

É por meio de palavras que os Poetas nos conservaram o passado e imortalizaram *Troia, Aquiles, Hector, Helena, Agamemnon, Electra, Orestes, Ifigenia, Antigone, Edipo, Medea.*

---

[1] Li o *Roman Merveilleux* neste verão e desde então faço-o circular. Entre muitas reminiscências as que me ficaram, naturalmente as mais vivas, são as que dizem respeito ao homem pre-histórico e à fala humana.

Com palavras é que o Dante captou a alma da idade média.

Com palavras criou Shakespeare em Romeu e Julieta uma atmosfera de amor que fez e faz vibrar ainda muitos seres; e uma atmosfera de terror que sugestiona em *Macbeth*, *King Lear* e *Richard the Third*.

Com palavras de imorredoira beleza criou o seu *Fausto* o poeta alemão Goethe, o mais completo *Homo humanior* ou *humanissimus* e o mais sincero conquistador da verdade.

O *Milagre do Verbo* seria incompleto sem a *Escrita*. Porque seria passageiro. A *Escrita* e a *Imprensa* perpetuam a *fala:* são a memória do mundo e base de toda a civilização, repito-o.

Para nós, Europeus modernos, a arte de falar é quási inseparável da de escrever. Aprendemos a primeira bem, só quando aprendemos a segunda. O *analfabeto* inspira-nos compaixão. Os efeitos da palavra escrita são iguais, às vezes superiores aos da falada.

Pensem um instante nas comoções, nos alvoroços psíquicos que uma carta, um mero telegrama de poucas palavras pode provocar; pensem nos actos de entusiasmo ou de desespêro que a escrita é capaz de inspirar. Estremecemos lendo umas poucas de linhas, lançadas no papel por mão alheia, amiga ou inimiga, um simples *não* fulminante a um pedido. As nossas faces coram ou empalidecem. As pálpebras batem; o pulso lateja; as narinas dilatam-se; nossa testa cobre-se de suor frio; as pernas mal nos sustentam. Caimos fulminados por terra.

Tão completa transformação se produz pelos misteriosos reflexos que uma *palavra* evoca nas células do nosso cérebro. E digam-me agora se, afim de despertar o seu interêsse pela filologia, tenho razão para falar aos meus alunos do *Milagre do Verbo.*

III

Nas duas Lições da semana passada tentei despertar a sua curiosidade por meio de ideias gerais relativas à fala humana.

Hoje vou dar-lhes uma breve orientação a respeito do aspecto *fisiológico* da língua.

Preciso ser tão breve e tão superficial como naquelas, porque não há tempo para mais. Tanto o assunto das primeiras, como o das segundas preenche um ano lectivo inteiro nas Universidades europeias e americanas.

A *fonologia* ou sciência dos sons articulados e a análise da sua produção, é uma sciência moderna, difícil e subtil, que só

pode ser ensinada com vantagem onde haja os complicados aparelhos de observação que para êsse fim foram inventados e são utilizados lá fora [1].

As obras mais antigas, relativas à fisiologia dos sons, são do decénio que decorreu de 1860 a 1870. De aí em diante estudou-se e publicou-se imenso. Mesmo entre nós houve beneméritos que se interessaram pelo assunto. O primeiro português que se ocupou de fonologia, era então estudante de medicina, e sabia portanto de anatomia. É o Dr. José Leite de Vasconcelos, filólogo, etnólogo, e actualmente Professor da Universidade de Lisboa. A sua dissertação, escrita em 1886, versa sôbre a *Evolução da Linguagem*. É obra meritória, embora naturalmente hoje já não esteja de todo à altura da sciência, que progride de ano para ano [2].

O segundo nome, que devem conhecer, é o de *Gonçalves Viana*, poliglota e fonetista ou foneticista de grande talento. Faleceu haverá dois anos. Entre as numerosas publicações, relativas à língua pátria, que deixou, há uma *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros*, destinada a um Congresso Internacional de Sábios e que nele foi devidamente apreciada (1892). Ela pode ainda prestar óptimos serviços a quem investiga a especialidade. De ouvido finíssimo e de grande podêr de análise, não dispunha, infelizmente dos aparelhos registadores e inscritores de sons a que aludi. Por isso os resultados colhidos não são aceites por todos os fonetistas internacionais, como rigorosamente exactos.

Em 1900 foi o Gram-Mestre e fundador dos estudos filólogos em Portugal, *F. Adolfo Coelho*, que depois de os haver abandonado quási, recomeçou a tratar novamente de fonética, com o profundo saber pedagógico e psico-filológico que no entretanto colhera nas melhores e mais recentes obras dos especialistas alemães, franceses e ingleses.

Colocando-se num ponto de vista elevado, Coelho abrange um vasto horizonte. Quem quiser inteirar-se dos resultados a que se chegara lá fora até a data indicada, e tambem dos problemas importantes que se ligam à Fonética, assim como da Bibliografia, avultada, de livros em que pode instruir-se, deve recorrer aos artigos dele, publicados no *Instituto de Coimbra* (nos

---

[1] *Rumpelt*, *Brücke*, *Czermak*, *Sievers*, iniciaram a fonologia na Alemanha. O P.e *Rousselot* representa hoje na França a fonologia experimental.

[2] Superior à *Evolução* é o que autor publicou, tempos depois, na *Revista Lusitana*, IV. e na *Philologia Mirandesa*, I.

vols. 47 e 48) com o título *Diferenças Fonéticas da Língua* e *Diferenças anatómicas dos órgãos da fala*. São os primeiros de uma série planeada, relativa ao magno problema das *Influências étnicas na transformação das línguas*. Nela o autor tencionava examinar e documentar a tese, à primeira vista evidentíssima, que a língua latina se dividiu nas cinco, sete, oito ou nove línguas romanicas, pela simples razão de ter passado na península em que estamos, pela boca de Iberos e Lusitanos de um lado, e pelo outro lado pela boca dos Galos ou Gauleses na França, pela dos Recios no Norte da Itália, a de Rumenos e Dalmatos na península balkanica, e à dos Sardos-ibéricos e fenícios, na Sardenha.

É lamentável que os sete estudos prometidos não saissem.

Os três Filólogos nacionais que citei: Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana e F. A. Coelho são de aqueles que os estudantes de filologia portuguesa devem conhecer. Em todas as obras escritas por êsses três corifeus, mas também nas de J. J. Nunes e em geral nas dos colaboradores da *Revista Lusitana*, é que podem colher informações seguras. Um livro de consulta, prático, é a *Crestomatia Arcaica*. Outro que recomendo, são as *Lições de Filologia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos.

Para estudo geral de Romanistica comparativa, podiam adquirir Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane*. Mais vasta, mas também menos simples, é a *Introdução ao Estudo da Linguística Romanica* de W. Meyer Lübke, o maior dos Romanistas vivos, que depois de haver brilhado na Universidade de Viena de Austria ocupa agora a cadeira de F. Diez, o fundador da Filologia Romanística, em *Bonn*. Há uma excelente tradução castelhana de Américo Castro (Madrid, 1914), e *feita sôbre esta* [1], uma portuguesa de António da Guerra Júdice, Professor do Liceu de Faro, Lisboa, 1916.

Quanto ao *aparelho fonador* do homem, em todas as obras citadas (menos nas de J. J. N. e M. L.) há breve descrição.

Êle está dentro da caixa torácica, do pescoço e da cabeça.

Os órgãos, de que êle se compõe, parte interiores e parte periféricos, vão dos *pulmões* aos *beiços*. Interiores, *expiratórios* ou da *respiração* são os pulmões, a traqueia e a laringe. *Ressonadores* são a faringe com o véu palatino e a úvula (campainha), a abóbada palatal e as cavidades nasais. *Articulantes*

---

[1] P. S. É lástima que obra tão útil seja viciada pelo silêncio que o autor guarda a respeito do romanista castelhano, a quem tanto deve!

são as partes da bôca: os dentes, os lábios, mas sobretudo a *língua* com a sua grande motilidade.

É importantíssimo o *não* possuir o homem órgãos especiais para a *fala:* os animais mais aperfeiçoados, mais próximos do homem na sua estrutura, tem também *pulmões, traqueia, laringe, língua, dentes* (*beiços* só os têm alguns quadrúpedes). E êsses órgãos servem, no homem como no animal, a outras funções importantes, mas puramente animalescas: respiratórias e digestivas.

As modificações finíssimas por que passaram sobretudo os órgãos periféricos, e em especial a *laringe*, a sua adaptação para a articulação fonética, isto é, para a produção rápida de sons seriados e intimamente ligados, são evidentemente uma aquisição lenta do homem.

Num gabinete de *fonética experimental* bem guarnecido, deveria figurar a *laringe* do homem ao lado de *laringes* diversas de *quadrúpedes*; e assim mesmo maxilas, linguas, dentes, etc.

Quanto às observações que fiz na semana passada sôbre os efeitos causados pelo andar erecto do homem, acrescentarei agora que êsse andar lhe comunica também grande *mobilidade* do pescoço. E preguntarei como F. A. Coelho, se é, ou não é curioso que nas *avezinhas* a andadura *bípede* e o fácil baloiço da cabecita se case com a laringe canora de muitas espécies (particularmente do rouxinol) e até com a imitação da palavra por algumas?

E com relação ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento que o uso e a hereditariedade produziram pouco a pouco na disposição adquirida, devo notar que conjuntamente com ela se desenvolveram no cérebro certas regiões como locais da *faculdade de falar:* órgãos especiais da fala. Êles estão na *3.ª circunvolução* frontal esquerda dos miolos, e chamam-se *centro de Broca* (*Brocasche Windung*), porque foi êsse notável médico, cirurgião e antropólogo francês, falecido em 1880, que os descobriu (1861 e 1864). É o fundador da *Sociedade Antropológica de Paris.*

Quando êsse órgão linguistico está paralizado, por lesão, quer congénita, quer acidental, há *afásia* (*afasía*) ou também *alalia* (=impossibilidade de falar, de *fare*=falar que é o radical de *infans;* e de *lalus* balbuciante): perda total ou parcial da fala. A integridade do centro de Broca é necessária ao funcionamento integral da linguagem articulada, ou humana.

Popularmente, falando chãmente, podemos classificar o

aparelho tonador do homem como instrumento de música: instrumento de *sôpro* ou de *vento*. Como todos êsses instrumentos, êle consta de um fole, de um tubo com orifício (bocal ou embocadura) e de um ressonador. O pulmão é o fole. A traqueia é o tubo, ou cano condutor da corrente de ar que entra e sai dos pulmões. A laringe é o bocal. Já disse que a bôca com a porta dos lábios ou beiços e as cavidades nasais são *ressonadores* e condutores do som.

A laringe (*der Kehlkopf*=a *cabeça da garganta* como diz a curiosa nacionalização alemã do termo grego) é, repito, a parte mais valiosa e mais complicada do aparelho.

Ela compõe-se de um esqueletozinho de cartilagens que circundam uma cavidade e são revestidas de *mucosas, ligamentos* e *musculos* que servem para movimentar o aparelho. Para a frente há um *orifício* estreito, o *istmo* da garganta, chamado *glote* (*glote* é como laringe, vocábulo grego, intimamente aparentado com *glotta* ou *glossa*=linguagem, elemento primeiro de *glotologia*). Essa *glote* tem bordas fortes, mas muito elásticas que se chámam *cordas vocais* (*Stimmbänder*=fitas vocais da voz).

Realmente, essas *cordas* são *pregas* ou *rufos* irregulares das mucosas, das cartilagens, isto é, das *membranas humedecidas* por um liquido mucoso.

Em estado de repouso, a *glote* com as cordas tem forma triangular.

Móveis e contrácteis, as cordas tomam todavia formas variadas, alongando-se e estreitando-se, opondo assim obstáculos diferençados, caminhos diversamente traçados à corrente de ar que dos pulmões sobe à garganta e forma a voz.

Na sua passagem as cordas *vibram* e produzem sons.

Alongadas produzem sons *graves*.

Estreitadas produzem sons *agudos*.

As grandes divergências que há entre as vozes diversas dos sexos, das idades e dos indivíduos baseia-se em geral nas dimensões da laringe. Não é preciso lembrar-lhes a notável diferença que há entre a voz *infantil*, tão fresca como laranjas um pouco azedas, até a idade da mutação, e a voz viril de um lado, e pelo outro lado entre vozes *masculinas* (*tenor*, *barítono*, *baixo*) e vozes femininas (*soprano* e *contralto*).

Estou a falar do *belcanto*, porque, quando é apenas a laringe que funciona, é vogal cantada o que se produz.

Pelo contrário, quando falamos exclusivamente com a bôca, sem vibração laríngica, é vogal cochichada o que se produz.

A verdadeira vogal falada é resultante da acção combinada da *laringe* e da *bôca*. E não só a vogal; é toda a fala articulada de que isso vale. A combinação de vogais e consoantes, resulta da combinação de numerosas articulações, realizadas pelos órgãos auxiliadores periféricos da bôca, especialmente pela *língua*. Essa grande *palradeira* está em repouso, indiferença e posição normal, só quando não falamos.

Embora imóveis, os outros órgãos periféricos da bôca colaboram também poderosamente nos fenómenos fónicos, tanto os dentes como o *palato* (ou *ceu da bôca*), duro e mole. Móvel, pouco embora, é a sua parte mole e traseira, chamada *velum palatinum* (*veu palatino*) com aquele seu apêndice em forma de bago de uva (por isso chamado *uvula*) e vulgarmente *campainha* (badalo de campainha) a que já me referi. Como divisória músculo-membranosa, êle separa o tubo bucal das cavidades nasais. Quem o tiver muito desenvolvido, falará pelo nariz, com voz fanhosa, nasalando.

Quem não tem dentes, também não fala claro. Não enuncia bem todos os sons, a não ser por longa prática metódica, acostumando outras partes da bôca a exercer funções vicariantes. A criança começa a produzir sons articulados só depois de ter dentes. E os velhos que já os perderam, articulam mal [1].

*

Antes de entrar em explicações sôbre o grupo de línguas humanas a que pertence o português, vou dizer algumas palavras a respeito das duas classes de sons que constituem a fala humana, isto é, *sons musicais* de um lado, (*Klänge* em alemão) e meros *ruídos* pelo outro lado, ou sejam *vogais* e *consoantes*.

Ambos constituem, agrupados, *sílabas*, *palavras* e *orações*.

Orações, *proposições* ou *frases* são exteriorizações de pensamentos completos, quer constem fisiològicamente de uma só palavra (forma verbal), quer de uma série mais ou menos extensa de *palavras*, ou seja de grupos de sons, de intensidade muito variada, que estão entre si mais ou menos ligados, ou se assim quisermos, mais ou menos separados por pausas.

Palavras são grupos menores de sons, individualizados pelo *acento*, essa fôrça vital que é costume considerar como alma dos

---

[1] Mostrei reproduções da laringe, plásticas e gráficas.

vocábulos, ou seu centro de gravidade. De construção diversíssima as palavras constam de uma sílaba, ou de várias. São *monossilábicas* ou *polissilábicas*.

Em português há bastantes palavras monossilábicas, ou sílabas-palavras. Algumas constam mesmo de um *único* som, quer átono como o da conjunção copulativa *e* (*et*), ou dos artigos definidos *o a*, quer tónico como *à* (fusão de *ad illam*, ou 3 p. s. do pres. de haver), *é* (est), *i* (ibi), *u* (ubi). Outras constam de um ditongo como na conjunção alternativa *ou*, e na forma verbal *ei* (habeo); ou de dois sons diversos (cons. e vog. ou vog. e cons.): *dó, nu, ar, ir;* ou de três em ordem variada, como *dar, mar, sal, sol, boi, cru, cré, meu, teu, seu;* ou de quatro: *praz, cruz, traz.*

A maior parte dos vocábulos portugueses tem, contudo, várias sílabas, de ritmo grave (descendente, *trocaico,* constante de longa-breve, como em *grave, parte, tudo, terra, bola, lindo, triste*).

Não faltam todavia de todo os vocábulos de ritmo agudo, iambico, ascendente (breve longa) como por ex. os infinitivos todos: *amar, mover, ouvir; andou, moveu, ousou, leal, real.* Nem tampouco os de ritmo esdrúxulo ou dactilico: (*tímido, prático, púcaro, sílaba* (longa-breve-breve).

O ritmo de palavras de tres *sílabas* pode ser também *anapestico* (breve-breve-longa) ex.: *arraial;* ou amphibrachico como em *bodega* (breve-longa-breve) ou de quatro, mas não os quero enfadar com minúcias prosódicas. Quando há mais de quatro sílabas há também mais do que uma sílaba acentuada, conquanto só uma tenha o acento principal. Medem-se por isso por *pés.*

O vocábulo mais extenso da língua portuguesa é, como sabem, *inconstitucionalissimamente*, de onze sílabas. É todavia formação artificial, feita *ad hoc*, e não empregada, a não ser por brincadeira.

As palavras monossilábicas são em regra meros temas (radicais ou raízes) como *ar, ir, mar, sol.* As de duas sílabas tem raiz e desinência: *terra, pôrto.*

As polissilábicas são sempre *temas* já alargados por *afixos* (prefixos, sufixos, infixos), ou por composição; e por desinências, quer verbais, quer nominais.

*

Quanto ao significado e às funções que exercem, a parte mais importante do *léxico* (do português e de qualquer outro idioma)

compõe-se de verdadeiros *vocábulos;* isto é de denominações de objectos, de pessoas, actos ou qualidades. Claro que todos êsses são de valor substancial e de carácter objectivo.

A outra metade (menor) é formada por palavras de carácter indeterminado, flutuante, subjectivo.

No primeiro caso são substantivos e adjectivos, ou seja *nomes* (ou pronomes pessoais e determinativos), ou *verbos*. Todos êles, quanto ao valor, são lexicográficos; quanto à forma, sujeitos a flexões diversas, que indicam relações, segundo as funções que exercem na proposição. São *variáveis* portanto.

As palavras subjectivas, pelo contrário, são elementos puramente gramaticais; sempre dependentes; e *invariáveis*, sem flexão. Quer sejam adverbios, como *cá*, *lá*, *mal*, *bem*, quer preposições e conjunções; ou interjeições.

Sílabas, são em regra parcelas de vocábulos. Excepcionalmente são tambêm vocábulos verdadeiros (*ar*, *ir*, *mar*, *sol*, *ha*, *é*, *são*) ou particulas, (*por ou e*) como já vimos. Elas constam de tantos sons quantos, seriados e intimamente ligados, a voz humana pode articular com uma só emissão de ar.

Para êsse fim é indispensável que entre os sons agrupados haja um de carácter musical e que vozeie: *uma vogal.*

As diversas línguas variam muito quanto ao número de sons de que sabem fazer unidades.

Numas predomina o elemento vocálico; noutras o consonântico. E se olharem para o alfabeto em que há apenas cinco vogais, e quatro vezes cinco consoantes, aparentemente estas devem estar na maioria. E estão. Mesmo na língua italiana, a língua do *belcanto*, em que todas as palavras terminam em vogal, há nos 14 versos de um Soneto qualquer (termo médio) 185 vogais e 221 consoantes. Em português contei 174 vogais e 203 consoantes.

Em alemão há um esqueleto consonântico mais robusto. Temos sílabas com cinco sons consonânticos, por ex. em *pflückst*, *pflügst*, *schlägst*, *drückst*, *bringst.*

Em português êle é mais brando e reduzido do que em qualquer outra das línguas neo-latinas, em virtude da queda de *l*, *n*, *d*, *g* intervocálico, como verão nas análises práticas das terças-feiras. O ouvido e a língua nacional amam a simplicidade; tendem à maior comodidade em forma e beleza possível, e ao menor esfôrço possível; ao emprêgo da *vis minima.*

Quási todas as sílabas constam de dois ou três sons. Temos dois em *dá*, *li*, *vi*, *dê*, *sé*, *fé*, *pé*. Temos três em *vai*, *lei*, *rei*, *meu*,

teu, *seu;* apar de duas vogais uma consoante, ou mais exactamente apar de uma consoante uma vogal e uma semi-vogal que juntas constituem um ditongo. Em outros casos agrupa-se com a consoante explosiva (*p-t-k* ou *b-d-g*) uma líquida ou uma vibrante por ex. em (*crê*, *prá*(*do*) etc.). O máximo são quatro sons: duas consoantes iniciais agrupadas, vogal, e uma consoante final (nasal, líquida, vibrante ou sibilante) por ex. em *três*, *cruz*, *prol*, *traz*, *grei*, *frei*, *greis*, *freis*.

Creio que não há nenhuma com mais de cinco sons. E mesmo entre essas, em que há portanto quatro consoantes, mal haverá uma que seja popular. Só me lembro de *trans* em *transpôr transparente*. Mas tais sílabas, o povo quando as emprega, alivia-as, dizendo *traspôr*, ou cortando-as em duas dizendo *estra* (ou *estram*). A minha lavadeira, que é de Paranhos, diz sempre *èstramparente*. E todos nós, apesar das nossas pretenções de gente culta, dizemos por ex. *estra-viar* em vez de *transviar*. E todos nós procedemos de modo semelhante com os vocábulos que em latim principiam com o grupo *sp st sk* (s impurum). Em vez de *scutu* dizemos *es-cu-do; es-tu-do* em vez de *studium; es-po-so* em vez de *sponsum*. Os três sons *sku*, *stu*, *spon* eram compactos demais para o ouvido musical dos Portugueses.

Dêsse facto de a sua tendência comodista ter levado o Português a uma nova separação e constituição das sílabas terei de lhes falar ainda freqüentes vezes.

*

O som articulado, como unidade mais pequena das sílabas, palavras e orações da fala humana, tem o nome scientífico de *fonêma*. É pronuncia latina do grego φώνημα. Pronuncia *nacionalizada*, visto que a prosódia romana não admitia que sílabas *curtas*, *átonas*, tivessem *vogal longa*, ao passo que os Gregos o admitiam.

Fonema é derivado da raiz φων que significa *som*. Da mesma raiz deriva tambêm *fonética*, *fonologia*, *fonação*, *fonador áfono*, *afonia*. Ela é tambêm um dos elementos dos compostos modernos *fonógrafo*, *telefóne gramofóne*, *grafofone*, termos scientíficos, internacionais que todas as nações usam, compostos de elementos gregos. E dela deriva, como logo lhes mostrarei, o nome grego da vogal e da consoante.

Já ficou dito que os fonemas são de duas espécies: *sons musicais*, ou meros *ruidos:* vogais e consoantes. Isso vale de to-

das as duas mil línguas faladas neste globo terráqueo, muito embora nenhuma utilize a escala completa dos sons articulados possíveis nas duas categorias.

Vogal representa o latim *vocale*. *Vocale* é o acusativo popular de *vocalis*, no qual o vulgo suprimiu, por frouxeza de articulação, o *m* final. Tomem desde já nota que o vulgo reduzira os casos a *dois:* o recto ou caso-sujeito ou *nominativo*, e o obliquo, caso complemento ou *acusativo*. E a queda do *m* do *acusativo* igualou ainda êsses dois. Pode-se portanto dizer que o acusativo era o único caso de que o povo se servia na sua tendência de simplificar e uniformizar a difícil fala latina.

Nós teremos por isso de indicar, em todas as etimologias de nomes que fixaremos nas *Lições Práticas*, como forma-*mãe* o acusativo latino, suprimindo o *m* final.

A forma mais curta e clara é a seguinte: *padre<patre(m)*. O sinal matemático de igualdade<significa em linguística: *é equivalente de;* ou melhor *provêm de*. Invertendo-o: >claro que teremos de lêr de modo oposto *patre(m)>padre* dizendo: *patre* dá *padre*.

Vocale é derivado de *voce* (vox, vocis). Mais exactamente deveriamos dizer *voks vokis* com pronúncia clássica, sem a qual não se compreende nem o *g* (gutural brando) do substantivo popular *vogal*, nem o adjectivo culto *vocal vocálico*, e mais derivados.

Vox vokis era, e *voz* é em português o nome geral de todos os sons audíveis: não sómente dos articulados e inarticulados que saem da bôca humana ou da bôca de animais, mas também dos que provêm de outros fenómenos naturais; e alêm disso dos que são artificialmente evocados de instrumentos de música.

Os termos derivados, *vocales* em latim, *vogais* em português, designam, pelo contrário, unicamente sons articulados e vozeados pelo aparelho fonador humano, ou por outra, os fonêmas produzidos por expiração do ar, cuja corrente, até sair dos lábios, não encontra obstáculo algum, resistência nenhuma.

Eles são produzidos portanto sem que a língua articuladora se ponha em contacto quer com o pálato, quer com os dentes.

Ainda assim a posição dessa móvel lingueta, e a dos *lábios*, é naturalmente outra, quando dizemos *a*, outra quando dizemos *i*, e assim por diante.

É mesmo nessa posição diversa da língua e dos beiços que se baseia a diversidade dos sons vocálicos.

Os curiosos, que façam experiências diante do espelho, porque só assim compreenderão a teoria.

As vogais são, em virtude da sua produção, sons livres, sons independentes, sons *senhoris*. *Selbst-laute* (como dizemos em alemão), *auto-sons* ou *auto-fones* (à grega ou greco-latina).

São o elemento musical da fala humana, que podemos prolongar e modular *ad libitum* e *ad infinitum*.

Sem vogal, não há canto, nem fala. Cada sílaba contêm uma ou duas (ditongos).

Consoantes são, pelo contrário, conforme já disse, ruidos que provêm de resistências opostas à livre corrente da passagem do ar pelos diversos órgãos da fala.

Essa resistência é, ora um contacto completo de dois órgãos (da língua contra o pálato, da língua contra os dentes, ou dos dois lábios entre si), ora aproximação apenas, mas aproximação tão estreita que produz *fricção*.

Do contacto completo de dois órgãos e da sua repentina anulação saem ruidos que o foneticista chama *explosivos*, *oclusivos* ou *momentaneos*. Do contacto incompleto saem ruidos *prolongáveis*, *contínuos* ou *fricativos*.

Afim de *soarem*, as *con-soantes* claro que precisam encostar-se, cingir-se, unir-se a uma *vogal*.

É essa necessidade que lhes deu o nome. Em latim, e nas línguas modernas, temos *con-soante*, a que soa conjuntamente, com quem? com a vogal. Em alemão dizemos em tradução fiel: *Mit-laute*. Ambos os termos são de origem grega, tradução de um nome grego, como toda a moderna terminologia scientifica.

A vogal chama-se em grego τὸ φωνῆεν plural: τα φωνῆεντα. φωνῆεν é adjectivo, o soante, da raiz φων, da qual já lhes falei, quando expliquei o vocábulo *fonêma* e *fonética*, etc. A principio acompanhava o substantivo τὸ γράμμα (pl. a letra, as letras) e e posteriormente substituiu-o.

Em harmonia com essa denominação, os Gregos tinham dado à consoante o nome de τὸ σύμφωνον, plural τα σύμφωνα.

O prefixo *sym* (ou *syn*, antes de não labiais) que temos em *sym-phonia sym-posion*) significa *com* (*con*, *cum*, *cun*). Por isso mesmo é que a tradução latina diz *con-soante*.

Se isolarmos as consoantes, se tentarmos enunciar, isolados, os ruidos explosivos, quer os surdos *p-t-k*, quer os sonoros *b-d-g*, veremos que é impossivel.

Apenas, e mal, poderemos cantarolar os prolongáveis, por ex. a sibilante *sssss*, as labiais *mmm*, *nnn*, *nh*, *f*, *v*, *j*, a vibrante *r*, e as líquidas *l* e *lh*, isto é, aquelas que mais se aproximam das vogais quanto à sua produção.

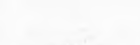
Por isso mesmo os antigos, os greco-latinos, consideravam todas as contínuas como *semi-sons* ou *semi-vogais*, e portanto só como *semi-consoantes*.

E entre os filólogos modernos há muitos que adoptam essa denominação.

Todos, absolutamente todos tratam *v* como *u consoante*; e *i-j (jota)* como *i-consoante*.

Durante os nossos estudos comuns, os meus ouvintes encontrarão muita vez êsses semi-sons em função de vogal e outras vezes em função de consoante.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.



RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Vid. REVISTA LUSITANA, vol. XX, pág. 298-315)

XXIV

Dia de S. Martinho, || prova teu vinho

Variantes:

a) **Em dia de S. Martinho || na adega prova teu vinho.**

b) **Por S. Martinho, || prova teu vinho; || no cabo do ano || já te não faz dano.**

c) **Pelo S. Martinho, || espicha o teu vinho.**

d) **Em dia de S. Martinho, || lume, castanhas e vinho.**

e) **Em dia de S. Martinho, || faz magusto e prova o teu vinho.**

f) **No S. Martinho, || fura o teu pipinho** (Beira-Alta) [1].

g) **Em dia de S. Martinho, || mata o teu porco e prova o teu vinho.**

Franceses: a) *A la Saint-Martin, on boit le bon vin;* b) *A la Saint-Martin, il faut goûter le vin.*

Italianos: a) *A S. Martino, è vecchio ogni vino* (Toscana); b) *A S. Martì l'è vèc töt ol vì* (Bérgamo); c) *A San Martinu, ogni mustu è vinu* (Sicilia) [2].

Galegos: *Despois de S. Martiño, deixa a auga e bebe o viño;* b) *Dia de S. Martiño, proba o teu viño* [3].

Latino: *Festo Martini depromitur amphora vini* (B. Pereira).

Entre as muitas crenças apócrifas que o nosso povo amorosamente conserva, como preciosas relíquias, na arca-santa das suas poéticas ficções, avulta, sem dúvida, a que se refere a S. Martinho — o virtuoso bispo de Tours, o santo taumaturgo, cuja festa ocorre a 11 de Novembro, no calendário cristão.

A ficção popular, transmudando aquele severo e rígido asceta num verdadeiro Baco do Cristianismo, palmeando-o como

---

[1] Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, vol. IV.

[2] Estes três provérbios veem em F. R. Marin, *Cien Refranes Andaluces*, pag. 26.

[3] Veem ambos na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas.*

beberrão emérito e venerando-o como patrono dos borrachões encartados, criou a locução, ainda corrente, *ser da confraria* (ou *da irmandade*) de São Martinho, e caiu no domínio das tradições infundadas que povoam o vasto campo das lendas populares.

Todavia, não há na vida de S. Martinho facto algum que justifique semelhante juízo a seu respeito; não tem base séria a tradicional popularidade pagã que rodeia aquele invencível herói da fé, e o transforma, de varão exemplarmente sóbrio, austero e virtuoso, em fabuloso Baco, ébrio e devasso.

*

S. Martinho morreu em Novembro, pelos anos de 397 a 400, na Gália, sua pátria, e berço do seu culto, onde aquele mês se festejava por ser a época dos vinhos novos. Os lavradores celebrariam, com regosijo necessariamente um tanto grosseiro, o mês de Novembro, que era um dos momentos de maior actividade da vida agrícola, para a viticultora Gália.

Nada mais natural — diz a senhora D. Cecília Schmidt Branco [1], do que escolherem para patrono daquele importante processo anual, e, naturalmente, também para presidente das festas orgiásticas com que lhe celebrariam a feliz conclusão, aquele santo, tão grande, tão amado já do povo entre o qual vivera, e o imenso brilho de cuja autoridade eclipsava e absorvia o de todos os demais santos que com êle ocupam o calendário na mesma estação [2].

Não é, pois, de admirar, que os devotos de Baco, desejando ardentemente o dia de S. Martinho, para provarem os vinhos da nova colheita, invocassem o santo como seu protector, venerando-o e turibulando-o nessa qualidade, e acabando por lhe outorgarem o diploma de confrade-mor, que o pobre santo, na sua letal mudez, não pôde devolver de envolta com um anátema de justificada indignação.

Na opinião da senhora D. Cecília Schmidt Branco, não se deve buscar a interpretação da lenda que rebaixou S. Martinho à esfera de beberrão vulgar, nem na sua história, nem na sua

[1] *Da origem de um símbolo popular na festa de S. Martinho*, in *Rev. Lus.*, t. I, pág. 291.

[2] Esta invocação de S. Martinho tem, em França, a sua versão anecdotica: diz o dicionário de Bescherelle, que numa refeição a que o santo assistia, o imperador Máximo lhe mandou entregar a taça, para seguidamente a receber da sua mão, e que d'isto resultou ficar o santo considerado como patrono dos bebedores.

lenda autêntica, nem nas variantes populares. Mais probabilidade haverá, disse aquela escritora, de lhe achar a raiz cavando no terreno pagão, êsse terreno fértil de que brotaram quási todos os costumes similares, pois que pagã é, com efeito, toda a festa de S. Martinho.

Numa das notas ao seu estudo [1] diz a referida escritora:

«Uns versos alemães, ornados de latim-de-cozinha—porventura obra de algum estudante adorador do santo—dizem que S. Martinho era bom homem; gostava de cerveja, e quando não tinha dinheiro para pagar, empenhava a túnica.

Sankt-Martin war ein braver Mann
Er trank gern cerevesiam
Und hatt'er kein pecuniam
So liess er seine tunicam.

Aqui, a túnica é evidentemente um eco vilificado do formoso e tocante episódio da vida de S. Martinho, em que êle, guerreiro ainda e pagão, reparte com um mendigo a capa, aquela capa tão famosa que no tempo dos reis merovíngios era levada nas batalhas, à frente do exército, como verdadeiro paládio da França».

*

Noutros tempos, a festa de S. Martinho era entre nós celebrada, geralmente, de copo em punho, com fervor digno de Baco. Os nossos antepassados, depois de terem festejado o santo nos templos, iam também solenizar o seu dia em casa, à mesa, e essa prática ainda não foi de todo banida dos costumes populares.

As nossas antigas leis determinavam que os vinhos novos só pudessem ser postos á venda, para consumo, do dia de S. Martinho em diante—e isto serviu para conservar a popularidade altamente pagã dêsse virtuoso bispo, transformado pelo sensualismo popular numa espécie de Baco cristão.

Nos nossos tempos, ainda se encontram vestígios dessas leis em diversas posturas municipais, como por exemplo, nas do concelho do Cadaval, que vigoraram desde 1859 até 1891 e nas quais se prescrevia: «Art. 11.º—Todo o taberneiro, ou lavrador, que vender atabernado, vinho novo ou vinho velho, misturado com novo, antes do dia de S. Martinho, pagará de multa cem reis por cada canada de vinho».

Em Hespanha existiram idênticas disposições, como se vê do

[1] Aludo ao artigo referido na nota 1 da pág. 34.

seguinte trecho de um conto de António de Trueba: «Una hermosa tarde del veranillo de San Martin, que es precisamente cuando la justicia permite poner ramo para la venta de los vinos nuevos...» [1].

XXV

Deitar pérolas a porcos

Variante:

Deitar pedras preciosas a porcos [2].

Dizer coisas sensatas e úteis a quem as não sabe compreender ou apreciar, ou a quem as não aproveita. || *Obsequiar quem não sabe agradecer*:

«Almas que sonhando andais
O muito não no troqueis
Por nadas como o trocais,
As perolas Orientaes
Aos porcos não nas lanceis».

(Sá de Miranda) [3].

Em D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos dialogais*, pág. 141: «Porque eu nunca *esperdicey Margaritas a porcos*».

A locução *deitar pérolas a porcos* (cfr. a fábula romana do galo e do monturo [4]), é tirada do *Evangelho de S. Mateus*, VII, 6, onde se lê: *Nolite dare sanctum canibus: neque mittatis margaritas vestras ante porcos.*

Franceses: a) *Jeter des perles à un pourceau;* b) *Jeter des marguerites devant les pourceaux;* c) *Perles sont perdues entre pieds de pourceaux;* d) *Il ne faut pas jeter les marguerites devant les pourceaux;* e) *Jeter des roses aux cochons.*

Inglês: *To cast pearls before swine.*

Italianos: a) *Gettar le margherite ai porci;* b) (Veneziano) *Darghi confetti ai porchi* [5].

Holandeses: a) *Paarlen voor de varkens strooijen.* (Deitar

[1] Transcrevo de *La Ilustración Española y Americana*, ano XIX, n.º 31.
[2] Bento Pereira.
[3] *Obras*, ed. de António Leite, 1677, pág. 208.
[4] Fedro, *Fabulas*, «pullus ad margaritam».
[5] Joaquim de Araújo, *Provérbios Venezianos*, in *A Tradição*, IV, 12.

pérolas a porcos); b) *Strooit geen rozen voor varkens.* (Não deites rosas a porcos)'[1].

Diz uma locução japonesa: *Dar uma moeda de oiro a um gato* [2].

Os Romanos diziam, no sentido da nossa locução: *Asinus in unguento.*

XXVI

Da galinha, a preta; da pata, a parda

Variante:

Da galinha, a preta; da pata, a parda; || da mulher, a sarda.

A galinha preta tem alguma coisa com feitiçaria.

Assim: a) Galinha preta em casa, livra o dono de ser *abrangido pelo Diabo* (Paços de Ferreira) [3]; b) É bom ter galinha preta, ou galo preto, porque as *coisas ruins* ou malefícios, entrando em casa, *acanharão* as aves negras e não as pessoas (Minho) [4]; c) As galinhas pretas põem ovos de duas gemas, que teem grande virtude para certas doenças [5]; d) O melhor caldo para as recêm-paridas é o de galinha preta [6]; e) Na Beira-Baixa há o costume de aplicar sôbre o estômago dos enfermos afectados de doenças pulmonares, uma galinha preta, aberta [7]. Existe a mesma crença em Monferrat, onde o povo aplica a galinha preta, aberta, no sítio da dor [8].

O provérbio *galinha que canta de galo, quere em breve o amo no adro*, traduz a crença popular segundo a qual é de mau agoiro a galinha cantar como o galo, devendo ela, por isso, ser morta. Mas em Sabrosa (diz T. Gomes na *Enciclopédia das Famílias*, 14.° ano, pág. 447), se a galinha fôr preta, não há no seu

---

[1] Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

[2] Venceslau de Morais, correspondente do *Comércio do Pôrto* no Japão, numa carta para aquele jornal (V. *Almanaque Bertrand*, 1906, pág. 53).

[3] Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 286, *f*).

[4] D. Maria Peregrina de Sousa, *Trad. pop. do Minho*, in *Rev. Lus.*, VI, 134, e *Rev., Univ. Lisb.*, IV 267.

[5] Consiglieri Pedroso, *Superstições populares portuguesas*, in *Positivismo.*

[6] Consiglieri Pedroso, *loco citato* na página anterior, nota 6.

[7] *Ladislau Piçarra*, in *A Tradição*, III, 177.

[8] Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, II, 304.

canto mau agoiro, e a ave não deve ser morta, nem mesmo maltratada.

Em França existe, tambêm, a superstição sôbre o poder mágico da galinha preta.

Em Beauce, Gâtinais e Côte-d'Or, ter uma galinha preta é possuir o segrêdo de nunca sentir falta de dinheiro [4]. No departamento de Creuse, a galinha preta é uma encarnação diabólica ao serviço de uma pessoa que se entregou ao Diabo [5].

Em Rouvray, todo o feiticeiro anda acompanhado de uma galinha preta, que não é senão o Diabo [6].

Na Alta-Bretanha, as galinhas pretas são fadas ou feiticeiras [7].

*

Agentes de magia não são só as galinhas pretas, mas, em geral, todos os animais domésticos dessa côr, como gatos, cães, aves, etc.

As Bruxas devem recolher-se antes da meia-noite, porque a essa hora canta o galo preto e, apenas êle canta, acabam-se-lhes o encanto e o poder.

Assim, muitas teem morrido por esses mares de Cristo [8]. Entre as Bruxas corre o prolóquio: — *Galo branco? não me espanto; galo preto? não me meto* [9].

N-*O Pantheon*, I, pág. 256, leio que para se operar o desencanto das Moiras, deve ir um padre a ler num livro, um galo preto e nove Marias. Se o galo cantar, é sinal de bom êxito. Faz-se isto no Penedo da Moira, concelho de Felgueiras, sítio onde há uma cavidade a que chamam pègada de S. Gonçalo. No Pôrto realizam-se as mesmas cerimónias, e o galo deve ser enterrado com a cabeça de fora e cantar à meia-noite, diz ainda aquela publicação, no local citado.

O gato preto entrava nos sortilégios do século XVI, como se vê do *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, e da *Prática dos Compadres*, do Chiado.

---

[4] E. Rolland, *Faune populaire de la France*, VI, 100.
[5] Idem, *ibid.*, 101.
[6] Idem, *ibid.*, 101.
[7] Paul Sébillot, *Traditions et superstitions de la Haute Bretagne*, II.
[8] Garrett, *D. Branca*, nota A ao canto III.
[9] *Alm. de Lemb.*, 1888, pág. 267.

No Minho há a crença de que, nas casas em que houver um gato preto, não entram espíritos maus [1].

Em Cabo-Verde, o remédio mais eficaz contra os feitiços, é queimar o estrume de porcos pretos e defumar com êle a pessoa enfeitiçada [2].

Todas estas superstições se relacionam com a crença, universalmente espalhada, de ser a côr preta um específico contra as influências maléficas.

Entre nós, deve ser enfiado num cordão de seda preta o talisman que se põe ao pescoço das crianças, para as livrar do quebranto, e que se compõe de um signo-saimão, uma moeda de três vintens em prata (furada), uma figa, uma meia-lua, um dente de lôbo e uma argola.

J. Tuchmann [3] dá, a respeito da influência da côr preta contra malefícios e coisas ruins, curiosas informações, entre as quais as seguintes:

Os antigos empregavam a ferrugem para preservar as crianças do mau-olhado. Na Prússia oriental, as pessoas que teem os cabelos pretos não podem ser enfeitiçadas; preserva-se uma terra de todo o malefício lavrando-a com duas vacas pretas. Em Berlim e seus arredores convêm que haja um animal preto em cada espécie de animais domésticos que se possuem, como, por exemplo, um cão preto, uma vaca preta, etc. Entre os Sérvios, quando uma criança é bonita e robusta, mascarram-lhe o nariz com carvão. Na Grécia faz-se atrás da orelha da criança uma mascarra com o negro-de-fumo tirado de uma caldeira ou de uma frigideira.

Numa grande parte da India, a côr negra livra do mau olhado; quando um objecto apresenta uma mancha preta, é sôbre esta que recai o olhar e, assim, é desviado o malefício que se queria produzir.

No Khonkhan tisna-se com o negro-de-fumo a testa das crianças e, muitas vezes, até a dos adultos. Em Pendjab, aplica-se o negro-de-fumo sôbre o rosto das crianças, ou, quando

---

[1] *Alm. de Lemb.*, 1870, pág. 139.
[2] Idem, *ibid.*, 1875, pág. 292.
[3] In *Mélusine*, VIII, 179 (Paris, 1897).

estas ainda não podem andar, na planta do pé esquerdo, porque, segundo os indígenas, *little black keeps of the evil eye.*

Na ilha de Ceilão, quando se passeiam crianças, faz-se-lhes, para as preservar do mau-olhado, um traço preto entre as sobrancelhas. Os malaios mascarram o nariz, o queixo e as pestanas do recém-nascido e desenham-lhe na testa uma estrêla da mesma côr.

XXVII

De Hespanha, nem bom vento, || nem bom casamento

Variante:

De Castela, || nem viúva, nem donzela.

Em Delicado: *De Castela, nem vento, || nem casamento.*

Leite de Vasconcelos [1] considera o provérbio *De Hespanha, nem bom vento*, etc., como eco de uma tradição espalhada, e não como expressão de um facto particular.

Eu penso, como Adolfo Coelho [2], que o provérbio foi provocado pelas nossas dissensões com Castela, sem que possa marcar-se-lhe a época de produção.

Essas dissensões — hoje desaparecidas — ainda sobrevivem na tradição popular de Trás-os-Montes, onde se diz que «os Hespanhóis são como os Portugueses, menos na alma», isto é, são entes irracionais. Em alguns pontos, mesmo, a afirmação tornase um pouco mais dura [3].

A respeito de casamentos entre indivíduos das duas nações, já Garcia de Résende, na sua *Miscelânea*, depois de aludir à triste retirada da princesa D. Isabel para Castela, após o falecimento do príncipe D. Afonso, escreveu:

Portugueses, Castelhanos,
Não hos quer Deus juntos ver.

Em todos os ditados que se referem a ventos — diz *El Folk*

---

[1] *Rev. de Estudos Livres*, 2.º ano, pág. 414.

[2] *Pedagogia do povo português*, in *Portugália*, I, 495.

[3] Assim o ouviu Leite de Vasconcelos, como afirma no seu opúsculo *Numismática Nacional* (Lisboa, 1888) pág. 24.

Lore Betico-Estremeño, pág. 144 [1]—é regra constante que cada povo tem má disposição contra o que está do lado do vento que mais nocivo lhe possa vir para a saúde pública e para a agricultura. Efectivamente, em Portugal, os ventos que sopram do norte a sul pelo quadrante este, são secos, especialmente o nordeste, o pior de todos, que não costuma provocar chuvas mas que, quando as dá, são sempre frias. (Cf. o ditado *mau vento é nordeste*).

Creio, porêm, que o provérbio nasceu da má vontade que durante séculos mantivemos contra Castela, e convenço-me de que, tendo a sua forma obedecido, em parte, à regra apresentada por *El Folk Lore Betico-Estremeño*, não deixa, contudo, de envolver uma clara alusão áquele histórico ressentimento.

Os Franceses dizem dos seus vizinhos Ingleses: *D'Angleterre ne vient ni bon vent, ni bonne terre.*

De Hespanha conheço os seguintes ditados análogos: a) *De Jerez, ni buen viento, ni buen casamiento, ni mujer que tienga asiento* [2]; b) *El viento y el varón, no es bueno de Aragón* [3]; c) *El viento gallego es la escoba del cielo* [4].

XXVIII

De uma faisca se queima uma vila

Dinamarquês: *Af liden Gnist kommer ofte stor Ild.* (Um grande incêndio provêm, muitas vezes, de uma pequena faisca) [5].

Hespanhóis: a) *Con chica brasa, se enciende una casa;* b) *De pequeña centella, grande hoguera.*

Francês: *Petite étincelle engendre grand feu.*

Holandês: *Van de vonken brandt't huis.* (De uma faisca se queima a casa) [6].

---

[1] Apud Teófilo Braga, *O Povo Português.*
[2] Recolhido em Fregonal, provincia de Badajoz (*El Folk Lore Andaluz*, Sevilla, 1882-83)
[3] Idem, *ibid.*
[4] *El Folk Lore Betico-Estremeño*, pág. 85.
[5] Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*
[6] Idem, *ibid.*

Inglês: *A spark is sufficient to kindle a great fire.*

Italiano: *Piccola scintilla può bruciare una villa.*

Latino: *Parva scintilla magnum excitat incendium.*

No *Eclesiástico*, XI, 34: *A scintilla una augetur ignis.*

Cf. *De pequena candeia, grande fogueira.*

XXIX

Filho das ervas

O filho de pais incógnitos ou de pais de humilde condição.

Canção popular:

Já não tenho pai nem mãe,
Nem nesta terra parentes;
Sou *filho das* tristes *ervas*,
Neto das águas correntes [1].

Do *totemismo* — crença das sociedades selvagens, segundo a qual não existe demarcação muito nítida entre os seres animados e as coisas inanimadas — deriva a ideia das plantas *antropogénicas* ou *produtoras de homens*, a que se refere desenvolvidamente Pedro Saintyves, no seu livro *Virgens depois do parto*, do qual extraio as seguintes informações:

No *Bundehesh*, o primeiro casal — Mashia e Mashyana — teria nascido sob a forma de um pé de ruibarbo. Na *Eda*, sai de um freixo e de uma faia. No *Vishnu-Purana*, uma ninfa é chamada filha das árvores.

No século XIV, Odorico de Frioul, chegando ao Malabar, ouviu falar de certas árvores, que, em vez de frutos, produziam homens e mulheres. O coronel Yude encontrou a mesma tradição entre os árabes.

Entre as tribus de Melbourne, conta-se que o primeiro homem nasceu da mimosa.

Em França, as crianças pensam que sairam de uma couve. Na Inglaterra julgam terem saído da salsa.

Bastava, muitas vezes, uma mulher sentir o aroma de uma

---

[1] Pedro Saintyves, na obra citada, no texto, cap. II, afirma que poucos cultos estivéram tão espalhados como o culto das águas: não há nascente, não há regato, não há rio, que não fosse considerado um deus, e, entre as virtudes que lhe atribuiam, a primeira era a da fecundidade. E cita várias lendas.

flor, para ficar grávida. Foi o que sucedeu à filha de Abraão, por ter cheirado uma flor da «árvore da sciência do bem e do mal».

Segundo uma lenda da idade-média, Isolda quere ver Tristão, depois de êste ter sido ferido com uma lançada pelo rei Marcos, num transporte de ciúme. Os dois amantes derramaram lágrimas e destas lágrimas nasceram as flores de lis. Cada mulher que as come — diz a lenda — fica logo grávida. E a rainha Isolda comeu-as, por seu mal.

Entre os Hotentotes há uma dupla lenda do seu herói Heitsi Eibib.

Segundo a primeira versão, tendo uma rapariga chupado o suco de uma planta gordurosa, chamada *hobega*, encontrou-se subitamente grávida, sem haver tido comércio com qualquer homem. A outra versão diz que uma vaca, por ter pastado certa erva, ficou prenhe.

«Pretende-se — diz Plínio — que o théligónon, *mercurialis perennis* macho, faz conceber as raparigas que o tomam como bebida. E é também de notar que se diz que o arsénogónon, *mercurialis perennis* fêmea, tomado como bebida, faz igualmente conceber os rapazes.»

Marjata, a virgem do Kalevala, ficou grávida, sem deixar de ser virgem, unicamente por têr engulido uma certa baga.

Segundo uma canção asturiana, há nos campos uma erva chamada borragem, e a mulher que a pisa fica logo grávida.

A princesa Chand Rawaíti, ao banhar-se no Ganges, viu uma flor que flutuava sôbre a água. Apanhou-a, comeu-a e ingeriu ao mesmo tempo o *sperma genitale* que nela tinha deixado cair acidentalmente um rishi. Tendo logo ficado grávida, deu à luz um filho.

Na China, a virgem Ching Mu concebeu por ter comido uma flor de Lien-Hoa, *lótus*, que encontrara nos seus vestidos no sitio onde se banhava.

Refere ainda Saintyves que, segundo Noel Leconte, alguns autores pretendem que Juno foi um dia convidada a jantar, por Apolo, no próprio palácio de Júpiter. Entre as iguarias figurava um prato de alfaces selvagens. Tendo-as comido, Juno, que fôra estéril até ali, encontrou-se subitamente grávida, dando depois à luz a deusa da juventude, a seductora Hebe.

Estas lendas — diz Saintyves — como todas as outras em que as pedras, a água ou as plantas substituem o homem, parecem ser frutos da apologia ou, pelo menos, da exegese de ritos antiquíssimos.

XXX

Galinha que canta de galo || quere em breve o amo no adro [1]

Variantes:

a) **Galinha que canta como galo, || põe o dono a-cavalo.**

b) **A mulher que assobia como homem e a galinha que canta como galo, || faca no gargalo** [2].

Estes provérbios são o eco de uma das muitas superstições populares acêrca dos agoiros das aves [3].

*

A superstição a respeito da galinha que canta como o galo está muito espalhada na Itália, na Alemanha e na Rússia, e existe tambêm na Pérsia (Gubernatis, *Myth. Zool.*, II, 299). E tambêm vive na Turquia, como se vê do provérbio turco, citado por A. C. de Méry, na sua *Histoire générale des proverbes*, II, 120: *Se a galinha quere cantar como o galo, é necessário cortar-se-lhe o pescoço.*

Na Alta-Bretanha, a galinha que canta de galo pressagia desgraça, pois canta a morte do seu dono; deve ser morta, para se conjurar o presságio:

Quand un poule chant le co',
Il faut la tuer aussitôt,
Ou elle crève comme un pot.

---

[1] Antigamente enterravam-se os cadáveres nos adros das igrejas.

[2] Ouvi esta variante a um indivíduo de Angra do Heroismo. Na Alta-Bretanha (em Ille-et-Vilaine) há esta forma correspondente: *Fille qui «subèle»* (siffle), *vache qui heille* (beugle comme un taureau), *poule qui chante le coq, sont trois bêtes qui méritent la mort.* (Paulo Sébillot, *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*, II.)

[3] A galinha que canta de galo é, ordinariamente, de natureza turbulenta e rixosa; mas não é por isso que o povo a condena. E' crença geral, no país, que a galinha que canta como o galo pressagia a morte do dono, ou outra desgraça próxima, e deve, por isso, ser morta e vendida, trazendo-se o seu produto de rastos, isto é, empregando-o em calçado, para assim andar pelo chão. (Cf. Consiglieri Pedroso, *Trad. pop. portuguesas*, in *O Positivismo*, IV, 280). Em Cidadelhe, a galinha que tem tal defeito tambêm não deve ser dada nem comida, mas sim ter aquela aplicação (*A Tradição*, III, p. 77).

Em Sabrosa subsiste a mesma crença, mas com esta modificação: se a galinha que canta de galo for preta, não há mau agoiro, e, por isso, não deve ser morta, nem mesmo maltratada (T. Gomes, in *Enciclopédia das Famílias*, 14.º ano, p. 447).

No Doiro, ao matar-se a galinha que assim canta, diz-se:

Agoiro
Venha pelo teu coiro.

(Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 286 *d.*)

Assim escreve Paulo Sébillot, nas suas *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne,* II, onde afirma que esta superstição é também conhecida na Normandia, no Poitou, nos Vosgues, no Franche-Comté e no Berry. Mas a crença é geral em toda a França, segundo Eugène Rolland (*Faune Populaire de la France,* VI, pag. 85), que relata assim a crença no Poitou: «Il faut la tuer (a galinha) sur-le-champ, si on ne veut pas s'exposer à un malheur, la mort même. Cette poule pondrait le cocatru (appelé vulgairement œuf de coq), et du cocatru naîtrait un serpent redoutable pour tout le monde.»

Em Sevilha «cuando una gallina canta como el gallo és señal de que morirá alguna persona de la casa». (*Biblioteca de las tradiciones populares españolas,* II, pag. 222.)

Sôbre a superstição em Hespanha, diz *La Filosofia vvlgar,* de Iuan de Mal Lara [1], pag. 244 v.: «... y assi dizen por acá las viejas, q̃ en cantando la gallina la maten luego, aunque es superisticion á la letra, segun los que tratan largo, ó porque está gorda mandan que la comã».

Da superstição veneziana fala D. G. Bernoni, *Credenze popolari veneziane,* Venezia, 1874, pag. 21: «Quando la galina canta de galo, la ciama disgrazie o morte, e bisogna tirarghe subito il colo.»

Uma crença árabe determina também que seja morta a galinha que canta como galo (*The Folk-Lore Record,* III, parte I, pag. 70).

XXXI

Em janeiro, || põe-te no oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a chorar; || e, se vires terrear, || põe-te a cantar.

Variantes:

a) **Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || chora se vires verdejar, || canta se vires terrear.**

b) **Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires luzir, || põe-te a rir; || se vires verdejar, || põe-te a chorar.**

---

[1] Edição de Juan de la Cuesta. Madrid, 1618.

c) **Em vindo janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires terrear, || podes cantar; || se vires verdejar, || deves chorar.**

d) **Janeiro, janeiro, || põe-te no oiteiro: || se vires verdegar** [1], **|| põe-te a chorar; || se vires terrejar, || põe-te a cantar.**

e) **Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a orar; || se vires terrejar, || mete-te a cantar.**

f) **Em janeiro, || vai ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a chorar; || se vires alquévar, || põe-te a cantar** [2].

g) **Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires verdegar, || põe-te a chorar; || se vires negrejar, || põe-te a cantar** (Vila Rial) [3].

Na *Tradição,* vol. I, pag. 192, vem esta variante alentejana, referente ao mês de fevereiro: *Em fevereiro, || vai acima ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a chorar; || se vires terrear, || põe-te a cantar.*

Hespanhóis: a) *Si por Enero bieres terreguear, échate á cantar; y si bieres berdeguear, échate á yorar* (Andaluzia) [4]; b) *En xaneiro, vaite a outeiro: si ves verdegar pont'a chorar; si ves terrexear pont'a cantar* (Galiza) [5].

Teófilo Braga, no seu *Parnaso português moderno*, apresenta a forma galega: *No mes de Janeiro vaite ó outeiro: se ves verdejar, pónte a chorar; se ves negrejar, ponte a bailar.*

Italiano (Fabriano): *Gennaro, salì'l monte e mira'l piano: puoco vedi, molto spera; molto vedi, puoco spera* [6].

XXXII

Em tal signo nasci, || que mais quero para mim, que para ti.

Segundo a astrologia, o carácter, as aptidões, o destino e a inclinação dos indivíduos, eram regulados pelo signo correspondente à època do seu nascimento.

---

[1] Cândido de Figueiredo, no seu dicionário, regista *verdegar* como forma popular de *verdejar.*

[2] As variantes *d)* e) *f)* são do Alentejo e foram recolhidas por A. T. Pires, na *Rev. Lus.*, II, 120.

[3] A. Gomes Pereira, *Tradições populares de Vila Rial*, in *Rev. Lus.*, X, 221.

[4] F. R. Marin, *Cien refranes andaluces.*

[5] *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, vol. IV.

[6] F. R Marin, *Cien refranes andaluces.*

Lá diz Gil Vicente, n-*O Clérigo da Beira:*

Já nós somos sabedores
Que é muito teu poder,
E queriamos saber
Planetas d'alguns senhores,
E sinos de seu nacer.

Assim, segundo a predição dos astrólogos, o signo de *Aquário* era, moralmente, o princípio activo da alegria. O signo de *Aries* inspirava o orgulho e a cólera. O *Toiro* denotava audácia e robustez de carácter. O signo dos *Gémeos* inspirava as amizades sinceras e duradoiras. O *Caranguejo* provocava as decepções e as demandas, etc., etc.

Foi por ter nascido sob o signo da *Balança*, que Luís XIII, de França, foi cognominado o *Justo*, logo no momento em que veio ao mundo [1].

Nas poesias de Juan Roiz, que existiam na biblioteca de el-rei D. Duarte e cuja tradução Teófilo Braga atribui a êste monarca, há as seguintes estrofes:

Os estrologos antigos
dizẽ em a sciencia,
eu digo da estrologia
que é mui nobre sabença;
que o homem quando naçe
logo na sua nacença
o ssino em que elle naçe
aquel o julga por sentença.

Esto dise Tholomeo
e assi o' dise pratão,
e outros grandes mestres
todos n'este acordo som;
qual é o açidente
e a sua costellaçom
daquelle que naçe, tal he
seu estado e o seu dom [2].

Os doze signos do Zodíaco, tão utilizados nos presságios, eram regidos por outros tantos deuses, e em cada mês formavam três décadas, sôbre cada uma das quais reinava uma estrêla chamada *deus conselheiro.*

Não menor influência do que os signos exercia sôbre o in-

---

[1] Bouillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et Géographie.*

[2] Estas estrofes, publicadas por Teófilo Braga, no seu artigo *Monumentos da literatura portuguesa*, in *Era Nova*, I, 320, foram extraídas dos fragmentos de uma tradução portuguesa das poesias de Juan Roiz, mais conhecido pelo nome de Arcipreste de Hita. Diz Teófilo Braga que a colecção daquelas poesias—obra considerada perdida—existia na opulentíssima biblioteca de el-rei D. Duarte, cujo catálogo apareceu pela primeira vez nas *Provas da História Genealógica*, tomo I, pag. 54, com o título *Memoria dos Livros de uso de ElRei D. Duarte, a qual está no livro antigo da livraria da Cartuxa de Evora, d'onde a fez copiar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes.* Teófilo Braga atribui a traducção àquele monarca e afirma que os citados fragmentos constam de um pergaminho existente na biblioteca pública do Pôrto.

[Da tradução portuguesa deu nova e melhor edição A. Solalinde na *Rev. de Filolog. Españ.*, I, 162 ss.—J. L. de V.]

divíduo o planeta que imperava à hora do seu nascimento, conforme êsse astro era, então, benéfico ou maléfico.

O indivíduo nascido sob a influência benèfica do sol — diziam os astrólogos — era bom, justiceiro, piedoso, casto, dedicado às sciências, cioso das honras adquiridas pelo trabalho, extremoso pela família; ao passo que o nascido sob a influência maléfica do mesmo astro, manifestava sentimentos completamente opostos.

A influência benéfica de Vénus inspirava doçura, piedade, misericórdia, alegria e sociabilidade; da sua influência maléfica derivavam a timidez excessiva, a efeminação, a impudência, o carácter mentiroso e hipócrita, a volubilidade no amor.

Todos os outros planetas tinham, sôbre o carácter, a aptidão e a inclinação dos indivíduos, uma influência benéfica ou malèfica, segundo a hora em que êstes houvessem nascido.

Os astrólogos aconselhavam que ninguêm escolhesse a profissão de seus filhos sem que se lhes tirasse o horóscopo pela conjunção astral sob que tinham vindo ao mundo. Aconselhavam, tambêm, que se não empreendesse viagem nem se praticasse acto de importância, sem prévia observação do planeta imperante no momento de se encetarem tais emprêsas.

Foi baseado nesta crença que Gil Vicente estabeleceu para a sua tragicomédia *Côrtes de Júpiter* o tema: «Que o Senhor Deos, querendo fazer mercê á dita Senhora (a infanta D. Beatriz), mandou sua Providencia por messageira a Jupiter, Rei dos Elementos, que fizesse Côrtes, em que se concertassem Planetas e Signos em favor da sua viagem» [1].

Na selecção entre astros benéficos e astros maléficos, viu Oliveira Martins [2] uma herança do animismo.

Segundo Emílio Laurent e Paulo Nagour, no seu livro *O amor através dos tempos* [3], um alquimista célebre, Artéfius — do qual Chevreul nos conservou um curioso tratado — é da mesma opinião, pois que na sua *Clavis majoris sapientiae* declara que a influência de um astro sôbre um objecto terrestre é determinada «conforme o princípio das semelhanças com a natureza do astro»

---

[1] *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1852, II, pag. 392.
[2] *Sistema dos Mitos Religiosos*, Lisboa, 1895, pag. 125.
[3] Edição da *Biblioteca de Educação Moderna*, tradução de Morais Rosa, Lisboá.

e indica de que modo se pode fazer descer a luz e o espírito de um planeta sôbre um ser terrestre.

A astrologia — que nasceu na Caldeia e era, por excelência, a sciência adivinhadora — foi primitivamente interpretada pelos sacerdotes, na época em que se confundia com as teorias religiosas.

Dizem Emílio Laurent e Paulo Nagour, na obra acima citada, cap. VIII, que os magos Caldeus consultavam o céu como se êle fosse um grande livro, onde cada estrêla, tendo recebido o nome e o valor de uma das letras do alfabeto hebraico, traduzia os destinos dos reis, dos homens e dos impérios submetidos à influência dos astros. O joven Simeão ben Bochai, ao qual se atribui o célebre livro de Zohar, conseguira — a dar-se crédito à tradição talmúdica — possuir um conhecimento tão absoluto dos mistérios do céu, que podia ler nele as leis de Jeová, antes de elas serem patentes sôbre a terra.

Segundo essa doutrina, todos os países, todos os homens, todos os animais, todos os vegetais, estavam colocados sob a influência dos astros.

Os sete planetas conhecidos dos antigos e os doze signos do Zodíaco, constituiam os elementos do sistema. Cada planeta, cada constelação, governava uma parte do corpo, ou um homem, ou um reino, ou uma cidade, ou um dia.

*

A crença na influência dos astros sôbre os destinos, as aptidões e a índole das pessoas, foi geral entre os antigos, e chegou aos nossos dias, pelo menos em locuções de uso habitual, como: *Confiar na sua estrêla. Estar em bom planeta. Ler nas estrêlas. Nascer em boa* (ou má) *estrêla. Nascer debaixo de bom planeta. Ter uma boa estrêla.* Diz-se, ainda, *estrêla propícia, estrêla funesta,* para designar a boa ou a má sorte. Foi, certamente, uma *boa estrêla* aquela que, segundo o *Evangelho de S. Mateus*, cap. II, guiou os três reis magos a Belêm, para adorarem o filho de Deus e oferecerem-lhe oiro, incenso e mirra.

Deve ter sido também uma *boa estrêla* a referida na lenda que se conta na Beira-Baixa a respeito da Serra da Estrêla, e que Leite de Vasconcelos insere nas suas *Tradições populares de Portugal*, § 54: «Anda em livros antigos memória de ter havido uma cidade perto da *Lagoa Escura*, e que aí viveu um pastor muito afortunado, que viajou por muitas terras, *guiado por*

uma estrêla, que foi o que deu nome à serra, e que o pastor, voltando, foi aí rei, e deu grandes festas com cavalhadas e jogos de canas e andaram embarcados nas lagoas e vieram aí muitos príncipes estrangeiros.»

Afirma-se que Napoleão tinha, positivamente, fé na sua *boa estrêla.*

Na Bretanha há a seguinte superstição, de que não conheço similar entre nós e de que fala Vicente Vera, num artigo intitulado *El culto á los astros*, publicado na revista madrilena *La Ilustración Española y Americana*, ano LV (1911), pag. 7: «En la alta Bretaña, cuando un niño nace de noche, la gente sale de la casa para ver la estrella que en aquel momento se encuentra sobre la chimenea de la vivienda. Si la estrella es brillante, el recién nacido será feliz, pero si es pálida, se augura mal de su fortuna.»

XXXIII

Em má hora nasce, quem má fama cobra

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos: a) *Mal vai quẽ má fama cobra* (Ulyssipo); b) *Guay de quem má fama cobra (Eufrosina).*

A crença popular divide as horas em *boas* e *más.*

De entre as primeiras, ocorrem-me as *horas felizes*, as *horas de Deus* e as *horas bentas.* A estas últimas se refere António Prestes (*Autos*, p. 29):

Alto sus, em *ora benta*
seja esta obra começada.

Nasceu em boa hora—diz-se de quem é ditoso e a sorte lhe corre bem.

Veio a boa hora, ou *em boa hora,* isto é—a propósito, oportunamente, a tempo, no momento em que pode ser servido.

Cantigas populares referentes à *hora de Deus:*

a) Na *hora de Deus* começo,
na *hora de Deus*, amen:
Quem na *hora de Deus* anda,
Sempre lhe acontece bem.

b) Na *hora de Deus* começo
Padre, Filho, Espírito Santo:
É hoje a primeira vez
que neste auditório canto.

A igreja católica venera o Senhor e a Senhora da *Boa Hora.*

*

Das más horas o povo faz, entre outras, as seguintes distinções:

a) *Horas minguadas:* «A desditosa nascera em *hora minguada* (Camilo, *Mistérios de Fafe*).

«N'uma infeliz madrugada,
Antes que o sol esclareça,
Mettido em pobre caleça,
Puz peito, senhor, á estrada:
Sahi em *hora minguada,*
Pois negra traição me espera;
Homens, com genios de fera,
Me atacaram sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cêra.»

(Nicolau Tolentino, *Obras completas,* Lisboa, 1861, pág. 298.)

Cf.: a) *Deus nos livre de moça adivinha, de mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada.*

b) *Horas aziagas.*

c) *Horas do diabo.*

d) *Horas danadas.*

e) *Horas arrenegadas.*

f) *Horas negras:* «Uma hora, em certa noite, dezassete anos antes... *hora negra* essa que lhe innoitou a vida inteira.» (Camilo, *Brilhantes do Brasileiro*).—«Pouco ha que nos rimos sobre a vossa pelle, & então *má ora,* & *negra* lho eu disse...» (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*).

g) *Horas infelizes* ou *infortunadas:* «Tem outros muitos agouros, em tanto que nas *horas* que achão serem *infortunadas* não querem receber dinheiro, ho que abasta quanto a cerimonias.» (Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel,* parte I, cap. 42)[1]. Há a locução *nascer em boa* (ou *má*) *hora* e os esconjuros populares *má hora vá contigo; em má hora venhas.* Em contrário dêstes esconjuros, diz-se: *em boa hora vás; em boa hora venhas.*

O povo dos campos, para saudar quem encontra pelos caminhos, tem as expressões: *Vá em boa hora* e *vá nas horas de Deus.*

De quem morreu, diz-se: *chegou a sua hora* (isto é, *a má hora*) ou: *tinha as horas contadas.*

Às *boas* e às *más horas* se refere D. Francisco Manuel de Melo, nos *Apólogos dialogais,* pág. 41: «... não ha cousa na boca dos homens tão frequente, como *em boa hora, & má hora, hide com as horas más, vinde com as boas horas; huma hora muito fermosa, nas horas de Deus.*»

Em vez de *em boa hora, em má hora,* também se diz: *nas boas horas, nas más horas.*

Há ainda as *horas abertas,* que são três momentos da maior atenção popular: as «Ave-Marias» da manhã, as do meio-dia, e

[1] Apud *Dic.* de Vieira, vb. *infortunado.*

as da noite, momentos que, segundo o povo, coincidem com o nascimento, a morte e o entêrro do sol.

XXXIV

Entrar com o pé direito

Começar emprêsa ou negócio debaixo de bons auspícios; ser protegido pela sorte: «*Entrou com o pé direito* em casa da morgada. Ao cabo de alguns meses, a viúva depositava nele inteira confiança.» (Delfim Guimarães, *Arès do Minho.*)

Em geral, os fenómenos que ocorriam ao lado direito eram, para os antigos, um sinal propício; e, pelo contrário, era para temer um sinistro, se o facto acontecia à esquerda. Efectivamente, o vocábulo latino para designar a mão esquerda era *sinistra.*

Para sair do templo, ou para começar a dança, diz Fernando Nicolay [1], adiantava-se primeiramente o pé direito; e, ao levantar-se da cama, o pé direito era também o primeiro que se calçava. Diz ainda aquele autor que o imperador Augusto supôs que uma sedição promovida entre os soldados da sua guarda fôra devida a ter êle calçado no pé esquerdo o sapato do pé direito. Porêm, segundo A. C. de Méry [2], a suspeita do imperador derivou de lhe terem calçado o pé esquerdo antes do direito.

Os Romanos atribuiam grande importância à entrada nos templos com o pé direito; fazê-lo com o pé esquerdo era considerado como presságio sinistro [3]. De casa só se devia sair, também, com o pé direito [4].

*

Estas superstições chegaram até nós e vivem ainda — e bem arraigadamente — no espírito do povo. Na crença popular, o lado esquerdo é agoirento.

Quando se entra pela primeira vez na casa que se vai habitar, ou numa casa onde se vai tratar de negócio ou pretenção; quando se toma logar num carro ou num navio; quando se entra ou sai de casa: deve ser sempre com o pé direito. A esta última versão se referem as *Constituições Sinodais* do bispado de Lamego, de 1639, liv. v, tit. VIII, cap. 3.º, onde se lê: «... outra

---

[1] *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres*, tradução em caslhano por Juan Bautista Enseñat, Barcelona, 1904, vol. I, pág. 231.

[2] *Histoire générale des proverbes*, I, pág. 193 (Paris, 1828-29).

[3] Idem. *ibid.*, I, p. 193.

[4] Fustel de Coulanges, *A cidade antiga*, tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, pág. 384.

especie de superstição ha: ... ou entrando em caza, ou saindo, faz mysterio, de ser primeiro com hum dos pés, mais que com outro...»

Conta Eduardo Zamacois, num artigo intitulado *Las Supersticiones en el Teatro,* publicado in *La Ilustración Española y Americana,* ano LIV (1910), pág. 177, que Filipe Vaz, actor hespanhol de grande mérito, ao sair de sua casa procura fazê-lo sempre com o pé direito; e, se não o consegue, sobe outra vez a escada e torna a descê-la, repetindo esta fastidiosa operação as vezes necessárias para conseguir o seu intento.

*

Na crença popular, a mão direita é de Deus, ao passo que a esquerda pertence ao Diabo. Talvez daí provenha a locução *casar com a mão esquerda,* no sentido de «amancebar-se», visto que a mancebia é contrária às leis da igreja católica.

Havia entre os antigos o preconceito de não se comer com a mão esquerda (a *sinistra*), a qual era considerada como suspeita de furto [1].

O Credo ensina que Jesus Cristo está sentado à mão direita de Deus-Padre.

Fernando Nicolay [2] cita esta pregunta de um autor: «¿Como se explica que em nossos dias a maioria das crianças, assim que podem escolher um objecto, estendem instintivamente a mão direita, antes mesmo de serem dotadas de compreensão?» Responde Nicolay: «Esta preferência que damos ao emprêgo da mão direita sôbre a esquerda revela, segundo alguns sábios, uma causa histórica e hereditária que ascende ao berço das raças indo-europeias, nas quais a mão direita foi em tódos os tempos e é ainda a mão nobre por excelência, aquela de que se servem os homens de categoria superior em todos os actos ordinários; ao passo que a esquerda era, e é ainda, a mão impura, a que empregam os párias e os escravos.»

*

Entre as muitas superstições a respeito do *lado esquerdo,* em geral, conheço as seguintes:

a) É muito usado no Pôrto (nas ruas mais afastadas do centro da cidade), Beira, etc., pregar na porta da casa uma fer-

[1] A. C. de Méry, obra citada, pág. 308.
[2] Obra citada, pág. 117.

radura do pé esquerdo e com número pernão de buracos, por causa das bruxas, do arejo, etc. [1]

b) Nos Açores é costume pregar no mastro da ré uma ferradura do pé esquerdo de uma mula, para livrar de raios [2].

c) O chifre esquerdo de carneiro branco, é um dos amuletos contra as bruxas.

d) Em certas práticas supersticiosas a mão esquerda é que executa todo o trabalho, como, por exemplo, no processo de desembruxar crianças, tratado in *A Tradição*, I, pág. 111.

e) Crê o povo que, quando uma das nossas orelhas se faz muito vermelha, está alguêm a falar de nós: em bem, se é a orelha direita, em mal, se é a esquerda.

f) Um dos nomes do diabo é *Canhoto* (Cf. o esconjuro popular: *cruzes, Canhoto!*)

*

Há certas formas rituais e certas praxes da sociedade em desfavor do lado esquerdo.

Assim, no casamento morganático, ou «casamento de mão esquerda», o noivo não comunica à noiva a sua nobreza, e o matrimónio não concede à mulher os direitos de família e de posição que, no casamento ordinário, as leis conferem à esposa. No casamento, segundo o rito católico, o noivo coloca a mão direita sobre a mão direita da noiva, recebendo então a benção nupcial. Num banquete, numa solenidade, em qualquer reunião de etiqueta, em passeio, etc., dá-se o lado direito às pessoas a quem se quere demonstrar maior consideração. É incivilidade cumprimentar qualquer pessoa dando-lhe a mão esquerda para apertar.

Temos as locuções: *a*) *Fazer-se esquerdo* = Fingir que não ouve; não prestar o seu apoio ou não dar o seu consentimento a alguma coisa; desculpar-se, esquivar-se; ir contra a razão, contra a justiça, contra o dever; *b*) *Ser esquerdo de um olho* = ser torto, vesgo, zanaga (como se sabe, há crenças supersticiosas contra os vesgos, como por exemplo, a de que tudo nos corre mal quando, achando-nos em jejum, encontramos algum em qualquer parte); *c*) *Deitar tudo à mão esquerda* = tomar tudo à má parte, deitar-lhe sal, apreciar com mau sentido.

Camilo Castelo Branco, nos *Brilhantes do Brasileiro*, alude aos *fados esquerdos*: «Êste plano, se viesse a realizar-se, era original, a meu ver; mas não sei que *fados esquerdos* se atravessam

---

[1] Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, § 223.

[2] Teófilo Braga, in *Harpa*, 1876, pág. 61.

aos projectos épicos em matéria de casamento, se a poesia depende de uma casinha colmada, à ourela de um regato, com seis pés de couve na horta, e por cima lua, sol, estrêlas e ar à discreção.»

XXXV

Légua da Póvoa

Grande distância.

Antigamente, a légua designava uma medida itinerária, cuja extensão variava de região para região, de povo para povo. Geralmente mediam-se as léguas e as meias léguas pelas distâncias das povoações. Contava-se uma légua, se estas eram muito afastadas umas das outras; contava-se meia légua se as distâncias eram pequenas.

A *légua da Póvoa* era a distância entre Sacavêm e a Póvoa de Santa Iria, que regula por nove a dez quilómetros.

A expressão *légua da Póvoa* não se emprega apenas como designação de medida itinerária, mas também para indicar extensão, comprimento ou longa duração, como nestes exemplos: «Discurso maior que a *légua da Póvoa*»;—«Nariz comprido como a *légua da Póvoa*»;—«Noite tamanha como a *légua da Póvoa*».

*

Como disse, a extensão das léguas variava de região para região, de povo para povo.

Um provérbio de Bragança [1] diz: *Quem quiser saber como as léguas são, vá de Izeda [2] a Santulhão [3]; e se quiser saber a verdade, vá de Bornes [4] à Trindade [5].*

No jornal *Portugal*, de Lisboa (n.º 103, de 3-VIII-900), vem êste ditado do povo de Vizeu, recolhido por Leite de Vasconcelos:

A maior légua da Beira
é das Antas à Maceira;
Quem as quiser andar,
é da Guarita ao Carregal;
Quem as quiser medir,
é de Vizeu a Fail;
Quem quiser saber o que elas são,
vá do Botulho ao Botão.

---

[1] Ouvi-o a um indivíduo natural do concelho de Vinhais, distrito de Bragança.
[2] Concelho de Bragança.
[3] Concelho de Vimioso.
[4] Concelho de Macedo de Cavaleiros.
[5] Concelho de Vila-Flor.

Das léguas do Alentejo fala Rodrigues Lôbo (*Côrte na Aldeia*, diálogo XVI): «Fazem eles muito bem (disse Solino) que há uns livros sem estalagens, tão compridos como *léguas do Alentejo*, que os deixa um homem muitas vezes ao signal da cruz, por se não atrever aos levar de um trago.»

Com as léguas do Alentejo se relacionam os provérbios: a) *Quem quere aprender a andar, vai de Arronches a Assumar; quem quere outra légua assim, vai de Elvas a Vila Boim* [1]; b) *Quem quere ir buscar a Morte, vá de Assumar a Monforte* [2].

A expressão *légua da Póvoa*, como designadora de medida itinerária, tem entre nós a variante de *légua que a vélha mediu* ou *légua das que a vélha mediu:* «... Queremos estar às 7 da manhã em Povos. ¿Quantas léguas fazem cá? — Sete, *das que mediu a velha* — disse o estalajadeiro.» (Camilo, *Filha do Regicida.*)

*

Segundo o dicionário de Bescherelle, os franceses tinham a sua *lieue de pays*, que diferia da légua comum e cuja extensão era determinada pelo uso de uma ou outra região.

Paulo Sébillot na sua *Littérature orale de la Haute-Bretagne* (Paris, 1881) insere esta expressão, alusiva à légua de Lamballe: *I'y a une léieue* (lieue) *mesure de Lamballe.* Em nota, diz o escritor: «Les mesures de Lamballe, ancienne capitale du duché de Penthièvre, étaient de forte capacité.»

Hernan Nuñez, nos seus *Refranes*, inclue o provérbio castelhano: *Legua por legua, de Calabaçanos a Palencia; y si quieres otra tal, de Dueñas al Rebollar.*

XXXVI

Mais vale um pássaro na mão, que dois a voar

Variantes:

a) **Mais vale um pássaro na mão, || que dois que voando vão.**

b) **Mais vale um passarinho na mão, que dois que vão voando.**

---

[1] Joaquim Silveira, *Ditados tópicos*, in *Rev. Lus.*, XI, pág. 353. Já António Tomás Pires recolhera êste ditado em Elvas e o publicara na mesma *Rev.*, I, pág. 60, sob esta forma:

Queim quer aprender á'ndári,
vá d'Arronchis ó Assumari;
Queim quer ôtra legu' ássiim,
vá d'Elvas a Viilla-Boiim.

[2] De *O Elvense*, de 12-III-91.

Num códice do século XVI: a) *Mais vale um passaro na mão que dous...*; b) *Mais quero hum passarinho na mão...* [1].

Indo-português: *O pássaro na mão é igual a dois no oiteiro* [2].

Alemães: a) *Besser einen Sperling in der Hand, als eine Taube auf dem Dach;* b) *Ein Vogel in der Schüssel ist besser als hundert in der Luft.*

Dinamarquês: *Bedre een Fugl i Haanden end to paa Taget.* (Um pássaro na mão é melhor que dois no telhado) [3].

Franceses: a) *Un moineau dans la main vaut mieux qu'une grue qui vole;* b) *Le moïneau dans la poêle vaut mieux que l'oie qui vole;* c) *Mieux vaut moineau en cage, que poule d'eau qui nage;* d) *Moineau en main vaut mieux que pigeon qui vole.*

Hespanhóis: a) *Más vale pájaro en mano, que buitre volando;* b) *Más vale pájaro en mano, que ciento volando.*

Holandeses: a) *Beter eene vogel in de hand dan tien in de lucht.* (É melhor um pássaro na mão, que dez no ar); b) *Een vogel in de hand is beter dan twee in de vlugt.* (Um pássaro na mão é melhor que dois voando) [4].

Inglês: *One bird in the hand is worth two in the busch.*

Italianos: a) *È meglio un uccello in gabbia, che cento fuori;* b) *E meglio pincione in mano, che tordo in frasca;* c) (século XVIII) *Meglio è fringuello in man, che tordo in frasca.*

Ceiloense: *Hum pastro ne man tem mais bom do que dôs ne mato* [5].

Loures, 9 de Fevereiro de 1918.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

---

[1] Apud Sousa Viterbo, in *Portugalia*, I, pág. 532 e 533.
[2] Sebastião Rodolfo Dalgado, *Dialecto indo-português do norte*, in *Rev. Lusit.*, IX pág. 207.
[3] Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*
[4] Idem, *ibid.*
[5] Tavares de Melo, *Folklore ceiloense*, in *Rev. Lus.*, X, pág. 110.

AMOSTRA

DE

TOPONIMIA PORTUGUESA

No estudo da nossa Toponimia podemos formar três secções maiores: nomes de lugar, classificados por lingoas; modos de formação toponimica; categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origem (flora, fauna, natureza do solo, história, religião, etc.).

Vou exemplificar isto que digo.

I. **Nomes de lugar, por lingoas**

Temos nomes de lugar pre-romanos, romanos, germanicos, arabicos, de procedencia vária, e portugueses propriamente ditos.

Nomes pre-romanos.—No que toca aos nomes de lugar de procedencia pre-romana, a nossa nomenclatura, infelizmente, não é rica. Poucos são os nomes actuaes a que corresponda um étimo lusitano: *Braga*, de *Brágara* (sec. XI), *Brágala* (sec. XI), *Brágaa* (sec. XII-XV), Bracara, palavra que originariamente é adjectiva,—*urbs* ou *civitas* Bracara, nominativo singular feminino de *Bracari*, nome etnico; *Idanha*, de *Igaeditania, nome da capital dos *Igaeditani; Guadiana*, ou *Odiana*, de Ana. Como tratei d'este assunto nas minhas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1911, pag. 328-338, escuso de repetir o que já escrevi, e envio para lá o leitor. Alguns nomes antigos presume-se a que lingoas pertencem: assim os nomes em *-briga*, como Conimbriga, tem-se por celticos, pelo menos no que toca ao elemento *-briga*, que significa «altura», «castelo» [1]; talvez tambem seja celtico Ebora, d'onde veio *Evora* [2], e Equábona,

[1] Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 59 e n. 2.

[2] Vid. *O Arch. Port.*, V, 333; e cfr. Gröhler, *Ueber Ursprung und Bedeutung der französischen Ortsnamen*, I (1913), 101.

d'onde veio *Côina* [1]. Outros tem étimo obscuro. Ha nomes modernos que não provém directamente dos nomes antigos que lhes correspondem na literatura classica, mas provém d'eles por meio de sufixos: assim *Mondego* não vem de Monda, mas do adjectivo *Mondaecus, que é possivel fosse na origem o epiteto ou o nome de uma divindade fluvial *(fluvius *Mondaecus)* [2]. Não é raro que um nome proprio dê origem a derivados, o que tambem se vê em Tagonius, nome de um afluente do Tagus, na Hespanha, ao qual hoje corresponde «Tajuña» [3].

Nomes romanos.—A mór parte das vezes não póde dizer-se se um nome moderno de origem latina data da epoca lusitano-romana, ou se se aplicou já depois de constituida a lingoa portuguesa; contudo ha alguns que ascendem positivamente a essa epoca, e outros que devem tambem ascender [4]. Por exemplo: *Beja*, a que correspondia na epoca romana Pax *(Iulia)* [5]; *Chaves*, a que correspondia *(Aquae)* Flaviae [6]; *Sagres*, a que correspondia Sacris [7]; *Monsanto* (Lisboa), palavra que traduz Mons sacer [8]; *Castendo* (Beira-Alta), que vem de castanetum, por intermédio de **Castaendo*, **Castãedo; Correlhã*, que vem de (*villa*) Corneliana, por intermédio da fórma medieval *Cornelhãa*, que se deduz de *Cornelaa* e *Corneliaa*, mencionadas, ambas sem til, e aquela sem *h*, em documentos do sec. XIII [9]; *Fão*,

---

[1] *Religiões*, II, 59-60.

[2] *Religiões*, III, 87, n. 1.

[3] A. Schulzen nos *Neue Iharbücher f. das klass. Altertum*, XXXI, 469. — Provavelmente o étimo imediato é *Tagonia, fem. de Tagonius.

[4] Para orientação do leitor lembrarei que a epoca lusitano-romana começa no sec. II a. C., e que a Lusitana se deve considerar conquistada pelos Romanos no ano de 25 antes da nossa era. No sec. V vieram os Barbaros; todavia, se o dominio romano terminou no reinado de Suíntila (620-631), que chegou a governar toda a Hispania, nem por isso a influencia dos Romanos cessou, porque não só os Barbaros, mas os povos indigenas, se fundiram pouco a pouco com aqueles, a ponto de se tornar nacional a lingoa latina, origem da nossa. Em que momento da evolução da lingoa latina começa a portuguesa? É impossivel responder com exactidão a esta pergunta; quando muito, poderemos dizer que entre o sec. V e o IX. Ocupei-me d'estes assuntos nas *Religiões da Lusitania*, III, 151-152, 550, e 578-579, e na *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 11-12. — Uma lingoa não se fórma de repente, mas de vagar, e não logo em toda a extensão, mas por partes: quando o latim petra se havia transformado em *pedra*, que é já português, ainda o lat. mola, d'onde depois veio *moa*, *mó*, conservava o *-l-* intervocalico; quando o genitivo plural latino casarum havia muito que fôra substituido pela perifrase romanica *de casas*, ainda na terra portucalense se dizia ou se escrevia *Godínizi*, genetivo singular, agora representado pelo apelido *Godins*, que existe no Alentejo.

[5] *Lições de Philologia Portuguesa*, pag. 37 e n. 2.

[6] *Lições*, p. 334.

[7] *Lições*, p. 43.

[8] *Lições*, p. 336.

[9] A. A. Cortesão, *Onomastico medieval português*, Lisboa, 1912, pg. 91.

que vem de fanum [1]; *Cividade*, que vem de civitatem (a fórma comum é *cidade*); *Murtede*, que vem de murteti, locativo ou genetivo de murtetum «murtal»; *Castro* ou *Crasto*, com os seus deminutivos *Crastelo, Crestelo*, *Cristelo* (erradamente escrito com *h*, i. é, *Christello*), cuja base é o latim castrum [2]; *Beselga*, de basilica. É provavel que datem tambem de epocas antigas: *Agoas Santas*, *Fonte Santa, Rio Santo*, pois na origem exprimem ideias págans [3]. Vid. outros exemplos no *Archeologo Portug.*, XVI, 163.

Nomes germanicos.—Abundam em Portugal os nomes topograficos de origem germanica, uns que datarão dos primeiros tempos (sec. V-VII), outros que datam principalmente da epoca da reconquista aos Arabes (do sec. VIII em diante). Sobre este assunto ha estudos importantes de Alberto Sampaio, Pedro de Azevedo, Meyer-Lübke e Von Grienberger: vid. *As «villas» do N. de Portugal* do primeiro d'estes autores, e *Rev. Lusitana*, VI 47 ss, e IX 393 ss. Tem, por exemplo, origem germanica os nomes *Adorigo, Guilhufe*, *Guimarei*, *Salamonde*, *Telões*. Os nomes germanicos são em maior número no Norte do país e na Beira, do que na Extremadura e no resto do Sul; os que aqui houve, ou devia haver, foram na maxima parte apagados pela dominação arabica. Vid. o § seguinte.

Nomes arabicos.—No tempo da dominação arabica, que começou por 711, podemos, para comodidade do estudo, considerar dividido pelos rios em tres zonas todo o territorio que hoje se chama Portugal: da fronteira septentrional ao Douro, do Douro ao Tejo, e do Tejo ao Guadiana.

Na 1.ª zona a influencia dos novos dominadores foi quasi nula, apesar de logo em 712 estar Musa na Galiza [4].

Na 2.ª zona as povoações que ficam entre o Douro e o Mondego, e as que ao Sul do Mondego fazem parte do que depois se denominou «comarca da Beira» pertencem, do sec. VIII ao XII, ora aos Arabes, ora aos Cristãos,—tantas são as conquistas e

---

1 *Religiões da Lusit.*, III, 597.
2 *Religiões*, II, 82.
3 *Religiões*, III, 597.
4 Herculano, *Hist. de Portugal* (sirvo-me da 5.ª ed.), I, 53; Sampaio, *As «villas»*, p. 8. Excursões de Ordonho I e Ramiro II na Galiza: Herculano, I, 133 e 141. Acêrca de Tras-os-Montes cfr. porém os meus *Estudos de Philologia mirandesa*, II, 9.

reconquistas! Afonso I das Asturias (reinou de 739 a 757) penetra com mão armada pelo territorio inimigo até o Douro, e chega a Viseu [1]; Afonso III, que reinou de 866 a 909, conquista Lamego, Viseu, Coimbra, e leva as suas armas até Idanha [2]. Mas as terras da Beira voltam ao poder mahometano (embora os documentos aí revelem a permanencia de várias populações cristãs ou moçarabicas): Almançor, 1.º ministro de Hixen II, califa de Córdova, toma Coimbra em 987 [3], e Montemór e Aguiar em 990 ou 1000 [4]; D. Fernando I, rei de Lião & Castela, retoma em 1057 Viseu [5], e em 1064 Coimbra [6], onde estabelece a séde de um condado ou distrito [7]. No 1.º quartel do sec. XII os Sarracenos cercam Miranda e Coimbra, e tomam os castelos de Santa Olaia e Soure [8]; D. Teresa restaura os castelos da fronteira meridional do distrito de Coimbra por 1121 [9], mas em 1144 os Cristãos sofrem um revés ao pé de Soure [10]. No territorio correspondente hoje á Extremadura Cistagana, ou Aquem-Tejo, bem como na 3.ª zona, a dominação foi mais intensa e duradoura. As conquistas feitas na Extremadura por Afonso VI de Lião & Castela em 1093 [11], e pelo conde D. Henrique em 1109 [12] não se conservam; em 1137 os Cristãos são derrotados em Tomar [13], em 1140 perdem o castelo de Leiria, fundado por D. Afonso Henriques cinco anos antes [14]. É só em 1147 que o tracto de terra que vai do Mondego ao Tejo, pertence de vez a D. Afonso Henriques, que conquista Santarem, Lisboa e Sintra.

O mesmo rei conquista na mesma ocasião Palmela [15], que fica já na 3.ª zona. Em 1249-1250 D. Afonso III dá finalmente a Portugal como limites meridionais e naturais o mar do Algarve [16].

Estes factos historicos explicam a nomenclatura geografica. Ao invés do que sucede com os nomes germanicos, que predominam no Norte e na Beira, rareando no Sul, os nomes arabicos rareiam no Norte, e vão aumentando da Beira para baixo.

Alguns exemplos, tomados da *Chorographia de Portugal* de J. M. Baptista, t. VI (1878), tornarão palpavel o que digo:

---

1 Herculano, I, 129; Sampaio, pag. 8.
2 Herculano, I, 134.
3 *Chronicon Conimbricense*, nos *Port. Mon. Hist.*, pag. 2; Herculano, I, 150.
4 *Chron. Conimbr.*, pag. 2; Herc., I, 152.
5 *Chron. Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 162.
6 *Chron. Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 163.
7 Hercul., I, 188.
8 *Chron.*, *Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 252.
9 Herc., I, 279.
10 Herc., I, 355.
11 Herc., I, 191; G. Barros, *Hist. da administração*, II, 5.
12 Herc., I, 208 e nota 2,
13 Herc., I, 309-310.
14 Herc., I, 309 e 331.
15 Herc., I, 361-402.
16 Herc., III, 8.

Alcantara, e o seu derivado *Alcantarilha*, do arabe al-cantara «a ponte» [1], não aparecem no Norte, nem na Beira, e só aparecem na Extremadura, no Alentejo e no Algarve.

Alcaria, e o seu plural *Alcarias*, do arabe al-caria «a aldeia», «a aldeola» [2], aparecem:

no Entre-Douro-e-Minho .	uma vez,
na Beira	quatro vezes,
na Extremadura	sete vezes,
no Alentejo.	vinte e cinco vezes,
no Algarve	vinte e duas vezes;

além d'isso ha *alcarial*, nome derivado de *alcaria*, o qual, quanto sei, só se usa no Sul: pelo menos só o ouvi no Alentejo [3].

Almada, do arabe al-madan «a mina» [4], não aparece no Norte nem na Beira, e só aparece na Extremadura e no Algarve.

Mesquita, e o seu deminutivo *Mesquitela*, do arabe maçged «templo», por intermédio de uma fórma grega [5], aparecem:

no Entre-Douro-e-Minho. .	uma vez,
na Beira.	tres vezes,
na Extremadura.	cinco vezes,
no Alentejo	onze vezes,
no Algarve.	sete vezes;

ainda admitindo que algumas das *Mesquitas* provenham de apelidos de donos de propriedades, quintas ou fazendas, a proporção é eloqüente. O deminutivo *Mesquitela* pressupõe *Mesquita*, e como não coincide com nenhuma das *Mesquitas* citadas, creio que posso aqui aproveitá-lo.

Odi-, «rio», em *Odiana*, *Odiáxere*, *Odivôr* (e *Divôr*), *Odearce*, *Odeleite*, *Odelouca*, *Odemira*, *Odesseixe*, *Odivelas*, *Degebe* (no sec. XIII *Udygebe*) [6], só aparece no Sul.

[1-2] Vid.: Sousa & Moura, *Vestig. da ling. arabica*, Lisboa, 1830, p. 28; e David Lopes, *Toponimia arabe de Portugal*, Paris, 1902, p. 16.

[3] *Religiões da Lusitania*, III, 175, n. 9.

[4] Sousa & Moura, *Vestigios*, p. 52; David Lopes, *Toponimia*, p. 18-19.

[5] David Lopes, *Trois faits de phonétique*, Paris, 1906, p. 6 ss.

[6] Cf. *Lições de Philologia Portuguesa*, p. 27.

Neste estudo de geografia lingüistica não devemos iludir-nos com palavras como *Alcaide*, *Aldeia*, *Atalaia*, *Azenha*, que são ou foram do lexico quotidiano de todo o país, e que podem ter sido aplicadas como designações geograficas já depois de introduzidas nele: nada provariam por tanto para o meu caso. Nas mesmas circunstancias estão palavras como *Albufeira* e *Almargem*, que são da lingoa meridional, ou, ao mesmo tempo, da do Sul e da da Beira.

Nomes de procedencia vária. — Da Hespanha veio *Aranguez*, nome de uma quinta em Setubal: Aranjuez em hespanhol. De França veio *Recamador* (sec. XIII) [1]. Do Brasil, como parece, veio *Mocambo* (Lisboa) [2].

Nomes portugueses propriamente ditos. — Incluo nesta classe os nomes que foram, ou podem ter sido, aplicados já depois de constituida a lingoa portuguesa, e compreendendo pois nela nomes provenientes de todas as fontes que formam o nosso lexico: por exemplo, *Lousa*, que é nome pre-romano; *Seixo*, que é de origem latina; *Albergaria*, de *albergue*, que é de origem germanica; *Alfarrobeira*, de *alfarroba*, que é de origem arabica. Isto é: nomes proprios que provém de nomes comuns, ou que se formaram com elementos morfologicos da lingoa comum. Tambem ha nomes proprios que podem ter vindo de fóra como taes, mas que se adaptaram á nossa gramatica, por exemplo o citado *Recamador* (vid. a nota 1). Os nomes de origem portuguesa, no seu estado actual, tem datas de nascimento mui diversas entre si: alguns são modernissimos, v. g. *Avenida do Almirante Reis* (Lisboa), outros, como se patenteia da sua morfologia, v. g. *Suatorre* ou *Soatorre* = so(b) a torre, *Val-bôa* (com *val* feminino < > lat. vallis), e da sua relação com instituições desaparecidas, v. g. *Bèsteiros* e *Forca*, ascendem a epocas antigas.

(Continúa)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] Cortesão, *Onomastico*, p. 288.—De *Rocamador*, i. é, *Rocamadour*, Sul da França. Acêrca da congregação de Rocamador em Portugal, nos docc. medievais *Rupe Amatoris*, vid. Gama Barros, *Hist. da administr.*, I, 251, n. 8, e II, 404.

[2] Bluteau, *Vocab. Port.-Lat.*, s. voce.

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.ª série)

(Continuação do vol. xx da *Rev. Lusit.*, pág. 5-39)

XI

Cancioneiro

I

Ó ponte do Ave, recreio,
Adeus, capela dos Passos;
Adeus, Igreja de Cristo,
Onde se formam os laços [1].

Adeus, rua de S. Bento,
Onde o meu amor passeia,
Grades do Campo Novo [2]
Onde o sol *arredondeia*.

Grades do Campo Novo
Onde o sol *arredondeia*,
E mais acima se avista:
Adeus, Largo da Cadeia [3].

Adeus, Largo da Cadeia,
No meio tem a Relação;
Mais acima se avista
O largo da Feira do Pão.

Adeus, largo da Feira do Pão,
Adeus, Senhor da Cana Verde;
Hei-de virar as costas ao mundo
E o coração para êle.

Adeus, Senhor da Cana Verde,
Adeus, Largo dos Carvalhais [4];
Hei-de virar as costas ao mundo,
Adeus, para nunca mais.

Adeus, Lugar do Tapado [5],
Adeus, Casa do Retiro;
Eu não posso ir acabar
A minha vida contigo.

Adeus, lugar do Urgal [6],
Me deixas a minha paixão,
Onde eu tenho e não nego
Um amor do coração.

Adeus, lugar do Fial [7],
Onde formei meu intento;
Agora dera dinheiro
E não me viesses ao pensamento.

Até às pedras da rua
Eu devo obrigações,
Que guardaram meus segredos
Em certas ocasiões.

Ai li,
Ai lé,
Raparigas do Picoto [8],
Lambareiras do café.

---

1 A descrição da vila de Santo Tirso, que vai lêr-se, e que nos dá preciosas informações sôbre antigos nomes de lugares, foi colhida por mim na freguesia de Areias. Cfr. A. Pimentel, *Santo Thyrso de R. d'Ave*, pág. 72.

2 O Campo Novo ficava no lugar do actual jardim.

3 A cadeia acaba de ser mudada.

4 A feira do gado realizava-se no Campo Novo, mudando depois para o Largo dos Carvalhais, hoje muito melhorado.

5 O Lugar do Tapado fica no caminho que desce dos Carvalhais para o Matadoiro.

6 O lugar de Urgal fica entre Santo Tirso e a freguesia de Santa Cristina do Couto.

7 O lugar do Fial fica também para os lados de Santa Cristina.

8 Lugar na vila de Santo Tirso.

2 Em Santo Tirso anda a morte,
Na Palmeira a sepultura;
Em Avidos anda a chança,
Em Areias a *fermosura*.

3 Adeus, Igreja de Areias,
Cercada de pinheirais;
No meio tem um castelo,
Onde combatem meus ais [1].

4 Adeus, freguesia de Areias,
Deixar-te muito me *pêsa*;
Ainda espero de voltar
Ao centro da natureza [2].

5 As raparigas de Areias
São bonitas e donzelas;
E os rapazes de Avidos
Dão a vida por elas.

6 As raparigas de Areias
São baixinhas e còradas;
As da freguesia da Palmeira
São compridas e *romeladas*.

7 Ó raparigas de Areias,
Encostai o c. ao valo;
Aí veem as da Palmeira,
Ferradoras de cavalo.

8 Trigueirinha engraçada,
Mulhereira (?) afamada;
Lama, Sequeirô, Landim,
Não há oitra *coma* mim [3].

9 Freguesia da Palmeira,
É muito aduladeira;
De inverno tudo é lama,
De verão tudo é poeira [4].

10 O casar anda em moda,
'stá a chegar à Palmeira;
Raparigas de Lousado [5],
Já podeis botar bandeira.

11 Freguesia de Avidos [6],
Cercada de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos [7].

12 Aldeia de S. Martinho,
De pequenina tem graça;
Tem a fonte no caminho,
Dá de beber a quem passa.

13 Eu pintei a cana verde
Na Igreja de Bougado;
Pintei-a da côr da rosa,
Saiu-me da côr do cravo.

....
Na ponta do teu nariz;
Eu pintei a cana verde,
Eu pintei-a como eu quis.

....
No Santo António da Maia;
Também a hei-de pintar
No vivo da tua saia.

....
Eu pintei-a em Lordelo;
Também a hei-de pintar
Nas ondas do teu cabelo.

14 Atiraste-me pedrinhas
Ao fôrro da minha saia;
Minha mãe não me criou
Para os garotos da Maia.

15 Tôda a môça que é janota,
Lá da banda de Valongo,
Veste saia sôbre saia
P'ra fazer o c. redondo.

16 Dizeis que viva a *Remalda* [8],
Não sei que graça lhe achais!...
Terra de milho miúdo,
Alimento dos pardais.

---

[1] Cfr. *Santo Thyrso de R. d'Ave*, pág. 68.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 304.
[3] Atribui-se o dito a uma mulher vaidosa, que o repetia ao ver-se ao espelho.
[4] Também ouvi: *Freguesia de S. Martinho.*
[5] Lousado é uma freguesia de Famalicão, vizinha da freguesia da Palmeira.
[6] Do concelho de Famalicão, sendo vizinha de Areias e Palmeira.
[7] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 305, e *Santo Thyrso de R. d'Ave*, pág. 68.
[8] Ramalde?

17 De Lisboa me mandaram
Um guisado com seu môlho;
As costelas duma pulga,
O coração dum piolho [1].

18 Se o mar tivesse varandas,
Ia-te ver ao Brasil;
O mar varandas não tem,
Meu amor, por onde hei-de ir [2]?

19 Aqui-del-rei! quem acode
À rua de Salamanca?
A mulher a dar no *home*
Às mãos ambas c'uma tranca.

20 Eu passei o rio Ave
Numa maçã vermelhinha;
Rio Ave, não me leves,
Que eu sou muito *pequeninha!*

....
Numa maçã camoês;
Rio Ave, não me leves,
Deixa-me p'ra outra vez.

21 Caneiro do Rio Ave,
Alagado sejas tu!
Era meia noite em ponto,
Escorreguei, caí de c...

....
Deixa passar os peixinhos;
Quem namora às escondidas
Dá abraços e beijinhos.

22 No tempo das romarias
Andam as mulheres contentes;
Elas fora e elas dentro,
Arreganhando os dentes.

23 Senhora das Dores,
O vosso menino;
Às noutes são grandes,
Êle é pequenino.

Êle é pequenino,
Mas é bem criado;
Filho duma rosa
E neto dum cravo!

Senhora das Dores,
Que tam alta 'stais;
No céu e na terra,
Bendita sejais.

Bendita sejais,
Senhora das Dores;
Ouvi nossos rogos,
Mãe dos pecadores.

Mãe dos pecadores,
Mãe da piedade;
Pedi ao Senhor
Pêla cristandade.

Pêla cristandade
Não *la* sei pedir;
Não sou merecedora
Do Senhor me ouvir.

Do Senhor me ouvir
Estas poucas palavras;
Minha alma se alegra
Em ver que se salva.

Senhora das Dores,
O vosso telhado
Ao longe parece
Ourinho lavrado [3].

Senhora das Dores da Maia,
Na verdade vo-lo digo;
Não torno cá outro ano
Sem trazer amores comigo.

Senhora das Dores,
Vós não permitais
Que eu viva, nem morra,
Em pecados mortais.

24 Senhora da Livração,
Abri os portais p'ró lado;
Livraste o vosso filho
Das correias de soldado.

....
Tende-lo pilar de pedra;
Bem o puderas ter de ouro,
Ou de prata, se quiseras.

---

[1] Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, v. IV, pág. 54.

[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 307, n.º 37, e 10, pág. 141, n.º 600; e Tomás Pires, *Cantos*, págg. 341 e 342.

[3] A romaria da Senhora das Dores realiza-se na capelinha do mesmo nome em S. Martinho de Bougado.

....
Tem uma âncora na mão,
Que lhe deram os anjinhos
Na manhã de S. João.

....
Tende-lo pilar de vidro,
Que vos deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.

....
Que é do vosso guião verde?
Ficou em Santa Clara
Encostado à parede.

....
De roda de vós andei;
Por causa de vosso filho
Muita lágrima chorei [1].

25 Santa Luzia, na Trofa,
Sant'Ana, em Ribeirão [2];
Santo *Ouvido*, no Castêlo [3],
Santa Olaia, em S. Romão.

26 Ó milagrosa Sant'Ana,
Ó milagrosa santinha;
Hei-de vos beijar a mão,
Hei-de vos chamar madrinha.

27 Santo Amaro de Paredes,
Tem uns sapatinhos brancos,
Para dançar co'as môças
Domingos e dias santos [4].

28 A treze de Junho o Santo António,
Por ser a festa mais nova,
S. João aos vinte-e-quatro,
S. Pedro aos vinte-e-nove.

29 Se *fores* ao S. João,
Trazei-me um S. Joãozinho;
Se não *puderes* co'êle grande,
Trazei-me um pequeninho [5].

S. João, de Deus amado,
Santinho, de Deus querido;
Deparai a minha sorte [6]
Neste copinho de vidro.

30 O Carvalho Santo
Dá *catro* castas de fruito:
Bogalhos e bogalhinhas,
Landres e maçãs de cuco [7].

31 O meu amor *diz* que vinha
Quando a lua viesse;
A lua já cá vem vindo,
Meu amor não me aparece.

....
Quando viesse o luar;
O luar já vai bem alto,
Meu amor não quer chegar [8].

32 Meu coração é um *reloijo*,
Meu peito dá *badeladas!*
Os dias que te não vejo,
Trago-*tas* horas contadas [9].

---

[1] A Senhora da Livração tem uma capelinha em S. Tiago do Bougado onde é muito venerada. A romaria é em fins de Junho.

[2] Concelho de Vila Nova de Famalicão.

[3] Trata-se aqui do Castêlo da Maia. Há também o lugar de Castêlo em Bougado.

[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 308.

[5] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 216, e *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 310.

[6] Creio que haveria equívoco na quadra n.º 76 da *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 310, onde se lê *saúde* em vez de sorte.

[7] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 128. Variante de Montalegre colhida por A. J. Morais Caldas:

O carvalho é mimoso,
Dá no ano quatro frutos;
Dá bogalhos e bogalhas,
Salta-palhas e maçãs cucas.

Salta-palhas são bogalhas pequenas. V. A. C. Pires de Lima, *Jog os e anções Infantis*, pág. 130.

[8] Variante:

O meu amor diz que vinha
Quando viesse o luar;
O luar já lá vem vindo,
Meu amor sem cá chegar.

[9] Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, cit., t. I, pag. 134.

33 Meu amor, anda-me ver
Ao portelinho da horta;
O meu pai não me diz nada,
Minha mãe não se *l'*importa.

34 Minha mãe tanto me ralha
Do que lhe vieram dizer;
Falo quantas vezes eu quero,
Minha mãe sem no saber.

35 Q'antos *morre* e *num* s'*interro*,
Eu sem morrer m'*interrei*;
Q'antos *procuro* e *num acho*,
Eu, sem procurar, achei.

36 À entrada desta vila,
À saida desta terra,
Prometeram-me uma rosa,
Eu não vou daqui sem ela.

37 Chora José no Egito
Seu pai que era Jacob;
Eu *tamêm* choro e grito
Por andar no mundo só.

38 Os meus olhos eram pretos,
Troquei-os acastanhados;
Agora todos me *chamo*
Amor dos olhos trocados.

39 Os sete-estrelos cairam,
Deram na beira do tanque;
Quem vem aqui p'ra te ver
Já te tem amor bastante.

40 Subi ao céu e sentei-me,
Duma nuvem fiz encôsto;
Dei um beijo numa estrêla,
Julguei-a ser o teu rosto.

41 Graças a Deus para sempre,
Já cheguei onde eu queria;
Já me saiu uma nuvem,
Que no meu peito trazia.

....
Já ouvi a tua voz;
Julguei que estava metida
Na casca de alguma noz.

42 Da tua janela à minha,
Do teu coracão ao meu
É um tiro de espingarda,
Quem o dispara sou eu.

43 Hei-de amar tantos anos
Como fôlhas tem o vime;
Indas que eu seja criança,
Não achas amor mais firme.

44 O alecrim ao pé da água
Cresce de noute e de dia;
Meu coração sem o teu
Não pode 'star nem um dia.

45 O sol é que alegra o mundo
Pêla manhã ao nascer;
Meu coração anda triste,
Só se alegra em te ver.

46 Ó vida da minha vida,
Ó vida do meu bem todo;
Quando te eu vejo, me alegro,
Quando te não vejo, morro.

47 Tenho pênas de pavão,
Tenho pênas de escrever;
Mas nenhuma é maior
Como a pêna de te não ver.

48 Salsa da beira do rio
Qualquer raminho tempera;
Mais vale um amor de fora
Que vinte-e-cinco da terra.

49 Amores ao longe ao longe,
Ao perto quem quer os tem;
Quanto mais ao longe ao longe,
Muito mais *lhe* quero bem [1].

50 Amores ao pé da porta,
Amá-los com todo o risco;
Inda que a bôca não fale,
Os olhos sempre *petisco*.

Quem tem amor na aldeia,
Amá-lo com todo o risco;
Inda que a bôca não fala,
Os olhos sempre *empisco*.

---

[1] Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, cit., t. I, pág. 151.

51 É um regalo na vida
Quem tem um amor na aldeia;
Se não lhe falar de dia,
Fala-lhe depois da ceia.

52 Ó meu amor, anda, anda,
Mete raiva a quem a tem;
Quanto mais o mundo fala,
Muito mais te eu quero bem.

....
Que eu quero-te ver andar;
Eu quero ver o teu brio
E mais o teu passear.

53 Dei um nó na fita verde,
Outro no preto rigor;
Inda espero de dar outro
Na mão d'reita *ó* meu amor.

54 Atiraste-me com um cravo,
Com uma fôlha me feriste;
Viste-me correr o sangue,
Nem por isso me acudiste.

55 Quem me dera, dera, dera,
Estar sempre a dar, a dar:
Beijinhos até morrer,
Abraços até acabar [1].

56 Aquela menina é minha,
Aqueles olhos são meus;
Aquele corpo bem feito
Era o que eu pedia a Deus.

57 Lindos olhinhos p'ra ver,
Linda carinha p'ra amar,
Linda boquinha p'ra beijos
Que eu tinha p'ra te dar.

58 Os olhos do meu amor
São dois navios de guerra;
Quando vão pelo mar fora,
Deitam velas para a terra.

59 Quem te pôs o nome—Rosa,
Devia de adivinhar:
Rosa no céu e na terra,
Rosa em todo o lugar.

60 Eu quero-te um bem tamanho,
Que não sei onde te meta:
Dentro do meu coração,
Que é verdadeira gavêta.

61 Eu quero-te um bem tam grande
Com outro mais pequeninho;
Quero-te como a mim mesmo...
Que mais queres, meu anjinho?

62 O coração e os olhos
São dois amantes liais;
Quando o coração tem pênas,
Os olhos dão os sinais [2].

63 Aqui tens meu coração,
Retalha-o como o marmelo;
Depois dêle retalhado,
Verás o bem que te eu quero [3].

64 Quando o sol nasce, inclina
Nas pedras do meu anel;
Também sou inclinada
Aos teus olhos, Manuel.

65 Eu hei-de te amar, amar,
Ou tu queiras, ou não queiras:
Tenho pela minha banda
Duzentas mil feiticeiras.

....
Que te tenho prometido;
Casar contigo... *vai dó!*
Tira daí o sentido [4].

66 Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de Aveiro;
Vamos todos à porfia
Quais te lograrà primeiro.

---

[1] V. *Cantigas Populares* colleccionadas por Francisco Xavier da Silva, pág. 52 (Porto, 1871).

[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 305, n.º 59.

[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 329, n.º 326.

[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 322, n.º 237. *Vai dó!*, segundo a informadora, significa o mesmo que—*Tó rôla!*, isso sim!

67 As pedras do meu anel
E as pedrinhas do teu muro,
Essas é que hão-de jurar
As vezes que te eu *prècuro* [1].

68 Da minha janela rezo
À Senhora das Areias,
Que me traga o meu amor,
Que anda por terras alheias [2].

69 Quem me dera a liberdade,
Que tem a pulga de noite;
Anda de cama em cama,
Sabendo segredos *d'oitre*.

....
Que tem o pano de linho;
Que andara no teu pescoço,
Servindo de colarinho.

70 Êsses teus olhos, amor,
São confeitos, não se *vende;*
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendes.

Êsses teus olhos, José,
São confeitos, não se *vende;*
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendes.

71 Da janela do meu quarto
Vejo eu a de meu sogro;
Eu do pai não *se me importa,*
Pelo filho é que eu morro.

72 Só tu, meu amor, só tu,
Só tu *tivestes* a dita
De entrar no meu coração,
Nessa sala tam bonita.

73 Quem me dera dar um ai,
Que se ouvisse na Baía...
O meu amor lá dissera:
Êste ai donde viria?

74 O meu amor é um anjo,
Eu por anjo o venero;
Se o chego a lograr,
Nada mais do mundo quero [3].

75 Passei pela tua porta,
Pedi-te água, deste vinho;
Quando passares pela minha,
Fala, que eu não adivinho [4]...

76 Assenta-te aqui, António,
Nos bancos do meu tear;
Enche canelas, António,
O povo deixa-o falar.

77 Assenta-te aqui, amor,
Eu numa pedra e tu noutra;
Aqui choraremos ambos,
A nossa ventura é pouca...

78 Eu 'screvi na branca areia
Que te queria muito bem;
Eu 'screvi e risquei logo
Antes que viesse alguêm.

79 Eu hei-de subir *ó* alto,
Ó mais alto que eu puder;
Ó mais alto ramalhinho
Que a oliveira tiver.

....
Botar fitas a voar;
O mèu amor é caixeiro,
Tem muitas para me dar.

80 Pus-me a contar as estrêlas,
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais bonitinha,
Contigo a comparei [5].

....
Com a ponta da espada;
Comecei logo à noite,
Acabei de madrugada.

---

1 Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 326, n.º 285.
2 Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 323, n.º 273.
3 Variante:

Canta, minha voz dum anjo,
Eu por anjo te venero;
. . . .

Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 85.
4 Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 329, n.º 350, e v. 17, pág. 330, n.ºs 332-334.
5 Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 262, e *Cantigas Populares*, cit., pág. 35.

81 Venho aqui de tam longe,
Não venho p'ra ver paredes;
Venho p'ra *vê-los* teus olhos,
Que os vejo poucas vezes.

82 Se a oliveira falasse,
Ela diria o que viu:
Debaixo da verde rama
Dois amantes encobriu.

83 Tenho à minha *jinela*
O que tu não tens à tua:
Uma candeia de prata,
Que *alumeia* tôda a rua [1].

84 Da minha *jinela* à tua
É uma vara medida;
Do meu coração *ó* teu
É uma 'strada seguida.

85 Limoeiro da calçada,
Já *num daides* mais limões;
Qui le cortaro-las guias
Para unir corações.

86 O sol cai *pêla* noute
Na flor do alecrim;
Mas eu 'spero de colhêr
Esta rosa *pera* mim.

87 O meu amor é Domingos...
Tirando-lhe os dias santos,
Eu como te hei-de apartar,
Dominguinhos, entre tantos?

88 Manuel, pano fino,
Todo picado da traça;
Todo o mundo me aborrece,
Manuel cai-me em graça.

89 O meu amor é António,
Eu queria-o Josézinho;
Agora na mão o tenho,
Caiu-me a sopa no vinho [2].
....
Eu mesmo António queria;
O Senhor fêz-me a vontade
Em tudo que lhe eu pedia.

90 Se fores domingo à missa,
Fica em sítio que te eu veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja [3].

91 O meu amor é um cravo,
É um cravo por abrir;
Também eu sou uma rosa
Que o faço aqui vir.

92 O meu amor e o teu
Andam no *cais* da Ribeira;
O meu anda à erva doce,
O teu à erva cidreira [4].

93 Salsa da beira do rio,
Alecrim da outra banda;
Hei-de vencer os teus olhos
Indas que eu corra demanda.

94 Adeus, meu amor, adeus,
Adeus *inté* quinta-feira;
Eu não passo sem te ver
Uma semana inteira [5].

95 Ó meu amor, a chorar,
A chorar, te hei-de pedir
Que me guardes lialdade,
Que eu vou, mas torno a vir.

96 Êsses teus olhos, amor,
São cadeias de bom ferro;
De tal sorte me *prendero*,
Que eu outro amor não quero.

97 Apagaste a candeia,
Que estava no abanador (?);
Agora vai-te deitar
Às escuras, meu amor.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 311, n.º 88, e 312, n.º 99.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 270.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 243.
[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 328, n.º 308; Tomás Pirès, *Cantos*, pág. 301. É curioso ver como o povo passou *naquela ribeira* para—*no cais da ribeira*.
[5] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 241.

98 Eu hei-de amar o luar,
Deixar o 'scuro traidor;
Hei-de amar quem eu quiser,
De mim ninguêm é senhor.

99 Eu hei-de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não se queixa,
Tu queixas-te sem *rezão*.

100 Eu *donde* 'stou bem vejo
Olhos que me 'stão matando;
Matai-me devagarinho,
Eu quero morrer penando.

....
Uma rosa branca a abrir;
Quem me dera ser orvalho
Para nela ir cair.

101 Os meus olhos *pêlos* teus
Choram de noite e de dia;
A laranja co'a tôna
É uma galantaria.

102 Os meus olhos, de chorar,
Já *nenhũa* graça *tem;*
Já os tenho repr'endido
Que não *chore* por ninguêm [1].

103 Tendes olhos, mercais olhos,
Andais na mercadoria;
Mercai-me também os meus
Para a vossa companhia.

104 Não posso, amor, não posso,
Não posso, *indas* que eu queira;
Não posso colhêr a rosa
Sem bolir com a roseira.

105 Hei-de 'screver uma carta,
Hei-de-a deitar na areia;
Vem o vento que a leva,
O meu amor que a leia.

106 Atirei com a pedra ao ar,
Caiu ao chão e fez *I;*
Ande lá por onde andar,
Nunca me esqueço de ti.

107 Chamaste-me pequeninha,
Sou tamanha como vós;
Delgadinha como a linha,
Fininha como o retrós.

108 Os nossos dois corações
Sempre unidos hão-de ser;
Separá-los ninguêm pode,
Só se algum dêles morrer.

109 No mar anda um peixinho,
Que se chama tubarão;
Se êle não comesse a gente,
Dava-lhe o meu coração.

110 Glòrinha, *diz-me* adeus,
Para sêres glória acabada:
Uma alma sem glória
Não é alma, nem é nada.

111 Caçador, que vai à caça,
Não vai *por* caçar a lebre;
Vai *por* caçar a menina
Do coletinho alegre.

....
Não vai *por* caçar coelho;
Vai *por* caçar a menina
Do coletinho vermelho [2].

112 Tenho vinho na pipa,
Carne na salgadeira;
Reservo-te um bocadinho
Por sêres boa tecedeira.

113 Queria ser como a hera
Para pela parede subir;
Havia de ir ao teu quarto,
Havia de te ver dormir [3].

---

[1] V. *Revista Lusit.*, v. 15, pág. 308.

[2] Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 55.

[3] É uma modificação popular da conhecida quadra literária, e que o povo canta tambêm:

Quem me dera ser a hêra,
Pêla parede a subir;
Para chegar à janela
Do teu quarto de dormir.

114 Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona caiu dentro,
A menina quem ma dera [1]!

115 Muito brilha o branco, branco,
Ao pé do branco lavrado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado [2].

116 Menina, não se namore
De homem casado que é p'rigo;
Namore-se dum solteirinho,
Que possa casar consigo [3].

....
Dum criado de servir;
Acaba o ano, vai-se embora,
Meninas, vêde-lo ir.

117 Daqui para a tua rua
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Prantadas por tua mão [4].

118 Fala, fala, minha filha,
Que eu tambêm falei;
Quem me dera, solteirinha,
Saber o que agora sei... [5]

119 Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão;
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão.

120 Semeei no meu quintal
O brio das raparigas;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de margaridas [6].

121 Lá vem o comboio,
Lá vem a apitar;
Lá vem o amor
Nas ondas do mar.

122 Papagaio de ouro,
De bico dourado,
Leva-me esta carta
Ao meu namorado.

Êle não é frade,
Nem homem casado;
É um rapaz novo,
Lindo como um cravo.

123 'stou prêsa nesta cadeia,
Às grades de *Sarafim;*
'stou prêsa nas mãos de António,
Sorta-me tu, Joaquim.

124 Olha o passarinho,
Lá na janela;
Vai o passarinho,
Põe-se ao pé dela.

....
Lá na varanda;
Vai o passarinho,
Põe-se de banda.

Olha a pombinha,
Lá no penedo;
Vai o pombinho,
Mete-lhe mêdo.

125 Onde vais, ó padeirinha,
Onde vais tam asseada?
Só te queria dizer:
Vai a saia enfarinhada.

126 O amar os estudantes
São dois pecados mortais:
Um é tirá-los dos estudos,
Outro é dar paixão aos pais [7].

127 Quem diz que o amor que mata,
Decerto que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Nunca o amor me matou [8].

---

[1] Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 55, e *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 255.
[2] Cfr. *Cantigas Populares* cit., pág. 13, onde a quadra no segundo verso termina em — *lavado*.
[3] Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 71.
[4] Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 81.
[5] É a continuação da quadra n.º 240 de pág. 323, v. 17, da *Revista Lusit.*
[6] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 319, n.º 196. V. *Trad. Pop. de Port.* cit., pág. 125.
[7] Toma aqui uma forma um tanto diferente a vulgaríssima canção já registada no *Cancioneiro Popular* de Teófilo Braga.
[8] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 247. Variante:

Quem diz que o amor que enfada,
Bem decerto nunca amou:
. . . .

128 O mar também é casado,
Também tem sua mulher;
É casado co'as ondas,
Dá-lhe abraços quando quer [1].

129 A vinte-e-quatro de Agôsto,
Ai, é o S. *Bertolameu;*
Menina, fuja *ó* seu pai,
Que eu *tamêm* fujo *ó* meu [2].

130 Ó *'strèlinha* do Norte,
Alumia cá p'ra baixo;
Eu perdi o meu amor,
Às escuras não o acho [3].

131 Eu tenho quatro nomes,
Que os tenho de obrigação;
É Manoel e António,
E Francisco e João.

132 Antoninho pede a Deus,
Que eu peço às almas santas,
Que nos *ajuntemos* ambos,
As saudades já são tantas [4]...

133 Esta noite que passou,
Dentro do meu coração,
São sete letras de amor
Que eu leio com devoção.

134 Tu és a imagem formosa,
Freira do meu pensamento;
Mas ninguêm mais do que tu
Pode entrar neste convento.

135 Os teus olhos são dois lagos,
Onde se reflecte o céu;
As estrêlas que lá brilham,
São amores do peito meu.

136 Se cada vez que te chamo,
Fôsse por ti sempre ouvida,
Constantemente ouvirias
Chamar por ti tôda a vida.

137 Depois que os meus olhos viram
Tôda a graça que os teus tem,
Nunca mais foram senhores
De olhar para ninguêm.

138 Tu és como o sol ardente,
Que cresta as flores mimosas;
Eu sou o orvalho da noite
Que vem chorar sôbre as rosas.

139 Tenho agora dois amores,
A quem ando a namorar;
Um amor é o teu sorriso,
Outro é a luz do teu olhar [5].

140 Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabelo;
Agora posso dizer:
Já passei o mar sem mêdo [6].

141 Não sei que praga te rogue,
Que te vá empècer;
Rogo que caias do alto
E aos meus braços venhas ter [7].

142 O amar e querer bem
Tudo deve ser igual:
Foi a primeira cantiga
Que eu ouvi em Portugal.

143 Amanhã é dia santo,
Hei-de ir à missa do dia;
Quero ver o meu amor
À porta da sacristia.

---

[1] Aparece aqui mais popularizada a cantiga. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 258, e 17, pág. 317; Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 342.

[2] V. Tomás ires, *Cantos*, t. I, pág. 125.

[3] Variante:

Ó lampião da esquina,
. . . .

[4] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, v. I, págg. 7, 44, 94 e 126.

[5] As quadras n.os 145 a 150 são de origem literária. A minha informadora aprendeu-as em pequena ao ouvi-las cantar a uns cegos na romaria da Senhora das Dores.

[6] V. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 129, n.º 420, e 16, pág. 311; Tomás Pires, *Cantos*, t. I pág. 138.

[7] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 136.

144 Ó luar da meia noute,
Tu és o meu inimigo;
Estou à porta da que amo,
Não posso entrar contigo [1].

145 Dizes que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido;
Tenho cama e tenho roupa,
Tenho quem durma comigo [2].

146 Quem me dera ver agora
A quem a mim me *alembrou:*
Os olhos do meu amor,
Que tam longe dêle estou [3].

147 Ó vida da minha vida,
Ó vida do meu bem todo;
Quando te eu vejo, me alegro,
Quando te não vejo, morro.

148 Delicado é o fumo
Que passa a telha dobrada;
Delicados são teus olhos
Que namoram *em pancada* [4].

149 O meu amor é soldado,
Hei-de-lhe atirar dois tiros
C'uma pistola de prata,
Carregada de suspiros.

150 As telhas do teu telhado,
Parte delas teem virtude;
Quando doente me achei,
Elas deram-me saúde [5].

151 Aí vem o meu amor,
Eu no andar o conheço;
Tem o andar miùdinho
Como a fôlha do codesso.

152 Amanhã é dia santo,
Hei-de ir à missa primeira;
Quero ver o meu amor
À sombra da oliveira.

153 Adeus, que me vou embora,
Ingùento da botica;
Ainda que eu me vá embora,
O meu pensamento cá fica.

154 Bota-te daí abaixo,
Cara de limão maduro;
Eu te apararei nos braços
Ou no chão que é mais seguro.

155 Menina, peça a Deus,
Que eu peço às almas santas,
Que nos juntemos ambos,
Já que as lágrimas são tantas [6].

156 Já fui mar, já fui navio,
Já fui ao Brasil e vim;
Já fui amada dum anjo,
Querida dum serafim [7].

157 O sol vira e desvira,
Dá voltas para se pôr;
Também eu viro e desviro,
Sou lial ao meu amor [8].

158 Dá-me da pêra um quarto,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja um só gomo,
Da tua bôca um beijinho.

159 Quando te eu vi, logo disse:
Linda carinha p'ra amar,
Linda boquinha p'ra beijos...
Quem mos dera a ti dar!

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 328, n.º 319.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 383.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325. n.º 279.
[4] *Em pancada*, depressa. Cfr. *pancada d'água*, aguaceiro violento.
[5] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 326, n.º 285, e *Cantigas Populares* cit., onde a quadra vem publicada sob a forma:

As telhas do teu telhado
As mais delas tem virtude;
Eu passei por lá doente,
Agora tenho saude.

[6] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 300, n.os 3 e 4.
[7] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 322, n.º 258.
[8] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 320, n.º 201.

160 Se as lágrimas fôssem pedras
Que eu tenho por ti chorado,
Mandava fazer um castelo
No meio do mar *quadrado* [1].

161 Maria, minha Maria,
O pecado te *atentou;*
Estavas como o peixe na água,
O mimo te derrancou.

162 Não chores, amor, não chores,
Que eu inda aqui 'stou contigo;
Chorarás quando me vires
No mar largo sem abrigo.

163 Eu hei-de-te amar, menina,
Ao saltar duma parede;
Tanto te hei-de andar ao geito,
Que me *há-des* cair na rêde [2].

164 Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a fôlha miúda;
Quiseste-me experimentar...
Meu coração não se muda.

165 Olha que eu por ti suspiro,
Olha que eu por ti dou ais;
Olha que eu por ti, meu cravo,
Hoje não suspiro mais.

166 Co'a pêna de pavão,
Sáingue da cotovia;
Hei-de escrever uma carta
Ao meu amor de algum dia.

167 Não sei que tenho nos olhos,
Que não posso ver os *homes;*
Ó luar da meia noite
Tu és o que me consomes.

....
Que não posso ver a noite;
Não posso ver meu amor
Longe de mim, perto *d'oitre.*

168 Eu hei-de amar a quem me ama,
Deixar o escuro traidor;
Eu amo a quem eu quero,
De mim ninguêm é senhor.

169 Já lá vai pelo mar fora
Quem Deus criou para mim;
O mar se lhe torne em rosas,
O navio em jardim.

170 Meu amor, não botes dó,
Nem dês tua roupa à tinta;
Eu morro, vou para o céu,
Tu ficas na *tua quinta* [3].

171 Menina, não te namores
De homem casado que é perigo;
Namora-te dum solteiro,
Que pode casar contigo.

172 Ó minha costureirinha,
Tens agulha, tens dedal;
A primeira picadela,
Olha, logo foi p'ra mal.

....
Dá o ponto miùdinho;
Inda 'spero de romper
Na tua mão um colarinho.

....
A tua agulha picou-te;
A primeira picadela,
'stavas a dormir, acordou-te.

173 Minha mãe, logo à noite,
Ó filha, vai-te deitar;
Ela pensa que eu que durmo,
Eu ando a passear.

174 Minha mãe mandou-me à erva,
À erva não quero ir;
O lameiro tem buracos,
Tenho mêdo de cair.

175 Se passares à ermida,
Depois da lâmpada apagada,
Lá verás *uma* fantasma
De branco amortalhada.

176 Se eu soubesse que morria
Sem êsse teu corpo lograr,
Já me tinha enfadado
De êsse teu corpo beijar [4].

---

1 *Coalhado?*

2 Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 266.

3 *Ficar na sua quinta* significa aqui o mesmo que *ficar nas suas sete quintas.* Por exigência da rima a expressão usa-se, contra o costume, no singular.

4 Esta canção foi colhida na Póvoa do Varzim.

177 Quando eu comecei a amar,
Inda não era pecado;
Nem o mundo era mundo,
Nem o mar era sagrado.

178 Quando Deus formou o mundo,
De barro formou Adão;
Também formou a mulher,
Dos homens a perdição.

179 Eu de lá e tu de cá,
Mete-se o rio a meio;
Tem lá mão da tua banda,
Que eu da minha não arreio.

180 Papagaio da janela,
Dá-me uma pêna da asa;
Quero 'screver uma carta,
Ficou-me a pêna em casa.

181 Margarida foi à fonte,
Foi à fonte e foi sòzinha;
Margarida foi à fonte
E quebrou a cantarinha [1].

182 No meio daquele mar
'stá uma pombinha verde;
Não é pomba, não é nada,
É o rei da cana verde [2].

....
Anda uma pombinha branca;
Não é pomba, não é nada,
É o mar que se *alevanta*.

....
'stá uma pedrinha verde;
Não é peixe, não é nada,
É a raiz da cana verde.

....
'stá uma pedrinha branca;
Não é pedra, não é nada,
É o mar que se *alevanta*.

....
'stá um tanque de água fria;
É a água *donde* me eu lavo,
'spelho *donde* me eu via.

183 A água da fonte é fria,
Ela faz constipação;
O vinho é venenoso,
Faz tremer o coração.

184 Tôda a vida *trôxe* e trago
Fita verde no chapéu;
Agora trago cilícios,
Para ver se alcanço o céu.

185 Eu hei-de-me *avinturar*,
Eu hei-de perder o mêdo;
Hei-de colhêr uma rosa
Na roseira de S. Pedro.

186 Chamaste-me trigueirinha,
Sou mulher de minha casa;
Para chegar à masseira,
Ponho-me em cima da rasa [3].

187 Ó minha mãe, vinho, vinho,
Que eu água não sei beber;
A água tem sanguessugas,
Tenho mêdo de morrer [4].

188 Ó que graça,
Ó que riso me dá!
Tu gostas de beijos,
Meu amor, ninguêm tos dá... [5]

189 Fala-me, rôla, a mim sòzinha,
Verás como ficas còradinha;
Còradinha, ó linda, ó linda,
Còradinha do verde limão;
Eu prometo de ser tua
Mas por ora ainda não.

---

[1] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 284.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 312, n.º 103.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 312, n.os 108 e 109.
[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 265.
[5] Numa esfolhada ouvi a uma rapariga um grande número de quadras amorosas. No fim dos dois primeiros versos, as outras cantavam em côro o estribilho: — *O' que graça*, etc.

190 Quando o sobreiro der baga,
O loureiro der cortiça;
Então é que te hei-de amar,
Em antes tenho preguiça [1].

191 Eu hei-de morrer dum tiro,
Ou duma faca de ponta;
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me faz conta.

192 É desgraçado quem ama
Sem primeiro ser amado;
Fica c'o tempo perdido,
O coração magoado.

193 Não me ponha o pé na saia,
Nem a mão na minha cinta;
Tem crime de mão cortada
Quem com amores doutro brinca.

194 Eu sou como a *berboleta*,
Que *assubo* à luz tirana;
De cansada cai morta,
É desgraçado quem ama.

195 *Assubo* ao altar-mór,
Acender velas ao trono;
Coitadinho de quem ama
Amores que já teem dono!

196 Atiraste ao meu peito,
À parte mais delicada;
Quem ao meu peito atira
Pouco bem me quer ou nada.

197 Atirei e não matei,
Foi mal empregado tiro;
Minha pólvora está gasta,
Meu chumbo 'stá derretido [2].

198 O' oliveira do adro,
Não assombres a igreja,
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja [3].

199 Disseste *quê* me não querias
Pelas marcas das bexigas;
Isto são letrinhas de ouro
Pela mão de Deus servidas.

200 Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu sou sol a procurar-te,
Tu és sombra a fugir-me [4].

201 Hei-de *assubir* altas tôrres,
Hei-de arrasá-las com ais;
Eu quero que o mundo saiba
A paixão que vós dais [5].

202 Quando eu quis, não quiseste...
Tiveste tua opinião;
Agora tu queres, eu não quero...
Tenho minha presunção [6].

203 Vai-te embora, amor ingrato,
Eu não sou o teu amor;
Eu não sou como a figueira,
Que dá fruto sem flor.

204 Eu e mais o meu amor,
O meu amor e mais eu,
Andemos ambos *dif'rentes*,
Nem êle fala, nem eu.

205 *Passastes* por mim, *còrastes*
Como pano na imprensa;
Fala para quem quiseres,
Que eu dou-te tôda a licença.

206 Passas por mim, não me salvas,
Nem o teu chapéu me tiras;
Certo foi que te disseram
De mim algumas mentiras.

207 Graças a Deus para sempre,
Já *chiguei adonde* eu qu'ria;
Já se me foi uma *nube*
Que eu no meu peito trazia.

---

[1] Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. III, págg. 31 e 395, e *Rev'sta Lusit*, v. 17, pág. 331, n.º 437.
[2] Ouvi cantar esta quadra na Póvoa de Varzim também. Cfr. *Revista Lusit.*, v. II, pág. 41.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 330, n.º 336, e v. 10, pág. 202.
[4] Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. IV, págg. 100 e 124, e *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 303.
[5] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 317 e 364.
[6] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 301.

208 A lua tem quatro *quadros*,
Cada quadro tem seu *S;*
Tu de mim nunca te lembras,
Eu de ti nunca me esquece.

209 Passei pela tua porta,
Pedi-te água, não ma deste;
Nem os moiros da Moirama
Faziam o que tu fizeste [1].

210 Dizes que me queres bem,
Não entendo tal querer;
Só p'ra dizer — bem te quero —
Quem quer o pode dizer.

211 O quarto onde tu ficas
Tem a janela de vidro;
Quem me dera adivinhar
Onde *tinha-lo* sentido.

212 Trazes cabelo atado,
Oiro debaixo da trança;
Quem de oiro faz rodilha,
Do amor faz mudança.

213 Moro em cima da ponte,
Não sei se vá, se não vá;
O meu triste coração,
Em que balanços não 'stá!

214 Ó meu amor, dá-me lume,
Que eu bem no vejo luzir;
Bota cá o frade fora,
Que eu bem no vi p'ra lá ir.

215 Eu amar-te foi um sonho,
Foi uma variedade;
Foi enquanto não achei
Amores à minha vontade [2].

216 Os homens são como o lobo,
Só *lhe* falta ter o rabo;
Para enganar as mulheres,
Teem carinhos do diabo.

217 Ninguêm se fie nos homens,
Nem nas falas que êles dão:
Uma hora de alegria,
Três e quatro de paixão.

218 Ninguêm se fie nos *homes*,
Nem no seu doce falar;
Êles teem falinhas doces,
Coração de rosalgar [3].

219 Não sei que tenho nos olhos
Que não posso ver cs *homes;*
Ó luar da meia noite,
Tu és o que me consomes.

220 Subi ao céu por uma ameixa,
Desci por um cacho de uvas;
Ninguêm se fie nos *homes*,
Que são falsos como Judas.

221 Quando eu aqui cheguei,
Deitei os olhos e vi
Meu amor nos braços doutra...
Não sei como não morri [4]!

222 Dizes que me queres bem,
O querer bem não é assim;
Tu falas quando me encontras,
Não dás passadas por mim [5].

223 Ó coração, ó pombinha,
Ó cara cheia de enganos;
Olha o pago que me *destes*
De eu te amar tantos anos!

224 Moça *quê* se deixa enganar,
Ó que sorte tam tirana!
Quantas vezes ela chora
Ao pé de quem a engana...

225 Incosta-se à verde cana,
Infiada nela vai;
C'um falso prometimento
Qualquer fina cai.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.os 332-334, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 267.

[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. I, pág. 177, e Abilio Monteiro, *Poesias e Canções Pop. do Conc. da Maia*, pág. 60.

[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, págg. 315, n.º 145, e 322, n.º 228, e *Ensaios Ethnogr.*, v. IV, pág. 55.

[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 331, n.º 356.

[5] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 330, n.º 337.

226 Desenrola o teu cabelo,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

227 Candeia, que não dá luz,
Não se espeta na parede;
Amor, que não é firme,
Não se faz mais caso dêle.

228 Se eu soubesse quem tu eras,
Ou quem tu vinhas a ser,
Mandava vir da botica
Remédio para morrer.

229 Eu passei o mar a nado
C'uma vela branca acesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

230 Desaperta o teu colete
Quero ver o teu camisote;
Quero ver o teu peito ingrato
Causador da minha morte.

231 *Prometestes-me* e *faltastes-me*,
Amor de pouca palavra;
Se tal me acontecia,
Por minhas mãos me matava.

232 Chapéu de meia moeda,
Ninguêm o tem senão eu;
Agora ando fazendo figas
A um amor que mo deu.

....
Bom dinheiro me custou;
Com abraços e beijinhos
Teu corpo mo pagou.

233 O *reixinol* do *lòreiro*
Tem o cantar *solotário;*
Como pode ter juizo
Quem tôda a vida foi vário? [1]

234 Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três, não quero mais;
Eu p'ra que quero amores,
Se êles me não são liais [2]?

235 Nem no mundo há dois mundos,
Nem no céu há dois Senhores;
Nem há coração que possa
Ser lial a dois amores [3].

236 Quem me dera tinta roxa,
Que a pêna tenho-a eu,
P'ra escrever ao meu amor
Que de mim se esqueceu.

237 Vou viver de ti, querida,
Três anos de ti ausente;
Não possa ser *esquecida* [4]
Quem te ama eternamente.

238 Laranjeira de pé de ouro,
Bota laranjas de prata;
Tomar amores não custa,
Deixá-los é que me mata.

239 O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado
E agora já ninguêm o ama.

240 Ó alecrim da janela,
Já te podes ir secando;
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou acabando [5].

241 Meu amor, *viestes* tarde,
Não te estou agradecido;
Viestes por outra banda,
Tens o teu amor perdido.

242 Trocaste a mim por outra,
Bem se sabe que trocaste;
E só quero que me digas
Quanto na troca ganhaste...

---

[1] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 161.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 252, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 401.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 252, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 42.
[4] O solecismo foi provocado pela atracção da rima. Com êle ficou a canção *quadrada*.
[5] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 313, n.º 118, e *Cantigas Populares* cit., pág. 19.

....
Não sentiste minha falta;
Bem de-certo te assentaste
Numa cadeira mais alta.

Deixaste-me a mim por outra,
A mim por outra deixaste;
Também quero que me digas
Quanto no trôco ganhaste.

243 O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou,
O amor que tu me tinhas
Era pouco, acabou [1].

244 Pensavas, por me deixares,
Que tristezas me fazias;
Vão uns amores e veem outros,
Vivo na mesma alegria [2].

....
Que me estalava o meu peito;
Foi favor que me fizeste,
Já mo puderas ter feito...

245 Toma lá êste limão,
Que eu p'ra ti mandei colhêr;
Tiveste algum ousio.
....
O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer,
Trocaste a mim por outra,
Inda te hás-de arrepender [3].

246 Adeus, amor, adeus vida,
Adeus, cruel *espedida;*
Não posso com *pêna porte* (forte?)
Na hora da sua morte
Dar alívio a teus ais;
Bem sei que sou teu amor,
Mas é na falta das mais;
Adeus, ó amor infame,
Tu *prècura* a quem *ti* ame;
Já se *cobraro* os laços
Com que me prêsa *tivestes,*
Tomastes novos amores
Favor foi que me *fizestes.*

247 Saudades são securas,
Elas em mim *reverdece;*
Causá-las, quem quer as causa...
Triste de quem as padece!

248 Passarinhos, que cantais,
Nos ramos dependurados,
Cantai vós, chorarei eu
Os meus dias desgraçados.

249 Quando os passarinhos cantam
Numa manhã tam serena,
A todos dão alegria,
Só a mim me causam pêna.

250 Quando os passarinhos choram,
Que não teem *intendimento,*
Pois que fará quem não viu
Seu amor há tanto tempo?

251 Quando o lume se apaga,
Na cinza fica o calor;
Quando o amor se ausenta,
No coração fica a dor.

Ainda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor;
Ainda que o amor se ausente,
No coração fica a dor [4].

252 As saudades são o pão
Da ausência do meu amor;
Um pão feito de mágoas,
Amassado com a dor.

253 Não chores, amor, não chores,
Nada vale o teu chorar;
Sabes que vou p'ra soldado
Por me não poder livrar.

254 Adeus, janela da eira,
Adeus, casa de meu pai;
Algum dia morei nela,
Êsse tempo já lá vai...

Adeus, casa de meu pai,
Adeus, tanque de água fria:
Água *adonde* me eu lavo,
Espelho *adonde* me eu via.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 299, n.º (1).
[2] Cfr. *Revista Lusit*, v. 17, pág. 333, n.º 372.
[3] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 331, n.º 357.
[4] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 221, e *Revista Lusit*, v. 10, 205.

Ó que rico pé de salsa
Tem meu pai ao pé da eira!
Onde me eu *adevertia*,
Quando eu era solteira.

255 Oliveira detorada,
Sempre fica oliveira;
A môça, casada nova,
Pensa sempre que é solteira.

256 Menina, que vai no barco,
Tire o pé, que molha a meia;
Vá casar a sua terra,
Não case na terra alheia [1].

257 Minha mãe, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga;
O milho, sachado tarde,
Nem dá palha, nem dá 'spiga.

258 —Minha mãe, quero casar;
—Minha filha, *diz* com quem;
—Minha mãe, c'um sapateiro;
—Minha filha, não vais bem:
Olha que êle bate a sola,
Bate-te em ti tambêm.

259 Quem tem carneiro, tem lã,
Quem tem porco, tem presunto;
Não quero mulher viúva,
Que é sobras de defunto.

260 Eu casei-me, cativei-me,
Tirei o vivo à saia;
Enquanto o mundo fôr mundo,
Não temas que eu noutra caia [2].

261 Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãezinha do céu,
Que me trouxe nove meses
Debaixo do seu mantéu.

262 Quando eu era solteirinha,
Usava fitas e laços;
Agora que sou casada,
Trago meus filhos nos braços.

263 Nana, nana, meu menino,
Que a mãezinha logo vem;
Foi lavar os teus paninhos
Ao reguinho de Belêm [3].

264 Quem tem meninos pequenos
Sempre *lhe* há-de cantar;
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar [4]!...

265 Quando eu era solteira,
Trazia fitas e laços;
Agora que sou casada,
Trago meus filhos nos braços [5].

266 Triste vida leva o burro,
Má vida leva o moleiro;
Anda de porta em porta
Por causa do maquieiro.
....
Mais triste é a do moleiro;
Antes de carregar o burro,
Carrega-se a si primeiro.

267 Menina do chapéu novo,
Por amor de Deus mo venda;
Sou uma pobre tendeira,
Quero começar a tenda.

268 Quem me dera ser *olives* [6]
Uma hora depois da ceia;
Fazia brinquinhos de ouro
Às escuras, sem candeia.

269 Se ouvires assobiar,
Não julgues que é capador;
É uma moda que anda agora
De assobiar ao amor [7].

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 385, e v. II. pág. 2.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 334, n.º 386.
[3] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 207, e *Revista Lusit.*, v. 10, págg. 32, 159 e 198
[4] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 10, págg. 26, 45 e 159.
[5] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 10, pág. 27.
[6] Ourives.
[7] O sr. Alberto Pimentel (*Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 229) regista uma quadra quási idêntica, ao citar o anúncio dos capadores por meio duma gaita. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 252, onde *caçador* está por *capador*, e o ditado: *Quando se capa, não se assobia. Ensaios Ethnogr.*, t. IV, pág. 5.

270 Ó vida da minha vida,
Minha vida atrapalhada;
Todos arranjam a vida,
Só eu não arranjo nada.

271 A morte é feia, horrenda,
À morte ninguêm escapa;
Em antes de vir
Mostra a pintura;
Desse dinheiro ou fazenda
E deixasse a criatura...
Leva o rico e leva o pobre,
Leva o rei e leva o conde
E lá vai não sei por onde,
Vai p'ra debaixo duma lata:
A Deus ninguêm se 'sconde
E à morte ninguêm 'scapa.

272 Quando eu nasci, chorava [1],
Chorava por ter nascido;
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.

273 Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu *disgrácia*,
Tristeza, *mananconia*.

274 Esta noite chorei tanto,
Que amolentei o sobrado;
Coração que assim chora
Deve de estar magoado.

275 Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido;
Inda que êle seja de pênas,
Eu tambêm em pênas vivo [2].

276 Eu não tenho pai, nem mãe,
Nem padrinho, nem madrinha;
Sou filha das tristes ervas,
Vivo desamparadinha.

....
Nem nesta terra parentes;
Sou filha das tristes ervas,
Neta das águas correntes.

277 O sete-estrêlo vai alto,
Mais alto vai o luar,
Mais alta vai a fortuna,
Que Deus tem para me dar [3].

278 Ondas do mar, abrandai,
Que eu quero pilhar um peixe;
Eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe [4].

279 Grande desgraça é nascer,
Quando se segue o pecar;
Depois de pecar, morrer,
Depois de morrer, penar.

280 Erva cidreira no monte
Nasce ao pé de qualquer pedra;
Môça solteira sem fama
É novidade na terra.

281 Água do rio vai turva,
Eu não *foi* que a turvei;
Ninguêm diga neste mnndo:
Desta água não beberei [5].

282 A oliveira do adro
É mais alta que o padrão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.

283 Meu amor, anda e vamos
À igreja dar a mão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.

284 O amor e o dinheiro
Não *pode andar encoberto;*
O dinheiro é chocalheiro,
O amor é desinquieto [6].

---

1 Variante: Quando eu era pequeninha. *evista Lusil.*, v. 9, pág. 241.
2 Cfr. *Revista Lusil.*, v. 17, pág. 311, n.º 86.
3 Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. IV, pág. 51, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 217.
4 Cfr. *Revista Lusil.*, v. 9, pág. 247, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, págg, 333 e 265.
5 Cfr. *Revista Lusil.*, v. 17, pág. 334, n.º 387.
6 Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. IV, pág. 5, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 413.

285 Namorados, falai baixo,
Que as paredes teem ouvidos;
Os segredos encobertos
São os mais sabidos [1].

286 Do meu colete amarelo
Fiz um jaqué ao meu *home;*
Cada qual é obrigado
A coçar onde lhe come.

287 Eu amar-te, eu a querer-te...
Sempre mal agradecida!
Por bem fazer, mal haver
São os pagos desta vida.

288 Rolinha, que vais rolando,
C'o biquinho *pêla* areia;
É lial o meio mundo,
Outro meio nos falseia.

289 Eu hei-de *assubir ó* alto,
Ó alto hei-de *assubir;*
Quem *ó* mais alto *assobe*
Ó mais baixo vem cair.

290 A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
Dinheiro mal ganhado,
Água o deu, água o levou.

291 A silva, *cum* seu enleio,
Prende a gente *pêla* roupa;
Na era em que nós 'stamos,
Tôda a cautela é pouca.

292 O ladrão do milho verde
A manha que êle sabia!
Gardava o orvalho da noite
P'ra *bober* em todo o dia.

293 Vós dizeis que não, que não,
Inda haveis de vir a q'rer;
Tanto dá a água na pedra,
Que a faz amolecer.

294 Fechei a porta à *disgrácia,*
Introu-me *pêla* jinela;
Foi sorte que Deus me deu,
Não *pôde* fugir a ela.

295 Quem *fê-la* casa na praça,
A muito se *avinturou;*
Uns dirão que ela que é baixa,
Outros de alta que passou.

296 O cravo, depois de sêco,
Foi-se queixar ao jardim;
A rosa lhe respondeu:
Tudo que nasce tem fim.

297 Tudo que é verde seca
Lá no pino dêsse v'rão;
Tudo que nasceu, morreu,
Só a graça de Deus não.

....
Lá no pino dêsse v'rão,
Tudo torna a renovar,
Só a mocidade não.

298 Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece;
Eu nunca perdi o sono
Por mais amores que tivesse [2].

299 O sono e a preguiça
Teem-me dado muita perda;
Hei-de levá-los a Braga
A rasto por uma vêrga.

300 Ó mar largo, ó mar largo,
Ó mar largo, sem ter fundo;
Mais vale cair no mar largo
Que andar na bôca do mundo.

301 Canta o mocho no penedo,
A c'ruja no carrascal [3];
Quem se mete com canalha
Sujeita-se a ficar mal.

---

[1] Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 385, *Revista Lusit.*, v. 10, pág. 153, e *Cantigas Populares*, pág. 18.
[2] Cfr. *evista Lusit.*, v. 17, pág. 319, n.º 189.
[3] Fica assim emendado o verso da *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 318, n.º 185.

302 Eu hei-de amar a cereja
Que é primeira novidade;
Quem madruga não alcança,
Que fará quem segue tarde?

303 Tôda a vida trabalhando,
Sempre morrendo de fome;
Hei-de dar em ser malandro,
Quem não trabalha tambêm come.

304 Tôda a vida trabalhei,
E sempre morri à fome;
Vou-me pôr a brincar,
Quem brinca tambêm come.

305 Sou um pobre sapateiro,
Levo a vida a dar, a dar;
Quem nasce para ser pobre,
Pouco vale o trabalhar.

Vejo o meu vizinho barbeiro,
Leva a vida alegre à porta;
Eu trabalho noute e dia,
Nunca passo da cepa torta.

306 Senhor mestre sapateiro,
Bote-me aqui um tacão;
Mas que fique bem botado,
Que o dinheiro vem na mão.

307 Não me namora o seu paleio,
Nem tam pouco a sua treta;
Se não quer ter o dinheiro na mão,
É metê-lo à minha gavêta.

308 Agarrado ao tira-pé,
Assim passo um dia todo;
Trabalho de noite e dia,
'stou sempre c'o pé no lôdo.

309 A salsa vende-se aos molhos,
O alecrim às mãos cheias;
Tanto custaram a Deus
As bonitas como as feias.

310 Menina, não te namores,
De homem casado nenhum;
Nem solteiro, nem viúvo:
Todo o diabo é um.

311 Não queiras amor casado,
Não queiras amor nenhum,
Não queiras amor solteiro,
Que o diabo é todo um.

312 Tôda a mulher, que se casa
Com homem que tem seu êrro,
Puxa-lhe pelas orelhas:
—Arre, cabano, ao rêgo!

313 Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas:
Uma manca e outra cega,
Outra já não tem orelhas [1].

314 Ó que pinheiro tam alto,
Bem bô é para as colheres;
Água choca para os homens,
Vinho bô para as mulheres.

315 Estes rapazes de agora,
Estes que de agora são,
Teem quatro 'stacas na cara,
Metidas ao *sabolão* [2].

316 Rosinha, tens teus erros,
Pensas que ninguêm o sabe;
Tu já tiveste um filho
Dum fadista da cidade.

317 Eu bem sei que tens um filho,
Não foi de nenhum judeu;
Foi dum rapaz tam galante
De melhor nariz que o teu.

318 Bota-te daí abaixo,
Ao fundo dêsse quinteiro,
Pescoço de galga negra,
Olhos de cão perdigueiro.

319 Não cortes a videirinha,
Nem a raiz à carvalha,
Que é o sustento dos homens
Nos anos de pouca palha [3].

320 Menina, case comigo,
Não tenha mêdo à fome;
O meu pai é brasileiro
Que sustenta quem não come.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 377, *Cantigas Populares* cit., pág. 23.
[2] Sovelão. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 191.
[3] Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. IV, pág. 70.

321 Careca caiu ao poço,
Outro careca o botou;
Outro careca lhe disse:
Careca, quem te empurrou?

322 Quem tem um amor careca,
Tem-na morte à cabeceira;
Quando acorda de noite,
Dá c'os olhos na caveira [1].

323 Ó vida da minha vida,
Três c'um burro *ando* bem;
Um carrega, outro tem mão,
Outro olha se vai bem [2].

324 Minha mãe pariu-me ao lume,
Debaixo duma tijela;
Os gatos deram comigo
Cuidando que era vitela.

325 Homens e mulheres,
Rapazes e tudo,
Vinde ver o dote
Que minha mãe me deixou:
Uma cabra cega,
Um cabrito coxo,
Uma manta velha,
Que metia nojo.

326 O piolho e mais a pulga
Foram p'ró campo lavrar;
O ladrão do *persevelho*
Ia atrás a sornar.

327 Pus-me a pé de madrugada,
Inda com muitas estrêlas;
Inté 'gora me levou
A *afivelá-las* fivelas.

328 Esta noite fui à caça,
Ao pinheiral da areia;
Encontrei a lebre na cama,
Fi-la mira e matei-a.

329 Aqui-del-rei, quem acode,
À rua dos alfaiates!
As formigas andam prenhas
Para parir os *manifates*.

330 Inda não é meia noute,
Inda o galo não cantou;
Êle como há-de cantar,
Se êle no 'spêto andou?

331 Fui à fonte beber água,
Bebi água como terra;
'stava lá uma menina,
Atirou-me c'uma pedra.

332 Eu vou por aqui abaixo,
Não faço mal a ninguêm;
Se alguêm me quiser bater,
Eu puxo pelo meu cacete.

333 O velho diz que morre,
Eu digo que Deus o queira;
O velho morto na cova,
Outro já à minha beira.

Ó meu velho, ó meu velho,
Ó meu velho, digo, digo;
Ou tu hás-de morrer, velho,
Ou te hei-de enterrar vivo.

Fui dar c'o velho morto
Antre as pedrinhas da *loje*;
Atirei-lhe c'um fueiro,
Olha o velho como foge!

Fui dar c'o velho morto
Antre as pedras do meu lar;
Fui chamar a vizinhança
P'ra me ajudar a chorar.

334 Tenho o meu pão p'ra amassar,
E meu marido p'ra morrer;
Antes meu marido morra,
Que meu pão se me perder.

Se meu velho morrer,
Alguêm o há-de enterrar;
Se meu pão se estragar,
Ninguêm cá mo vem pagar.

335 Ó meu velho, ó meu velho,
Fôra-te melhor morrer;
Tem-na mulher bem bonita,
Os... 'stão-te a nascer.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 249, n.º 58.
[2] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 266, n.º 279.

Ó meu velho, ó meu velho,
Três... te hei-de 'spetar;
Três p'ra baixo, três p'ra riba,
Outro virado p'ró ar.

336 Uma velha, muito velha,
Mais velha que minha avó;
Que tinha o nariz comprido
E na ponta dá um nó.

Uma velha, muito velha,
Em cima duma figueira;
Inté os figos dançavam
De a velha ser tam gaiteira.

337 Casei-me c'uma velha
Por causa da filharada;
Vem *no* diabo da velha,
Trouxe dez duma ninhada.

338 Eu, quando era mais novo,
Usava as minhas chancas;
Agora, que já sou velho,
Uso vêrgas nas tamancas.

339 Dizes que canto mal,
Que é por ter a fala grossa;
Com ela me *arremedeio*,
Não vos vou pedir a vossa [1].

340 Eu hei-de aprender a ler
No livro da vèdoria,
P'ra te saber responder
À tua sabedoria [2].

341 Eu hei-de aprender a ler
No livro dos enganos;
Eu quero que me tu digas;
Quantos dias teem trinta anos.

— Teem dez e novecentos,
Se eu na conta não errar,
Com quinhentos e setenta e cinco
Sem uma hora lhe faltar.

342 Quatrocentos guardanapos,
Seis vintêns em cada ponta;
Menina, se é muito fina,
Some lá essa conta.

343 Pus-me a contar as estrêlas
Na pedra duma tribuna;
Nove e oito, sete e seis,
Cinco, quatro, três, dois, uma.

344 Pus-me a contar *pêla* lei
As pedras duma coluna;
Quatro com cinco são nove,
Cinco e quatro, três, dois, uma.

345 Graças a Deus já ouvi,
Carminda, tua fala;
Só devia *a* vir do céu,
Na terra não se criava.

Canta, minha voz dum anjo,
Pareces um clarim;
Por ditosa me daria,
Se eu tinha uma voz assim.

346 Vós cantais, que regalais,
Tende-la fala tardeira;
Quando *cantai-la* segunda,
Já vos não lembra a primeira.

347 Mandaste-me segar erva
Ao lameiro da amargura;
Podia cortar um dedo,
P'ra nunca mais ter cura.

348 Mandaste-me segar erva,
Eu erva não sei segar;
Mandaste-me falar de amores,
Eu de amores não sei falar.

349 Vou cantar uma cantiga,
Não sei o que irei fazer;
Não sei se vou agradar,
Se irei aborrecer.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 335, n.º 402.

[2] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 137.

[3] Ouvi cantar um grande número de quadras amorosas numa esfolhada a uma rapariga. Ao fim dos dois primeiros versos, as outras repetiam em coro o estribilho: *Ó que graça*, etc.

350 Agora que vou cantar,
Agora é o meu tempo;
Quem me não quiser ouvir,
Vire os ouvidos ao vento.

351 Êsse senhor que me pede
Que eu cante uma cantiga...
Cantarei duas ou três
Que uma não é cortesia.

352 Algum dia, neste celeiro,
Havia uma gaiola;
Agora que a não há,
Digo-te adeus, vou-me embora.

Na sua grande maioria as cantigas coleccionadas por mim são perfeitamente populares: Denuncia-se essa qualidade pela idea, pela forma e por vícios de construção que não podem deixar dúvidas no espírito do leitor.

Outras são popularizadas, nada perdendo muitas vezes... em abandonar o cunho literário.

Há-as tambêm literárias, ainda não tendo sofrido o trabalho dos cantadores. Publico-as tambêm, revelando os agentes que ordináriamente as transmitem ao povo — os cegos.

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.



TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Cf. REVISTA LUSITANA, XX, 183)

VII

Introdução

Entre as várias traduções da Regra de S. Bento (escrita originariamente em latim), feitas por monges d'Alcobaça, figura a que se segue e por si só ocupa todo o códice daquela proveniência, que, actualmente com o n.º 44 (de antes 328) se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa. É êle um belo volume encadernado, cujas folhas, todas de pergaminho, teem estas dimensões: $0^{m},156$ de comprimento e $0^{m},118$ de largura, ocupando a parte escrita respectivamente $0^{m},114$ e $0^{m},085$ ou seja com margens em ambos os lados e no alto e parte inferior de cada página, sendo esta mais larga do que aquela, com 14 linhas cada página e 25 a 30 letras cada linha. Antes da respectiva *Tavoa* ou Índice, que precede o contexto, acham-se cinco folhas no rosto da primeira das quais encontram-se várias *probationes calami* e datas da entrada na Ordem de alguns frades, lendo-se no verso estes versículos: *Ne reminiscaris domine delicta nostra vel parentum nostrorum, neque uindictã sumas de peccatis nostris. Tu domine uniuersorum, qui nullam habes indigenciã, voluisti templũ tũu fieri ĩ nobis, conserua domũ istam ĩmaculatã in eternum* e a seguir a *Litania Monachal,* que continua pelas restantes, com seus versos e orações próprias, depois dos quais lê-se de diferente mão *Ad usum Alcobaciae M[onasterii]* com uma assinatura. É possivel que estas cinco folhas não fizessem a princípio parte do códice, pois que só na folha imediata é que começa a respectiva numeração (que em parte foi cortada pela faca do encadernador), como indica a palavra *Hũa,* que se lê no alto e a meio da página. Um pouco abaixo dessa indicação acha-se o anagrama de Cristo (I H C) e ao lado a palavra Maria, ao que se seguem alguns versículos latinos, que é costume dizerem-se depois do hino *Te Deum laudamus* e antes das competentes orações, tudo naturalmente em latim; no verso respectivo começa a *Tauoa dos capitollos,* que se estende até ao verso tambem da folha n.º 6; a seguir a ela alguem escreveu posteriormente, com letra que parece querer imitar a da *Tauoa,* estas palavras: *Era do nascimẽto de nosso Senhor Ihesu Christo de*

myll ll e imediatamente depois talvez a mesma mão, mas com letra de talhe diferente, exarou esta nota: *Era do nascimento de nosso Senhor Ihesu Christo de mill e quatro centos e oytenta e noue ãnos entrarõ per noviços frey Diego de Lixboa e frey Johane de Gymarães em dia de santa Maria de março que he aos [X]XV dias do dito mes.* Mais tarde ainda alguem escreveu em seguida: *Anno Domini 1531 in vigilia sancti Edmũdi ingressus est pater Petrus a Ryuo majore domum nouiciorum*... (o resto foi cortado pelo encadernador). No rosto da folha seguinte, ou seja a VIIª, veem-se, feitos à pena, um abade de mitra e báculo em atitude de abençoar um frade que está de joelhos diante dele, e por de trás destas figuras um convento com dois ciprestes, um a cada lado, sendo no respectivo verso que principia o texto da Regra, que se prolonga até ao rosto da folha CXIIª e termina com um *Deo graças* a tinta vermelha; na parte inferior desta mesma página escreveu-se muito depois evidentemente *Dalcobaça,* isto é, mais uma indicação dos possuidores do livro. No verso dessa mesma folha lê-se no alto o nome de Jesus em abreviatura, ao qual se segue uma fórmula de absolvição de excomunhão de defuntos, a julgar por estas palavras que veem depois dela: *Anima eius et omnium fideliũ defunctorum per misericordiam Dei requiescant in pace. Amẽ.* Na folha imediata CXIIIª lê-se: *Aos* (e por cima *a los) uiuos tribuat Dominus uitã eternam Amem: aos finados anime eorum requiescãt in pace amem. Confessiones fratrũ. Anima istius et omnium.* A seguir começa uma espécie de regra de civilidade, cujo titulo é *Muito ama Deus a ordenãça,* e se continua no respectivo verso, na folha imediata, da qual só se lê o rosto, por isso que o verso acha-se colado à capa do livro, e ainda, segundo presumo, na parte posterior da que se acha a forrar tambem a capa da frente. A letra do manuscrito é o gótico usado na época, mas muito bem feito, o que facilita bastante a sua leitura, sendo de côr preta a do texto e vermelha a dos títulos e inicial de cada capítulo.

Sobre quem fossem os autores desta cópia e tradução, que é glossada, como todas as outras da mesma proveniência, com excepção da do códice n.º 14, publicado por Fr. Fortunato de S. Boaventura nos seus *Inéditos* — se é que o tradutor foi personagem diferente do copista — nenhuma informação nos subministra o códice; quanto á epoca em que uma e outra foram feitas apenas a etiqueta *XIV,* colada na lombada do volume, nos dá a entender que a atribuia àquele seculo quem modernamente

ali a pôs. Tem com efeito toda a aparência da linguagem então usada a que ali se encontra, mas só a dos ultimos anos daquele século ou dos primeiros do que se lhe seguiu, não obstante o emprego de alguns vocábulos que para o tempo já se teriam tornado talvez obsoletos, emprego que todavia se poderá explicar pela influência que copias mais antigas exerceram nas que sucessivamente se iam fazendo com o fim de acomodar sucessivamente ao modo de falar, tornando-o assim inteligível a todos, um texto de tanto uso e leitura, como naturalmente devia de ser aquele que continha os preceitos e conselhos a que todos sem excepção, dirigentes e dirigidos, deviam prestar a máxima atenção e obediência.

Quanto ao processo que segui na sua transcrição, direi que, tendo em mira representar tambem a ortografia da época e principalmente porque a nasalidade das vogais se acha ali indicada ora pelas respectivas consoantes, ora pelo til, achei preferivel cingir-me rigorosamente ao sistema adoptado pelo copista e por isso o imitei neste ponto como na manutencão dos *u* e *i* com o valor consonântico e ligação dos pronomes enclíticos ou proposições proclíticas às palavras de que dependem, apenas, para comodidade de imprensa, desfiz as abreviaturas e uma ou outra vez restitui o til omitido.

J. J. NUNES.

REGRA DE S. BENTO

Tauoa dos capitollos que ssom cõtehudos na regla de ssam beento primeiramente

Começasse o prologo da Regla de ssam beento abbade

Filho. ascuyta os preçeptos e ẽcomendamentos do meestre. e inclina e abaixa a horelha do teu coraçõ. e cõ boa uoontade reçibe e toma ho amoestamento do padre piedoso. e cõ gramde eficaçia o cõpre. pera te tornares a el per. trabalho dobediençia. do qual tu eras departido e alonguado per priguiça e pecado de desobediẽçia. E porende eu digo a ti qualquer que tu es que queres renũçiar e desprezar os propios dileitos [viii] e pecados e vãa gloria deste mũdo. e queres batalhar e lidar cõtra o diaboo e servir a ihesu christo senhor e uerdadeiro rey. que tomes pera esto armas muy claras e nobres e muy fortes de obediẽçia. E primeiramẽte ẽ começo de teu boo proposito e tornamento deues de obrar e fazer bem. e quall quer cousa que tu fezeres demanda. e rogua a ell cõ oraçõ muy aficada. que a queyra acabar e comprir e pois que el teue por bem e prougue aa sua mercee. de nos

poer e reçeber ẽ cõto dos seus filhos. que non seia ẽ nẽ hũu tenpo cõtristado dos nossos maaos feitos. E por esto asi lhe deuemos seer obedientes ẽ todo tẽpo pollos bẽes e merçees que reçebemos del que nõ tã solamente asi como irado padre ẽ algũu tẽpo nõ desherde os filhos. mais aynda nẽ assi como senhor. spãtoso temedoyro. mouido e asanhado pollos nossos pecados. de os muy maaos seruos os quaes ho nõ quiserom seguir aa gloria. a pena e ao tormẽto perdurauil. *divisio*

En todo tẽpo deuemos dobedeçer aos preçeitos de deus. e por tanto leuãtemonos e quitemonos dos pecados ẽ que ẽ algũu tẽpo steuemos ou stamos. [IX] por que a scriptura nos amoesta e diz. hora he de nos leuãtarmos do sono. s. do pecado. E abramos os olhos do noso coraçõ. e cõ as orelhas do noso emtẽdimẽto ouçamos aquello que nos amoesta ẽ cada hũu dia a uoz santa e diz. hoie este dia ([1]) se ouuirdes a uoz de ihesu cristo nõ queirades ẽdurẽtar uossos coraçõees. E diz aynda mais. Aquell que teuer orelhas pera ouuir a palaura de deus ouça. e ẽtenda bem aquello que o spirito santo diz aas egreias. E que diz. filhos. uijndeuos e ouvydeme. e insinaruosey que cousa he o temor de deus. E trabalhade ẽquanto teendes e auedes lume de uida. nẽ per uẽtura as treuas da morte uos ẽcalçẽ e tomẽ. E demãdante ([2]) o nosso senhor deus na multidõoe do seu poboo o sseu obreiro. ao quall esta cousa braada. diz aynda outra uez. Qual he ho homẽ que quer uida perdurauil e cobijça e deseia de ueer boons dias. A qual cousa sse tu ouuyres e disseres eu. diz a ti deus. Se tu queres auer uerdadeira uida e perpetua pera todo senpre, quita e refrea a tua lingua do mal e a tua boca. nõ falle ẽguano. parte-te do mal e faze boas obras. demãda paz e siguia. E quan[x]do uos esto fezerdes. os meus olhos seerom sobre uos e as minhas orelhas seerõ prestes e aparelhadas pera os uossos rogos. e ante que me chamedes. direy. eu presente som pera comprir as uossas pitiçõoes. Irmãaos muito amados, quall cousa pode seer melhor e mais nobre a nos que esta uoz de nosso senhor ihesu christo. que nos conuida e chama ẽ cada hũu dia el por sua piedade e misericordia nos demonstre. ho caminho da uida perdurauil. *devysio.*

Pois que deus polla sua piedade nos demostra ho caminho da uida. deuemos desguarnecer ([3]) e çerquar os nossos corpos

---

[1] No texto: *hoie ẽ ste dia.* Cf. Cid verso 754.
[2] Idem *demãdente.*
[3] Entenda-se *d'esguarnecer.*

per ffe e per aguardamento de boas obras. e sseguir ho caminho e a carreira de euãgelho. pera sseermos dignos e mereçedores de ueermos deus no sseu regno. no qual regno. sse quisermos morar nõ podemos allo hir ssaaluo sse ffezermos boas obras. E porende pregũtemos o nosso ssenhor deus cõ o propheta e diguamos a ell. Senhor. quem uiuera e possuira a tua morada. ou quem ffolguara no teu santo mõte. depois desta pregunta. irmãaos. ouçamos nosso senhor deus que nos responde e nos de[xi]mostra ho caminho e a carreyra da ssua morada e diz. Aquell que entrar puro e linpo e sem pecado e obrar iustiça. aquell que falar e disser uerdade no sseu coraçõ e na sua boca. e aquel que nõ trouuer engano nẽ maliçia na sụa lingua. aquell que nõ fezer nẽ disser mal ao seu proximo. aquel que nõ quiser ascuitar nẽ ouuir o mal do sseu proximo. aquel que esquiuar e contradisser ao diaboo os seus amoestamẽtos. e remouer e tirar do seu coraçõ el e todalas suas tẽptaçõees. e as suas maas cuidaçõoes quebrantar. e demostrar a ihesu christo. E aquelles que temerẽ deus e nõ ẽssoberuecerẽ nẽ sse exalçarem pollo bem que ffazem. mais cuidarem senpre que o bẽ que ẽ elles ouuer proçede e uem de deus. e nõ delles. por que deles nõ pode proçeder nẽ sayr nẽ hũa boa obra. e louuarem e darem [1]. graças a deus. pollo bẽ que obra ẽ eles. dezendo o dito do propheta. Senhor. nõ a nos. nõ a nos. mais ao teu santo nome da gloria e louuor. e assi como sam paulo. que da ssua preguaçõ. nũca cõtou nẽ assijnou a ssi nẽhũa cousa. dizendo. aquello que eu ssom feito. perla graça de deus ssom. E ell diz aynda. aquell que sse glorificar e ale[xii]grar alegresse ẽ deus. e de graças a ell. E ihesu christo diz no euãgelho. aquell que ouue as minhas palauras e as ffaz. eu ho ffarey ssemelhauil ao homem ssabedor que edifficou e fundou a ssua casa ssobre a pedra. ueerõ os rijos. ssoprarom os uẽtos. e ẽpeçarom e derom ẽ aquella cassa e nõ na poderõ derribar. porque era ffũdada ssobre pedra. Aquestas cousas ssobreditas comprio e acabou o nosso ssenhor deus. e el esguarda ẽ cada hũu dia per estes seus santos amoestamẽtos. que lhe deuemos de respõder cõ boas obras e boos ffeitos. E portãto ẽmẽdaçõ e corrigimento dos nossos pecados. nos ssom leixados e dados por tregoas os dias desta vida presente ẽ que ssomos. segũdo que o diz o apostollo. nõ ssabes per uẽtura por que a paçiẽçia de deus te trouue e adusse a penitẽçia. Por-

---

[1] Sic por *derem*.

que nosso ssenhor deus muy piadoso disse. nõ quero a morte do pecador. mais que se conuerta e torne a penitençia e uiua.

divisio.

Irmãaos quando pregũtamos o nosso ssenhor deus quẽ era aquel que auia de possuir a ssua morada. ouuymos o preçepto e o ẽcomendamento que perteeçia a [xiii] aquel que ouuesse de morar em ela. E sse nos comprirmos e acabarmos ho offiçio do morador sseeremos herdeiros no regno do[s] çeeos. E por esto deuemos de aparelhar e esguarneçer os nossos coraçõees. e os nossos corpos dos preçeptos da santa obediençia. pera pugnar e lidar contra os pecados. e deleitamentos da carne. E roguemos a deus que nos queira ẽuiar e dar o aiudoyro da sua graça. pera comprirmos e acabarmos. o desfalicimento que a nossa condiçõ humanal nõ pode acabar. E sse quisermos hir e chegar aa uida perdurauil. e ffugir aas penas e aos tormẽtos do infferno. em quanto auemos tẽpo e ssomos em estes corpos e nos leixã uiuer e andar ẽ esta uida presente. deuemos de trabalhar per uida e per boos custumes. e per elles siguir e guaanhar taaes obras e taaes uirtudes ẽ este mũdo. que por ellas. e cõ ellas possamos uiuer pera senpre no regno de deus. E por esto queremos ordenar e stabeleçer scola. e loguar apartado pera o serviço de deus. no qual stabeliçimento nõ speramos nẽ ẽtendemos de põer nẽ ordenar nẽ hũa cousa aspera nẽ graue. Pero se o mouimen[xiv]to e a razõ da uerdade ditar e poser algũa cousa mais apertadamente por corrigimento e ẽmẽdaçõ dos pecados e por aguardamento de caridade e amor. nõ tomes logo spanto nẽ temor nẽ leixes ho caminho e a carreira da ssaude. a qual he muy fforte e streita dandar logo no começo. Mas per proçesso de conuersaçõ e per acreçentamento de uirtudes e de ffe. e com coraçõ spaçioso e per amor. dileiçõ. e caridade do regno de deus. o qual nõ ha numero nẽ fim deuemos dandar no sseu caminho. e nũca nos departirmos do sseu ẽsinamento e mãdamento. persseuerando na ssua doutrina e no sseu seruiço. e cõ paçiençia e humildade ssoportar e ssofrer os padiçimentos e as iniurias. assi como fez ihesu christo pera seermos herdeiros e merecedores do seu regno.

Das quatro geerações dos monges

Cousa notificada e demostrada he que quatro ssom as geerações dos mõges. A primeira geeraçõ he dos çenobitãos. e estes ssom aquelles que uiuẽ nos moesteiros sso regla e sso abade. A

ssegunda geeraçõ he dos anacoritas. e estes ssom os [xv] hirmitãaes que nõ logo nouamente ẽ começo de ssua conuerssaçõ. mais per grandes tẽpos nos moesteiros ssom exprouados e examinados. e per exenplo e uida e per aiudoiro de muytos aprenderõ. e ssom ia enssinados pera pugnar e lidar cõtra o diaboo. E elles bem esguarnicidos e bem doutrinados da az muy fforte e muy nobre da conuerssaçõ de sseus irmãaos apartannsse e vaanse ao deserto pera batalhar contra as tẽptaçõees diabolicas. E elles bem certos e seguros ssem cõssolaçõ e sem aiudoiro doutro nẽ hũu cõ ssua mãao e cõ sseu braço e per forteleza de ssuas obras. cõ aiudoiro de deus som obtẽticos e soficientes pera pugnar e remouer os pecados e as cuidações da carne. A terçeira geeraçõ he muy spantosa dos sarabaitãaos. os quaes nõ ssom esprouados per nẽhũa regla nẽ per experiençia e doutrina de meestre. assy como he ho ouro na fornalha. mais ssom fracos e moles assy como ho chũbo. aguardando e fazendo todalas obras do segre. e estes taaes mẽtẽ a deus. e ẽguanõ o mũdo polla coroa e auito que tragem. [xvi] os quaes dous e dous. ou tres e tres. ou cada hũu em sua parte sem pastor e regedor. nõ querem star nẽ uiuer nos moesteiros hu seruem a deus. mas uiuem ẽ suas çellas. e tomã e ham por ley. cõprir e acabar todas suas uoontades e os seus deseios. e quall quer cousa que eles cuidam ou fazẽ. aquela dizem que he boa e santa. e da que lhe nõ praz. dizem que nõ he boa nẽ lhes perteeçe. A quarta geeraçõ he. dos monges que ssom chamados girouagus. que toda ssua uida despendem per desuairadas prouĩçias e per desuairadas çellas ssom hospedados e reçebudos per tres ou quatro dias. e sempre ssom uagos e nũca stauijs. seruindo aos propios deseios e ao deleitamẽto da guarguanta. e estes taaes ẽ todo e per todo som peores que os sarabaytas. da uida e conuerssaçõ muy misquinha destes todos. milhor he calar que falar. E por esta razom leixemos todas estas geraçõees. e cõ aiudoiro de deus. uenhamos apoer e ordinar a uida da muy fforte e nobre geraçõ dos cenobitaãos.

Qual deue de sseer o abbade

[xvii] Aquell que he digno e mereçedor de sseer abbade e regedor do moesteiro ssenpre deue seer renẽbrado que he chamado abbade. e deue de comprir e acabar ho nome da dignidade per feictos e per obras. por que ell tem o logo e as uezes de ihesu christo no moesteiro segũdo que diz o apostolo. Rrece-

bestes spiritu de adopçõ. s. ffilhos adoptiuos no qual chamamos padre abbade. E porende o [a]bbade nõ deue densinar nẽ hũa cousa. ou stabelecer. ou ẽcõmẽdar contra os preçeptos de deus. mais o sseu ẽcõmendamẽto e a ssua doutrina. com grande ffervor e com grande caridade e amor de deus seia esparguda nos coraçõees dos diçipulos. O abbade seia senpre renenbrado. que no muy spãtoso dia do juizo. lhe ha de seer demãdado conto e recado tã bem da ssua doutrina como da obediençia dos sseus diçipulos. E sseia çerto que sera punido e atormentado assy como maao pastor. sse per ssua culpa. deus padre achar algũa mĩgua ou desfalicimento na congregaçõ a el cõmetida. Pero se ell fezer toda diligẽcia sobre os seus mõges e for bem ssoliçito e discreto pera lhes ministrar e dar to[XVIII]dallas cousas que lhes erã neçessarias e lhes pregou e ẽssinou os preçeptos de deus per palaura e per obras. e os mõges forõ maaos e desobediẽtes. e nõ sse quiserõ correger nẽ ẽmendar. stonçe o sseu pastor assolto e quite delles. digua a nosso ssenhor cõ o propheta no dia do juizo. Senhor nõ negey. nẽ ascondi a tua justiça. no meu coraçõ. e a tua uerdade e a tua saude pronũçiey e demostrey. mas elles soberuos e maaos desprezarom a minha doutrina e ẽsinãça. Estonçe a esses maaos e desobediẽtes seia lhes dada pena e tormento. muy mais forte e muy mais crueuil que a primeira morte. *diuisio*

O abbade ha de dar cõto e razom a deus da ssua doutrina. e da obediencia dos sseus diçipullos. e por esto quando algũu recebe e toma nome dabbade deue dauer ẽ ssy duas doutrinas pera ẽsinar os sseus diçipolos. s. domostrar e ẽsinar todalas boas cousas e santos mais per feitos que per palauras. e deue de propoer e dizer os mãdados de deus per pallauras. aos diçipolos que forẽ auctos e hydonios pera as poerẽ ẽ obra. e aaquelles que forẽ duros do co[XIX]raçõ e nõ ssabedores. per sseus feitos lhes demostre e ẽssine os preçeptos de deus. Todalas cousas que ell ẽssinar aos seus diçipolos. que som contrairas aa saude da alma. primeiramente ẽ sseus feitos as demostre que se nõ deuẽ de ffazer. nẽ per uẽtura ẽ preguando aos outros el sseia achado maao. e digua deus ẽ algũu tẽpo a el pecãte. Por que presumes tu e ousas de dizer as minhas iustiças. e tomas e preguas o meu testamento pella tua boca. Tu ouueste odio aa minha doutrina e ẽsinãça e deitasti as minhas palavras de pos ti. e nõ curaste dellas. e tu que uyas o argueiro no olho de teu jrmãao. e no teu nõ uiste a traue. O abbade nõ faça departimento antre hũa pessoa e outra no mosteiro. nẽ ame

mais hũu que o outro. saluo aquel que for achado ẽ milhores feitos. ou mais obediẽte. Nõ seia preposto ho liure ao seruo. s. se ho seruo ueo primeiro aa hordem que o liure nõ deue ho liure dauer mayor loguar que o seruo. saaluo se for por algũa cousa razoauil. E esto pode ffazer o obbade a qual quer que seia da cõgregaçõ se el uir e ẽtender que he tal que o mereçe. e ẽ outra gu[xx]isa. nẽhũu nõ seia promouudo. mais cada hũu tenha seu loguar propio. por que tãbem seruos como liures todos somos hũus em ihesu christo. e todos nos deus padre criou igualmente. e todos deuemos de seruir a el ajũtadamente. ẽ hũa vnidade e igualdade. porque antel nõ ha departimẽnto nem reçebemento de pessoas. Tam soomente ẽ esto ssomos departidos ante a ssua presença. sse formos achados ẽ melhores obras e mais homildosos que os outros. E por tãto o abbade aia caridade e amorio a todos igualmente e hũa diçiplina seia dada a todos ssegũdo os sseus mereçimẽtos. *diuisio*

O abbade na sua doutrina e ẽssinança deue de aguardar a fforma e regla do apostollo que diz. rreprehende. rogua. doesta. aiuntãdo tenpo aos tẽpos. Por que tẽpo ha hy de rreprehender. e tẽpo de roguar. e tenpo de castigar. aas vezes per affaguamentos e aas vezes per spantos. E o abbade deue aas vezes de sse demostrar assy como meestre spantoso. e aas vezes como padre muy piadoso E deue de reprehender e castiguar muy asperamente os diçipollos soberuosos e vagos que [XXI] nõ quiserem sseguir a ssua doutrina. e roguar os hobidientes. humildosos e paciẽtes que aproueitẽ de bem ẽ melhor. doestar e ĩcrepar os negligentes e desprezadores. Nom leixe trespasar os pecados ssem correiçõ. mas tãto que começarẽ de naçer. pella guisa que el milhor poder os talhe de raiz. E nẽbresse do perigoo de helí. saçerdote de ssylo. Aquelles que forẽ mais honestos e de milhores ẽtindimẽtos. a primeira e a ssegũda uez os amoeste e corregua per palauras. E os maaos e soberuos e desobidiẽtes. e duros de coraçõ ẽ começo desse pecado corregua e castige per açoutes ou per correiçõ corporal. por que scripto he. O ssandeu nõ sse correge per palauras e sseguesse o dito do sabedor. Castigua e firi o teu ffilho cõ a uara. e liuraras a ssua alma da morte. *diuisio*

O abbade nõ tã solamente deue de sseer nẽbrado que he prelado mas deue ainda de sseer nẽbrado. que he chamado de todollos outros padre abbade. E esto pera el conhecer e saber. que aaquel a que mais he dado e comitido. mais lhe he demãdado. E deue de saber que reçebeo offiçio muy graue e arduo

[XXII] de reger almas. e seruir aos custumes e aos talentes de muytos. E hũus deue de reger e correger per palauras blandas e mãssas e outros per palauras de doestos. e outros per rogos e amoestamentos. E ssenpre vse e seia cõ os seus diçipollos e os cõforme. segundo a qualidade e cõdiçõ de cada hũu deles. ẽ tal modo que nõ leixe padecer aos diçipollos dano. ou myngua algũa. mais aynda tome plazer e alegria no acreçentamento dos boos. Antre todallas cousas o abbade nõ deue deleixar nẽ teer ẽ pouco. ou desprezar a saude das almas a el comitidas. Nõ aia mayor cuydado das cousas transitorias e terreaes e nõ stauijs que das spirituaaes. mas senpre cuide que reçebeo regimento dalmas das quaes ha de dar conto e razom a deus. E nõ se queixe nẽ murmure se per uẽtura a ssustãcia e o mãtijmento do moesteiro for pouco. mais nenbresse daquelo que he scripto. Primeiramente demandade o regno de deus e a ssua iustiça e todalas cousas neçessarias uos sserã apresentadas. E sseguesse. Nõ desfaleçera nẽhũa cousa aaquelles que temẽ e seruẽ a deus. E deue de saber que aquell que reçebe cura e [XXIII] regimento dalmas. que se deue de aparelhar e aguisar pera dar conto e recadaçõ ([1]) delas. E conheça e seia çerto que a de dar cõto a deus no dia do juizo. nõ tãto da ssua alma. mais ainda das almas de todollos sseus ssubditos que el teuer e ouuer so ssua cura. E assy temendo senpre o juizo de deus. no qual ha de dar cõto das almas a el comitidas. e pẽssando ẽ como ha de dar cõto e razõ dos desfaliçimentos dos sseus mõges. el he feito soliçito e discreto pera correger e ẽmendar os sseus. Por que neçessario he. sse el cõ caridade e amor de deus e per sseus amoestamentos correger e castiguar os outros. que el seia corregido e ẽmendado dos seus pecados.

Como deuem sseer chamados os ffrades a conselho

Qvando algũas cousas grandes se ouuerem de fazer no moesteiro o abbade chame toda a cõgreguaçõ. e demostre e digua aquello que quer fazer. E depois que ouuyr ho cõselho dos frades. traute e cuide ẽ sseu coraçõ. e ho cõsselho que achar e ẽtender que he mais proueitoso. esse faça. E por tanto dissemos. que todos fossem [XXIIII] chamados a cõsselho. porque per muytas uezes demostra deus ao mais pequeno. aquello que he

([1]) Corrigido muito mais tarde ao lado em e *rezam*.

mylhor e mais proueitoso. E os frades assy deuẽ de dar consselho cõ toda subgeiçõ e homildade. que nõ presumã nẽ ousem demostrar nẽ defender soberuosamente aquello que a elles for uysto. mas ho consselho ste mais no aluydro e juizo do abbade. que no delles. e todos obedeeçã aaquello que el julguar que he mais proueitoso e mais saão. Por que assy como cõuẽ aos dicipollos obedeeçer ao meestre. assy perteence a ell despoer e ordinar todallas cousas iustamente e dereitamente. E por ẽ todos ssiguã os preçeptos e mãdamentos da regla ẽ todalas cousas spirituaaes e tenporaaes. e nẽhũ nõ desuij nẽ faça ho cõtrairo della cõ presũçõ ou desprezamento. Nẽ hũu no moesteiro nõ sigua nẽ use da ssua uoontade propria. nẽ presuma nẽ ouse dentro ou fora do moesteiro soberuosamente auer algũa ẽtençõ ou palauras com sseu abbade. E sse per uẽtura for ousado de o fazer. seia ssomitido aa diçiplina da regla. Pero esse abbade faça todallas cousas cõ temor de deus. e aguardamento da santa regla. Por que sseia çerto ssem duuyda [xxv] nẽhũa que de todollos sseus juizos e feitos ha de dar razom. ao juiz muy dereito e muy uerdadeiro deus. Se per uẽtura algũas cousas pequenas se hã de tazer ẽ prol do moesteiro. tã soomente use do cõsselho dos antigos. porque scripto he. Todallas cousas faze com cõsselho. e depois que as fezeres nõ te repeenderas.

Quaes ssom os autos e esguarnyçimentos das boas obras

Primeira mente amar deus de todo coraçõ e de toda uoontade. e cõ toda uirtude. Desy amar a sseu prouximo. tãto como ssy meesmo. Depois desto nõ matar. nõ cometer adulterio de feito nẽ de uoontade. nõ ffazer furtu. nõ cobijçar. nõ dizer falsso testimunho. honrrar todollos homees. e aquelo que el nõ queria que lhe fezessem nõ no faça ao outro. mas faça aquello que el queria que lhe fezessem. Neguar ssy meesmo e a ssua uoontade propria. e per ffeitos e por obras seguir ihesu christo. O sseu corpo castiguar. os mãiares e os deleitamentos nõ cubijçar nẽ gostar. Ho jeiuũ amar. os pobres recrear. ho nuu vestir. hõ ẽfermo visitar. ho morto ssoterrar. acorrer e dar [xxvi] ajuda aaquel que esteuer em pressa e ẽ tribulaçõ. cõssolar e cõffortar os doentes e os ẽffermos. Dos feitos e das obras do ssegre se ffazer alheo e estranho e dellas sse quitar. Nõ proponha nẽhũa cousa ao amor de ihesu christo. Jra nom acabar. tẽpo de ssanha e de vindita nõ aguardar. ẽguano no coraçõ nõ teer. paz ffalssa nõ dar. caridade nõ leixar nẽ desenparar. nõ jure nẽ per uẽtura

sseia perjuro. verdade de coraçõ e uoontade e pella boca dizer. mal por mal nõ fazer nẽ dar. Jniuria a nẽhũu nõ fazer. mais se lha fezerẽ paçiẽtemente e cõ humildade por amor de ihesu christo a ssoportar e ssofrer. Nõ sseer soberuoso. nẽ beuedor. nen muyto comedor. nẽ sonollento e dormidor. nẽ priguyçoso. nẽ murmurador. os̃ jmijgos amar. nõ dizer mal aaquelles que lho disserem. mas ante os bẽzer e dizer bem delles. Injurias e perseguyçõees por justiça sofrer. nẽ dizer mal doutro. a ssua sperança ẽ deus poer e quando uir algũu bẽ ẽ ssy ẽtenda e crea que uẽ de deus e nõ del. e ho mal quando ffezer ẽtenda que proçede e vem del. ho dia do juizo temer. do jnferno sse espantar. A uida perdurauil com todo coraçõ e voonta[XXVII]de spiritual deseiar e nẽbrarse ẽ cada hũu dia que ha de morrer. Os feitos e as obras da ssua vida ẽ toda hora aguardar. e sseia çerto que ẽ todo loguar deus oolha e esguarda os sseus ffeitos. As cuidaçõees maas que veerem ao sseu coraçõ. muy asynha as cõfessar a ihesu christo. e a sseu confessor spiritual. e guardarse do mal. e do maao fallar. muyto fallar nõ amar. pallauras vãas ou mouẽtes a rysu nõ ffallar. risu muyto e amyhude nõ amar. as liçõees santas de boamente ouuyr. e muyto amyhude orar. Os sseus pecados trespassados cõ lagrimas e cõ gimidos ẽ cado huũ dia ẽ ssua oraçõ a deus cõfessar. desses pecados sse ẽmendar. Os deseios da carne nõ acabar. A uoontade propria ẽteiar. Aos preçeptos do abbade ẽ todallas cousas obedeecer. posto que el faça aquello que nõ deue de fazer. nẽbresse do preçepto e ẽcomendamento de deus no qual diz. Aquello que uos disserem fazede. e aquello que elles fezerẽ nõ no queirades fazer. Nõ queira sseer dito santo ante que o seia. mais primeiramente o sseia. pera seer uerdadeiramente dito. Os preçeptos de deus per ffeitos e per obras ẽ cada huũ [XXVIII] dia cõprir. castidade amar. a nẽhũu nõ teer odio. zeo maao e ẽveia nõ auer. perfia e ẽtẽçoees nõ amar. ssoberua e a uaan gloria fugir. Os velhos honrrar. os mãçebos amar. por amor de jhesu cristo. por os ẽmijgos orar. cõ aquelles que ouuer reixa ou discordia ante do ssol posto ẽ paz e ẽ boo amorio tornar. e da misericordia de deus nũca desesperar. Estes ssom os autos. e as virtudes das obras spirituaaes. os quaes se per nos de dia e de noite continuadamente forẽ compridos e no dia do juizo demostrados. reçeberemos aquella merçee e gualardom de deus. o qual os olhos nõ virõ. nẽ orelhas ouvirõ. nẽ o coraçõ nẽ o ẽtindimento do omẽ pode pensar quanta he a gloria e bem auenturãça. que deus ha de dar aaqueles que o amam. Os loguares

onde todas estas cousas sobreditas cõ diligençia deuemos de fazer e obrar. ssom os moesteiros. e persseuerar e cõtinuar na cõgreguaçõ.

Da obediençia

O primeiro grao da homildade he obediençia sem detardança. Esta cõuẽ e perteeçe aaquelles que nõ amã nẽ prepoem nẽhũa cousa ao amor de jhesu cristo. E porẽ tãto que lhe pello sseu mayor he [xxix] mãdado e ẽcomendado algũa cousa. assy lhe obedeeçẽ e ffazẽ cõ diligẽcia o que lhe he mãdado. assy como se lhe ffosse dito e mandado per deus. e esto por seruyço e voto santo que prometerõ. ou por medo do jnferno ou polla gloria da vida perdurauil. Dos quaes o nosso senhor deus diz. Tanto que a mynha voz veo nas ssuas orelhas logo me obedeçerõ. E sseguesse ainda mais. e diz aos meestres e doutores. Aquel que uos ouue myn ouue. E por esto estes taaes de todo ẽ todo relinquindo e desenparando as ssuas cousas. e as ssuas propias voontades e muy apressa leixando as obras que tijnham começadas per suas maãos e nõ curãdo dellas, obedeeçem per ffeitos aa voz e ao mãdamenlo de sseu maior. E assy ẽ hũu momento o ẽcomendamento do meestre e a obediençia e as obras do diçipollo. muyto apressa cõ temor e amor de deus. jũtamente ssom compridas. E por esso os que ham amor e deseio da vida spiritual. pera senpre. escolhẽ e tomã carreira e camynho muy streito. nõ querendo viuer per seu aluydro nẽ per sseu talente. nẽ obedeeçer aos sseus deseios e dileitos. mas ante querem obedeeçer ao juizo e man[xxx]damento alheo. deseiando de viuer nos moesteiros pera auerem padre abbade a que obedeeçam. Dos quaes nosso senhor diz. Streita he a carreira que trage os homees aa uyda perdurauil. Estes taaes sem duuyda nẽhũa. ssegũe e comprem a ssentẽça do nosso senhor deus. na qual diz. Nom vijm fazer a mynha voontade. mais a uoontade daquel que me ẽviou. Entõ a obediençia sera reçebuda ante deus. e praziuil e amada aos omẽes. sse aquello que he emcomendado ao diçipollo for feito sem temor. sem detardança. sem priguyça. sem murmuraçõ. e sem rreferta. Porque a obediẽçia que he feita aos mayores. a deus he ffeita. Por que el disse. Aquel que a uos obedeeçe. a myn obedeeçe. E aos diçipollos perteeçe dobedeeçer de boo coraçõ e tallente ledo. por que muyto ama deus aquelles que o seruẽ cõ plazer e aligria. E sse o diçipolo obedeeçe cõ maao coraçõ e maa voontade. ẽ causso que expressamente nõ

murmure pella boca. mais murmure (1) no coraçõ. e faça e compla aquello que lhe he mandado. tal obediençia como esta: nõ seera reçebida de deus. que oolhou e vio o coraçõ e talante deste murmurador. E por tal obediẽçia nõ auera gualardom. mas auera e ẽcorrera pena e tormentos dos mur[XXXI]muradores sse sse nõ ẽmendar e sati[s]fezer do pecado.

Do ssillençio

Façamos aquello que diz o propheta. Eu dixi guardarey os autus e as obras da mynha vida. e nõ ofenderey nẽ pecarey per minha lingua. Puge guarda aa mynha boca. fizeme mudo e omildoso e caleime de dizer bem. Em esto nos demostra o propheta. que se alguas uezes por o silençio. nõ deuemos de falar nẽ dizer as boas cousas. quanto mais pollo pecado e pena del deuemos de calar e cessar de dizer maas palauras. E por ẽde aos diçipolos posto que seiam boos e perfeitos e queirã falar boas cousas santas e de edificaçom. por guarda do silençio nõ lhe seia outorguada leçẽça de falar cada que quiserẽ. porque scprito he. O que muyto falla nõ se escusa do pecado. E ssegue-sse. A morte e a uyda. esta no dizer da lingua. E por esso perteençe ao meestre fallar e ẽsinar. e ao diçipolo ouuyr e calar. E por ẽde qualquer cousa. que o diçipolo aia mester. deuea de rrequerir e demãdar ao prior cõ toda omildade e rreverença e cõ toda subgeiçõ. E mandamos e defendemos aos diçipolos de todo ẽ todo. que nõ vsem de ligeiriçes e de palauras ouçiosas. ou doutras que mouã rryso e [XXXII] esto aguardem ẽ todo logar.

Da homildade

Irmaaos. clama a nos a santa scriptura. e diz Todo aquel que se exalça. sera omyldado. e aquel que se homylda. sera exalçado. Em dizendo esto a escriptura. demostra a nos. que todo exalçamento he geeraçõ e modo de soberua. Do qual o propheta castiguãdo sy meesmo diz. Senhor o meu coraçõ nõ he exalçado. nẽ os meus olhos nõ ssom cheos de ssoberua. Nem andey nẽ presumy de myn cousas grandes. Nem pensey nẽ puge ssobre myn cousas marauylhosas. mais andaua muy omyldoso e assy exalçei a mynha alma. Senhor sse eu assy nõ ffiz. asy perca a

(1) *Murmuere* diz o texto.

mynha alma o teu gualardõ e gloria. como o moço pequeno perde solaz e alegria quando lhe sua madre tira o leite. Onde jrmaaos se quisermos auer e percalçar a muy grande alteza da omyldade. e vijnr aa gloria çelestial. aaqual nẽhũu que seia ẽ esta presente vida nõ pode vijnr sem ela. aproueitãdo de bem ẽ milhor. per nossos boos autos seiamos mereçedores daleuãtar aquela scaada que apareçeo. a jacob ẽ ssonhos pela qual forõ demostrados a el angeos. hũus que sobijam e outros que desçendiã. O qual açendimento. e desçendimento sem du[XXXIII]uyda nõ he outra cousa senõ per exalçamento de ssoberua desçender. e per omyldade sobir. A escaada que staua leuãtada. he a nossa uyda ẽ este mũdo. a qual per coraçõ omyldoso seera leuãtada ao rreigno de deus. Os lados daquella escaada dizemos que he o nosso corpo e a nossa alma. Nos quaes lados deus padre. nos demostrou que auemos de sobir per desuairados graos domyldade e de doutrina e ẽsinança. pera hir ao sseu rreigno.

Primeiro

O primeiro grao da omyldade he. sse o monge senpre poser e ouuer antos seus olhos o temor de deus. E deue senpre de seer nenbrado de todolos preçeptos e mandamentos de deus e per nẽhũa guisa nõ os oluydar nẽ remouer do seu coraçõ. E sseia aynda nẽbrado ẽ como os que desprezã deus e os seus mãdamentos. pollos sseus pecados vaam aas penas do jnferno. e pense senpre ẽ sseu coraçom a gloria e a uyda perdurauyl que sta aparelhada aaqueles que temẽ e amã deus. E guardesse (1) ẽ toda hora de todo pecado. s. dos maaos pensamentos e da maa falla e de todollos outros pecados. e de todo ẽ todo tire e rremoua de ssy os deseios da carne e propia voontade. E pẽse e cuide que ẽ toda hora deus esguarda o homẽ. e os seus feitos ẽ todo loguar som vistos ante a presença [XXXIIII] de deus e ẽ toda hora pellos seus angeos som presentados a el. E o propheta demostra a nos que deus senpre he presente nos nossos pensamentos e nas nossas cuydações dizendo. deus escoldrynha e proua os corações dos homees. E sseguesse. deus conheçe as cuydaçõees dos homees. E o propheta diz: Entendiste as mynhas cuydações. por que o pensamẽto e a cuydaçom do homẽ ssera confessada a ti. E pera o mõge aproueitador seer soliçito e discreto sobre as ssuas cuydações maas e peruerssas. digua ssenpre ẽ sseu coraçõ. Estonçe seerey eu sem magoa e ssem pecado. sse

(1) No texto *guardasse*.

me eu guardar de toda maldade. E ainda nos he defeso que nõ ffaçamos a nossa propia voontade dizẽdo a scriptura a nos. Tornate e quitate dos teus dileitos e deseios. E por ẽde ẽ nossas orações rroguamos a deus. que seia a ssua voontade comprida ẽ nos. Como ergo somos doutrinados e ẽsinados. nõ fazer as nossas voontades. e nõ fazer aquello que deffende a santa scriptura. Som autos e obras que parecẽ aos homees dereitas e boas. a fim e o acabamento das quaes tragem os homees ao proffundo do jnferno. E quando fazemos aquello que defende a santa scriptura. caímos nas culpas dos negligentes. aos quaes he dito. Corrutos e auorreçiuijs feitos ssom nos sseus maaos deseios [xxxv]. E por esso creamos que senpre deus he presente nos nossos deseios da carne segũdo que diz o propheta, Senhor ante ti he todo o meu deseio. E por esta razom nos deuemos de quitar de todo maao deseio. por que o maao deseio tras cõssigo jũtamente a morte. Onde a scriptura nos manda. e diz. Nõ vaas nẽ obedeeças aos teus deseios. E por ẽde jrmaaos se deus esguarda os boos e os maaos. el do çeeo senpre oolha sobre os filhos dos homees. pera veer se he algũu que tema ou queira seruir a deus. E se as nossas obras ẽ cada hũu dia pellos augeos ssom demostrados ao nosso criador deus. ergo ẽ toda hora nos deuemos de cauydar asy como diz o propheta no salmo. Nem per uentura deus esguarde nos e os nossos feitos maaos sem proueito. perdoando a nos ẽ este tenpo. por que el he piadoso e misericordioso e atende que nos tornemos a el. digua a nos no dia do juizo. Estes pecados ffezeste tu e caleime eu.

O ssegundo

O ssegundo grao da homyldade he sse algũu nõ ama a ssua voontade propia. nẽ se dileita nẽ toma plazer pera cõprir e acabar os seus deseios. mais per obras e per feitos ssegue aquella voz de nosso ssenhor que diz. Nom vijm ffazer a mynha voontade [xxxvi] mas a voontade daquel que me ẽviou. E diz a scriptura. O deleitamento ha pena e tormento. e a neçessidade aparelha coroa e gualardõ.

Terceiro

O terçeiro grao da homyldade he. se algũu pollo amor de deus suiugua ssy e a ssua propia voontade ao mayor com toda obediençia e segue jhesu cristo do qual diz o apostolo feito he obediente ao padre ataa a morte.

Quarto

O quarto grao da homyldade he. sse toda cousa que he mãdada ao mõge. posto que seia graue e aspera e cõtraira aa

ssua voontade. cõ toda obediençia a faz. e cõ toda homyldade e ssem murmuraçõ ssofrer quaes quer jniurias a el ffeitas. nõ ẽfraqueçendo nẽ se anoiando nẽ sse departindo do moesteiro. E por ẽde diz a scriptura Aquel que perseuerar ataa fim sera saluo: E seguesse. O teu coraçõ ssofrendo tribulações e afliçõees pollo amor de deus. tomara plazer e alegria. E demostrandonos a scriptura que todo boo mõge deue de padecer e ssofrer todalas cousas cõtrairas por amor de deus. diz ẽ pessoa daquelles que as padecẽ e sofrẽ. Senhor pollo teu amor ẽ cada hũu dia grauemente somos aflitos e tormentados. e ssomos feitos [XXXVI] homyldosos assy come a ouelha quando a querẽ matar. E estes taaes ia seguros da sperança perdurauil e gualardom e gloria de deus cõ grande plazer e alegria dizẽ. Todas estas afliçõees ssofremos e vençemos, por amor daquel que nos amou. E diz mais a scriptura. Senhor deus tu nos provasti. e per fogo nos examynasti. assy como a prata he examynada e purguada pello fogo. tragendonos aas streitezas e asperidades da rregla. poendo sobre nos muytas tribulações. E pera nos demostrar que deuemos de viuer so poderio de prelado. seguesse e diz. Poseste homees sobre as nossas cabeças. e cõprindo o preçepto e mandamento de nosso senhor deus ẽ ssofrendo injurias e outras afliçõees cõ muyta paciencia. O qual preçepto diz. que aquelles que forẽ ffiridos ẽ hũa façe aparẽ a outra. e ao que lhe toma a ssaya. leixenlhe o mãto. e cõ aquelles que os leuã per força hũa legoa. vaan cõ elles duas e cõ o apostolo sam paulo sofrem os falsos jrmaaos. e padeçẽ e sosteem persecuções e beenzem aquelles que os vituperam e mal dizem.

Quinto

O quinto graao da humyldade he. sse todalas maas cuydações que veerẽ ao coraçõ do mõge. e os pecados que el [XXXVIII] cometeo e fez ascondidamente. os demostre per homyldadosa cõfissom a sseu abbade. E desta cousa nos amoesta a scriptura e diz: Demostra a deus ho camynho dos teus ffeitos e obras. e spera ẽ el. E sseguesse. Confessadevos a deus por que el he boom e piadoso. e pera todo senpre he a ssua misericordia. E o propheta diz. Senhor eu notifiquey e demostrei a ti o meu pecado. e as mynhas maldades nõ emcobri. Dixi pronunçiarei e demostrarey cõtra myn as mynhas maldades ao senhor. e tu perdoasti a crueza e a maldade do meu coraçom.

Ssexto

O ssexto graao da homyldade he que o mõge seia cõtento de toda vileza e de todo abaixamento. e ẽ todalas cousas que

lhe forem ẽcomendadas que ffaça julguesse por maao obreiro. e jndigno e nõ mereçedor de as fazer. E digua cõ o propheta. A nenhũa cousa som tornado. e nõ som boo pera nẽhũa cousa. e nõ no ẽtendi nẽ no soube. e som feito tal como besta a ti. e eu senpre cõtigo.

Sseptimo

O sseptimo graao da homyldade he sse o mõge sse diz e sse demostra mais vil e mais baixo de todos. e esto nõ tan soomente per sua lingua ho demostre. mas [xxxix] ainda cõ todo coraçõ e de toda voontade ho creea. e cõ grande homyldade digua cõ o propheta. Eu som uermẽ e nõ som homẽ. ssom doesto dos homees. e vileza e auorriçimento do poboo ffuy exalçado per soberua. e agora som homyldoso e muy abaixado. E sseguesse. Senhor grande graça e bem me fezeste. porque me suiuguasti e omildaste. pera eu aprender e saber os teus preçeptos e mandamentos.

Oytavo

O oytavo grao da homildade he. que o mõge nõ faça nẽhũa cousa. saluo aquello que a rregla do moesteiro e os ẽxenplos dos mayores mandam.

Nono

O nono grao da homyldade he. sse o mõge nõ fallar ante que o preguntẽ. e esto nos mostra a scriptura e diz. que na muyta falla nõ fugira o pecado. E por que os feitos do homẽ linguaz e de muyta palaura nõ som adiantados sobre a terra.

Deçimo

O deçimo grao da homyldade he. sse o mõge nõ for leve e aparelhado ao rriso. por que scripto he. O ssandeu no rriso exalça e leuanta a ssua voz.

Vndeçimo

O vndeçimo grao da homyldade he se quando o mõge falla. mansa[xxxx]mente e sem rriso e cõ grande homyldade e honestidade e poucas palavras e rrazoauijs fale. e nõ seia palauroso nẽ dizedor. porque scripto he. O ssabedor em poucas palavras sse demostra.

Duodeçimo

O duodeçimo grao da homyldade he. sse o mõge senpre sse demostrar muy omyldoso a todos. nõ soomente de coraçõ e de voontade. mas aynda per obras e per feitos. s. na obra. e no oratorio. no orto. na carreira. no camynho. e no agro. e ẽ outro qualquer offiçio que lhe for encomendado. e onde quer que seuer. andar. steuer. senpre seia cõ a cabeça emclinada. e os olhos

ficados em terra. ffazendosse reeo e culpado e en toda ora pensando ẽ sseus pecados. e pense e cuyde ẽ sseu coraçõ que ia he presentado no muy spantoso juizo de deus. e digua senpre cõ os olhos fiquados ẽ terra o que he scripto no euãgelho do publicano. Senhor eu pecador nõ som digno leuantar os meus olhos ao çeeo. E digua ainda cõ o propheta. Abaixado e homildado som de todo en todo. E por ende dizemos. sse o mõge percalçar e ouuer todos estes sobreditos graos da homyldade. muy levemente e ssem trabalho pode vijnr ao amor e a caridade de deus. a qual perfeita lança fora todo temor. Pella qual todalas cousas que prime[i]ramente fazia e agua[xxxxɪ]rdaua cõ temor. agora ssou nẽhũu medo e trabalho começara de ffazer e aguardar naturalmente e de ssua propia cõdiçõ e talente. nõ por medo do jnferno. mais por amor de jhesu cristo. e boo uso e custume que ouuer e per deleitamento e obras de virtudes. As quaes deus pelo sprito santo demostrara no seu obreiro e seruydor linpo e purguado dos viçios e pecados.

Em que tenpo sse hã de leuantar os monges aas horas que am de dizer nas noytes

No tenpo do jnuerno. s. das calendas de nouẽbro ataa pascoa. ssegundo discriçom e a (1) razom dita na oytaua hora da noite. sse leuãtem os mõges. per tal guisa que pouco mais que ameatade da noyte dormã. e feita ia ssua digestom. aleuantensse. E o spaço que ficar depois das vigilias ataa manhãa. seia pera aqueles que ouuerem mester de leer salteiro ou lições. Dela pascoa ataa as sobre ditas calendas de nouembro. atal tenpo e hora tanguã aas vigilias da noite que muy pequeno spaço seia feito ẽquanto os mõges possam hir. aas neçessarias. e logo diguã os laudes. Os quaes se deuẽ de dizer quando começar de amanheecer.

Quantos ssalmos sse am de dizer nas horas das noites

[xxxxɪɪ] No tenpo do jnuerno. aas matinas diguã primeiramente *Deus in adiutoriũ meũ ĩtende* e *domine ad adiuvandũ me festina* e depois *Domine labia mea aperies* e *os meũ ãnũciabit laudem tuã*. O qual repetido per tres vezes. diguã logo.

---

(1) No texto *eo a*.

Domine quid multiplicati sunt. E depois deste. *Venite exultemos domino.* cõ sua antiphãa. ou sem antiphãa se tal tenpo for. e depois ho hynno. e seis salmos cõ antiphãas. Os quaes acabados e dito o uesso. de o abbade a beençõ aaquel que ouuer de dizer a liçõ. e assentense todos nos scanos ou nas cadeiras. e leam os mõges tres lições pelo liuro sobre o leitaril. s. cada hũu lea sua liçom. antre as quaes seiam cãtados tres responssos. E aquel que cantar o rresponsso depois da terçeira liçõ digua *gloria patri.* E quando a começar de dizer. todos muy asinha sse aleuãtem de suas seedasa a hõrra e rreverẽçia da santa trijndade. Nas vigilias seiam leudos os liuros assy do testamento vedro. como do testamento nouo. e as exposições deles. as quaes forõ feitas pelos santos padres catolicos fiees. e muy grandes doutores. E depois destas tres lições cõ sseus rresponsos. diguã seis salmos cãtados cõ alleluya. E ditos estes. diguã o capitolo de cor. e o uesso. e *kyrieleysom.* e assy [xxxxɪɪɪ] seiam acabadas as vigilias das noites.

Em que guisa sse am de dizer as matinas na quintura

Dela pascoa ꝗtaa as calendas de nouẽbro. aas matinas. diguam os salmos pela ordinaçõ sobre dita. saluo as lições que nõ seiã leudas pelo liuro. E esto por as noites que som breues e pequenas. E por essas tres lições. seia dita hũa liçõ de cor do testamento velho. e depois ela. hũu rresponsso breue. e todalas outras cousas seiã cõꝑridas e acabadas pela guisa que dito he. cõuem a saber que nũca aas matinas seiã ditos menos de doze salmos tirado. *Domine qnid multiplicati sũt* e *venite exultemus Domino.*

Como sse deuem de dizer as matinas no domyngo

No dia do domyngo mais çedo sse leuãtem os mõges aas matinas que nos outros dias. Em nas quaes tenhã o modo que de suso dissemos. cõuem a saber seis salmos e o uesso. E entom pousense todos honestamente e per ordem em suas seedas. e seiã leudas pelo liuro quatro lições. cõ seus responsos. E o que diser o quarto rresponso. digua cõ el a *gloria.* Aaqual *gloria* como a el começar. todos cõ reuerença sse aleuãtem. depos as quaes lições. dig[xxxxɪɪɪ]uam per ordem outros seis salmos cõ suas antiphãas. assy como os primeiros. e o uesso Depos dos quaes salmos seiã leudas outras quatro lições cõ seus rres-

ponssos pelo modo e ordem que de suso disemos. Depois seiam ditas tres canticas dos prophetas quaes mandar o abbade. As quaes canticas seiam ditas cõ alleluya. e dito o uesso e dada a beençõ do abbade. seiam leudas outras quatro lições do testamento nouo. segundo modo e ordem das outras suso ditas. E depois do quarto rresponso. começe o abbade o hynno *Te deum laudamus*. O qual acabado. lea o abbade a liçõ do euangelho. cõ rreuerença e honrra e temor de deus. e todos stem leuantados. A qual acabada. todos rrespondam *amen*. E digua logo o abbade ho hynno *Te decet laus*. E dada a beençom. começẽ os laudes. A qual hordem das matinas. jgualmente no dia do domyngo deuẽ de teenr e aguardar ẽ todo tẽpo assy do veraao como do jnuerno. saluo pela ventura se sse leuantarẽ mais tarde do que deuẽ. o que deus nõ queira. e abreuiarẽ algua cousa das lições. ou dos rresponsos. A qual cousa deuẽ de fazer cõ toda diligẽcia per guisa que nõ acõteça. E sse per uentura acõtecer. Aquel per cuia culpa veer dign[xxxxv]amente ssatisfaça a deus na jgreia.

Como hã de dizer os laudes no domyngo

No dia do domyngo aos laudes primieramente seia dito *Deus misereatur nostri* sem antiphãa. e depois diguã cõ alleluya. *Miserere mei Deus*. e *Confiteminy domino* e *deus. deus meus ad te de luce* e *benedicite omnia opera domino* e *laudate Dominum de celis*. E o capitolo. o qual seia dito de cor. E o rresponso E o hynno E o vesso E *benedictus dominus deus israel*. e a ladainha. e o *pater noster*. e asi seiam acabados.

Em que maneira a ssolenpnydade dos laudes sseia ffeita

No dia do domyngo aos laudes primieramente seja dito. ho sseissagesimo sexto salmo sem antiphãa. s. *Deus misereatur nostri*. despolo qual seia dito o quinquaiesimo cõ alleluya. s. *Miserere mei deus*. e depos este diguã o centesimo septimo decimo. s. *Confitemini domino*. e o seissagesimo segundo. s. *Deus deus meus*. desy as beẽções e os louuores e hũa liçom do *apocalissy* de cor. e ho rresponso. e ho hynno. e o vesso. e o cantico do euãgelho. e a ladaynha. e assy seiam acabados.

Como sseiam ditos os laudes nos dias priuados

Enos dias priuados a solẽpnidade dos laudes assy seia feita. cõuem a ssaber o seissagesimo sexto salmo. seia dito sem anti-

phãa a passo. assy como no dia do domyngo. por tal que todos cheguẽ. ao quĩquagessimo. que cõ antiphãa seia dito. depos o qual sseiam ditos outros dous ssalmos. segundo he de custume. cõuem a saber. Segunda feira. o quinto e o treçesimo quinto. Terça feira. o quadragesimo segundo e o quinquagesimo sexto. Quarta feira o sseissagessimo terçio [1] e o sseissagesimo quarto. Quinta feira. o outogesimo septimo. e o outogesimo nono. Sexta feira. o sseptuagesimo quinto. e o nonagesimo primo. Sabado ho centesimo quadragesimo segundo. e o cantico deuteronomij. o qual seia departido ẽ duas *glorias*. mais em cada huũ dos outros dias seia dito sseu cãtico. assy como canta a jgreia de Roma. depois desto siguãsse os laudes. desy hũa liçom do apostollo rrezada de cor. e ho rresponsso. e ho hynno. o uesso. o cantico do euãgelho. a ladaynha. assy seiã acabados. E ssenpre na fim dos laudes. e da uespera a oraçõ domynica cõuem a saber. o *Pater noster* seia dito do prior a todos ouuyntes. por os mouymentos dos scandollos que soeem [xxxxvii] de nacer. que todos per o promitimẽto dessa oraçõ. na qual dizem. senhor perdoa a nos as nossas diuidas. assy como nos perdoamos aos nossos diuydores. alinpensse todos deste pecado. mais nas outras oras. a pustumeyra parte dessa oraçom sseia dita. que todos dia respondam *ssed libera nos a malo.*

Como sseiam ditas as vigilias nas ffestas dos ssantos

Em nas festas dos santos ou nas ssolẽpnidades. assy como dissemos que sse fezesse no dia do domyngo. assy sseia feito. tirado que cs salmos e as antiphãas e as lições. a [e]sse perteeçentes seiam ditas. per o modo e ordinaçõ ssuso dito.

Em quaes tenpos sseia dita alleluya

Des a santa pascoa ataa penticoste. cõtinuadamente sem outra deteença. diguam alleluya. assy nos salmos come nos responsos. Des penticoste ataa ho começo da quareesma. ẽ todalas noytes. cõ os pustumeyros seix salmos. as segundo nocturno seia dita. Outro ssy ẽ todollos domyngos. tirado os da quareesma aas canticas. e aos laudes e a prima. e terça e sexta. e noa cõ alleluya seiam ditas. E a uespera anti[xxxxviii]phaa. Os reponsos

[1] Por ter escapado, escreveu-se á margem.

nõ seiam ditos cõ alleluya. ssaluo des a pascoa ataa penticoste.

Como sse deuẽ de dizer as horas do dia

Assy como diz o propheta. Senhor sete vezes no dia dey louuor a ty. O qual cõto septenario e numero de nos assy seera comprido. sse em tenpo da nossa servydõoe pagu[a]rmos os ofiçios cõuem a saber. os laudes. a prima. a terça. a sexta. a noa. a vespera. e a cõpleta. Por que destas horas diz o propheta. ssete vezes no dia dey louuor a ty. mais das vigilias da noite. esse propheta diz. aa meatade da noite me leuantey a cõffessar e dar louuor a ty. Ergo demos louuores ao nosso criador. sobre os juizos da ssua justiça cõuem a ssaber. em nos laudes. na prima. na terça. na sexta. na noa. na vespera e cõpleta. e de noyte nos leuãtemos a cõfessar e dar louuores a el.

Quantos ssalmos sseiã ditos aas ditas horas

Ja dos nocturnos. e dos laudes departimos e ordinamos a hordem dos salmos. agora veiamos das horas siguintes. Na ora da prima. sseiam ditos tres [xxxxix] ssalmos cada huũ cõ sua *gloria.* E ante que estes salmos seiam começados. diguam *deus in adiutoriũ meũ ĩtende.* E depois o hynno perteeçente a essa ora. acabados os salmos diguã o capitollo e o vesso. e o *kyrieleysom.* e assy seia acabada. A terça e a ssexta e a noa per esta ordinaçõ seiam ditas. s. *Deus in adiutoriũ.* e os hynos perteeçentes a essas horas. e tres ssalmos. e o capitollo. e o uesso. e *kyrieleysom.* e assy seiã fijndas. Se a cõgreguaçõ ffor mayor seiam cantadas cõ antiphãas. sse meor podẽnas dizer rezadas. mais a vespera seia dita cõ quatro salmos asinados cõ suas atiphãas. e depois diguã o capitollo e o responsso. e o hyno. e o uesso. e o cãtico do euangelho. s. *magnificat* e a ladaynha. e a oraçõ da domyngua. s. *pater noster* e assy se acabe. Aa cõpleta seiam ditos tres salmos chaamente sem antiphaas. e depois o hyno perteençente a essa ora. e o capitollo e o uesso. *kyrieleysom* e a beençõ e assy seiam ẽviadas.

Do hordenamento dos ssalmos

Desposta a hordem dos salmos das oras do dia. todolos outros que sobeiam igualmente seiam repartidos [L] pela domaa nas vigilias das noctes cõvem a saber. doze salmos ẽ cada hũa

noite. partindo aqueles que mayores som em duas partes. e se per ventura a algũu nõ aprouguer do repartimento e ordinaçõ destes salmos. e el entender que ẽ outra guisa sse podem milhor stabeleçer e ordinar ordineos. per tal guisa que em cada hũa domaa seia cantado todo o salteiro. no qual som cõteudos. cento e cinquoenta ssalmos. e ssenpre no dia do domyngo. aas vigilias seia repitido do começo. por que grande priguiça e pequena devaçõ de servir a deus. demostram os mõges que ẽ cada hũa somana nõ rezam todo o salteyro cõ seus canticos acustumados. por que leemos e achamos que os nossos santos padres ẽ cada hũu dia muy devotamente o cõpriam e acabavã. O qual prougesse a deus que nos outros priguiçosos e fracos per toda a somana acabassemos.

Como deuẽ os monges de cantar

Nos creemos que deus he e sta em cada hũu loguar. e el oolha e esguarda em toda a ora os boos e os maaos. e sse el esto faz ẽ toda a ora. muyto mais sem duuyda nẽhũa creemos [LI] que quando stamos as suas horas. el sta presente. E por tãto senpre nos deuemos de nẽbrar daquelo que diz o propheta. Servyde a deus cõ temor. E diz aynda mais. Cantade homyldosamente. E sseguesse. Senhor na presença dos angeos cantarey eu a ty. Pois cõsijremos bem ẽ que modo e maneyra. perteeçe a nos. star na presença de deus e dos angeos. e assi stemos aas horas rezando e cantando. que o nosso coraçõ cõcorde cõ a nossa voz.

Com quanta humyldade e reuerença deuemos de orar

Se algũa cousa queremos pidir ou demãdar. aos homees poderosos. nõ ousamos de o fazer. saluo cõ grande humildade e reuerença. quanto mais deuemos de ssupplicar e roguar o nosso senhor deus cõ toda humildade e pura deuoçõ. E nõ em muyta fala. mais cõ amor e caridade de coraçõ e cõpũçom de lagrimas nos ouuyra deus e comprira nossos boos deseios. E por tantos dizemos que breue e pura deue de seer a oraçõ. saluo se algũu. cõ amor de deus e spiraçõ diuinal ha quiser perlonguar. Enpero no cõvento. a oraçõ seia breue e [LII] tanto que o prior fezer sinal. todos se aleuantem.

Dos decanos do moesteiro [1]

Se a cõgreguaçom for mayor seiam elegidos e stabeliçidos decanos frades de boa vida e santa cõverssaçõ. os quaes deuẽ de procurar e reger suas decanias ẽ todalas cousas. segundo o mandado de deus e ẽcomendamẽto de seu abbade. E taes decanos seiam eligidos. cõ os quaes o abbade seguramente possa partir seus ẽcarregos. E nõ seiam eligidos e escolheitos per ordem. mais segundo ho meriçimento da ssua vida. e a doutrina e ẽsinãça. E sse per uentura algũu deles depois for achado em pecado de soberua. ou ẽ outro de que possa e deua seer reprehendido. seia castiguado per hũa e duas e tres vezes. E sse sse nõ quiser emmendar. seia tirado desse offiçio. e outro digno e mereçedor seia posto em seu logo. E assy como dizemos destes decanos assi stabeleçemos e ordinamos do preposto.

Como deuem os monges de dormir

Cada hũu monge dorma em sseu lecto. os quaes tenhã camas. segundo modo e uso da congregaçom e mandado de sseu abbade. E sse sse poder fazer. todos dormã em hũa casa. E [LIII] sse per uentura forẽ muytos. e esto nõ poderẽ fazer. dormã dez. ou vijnte antre os quaes. iaçam ançiãaos boos. que sobre eles seiã bem soliçitos e discretos. E em essa casa. seia a candea açesa continuadamente dela noyte ataa manhãa. vestidos dormã e çintos cõ çintas ou cordas. e nõ tenhã cuytelos açerca de ssy quando dormirẽ. nẽ per uentura ẽ dormyndo se feirã ẽ eles. E pera os mõges senpre seerem aprestes como tanger o ssino leuãtensse muy asinha. e todos se vãao as oras de deus cõ toda humildade e honestidade. Os frades mais mançebos nõ tenhã os leitos iũtos hũus cõ os outros. mas mesturados e juntos seiam cõ os dos velhos. E quando sse leuãtarẽ aas oras de deus honestamente espertẽ hũus os outros. por tal que nẽhũu nõ sse escuse per ssono.

Da escomunhom das culpas

Se algũu frade for achado reuel e perfioso ou desobediente. ou soberuoso. ou murmurador. ou ẽ algũa cousa cõtrayro aa

---

[1] Á margem lê-se com tinta encarnada, como a do titulo dos capitulos: *decano he monge meestre sprítualmente e rege dez monges*. A encadernação cortou algumas letras.

santa regla. ou desprezador dos ẽcomendamentos de seus mayores Este tal seia amoestado de seus ançyãaos. segundo o preçepto de deus. per hũa e [LIIII] duas vezes em segredo. E sse sse nõ emmendar. sseia reprehendido publicamente. E sse sse aynda assi nõ quiser ẽmendar nẽ correger. e for tal que entenda que cousa he a pena da escomunhõ escomũguẽno. Se for maao e ẽcorrigibil. seia castiguado no corpo cõ firidas.

Qual deue de sseer o modo e maneira de escomunhom

Segundo ho modo da culpa. assy deue de seer dada a mẽssura da escomunhõ e da desçiplina. O modo das quaes culpas penda e este no juizo e aluidro do abbade. Enpero se algũu frade for achado ẽ ligeira culpa. seia privado da mesa. e nõ coma cõ os outros. E esse que assy for apartado da mesa nõ leuantara antiphaa nẽ salmo nẽ dira liçõ na jgreja. ataa que satisfaça e acabe sua penitençia. Depois que os frades comerem coma el soo. cõvem a ssaber. sse os ffrades comerem depois de ssexta. coma el depois de noa. sse comerẽ depois de noa. el coma depois de vespera. Ataa que per satisfaçõ cõuinhavyl. seia perdoado.

Das graues culpas

Aquel frade que for achado ẽ algũu pecado de graue culpa. seia apartado da mesa. e da jgreja. Nenhũu dos [LV] frades nõ ho acõpanhe nẽ lhe falle em nẽhũu loguar. Soo seia a obra que lhe ẽcomendarẽ. e este ẽ luictu de penitençia pense e cuyde aquella sentença muy spantosa do apostollo que diz. dado he este homẽ a sathanas ẽ quebranto da carne. por tal que o seu spritu seia saluo no dia do juizo. a quantidade do mantijmento. e a ora a que ouuer de comer seia ẽ aluydro e poderio do abbade. Nem seia beento de nẽhũu que passe per hu el estever. nẽ o que lhe derẽ pera comer.

Dos que conuerssom ou fallam ssem mandado coos escomũguados

Se algũu frade ou mõge presumir sem ẽcomendamento de seu abade cõuersar e falar per sy ou per outrẽ a algũu frade escomũguado. ẽ qualquer causo e modo. seia escomũguado como el.

Como o abade deue sseer ssoliçito e discreto ssobre os scomunguados

O abbade aia cura e cuidado cõ toda descriçom sobre os frades pecantes. porque os saaos nõ ham mester fisico. mais aos doentes e ẽfermos perteençe. E por ende se deue trabalhar e fazer assi como o fisico sabedor. s. enviar velhos ançyãaos sabedores. que em [LVI] segredo sem lhe dizendo nẽ dando a entẽder que vãao da parte do abbade. mais da ssua. Visitem e consolem aquel frade afflito per pensamentos. e ẽduguãno e chamẽ a satisfaçõ domildade e cõsolẽno. em guisa que nõ seia quebrantado per grande tresteza. Assi como diz o apostolo. Seia cõfirmada ẽ el caridade. e todos roguẽ a deus por el. Grande cuydade e descreçõ. deue o abbade de auer. cõ toda arte e sabedoria. pera nõ perder algũa das ouelhas a el cõmitudas. Conheça e sabha bẽ que reçebeo cura e cuidado dalmas ẽfermas. e nõ das sãas. E tema o ameaçamento do propheta pelo qual disse deus. Aquelo que viades grosso tomauades. e aquelo que era fraco leixauades. E deue aynda de seguir o enxemplo do boo pastor. que leixou noueenta e noue ouelhas nos montes. e foy catar e demandar hũa que errara. da enfirmidade da qual. ouue caridade e cõpaxom tam grande. que teue por bẽ de a põer nos seus santos onbros. e assy a trouue a cõpanha das outras.

Dos que por muytas vezes forẽ corrigidos e nõ sse emmendarem

Se algũu frade per muytas vezes for castiguado. por qual quer [LVII] culpa que seia. e se aynda for escomũguado. e nõ se quiser ẽmendar. façam ẽ el correiçõ mais forte. s. castiguẽno cõ açoutes. E sse sse aynda assi nõ correger. nẽ ẽmendar. ou per uentura aquelo que deus nõ queira. sse aleuantar em soberua. e quiser deffender suas obras maas. Estonçe o abbade faça assy como sages fisico. mostrandolhe per palauras e enxemplos. amoestações. das santas scripturas o que ha de fazer. E depois desto seia castiguado. per scomunhõ. ou firidas de uaras. e se vir que a ssua jndustria e sabedoria nõ lhe pode aproueitar ẽ nẽhũa cousa. estonçe aiũte aquelo que he maior e mylhor. cõvem a ssaber. a ssua oraçõ e de todollos outros frades. que o senhor deus que he poderoso ẽ todalas cousas. obre e de saude aaquel frade ẽfermo. E sse per esta guisa sse nõ ẽmendar.

Estonçe o abbade use do exemplo da santa scriptura. assy como diz o apostolo. Deitade o maao fora de uos. E sseguesse. O maao sse sse departe. departasse e vaasse. nẽ per uentura hũa ou[e]lha emferma e chea de pecado. danpne e ẽçugẽte toda a outra cõpanha.

Como deuem reçeber os ffra[LVIII]des ffugitivos que sse vãao do moesteiro

O frade que polo seu proprio pecado sse ssaae ou he deitado fora do moesteiro. e depois sse quiser tornar. primeiramente pormeta toda emendaçõ do pecado porque sse sayo. e assi seia reçebudo e posto no ultimo grao. pera seer conheçuda e prouada a ssua homyldade. E sse per uẽtura sse sair per duas vezes. atees a terçeira vez. assi seia reçebydo. Mais sse depois veer seia çerto que o nõ reçeberõ no moesteiro.

Como deuẽ castiguar os moços de meor hidade

Toda hidade ou entendimento. deue dauer propias mẽssuras e discriçom. E por tãto per quantas vezes os moços. ou os mays mançebos ẽ hidade. ou aqueles que nõ podem ẽtender quanta he a pena da escomunhõ. A estes taaes quando pecarem. seiam atormentados per grandes jeiũus. ou castiguados cõ fortes açoutes. por tal que se corregam e emẽdem.

Do çelareiro do moesteiro qual deue sseer

O çelareyro do moesteiro seia escolheito e eligido da cõgreguaçõ. o qual seia sabedor e amauil per boos costumes. deue seer tẽperado. nõ seia muyto comedor. nẽ soberuoso. nẽ escu[LIX]ro e trubulento. nẽ jniurioso. nẽ priguiçoso e deguastador. mais tema deus E sseia a toda a cõgreguaçõ assy como padre. e aia cura e cuidado de tcdalas cousas. Non faça nẽhũa cousa sem mandado do abbade. Aguarde e faça as cousas que lhe forem ẽcomendadas. Os ffrades nõ cõtriste. E sse algũu lhe pedir algũa cousa nõ razoauylmente. nõ no despreze. nẽ cõtriste. mais cõ razom e humyldade lhe digua que ho nõ pode fazer. Guarde a ssua alma e seia senpre nẽbrado. do apostolo que diz. Que aquel que bem ministrar. auera boo gualardom. Aia cura e cuydado cõ toda discriçom dos enfermos e dos menynos e dos proues. E sseia çerto ssem duvida nẽhũa. que destas cousas

todas. ha de dar cõto e razom a deus no dia do juizo. Toda a sustançia do moesteiro e os vasos guarde e oolhe. assy como sse fossem vasos ssagrados dos altares. Nom ponha negligençia ẽ nẽhũa cousa. Nem stude ẽ auareza. nẽ seia deguastador e destruydor da sustançia do moesteiro. mais todalas cousas mesuradamente e cõ descreçom e como lhe mandar o abbade. Antre todalas cou[LX]sas que em el ouuer. aia humyldade. E quando nõ teuer sustançia. ou mãtijmento que de a algũu. respondalhe homyldosamente e delhe boa palaura. assy como he scripto. A boa palaura he sobre ho boo dado. Aquelas cousas que lhe o abbade ẽcomendar. essas faça e aia sso ssua cura. E aquelas que lhe defender. nõ presuma nẽ seia ousado de as ffazer. Aparelhe e de aos frades nas oras stabeliçidas. aquelas cousas que lhe forem neçessarias pera comer e beuer. ssem ssoberua e ssem nẽhũu detijmento. por tal que nõ sseiam scandalizados. E nẽbresse daquelo que deus dise que mereçera aquel que scandalizar hũu dos mais pequenos. Se a cõgreguaçõ for mayor. denlhe cõpanheyros que o aiudem. por tal que el cõ boo coraçõ e boa voontade possa cõprir e acabar ho ofiçio cõmetido a el. Nas horas stabeliçidas e acustumadas seiã dadas aquelas cousas que ouuerem de dar. e peçam aquelas que ouuerem de pedir. pera nẽhũu nõ seer toruado nẽ contristado na casa de deus.

Das alffaias e fferramentas do moesteiro

Na sustançia do moesteiro e nas ferr[LXI]amentas ou vistiduras. ou outras quaaes quer que seiam. ponha o abbade frades. da vida e custumes dos quaes el seia bem seguro. E assijne a cada hũu aquelas cousas que ouuer de gua[r]dar ou minystrar. segundo el ẽtender que he milhor e mais proveitoso. Das quaes cousas o abbade tenha hũu memorial. por tal que quando algũu frade soçeder o ofiçio do outro. sayba aquelo que da ou o que reçebe. Se per uentura algũu trautar as cousas do moesteiro mal e cõ negligençia como nõ deue. seia castiguado. E sse sse nõ ẽmendar. seia somytido aa diçiplina regular.

Se deuem os monges dauer ou teerem algũa cousa

Antre todalas cousas prinçipalmente este pecado de raiz seia talhado do moesteiro. nẽhũu nõ presuma nẽ ouse dar algũa cousa ou reçeber sem mandado do abbade nen auer nẽhũa cousa propia. nẽ liuro. nẽ tauoas. nem stilo. e de todo ẽ todo nẽhũa

cousa. porque nõ lhes cõvem nẽ perteeçe de auerẽ nẽ teerem. os seus corpos e aṣ suas voontades ẽ seu propio poderio. Todalas cousas que lhes forem neçessarias. sperem e aguardem [LXII] do pradre do moesteiro. Porque nõ conpre a eles teer nẽhũa cousa. saluo aquelo que lhe o abbade der. ou mandar teenr. Todalas cousas seiam ẽ comũ e em geeral a todos. e nẽhũu nõ ouse de chamar ou dizer algũa cousa sua. E sse algũu for achado que se deleyta e toma plazer. ẽ aqueste muyn maao pecado. seia amoestado per hũa e per duas vezes. E sse sse nõ em mendar. seia castiguado em guisa que sse ẽmende.

Se deuem os monges de reçeber igualmente aṣ cousas neçessarias

Assi como he scripto. era departido e dado a cada hũu pella guisa que lhe fazia mester. E em esto nõ dizemos que aia hy diuysom e reçebimento de pessoas o que deus nõ queira. mais cõssijraçõ das enfirmydades. E aquel que mais pouco ouuer mester de graças a deus e nõ seia cõtristado. E o que mais ouuer mester. homyldesse pola sua enfirmydade. e nõ se exalçe nẹ ensoberueça pola misericordia e piedade que lhe fazem. e assy seerõ todolos nenbros ẽ paz. Antre todalas cousas mandamos que o pecado de murmuraçõ [LXIII] por qual quer cousa que sseia nõ apareça ẽno monge per nẽhũa palaura nẽ per sinal E sse algũu for achado em el cruelmente seia castiguado.

Dos domairos da cozinha

Os frades assy seruam hũus os outros que nẽhũu nõ seia escusado do officio da cozinha. saaluo per enfirmydade. ou sse algũu for ocupado ẽ algũa cousa. que seia de grande proueito ao moesteiro. porque aquel que mais trabalhar mayor e melhor gualardam auera. Aos fracos seiam dados cõpanheiros que os ajudem por tal que aquelo que fezerem nõ o façã cõ tristeza mais todos aiam cõpanheiros segundo o modo da cõgreguaçõ e o asseentamento e disposiçõ do loguar. Se a cõgreguaçõ for mayor ho çelareiro seia escusado da cozinha. ou aqueles que forem acupados em mayores proueitos. como ia dissemos. E os outros todos se seruã em caridade. Aquel que sayr da domaa ao sabado faça mũdiçias cõvem a saber. alinpe a cozinha e todalas outras alfayas. laue os panos cõ que os frades alinpam as maaos e os pees[LXIIII]. E assy o que saae. como aquel que entrar por

domaayro. anbos lauem os pees a todos. As escudelas e as outras cousas cõ que servyrõ. sãas e linpas dẽ ao çelareiro que as guarde. E esse çelareiro as de per conto ao domaairo que entrar. pera seer çerto daquelo que da ou que reçebe. Os do maayros ante da hora da refeiçom. sobre a ssua raçõ stabeliçida. tomẽ do pam e beuã senhas vezes. por tal que na hora da refeiçõ ssem murmuramento e grande trabalho seruã sseus jrmãaos. Em nos dias festiuaaes mistem depois de misas Os domaayros que entrarem e os que sairem. no dia domyngo na jgreia como acabarẽ as matinas. tornemse antre todos e peçã que roguẽ a deus por eles. os que sairem diguã este vesso *Benedictus es domine deus quia iuuasti me. et cõ solatus es me.* O qual dito per tres vezes tomẽ a beençõ e sayanse. Depois destes venham logo os que ouuerem dentrar e diguã. *deus in adiutoriũ meũ ĩtende. domine ad adiuuãdũ me festina.* E assy seia repitido per tres vezes de todos. e tomada a beençõ entrem ẽ seu offiçio.

Dos enffermos

[LXV] Antre todalas cousas e sobre todas. deuẽ dauer cura dos emfermos. e assy os deuẽ de seruir. como se seruysem verdadeiramente a ihesu christo. por que el disse. Fuy enfermo e doente e viestes me visitar. E esses enfermos esguardem e cõsijrem. que som seruydos por honrra e amor de deus. e nõ seiã engruatos e maaos de seruir. e nõ cõtristem nẽ scandalizem aqueles que os seruirem. Pero esses seruydores devẽ de ssoportar e ssoffrer todas essas cousas paçientemente porque de taaes he dado grande merito e merçee. E por esta razom muy grande cura e cuydado aia o abbade dos ẽfermos que nõ padeçam algũa negligençia. Os quaes frades enfermos tenhã cela assijnada ssobre ssy e seruydor que tema e ame deus e seia discreto. Aos enfermos seia outorguado e dados banhos per quantas vezes lhes fezer mester. Aos sãaos e maiormente aos mançebos tarde lhes seia outorguado ho comer das carnes. de todo ẽ todo seia outorguado e dado aos enfermos e aos fracos repayramento dos corpos. E depois que forem sãaos. todos sse astenham [LXVI] e nõ comam carne. O abbade aia muy gram cuydado e diligençia cõ toda descriçõ. nẽ per ventura per culpa dos çelareiros ou dos seruydores padeçã os enfermos algũa myngua. ou negligẽçia. por que a el perteençe correger. e ẽmendar qualquer desfaliçimento ou error dos seus diçipollos.

Dos velhos e dos moços pequenos

Como quer que a naturaleza [1] humanal aia misericordia e piadade ẽ hidades. s. dos velhos e dos moços pequenos. pero a outoridade da regla oolhe e esguarde ẽ eles. Seia senpre cõssijrada a fraqueza delles. e ho apertamento da Regla nõ sse ẽtenda ẽ elles no comer. mais seia ẽ eles consijraçõ piadosa. e comã ante das horas canonicas primeyro que os outros.

Do domaairo de leer aa mesa

Da mesa dos frades quando comerem nõ deuẹ de desfaleçer liçõ. E nẽ hũu nõ ouse de tomar ho liuro pera leer a essa mesa sem prouijmento E aquel que ouuer de leer. começe no dia do domyngo e lea toda a domaa. e ẽ este meesmo dia que assy começar. ditas as myssas e dada a comunhõ. peça a todos que roguẽ a deus por el que lhe [LXVII] tire o spirito de soberua. e digua este vesso na jgreia per tres vezes repetido de todos. *domine labia mea aperies e os meũ annũciabit laudem tuã.* E tomada a beençõ entre a lèer. Muy grande seenço seja feito aa mesa. que ṇẽhũa musitaçõ nẽ voz nõ seia hi ouuyda saluo daquel que leer. As cousas que forem neçesarias aaqueles que comerem e beuerem assy seruã hũus os outros. que nẽhũu nõ aia mester de pedir algũa cousa. E sse per venrura lhe fezer mester peçãa per soom de sinal e nõ per voz. Non presuma nẽhũu hi reprehender ou recontar algũa cousa desa liçõ ou doutra. nẽ per vẽtura seia dado aazo de falar. saluo se o prior quiser dizer algũa cousa breuemente por edificaçõ. O frade domayro tome misto ante que começe de leer pola comunhõ santa. por nõ lhe seer graue de soportar ho jeiũu. E depois coma cõ os domaayros e seruydores da cozinha. Os frades nõ leam per ordem. saluo aqueles que forem taaes que possam hedificar os ouuyntes.

Da quantidade e menssura dos manyares

Creemos que em todolos meses aa refeiçõ de cada día assy da sexta como da noa que [LXVIII] auondarom dous cõdoytos por

---

[1] No texto *naturelexa.*

as infirmydades desuayradas. por tal que o que nõ poder comer dhũu coma do outro E portanto dous cõdoitos cozidos auondem a todolos frades. E sse hi ouuer fruyta ou legumes seia dado aa terceira vez. Hũa liura de pam auonde no dia. assi a hũa refeiçom. como a iantar e a çea. Se ouverem de çear guarde o çelareiro a terça parte desse pam pera aqueles que çearẽ. E sse fforẽ ocupados em grande trabalho. ẽ alvydro e poderijo do abbade seia. sse perteençe de acreçentar algũa cousa. tirada antre todalas cousas a ssobigidõoe que nunca aia logo no mõge. por que nõ ha cousa que assy seia contraira a todo cristãao come o comer e beuer sobeio. Assy como diz o nosso senhor deus. Veede nẽ per ventura seiam agrauados os uossos coraçõoes ẽ sobigidõoe de comer e em beuedice. Os moços de meor hidade nõ lhes seja aguardada essa quantidade. mais denlhes [mais pouco que aos mayores. aguardada antre todalas cousas descreçom e tenperança. O comer da carne de quatro pees todos se astenhã del. saluo aqueles que de todo em todo forem fracos e [LXIX] emfermos.

Da mẽssura e quantidade do beuer

Cada hũu reçebe propio dom e graça de deus. huũs per hũa guisa. ẽ outros per outra. E por ende stabelecemos a mensura e quantidade do comer dos outros. cõ algũa scrupolusidade e duuyda. Pero oolhando e esguardando a fraqueza dos enfermos. creemos que auondara a cada hũu. hũa medida de vinho polo dia. Aaqueles que deus der de graça e soportamento daustinençia. seiam çertos que reçeberõ e aaeram grande merçee. Se per uentura a neçessidade do loguar. ou o trabalho. ou ho ardor da quentura. mais demandar seia ẽ aluydro e podirio do prior. o qual deue de cõsijrar ẽ todallas cousas per tal guisa que nõ aia hi sobegidõ. ou beuediçe Por que leemos sem duuyda nẽhũa que o vinho nõ he dos mõges. mais por que nos nossos tẽpos. esto nõ podemos fazer. pero isto consentamos. que nõ beuamos muyto. mas tenperadamente. por que o vinho faz ẽsandeçer os sabedores. No loguar hu a neçessidade demãdar. que esta mensura e quantidade sobre dita nõ possa seer achada. ou mays pouco. ou de todo ẽ todo nẽhũa cousa. aqueles que hy [LXX] morarem dem graças a deus. e nõ murmoyrẽ. E esto amoestamos antre todalas cousas que antre os frades nõ aia murmuraçõ.

Em que oras deuẽ de comer os mõges

Dela santa pascoa atoa penticoste. os frades jantem depois de ssexta. e çeẽ depois de uespera. De penticoste per toda a queentura se os mõges nõ ouuerem de trabalhar. nos agros do pam. ou a grandeza da queentura os nõ toruar. jaiuem a quarta e a ssesta feira. e comã depois de noa. Nos outros dias. jantẽ depois de sexta. O qual jantar depois de sexta seia cõtinuado per toda a domaa sse ouverem de trabalhar nos agros. ou o fervor da quentura for grande. esto seia na descreçom do abbade. O qual abbade assy tenpere e ordine todalas cousas. per tal guisa que as almas seiã saluas. e aquelo que os frades fezerõ. façãno sem nẽhũa murmuraçõ. Dos ydos de setenbro. ataa o começo da quareesma senpre comã depois de noa. Da quaresma. ataa pascoa. comã depois de vespera. A qual vespera. a taaes oras seia dita. que aquelles que comerẽ nom aiã mester candea. e todalas cousas se[LXX]iã acabadas cõ dia. mais ẽ todo tẽpo. assy seia tenperada. a ora da refeiçom. e da çea que todalas cousas sejã feitas cõ luz.

Como os mõges nõ deuẽ de fallar depois de conpleta

En todo tenpo os mõges. deuẽ de teer sseenço. spiçialmente nas horas da noyte E por endeẽ todo tẽpo assy de jeiũu como de jantar sse nõ for dia de jeiũu tanto que sse leuantarẽ de çear seiã todos em hũu loguar e leera [1] hũu ho liuro das colações ou das vidas dos padres santos. ou outro liuro que possa hedificar aqueles que o ouuirẽ E nõ leam o liuro dos reis nẽ ho genesis. por que ha [2] os entendymentos fracos. nõ seeria proveitoso ẽ tal ora. ouuir esta escriptura. Mais enas outras oras sejã leudos. Se for dia de jeiuũ. dita a uespera. façam huũ spaço pequeno. e venhã a liçõ da colaçõ. pela guisa que dissemos e leudas quatro ou çinquo folhas. ou quanto a hora demandar. que pelo detijmento desta liçõ todos venham. aynda que algũu seia ocupado ẽ algũu officio. E todos aiũtadamente a hũu termho. acabem suas oras. E depois que sayrẽ da cõpleta. nõ seia dada licẽça. a nehũu [LXXII] de falar. E sse per uentura for achado algũu que birte ou trespasse esta regla do seenço. seia somytido

---

[1] No texto *leã*.
[2] Aqui é preposição.

aa mais graue vindita. saluo se for neçessidade dospedes que veerem. ou per uentura o abade mandar fazer algũa cousa algũu. A qual cousa cõ grande graueza e discriçom e honestamente seia feita.

Dos que veerem tarde aas horas de deus. ou aa mesa

Aas horas do hoffiçio de deus. tanto que os mõges ouvyrẽ o ssino leyxem todalas cousas que teuerem nas mãaos [1] e cõ grande pressa vaanse aa jgreia. Pero esto seia feito cũ tẽperança por tal que non aiam aazo nẽ ocaiom de pecar per ligeiriçe. E por tanto nõ seia nẽhũa cousa preposta a obra de deus. Se algũu nas vigilias da noyte. veer depois da *gloria*. do *venite exaltemus*. o qual por esto queremos que seia dito chãamente e a passo. nõ este em sua hordem no coro. mais ste a fundo de todos ou ẽ outro loguar apartado. qual o abbade stabelecer pera os que forẽ culpados ẽ tal negligẽcia que possa seer visto desse abbade e de todollos outros. e assy ste ataa que a obra de deus seia acabada. que per publica satisfaçõ faça penitençia. E por tanto julguamos que estes taaes [LXXIII] deuẽ destar no ultimo loguar ou apartadamente. por tal que seiã vistos de todos. e pola uergonça que hi padeçerem seiã ẽmendados. Por que se fiquasse fora da jgreja per ventura seeria tal que sse deitaria a dormir ou sseeria de fora e entenderia a falas e a palauras ouçiosas. e pera nom seer dado aazo ao sprito [2] maglino. nõ fique de fora. mais entre dentro na Jgreia e nõ perca todo. e di en deante ẽmendesse. Nas horas do dia aquel que a obra de deus veer depois do vesso e gloria do primeiro psalmo. o qual sse diz depois do *deus in adiutoriũ*. ste no postumeiro loguar pela ley que dissemos de çima. Nẽ ouse entrar ao coro dos que cantã. saluo se lhe o abbade outorguar e der leçença que entre pero satisfazendo primeiramente desta culpa. Aa hora da reffeiçõ. aquel que nõ veer ante do vesso que todos ajuntadamente façã oraçõ e diguã ho vesso. e assy todos se assentem aa mesa. aquel que per sua negligençia ou per seu pecado nõ cheguar a este tenpo sobre dito. seia castiguado por esto ataa segunda vez. E di in diante se sse nõ ẽmendar. nõ coymha cõ os outros. mais apartado da cõpanha de todos. coyma soo e nõ lhe dem a sua raçom de vynho. ataa satifaçõ e èmendaçõ. Semelha[LXXIIII]

---

[1] No texto *maanos*.
[2] Ou *spiritu* no texto *spũ*.

uylmente padeça aquel que nõ steuer [1] presente ao vesso que sse diz depois da refeiçom. E nẽhũu nõ presuma nẽ ouse ante da hora stabeliçida ou depois tomar algũa cousa de comer ou de beuer. mais sse o prior der algũa cousa a algũu e el nõ na quiser tomar. aa ora que a deseiar ou demandar nõ lhe seia dada essa coussa que primeiramente nõ quís tomar. nẽ outra nẽnhũa. ataa que faca penytẽnçia e ẽmendaçõ ssoffiçiente.

Como devẽ satisfazer os que fforem escomunguados

Aquel que por graues culpas for escomũguado e apartado da jgreia e da mesa. faça assy. quando acabarẽ as horas de Deus na jgreia. deitesse ante as portas dessa Jgreia e nõ digua nnhẽũa cousa. saluo tanto. posta a cabeça em terra. jaça strado e enclinado aos pees de todos aquelles que sairem da igreia. E esto faça per tanto tenpo. ataa que o abbade julgue e digua que he feita penitencia e ẽmendaçõ. E quando for chamado e veer ante o abbade. deitesse antos pees desse abbade, e depois aos pees de todollos outros que roguẽ a deus por el. E estonçe se o abbade mandar. seia reçebudo no coro. ou na hordem que o abba[LXXV]de stabelecer. E esta seia a ssua regla. el nõ presuma nẽ ouse na jgreia de começar ou leuantar antiphãa. nẽ salmo nẽ liçõ. nẽ outra cousa. saluo se lho o abbade outra vez ẽcomendar. E a todalas horas. quando acabarem a obra de deus. deitesse ẽ terra no loguar. hu esteuer. e assy satisfaça. ataa que lhe mande o abbade que çesse desta satisfaçom e penitencia. Aqueles que por ligeiras culpas forẽ escomũnguados e apartados. tã soomente oa mesa. satisfaçam na jgreia ataa que o abbade mande. E esto façã senpre ataa que o abbade deite a beençom e digua *ssuficit.*

Como deuẽ satisfazer os que falecẽ na jgreja do que hã de dizer

Se algũu quando pronũciar e disser o ssalmo ou responso. ou antiphãa. ou a liçom. desfaleçer ẽ cada hũa destas cousas. se logo hi nõ satisfezer humyldosamente ante todos. seia ssomitido a mayor pena e vindicta. Eor que nõ quis correger per hu-

[1] No texto *stouver.*

mxldade. aquelo ẽ que pecou e desfaleçeo per sua negligençia[1]. Os moços por tal culpa seiam açoutados.

Daqueles que ẽ algũas cousas pecarem ou desfalecerem

Se algũu for ocupado ẽ algũu lauor. s. na cozinha e no çele[LXXVI]iro. no forno. na orta. ou ẽ algũa arte ẽ qualquer seruyço que seia. e desfaleçer ẽ algũa cousa. ou ha birtar. ou perder ẽ qualquer loguar que pecar. e logo nõ veer ante o abbade. ou ante cõgreguaçõ e de ssua propia voontade satisfezer e demostrar o sseu pecado. sse tal cousa for notificada e demostrada per outrem. seia somitido a maior ẽmendaçõ. Se por algũa cousa que seia pecado da alma demostreea tam soomente a sseu abbade. ou aos ançiãaos [2] sprituaes [3] que sabham curar e saar as ssuas chagas e as alheas nõ descobrir e publicar.

Como deuem tanger e fazer sinal aas horas de deus

O abbade aia cura e cuydado pera demostrar a ora da obra de deus de dia e de noyte. E esto faça el ou ho ẽcomeede a tal frade que seia bem soliçito e discreto pera fazer esto per tal guisa que todalas cousas seiã conpridas e acabadas nas oras cõuynhauijs. Aaqueles a que for emcomendado leuantem os salmos e as antiphãas depois do abbade ẽ sua hordem. Nen hũu nõ presuma nẽ ouse. de cantar ou leer. saluo aquel que esse ofiçio poder bem cõprir. por tal que seiam hedificados aqueles que o ouuyrẽ. A qual [LXXVII] cousa deue de fazer cõ grande homyldade e honestidade e temor de deus. e aquel a que ho ẽncomendar o abbade.

Como deuem os monges dobrar per ssuas mãaos

A ouçiosidade e ho muyto folguar he jnmijgo e cõntrayro da alma. E por tanto en tenpos çertos deuẽ os monges de trabalhar per suas mãaos. e ẽ certas horas na liçõ santa. E por esto queremos ordinar e stabeleçer cada hũu destes tẽpos. s. dela pascoa ataa as calendas doutubro tanto que os mõges sayrem da prima pela manhãa. trabalhem e obrem ẽ aquello que

---

[1] No texto *negligençia*.
[2] No texto *ançiaanos*.
[3] Ou *sprituaes*; no texto *spũaes*.

lhes for neçessario. ataa quarta ora. E da quarta ora ateẽs quanto possa sseer ora de sexta entendam aa liçõ. Depois de ssexta tanto que sse leuantarẽ de comer. deytense ẽ sseus leitos cõ todo seenço. e sse per uẽtura algũu quiser leer. lea per tal guisa que nõ jnquiete nẽ faça noio a outro. E a noa sseia dita mays cedo. s. meante a oytava ora. e depois obrem ẽ aquelo que ouuerem de fazer ateẽs a vespera. E sse a neçessydade ou a proueza do loguar. rrequirir e demandar que os mõges vaam colher e apanhar os pãaes. nõ seiam cõtristados nẽ tomẽ noio. porque estonçe seeram verdadeiros [LXXVIII] mõges se viuerem per trabalho de suas mãaos. assy como viuerõ os apostolos e os nossos santos padres. Pero todalas cousas seiam feitas. cõ discriçom per rrazom dos fracos. *divisio*

Des as calendas doutubro ataa o começo da quareesma dela manhãa ateẽs a segunda ora cõprida emtẽdam os mõges a liçom. Acabada a hora segunda diguã a terça. e depois de terça todos trabalhem e façam ssua obra. pela guisa que lhes for ẽcomendado. ataa hora de noa. E tanto que tangerem o primeiro signo da noa cada hũu departasse de sua obra. e todos stem aparelhados pera quando tanger o segundo signo. Depois que comerem entendam a ssuas lições ou rrazem salmos. *divisio*

Nos dias da quareesma dela manhãa ateẽs a ora da terça cõprida ẽtendam os mõges aa liçõ. e depois ataa deçima ora acabada. obrem e façã aquelo que lhes for ẽcomendado. Nos quaes dias da quareesma. todos tomẽ senhos liuros da liurarija. os quaes leam enteiramente per ordem. E esses liuros seiam dados no começo da quareesma. Antre todalas cousas. seiã ordinados e stab[LXXIX]eliçidos. hũu ou dous ançiaãos boõs e discretos. que cerquem o moesteiro. quando os mõges steuerem ẽ liçõ. e veiã nẽ per uentura seia achado alguũ. que este ouçioso. e nõ faça nẽhũa cousa. ou brite o seenço. e nõ entenda aa liçõ. e nõ tã soomente he dapnoso assy. mas aynda aleuanta e faz noio aos outros. Este tal se for achado. o que deus nõ queyra. seia castiguado e amoestado a primeira e a segunda vez. E sse sse nõ enmendar. seia castiguado per tal guisa. que todolos outros aiam medo. Nen hũu nõ fale nẽ partiçipe cõ outro nas horas e tenpos que nõ deuẽ. No dia do domyngo todos entendam aa liçõ. salvo aquelles que em desuairados offiçios forẽ stabiliçidos. E sse algũu for tam negligente e priguiçoso. que nõ queyra ou nõ possa cõtenplar ou leer. seia lhe ẽcomendadã tal obra que faça. que nõ ste ouçioso. Aos frades emfermos ou dilicados de pequena cõpreissom. tal arte e obra lhes seia ẽcomendada

que nõ stem ouçiosos. nẽ seiã apremudos per grandes trabalhos. e ho abbade deue de cõssijrar e veer a fraqueza delles.

Do guardamento da quareesma

[LXXX] Como quer que em todo tẽpo ho mõge deue de fazer vida de quareesma. Pero porque esta uirtude he de poucos. por ẽ amoestamos e rroguamos que ẽ estes santos dias da quareesma ho mõge aguarde sua vida cõ toda linpeza. s. todallas negligençias e errores dos outros tenpos aiũtadamente ẽ estes santos dias destruir. A qual cousa sera ffeita dignamente. sse nos. nos tẽperarmos e aguardarmos de todollos pecados. e ẽtendermos aa oraçõ e aa liçõ cõ choros e gimydos e cõpũçom do coraçom e fezermos abstinẽçia. E por tanto ẽ estes dias acreçentemos mais algũa cousa do servyço geeral e acustumado que soemos de fazer. s. oraçõees spiçiaes e abstinẽçia do comer e do beuer. E cada hũu daquelo que ouuer de comer e beuer de sua propia voontade offereça a deus algũa cousa cõ plazer e alegria do sprito. tirando ao sseu corpo do comer e do beuer e do ssono e da falla e das palauras ouçiosas. E cõ plazer e deseio spritual aguarde e atenda a santa pascoa. E aquelo que cada hũu ouuer de offereçer. primeiramente o digua a sseu abbade. e cõ a voontade e a oraçõ dell faça aquello [LXXXI] que ouuer de fazer. porque a cousa que he feita sem mandado e liçença do padre spritual. he cõtada por presunçõ de vãa gloria e nõ de merçee. E por esto todalas cousas seiam feitas cõ voontade do abbade.

Dos ffrades que ssom ocupados ẽ lauor longe da jgreia ou ssom ẽviados em algũu camynho

Os frades que andarem longe do moesteiro ẽ lauor. e nõ poderem vijnr aas horas. aaqueles termhos que sse dizem na jgreia. e o abbade por çerto que assy he. rrezem as horas ẽ esse logo hu trabalham. cõ toda deuaçõ e temor de deus ficando os geolhos en terra. Semelhauylmente façam aquelles que som ẽviados. ou forem ẽ algũu camynho. nõ leixem em falha as horas stabeliçidas. que as nõ rrezem aos tempos que deuem. mais pela guisa que melhor poderẽ assy as rrezem. e nõ ponham em negligençia de pagar e dar a deus a pensom e ho tributo da sua servydõoe.

Dos frades que ssom emviados a perto do moesteiro

Os frades que ssom emviados ou forẽ a algũu loguar por qual quer rrazom que seia. sse em esse dia entenderem de tornar ao mo[LXXXII]esteiro. nõ presumã nẽ ousem de comer fora em causo que dalgũus seiam rroguados muyto aficadamente. ssaluo se lhe seu abbade der liçença. E sse algũus fezerem o cõtrairo desto. escomũguẽnos.

Da jgreia e oratorio do moesteiro

A Igreia ou ho oratorio. seia rreseruado e agu[a]rdado tam ssomente para aquelo que he dito e chamado. s. casa doraçõ e outra cousa nõ seia hi feita nẽ posta saaluo aquelo que for neçessario pera el. Depois que acabarẽ as horas de deus todos cõ muy grande seenço se sayam da jgreia e primeiramente façam seuerença a deus e jnclinẽ ante o altar por tal que sse algũu quiser fazer oraçõ spiçial nõ seia ẽbarguado ou estoruado pella fala ou ssom do outro. E sse per uentura outro quiser ascondudamente orar ou cõtenplar. çinplezmente entre e faça sua oraçõ. e esta oraçõ nõ digua per grandes vozes e braados. mais caladamente ore cõ lagrimas e cõ emtençõ muy aficada do coraçom. E por esto aquel que nõ quiser fazer tal obra como esta. nõ lhe sseia outorguado que fique na jgreia ou no oratorio. depois que as horas de deus forẽ acabadas como dito he. nẽ per uentura o outro pa[LXXXIII]deça algũu jmpedimento ou noio.

Como deuem rreçeber os hospedes

Todolos hospedes que veerem ao moesteiro assy seiam reçebidos como jhesu cristo. por que el disse. Hospede fuy e reçebestesme. E por tãto lhes seia dada grande honrra. segũdo o estado de cada hũu. mayormente aos rreligiosos. e aos fiees cristaãos donde quer que seiam. E por ende como algũu hospede cheguar ao moesteiro cõ toda caridade e amor de deus e sem detardança seia reçebido do prior e dos frades. e todos juntamente orem. e feita a oraçõ denlhe o obsculo ẽ sinal de paz. E essa paz nõ lhe sseia dada ante da horaçõ pollas tenptações. e ẽguanamentos do diaboo. E em esse rreçebimento sseia demostrada toda homyldade a todolos ospedes que veerem ao moesteiro ou sse departirẽ del. jnclinada a cabeça ou strado

todo o corpo em terra. adorem em elles jhesu cristo. o qual rreçebẽ rreçebendo eles. E depois que os hospedes forem rreçebidos e tragidos a oraçõ seia cõ eles o prior ou outro quem el mandar. Aos hospedes seia leuda a ley de deus. pera auerem deuoçom [LXXXIIII] e seerem hedificados. E depois desto seialhe dada toda humanydade e neçessidade pera os corpos. O prior quebrante o jeiũu polo ospede. ssaluo se for o dia do jeiũu tal. que nõ deua seer quebrado. Os frades siguã e cõtinuem seu jejũu. O abbade deite aagua aos maos aos proues. O abbade e toda a cõgreguaçõ lauem os pees aos ospedes. e como forem lauados. diguã este vesso. *Suscepimus deus misericordiam tuã ĩ medio tenpli tuy.* Com toda cura e diligẽçia seiam rreçibidos os ospedes. espicialmente os pobres e peregrinos. por que ẽ elles he mais rreçibido jhesu cristo. que nos rricos. por que o terror e o espanto dos ricos demanda e requere assy honrra. A cozinha do abbade e dos ospedes sseia apartada. e esto pera os mõges non sseerẽ inquietados dos ospedes que nũca desfaleçẽ do moesteiro e veem em desuairadas horas. Em na qual cozinha ponhã dous frades em cada hũu ano que esse ofiçio bem e honestamente façam E sseiam lhes dados cõpanheiros se os ouuerẽ mester. pera seruirem sem murmuro E quando nõ teuerẽ que fazer na cozinha. façam outra obra qual quer que lhe for [LXXXV] encomendada. E nõ soomente esta cõssijraçom seia aguardada ẽ estes. mais aynda em todollos outros offçiiaes do moesteiro e seiam lhes dados cõpanheiros quando os ouuerem mester. e quando uaguarem e nõ teuerem que fazer en cada hũu dos sobre ditos offiçios façã o que lhe mandarẽ. E çella çerta e asijnada seia pera os ospedes. na qual ste frade que tema e ame deus. e ẽ essa çella seiam leitos de camas auondosamẽte ornamentados. e a casa de deus seia rregida e mynistrada bem discretamente pellos boos e ssabedores. Os mõges nõ acõpanhem nẽ falem aos ospedes sem mandado. E sse o mõge for per hu steuer ho ospede ou ho vir. omyldosamẽte incline e peça a beençõ. e digua nõ cõvem a myn de falar com ospede sem licença.

Se devem os monges rreceber cartas ou outra cousa

Per nehũa guisa nõ perteence nẽ cõuem ao mõge. de seus parentes nẽ de nẽhũu omẽ. nẽ hũu mõge doutro. rreçeber ou dar cartas e essomesmo outros quaesquer doões. sem mandado de sseu abbade. E sse aconteçer que seus parentes lhe emvijem

alg[LXXXVI]ua cousa. nõ ouse de a rreçeber. ssaluo se o primeiramente disser ao abbade. e sse lhe mandar que a rreçeba. tomea. E este ẽ poderio e aluydro do abbade de a dar a quẽ por bem teuer. E nõ sseia cõtristado o frade a que foy ẽvyada essa cousa nẽ per uentura per jnuydia ou murmuraçõ seia dado aazo e logo ao diaboo. Aquel que trespasar e for cõtra este mandado seia sometido aa diciplina e correiçõ da rregla.

Das vistiduras dos frades

As vestiduras seiam dadas aos ffrades ssegundo a qualidade e tenperança do aar que cussar nos loguares honde morã. por que nos loguares ffrijos ham mester mais rroupa que nos queentes. E esta cõssijraçõ sseia em juizo do abbade. Pero nos creemos que nos loguares tenperados abastara a cada hũu dos mõges. cugula e saia. s. no jnverno cugula grossa e no veraão delguada. ou velha. e scapelairo pera as obras. A vestimenta dos pees. seiam piuguas e calças. da color e bondade das vestiduras. nõ rrazoẽ nẽ entristeçã os mõges sse lhes derẽ do pano que for achado na prouençia. posto que seia de pequeno va[LXXXVII]lor. A mensura dessas vistiduras em disposiçõ e alvydro do abbade seia. os que as usarem nõ as traguam curtas nem longũas. E quando rreceberẽ as vistiduras nouas. dem as velhas. as quaes seiã postas na casa da vestiaria pera os pobres. Ao mõge abastam duas sayas. e duas cugulas pollo dormyr das noytes e pera as poder lauar. E o mais desto he superfluo e deue seer tirado. E calças e outra qualquer cousa velha tornẽ quando rreçeberẽ a noua. Os que mandarẽ fora do moesteiro rreçebam panetes da vestiaria. E quando veerem tornẽnos hy lauados. E as cugulas e saias que leuarẽ seiã pouco melhoradas das que ssooem dusar. E essa rroupa que assy leuarem rreçebãna da vestiaria. e quando veerẽ dẽna ao vestiayro. Abasta pera a cama de cada hũu monge. hũa mãta e almadraque e almoçella. e cabeçal. Os leitos dos mõges seiã a meude requiridos pello abbade. nẽ per uẽtura tenha o mõge algũa cousa sem liçença de sseu abbade. E sse a algũu for achado qual quer cousa que nõ rreçebesse do abbade. ou per ssua liçença. muy grauemente [LXXXVIII] seia castiguado. E para este pecado do peculio seer tirado de todo ẽ todo o abbade de aos mõges todalas cousas neçessarias. cõuem a ssaber. cugula. saya. piuguas calças. bragueiro. ceritelo. stillo. agulha. toalha. tauoas. E esto pera sse o mõge nõ escusar por nẽhũa neçessidade quando lhe ffor achado peculio. O abbade

cõsijre ssenpre a sentença que he scripta nos autos dos apostolos. na qual diz. Dauã a cada hũu assy como o auia mester. E cõsijre aynda. as jnfirmydades e neçessidades de cada hũu. nõ curando das murmurações e maaos dizeres dos ẽveiosos. E ssenpre em todolos seus feitos e juizos pense que ssegundo elles auera gualardom de deus.

Da mesa do abbade

A mesa do abbade senpre seia cõ peregrinos e ospedes. E quando nõ teuer ospedes. em poderio do abbade seia chamar dos frades quaes el quiser. E ssenpre leixe hũu boom ançiãao ou dous cõ os frades por diçiplina e correiçõ.

Dos artifficiaaes do moesteiro

Se forem no moesteiro frades artifficiaaes [LXXXIX] cõ toda omyldade façam suas artes per mandado do abbade. E sse algũu destes offiçiaaes emssoberueçer pola arte e sçiençia que ouuer. e que per sseu saber vem algũu proueito ao moesteiro. Este tal seia lançado. de ssua arte e non use mais della. ssaaluo sse for corrigido per omyldade. e lhe depois ffor ẽcomendado pello abbade. Se algũa obra destes meestres for pera vender veiã aqueles que as ham de vender que nõ cometã algũu ẽguano ẽ ellas. Seiã senpre nẽbrados da morte que ananya. e saphira ouuerõ. nẽ per ventura a morte que elles padeçerom nos corpos. estes e todolos outros que cometerẽ enguano nas coussas do moesteiro ha padeçã nas almas. Na vindiçõ e preço destas cousas nõ seia comytido pecado dauareza. mais senpre seiam vendidas meos quanto quer que as cousas dos seculares. pera que todos dem graças a deus.

Como deue de rreçeber os ffrades nouyços

Qvando algũu veer novamente ao moesteiro pera entrar em hordem nõ lhe seia logo como veer outorguada a entrada. mais primeira[LXXXX]mente seia prouado assy como diz o apostolo. sse vem cõ sprito de deus. E por onde o que veer. sse perseuerar ẽ ssua piticõ e cõ paciençia e omyldade ssofrer jniurias e molestias que a el forem feitas e o neguamẽto do moesteiro. depois quatro ou çinquo dias seialhe outorguada a entrada e este na çella dos ospedes poucos dias. Depois desto seia na çella dos

nouyços. na qual cõtenple e aprenda. e coyma e dorma. E sseialhe dado ançião que seia bem auto e discreto pera guãçar as almas. e tal que de todo em todo bem e honestamente o traute. e seia bem soliçito. Se esse nouyço de todo coraçõ e voontade demanda a deus. e ffor bem soliçito e discreto ao sseu seruiço. e aa obediençia. e aos doestos. Seiã lhe ditos e per muytas vezes rrepitidas[1] cousas duras e asperas. pelas quaes sse guança o regno de deus. E sse prometer e firmar que quer persseuerar e estar. depois de dous meses seia lhe leuda esta rregla per ordem e seia lhe dito. Esta he a ley. so a qual tu queres viuer. sse a podes aguardar entra. e sse nõ poderes vaite liuremente. Se ainda quiser star. seia tragido [LXXXXI] aa sobre dita çela dos nouyços. e seia prouado ẽ toda paçiençia. E depois de seis meses seialhe leuda outra vez a rregla. pera saber que he e a que entra. E sse ainda persseuerar. depois de quatro meses seialhe leuda outra vez a rregla. e auendo cõsselho e deliberaçõ cõssigo. e prometer aguardar todalas cousas ẽ ela cõtehudas e fazer todo o que lhe for ẽcomendado. Entõ seia rreçibido na cõgreguaçõ. e seia certo que di endiãte he obliguado aguardar a rregla. e nõ lhe cõuem de sayr do moesteiro. nẽ sse tirar de sso ho jugo e poderio della A qual subieiçõ podera escusar e nõ põer ssobre ssy no tenpo que ouue da proauçõ. O que ouuer de seer rreçibido. ẽ na jgreia ante todos prometa firmamente a persseuerar e mudar seus custumes. e obediencia a deus e aos sseus santos. que se per uentura ẽ algũu tenpo fezer ho contrairo saiba por certo que seera cõdẽpnado de deus do qual escarneçeo. Do prometimento sobre dito faça hũa pitiçõ ẽ nome dos santos. dos quaes hi ssom postas reliquias e do abbade que hi ffor presente. E essa pitiçõ screua cõ sua mãao. e sse el nõ ssouber screuer. rrogue outro que lha [LXXXXII] screua. e el ffaça ẽ ella sseu ssinal e com ssua mãao a ponha ssobrello altar. E depois que a poser. digua este versso. *Suscipe me domine secundũ eloquiũ tuũ e viuã et ne cõfundas me ab expectaç[i]õe mea.* O qual versso sseia rrepitido per tres vezes de toda a cõgreguaçõ com *gloria patri.* E entõ esse frade nouiço deitesse aos pees de cada hũu dos mõges que rroguẽ a deus por el. E desse dia ẽ diante seia cõtado no numero da cõgreguaçõ. As cousas que teuer deas primeiramente aos pobres. ou faça dellas pura doaçõ ao moesteiro. nõ rreteendo en ssy nehũa cousa. Por que seia çerto que daquel

[1] No texto *rrepitidos.*

dia en diãte non pode auer nẽhũa cousa. nẽ auer poderio sobre o sseu corpo. E logo na jgreia seia desuystido das vestiduras propias e seia vestido das do moesteiro. E as vestiduras que lhe forõ tiradas seiã postas em guarda na casa da vistiaria. pera sse ẽ algũu tenpo cõssentir aa tenptaçõ do diaboo que sse queira sair do moesteiro. o que deus nõ mande. ẽtom seia desuistido das cousas do moesteiro e lançado fora. Pero a pitiçõ sua a qual o abbade tomou do altar non lhe seia dada. mais fique re[LXXXXIII]seruada no moesteiro.

Como deuẽ sseer rreçibidos os ffilhos dos nobres homees e dos pobres

Se algũum grande e nobre homẽ offereçer sseu filho a deus no moesteiro. sse esse moço he meor de hidade. o padre e a madre del faça a pitiçõ assy como de ssuso dissemos. E quando ho offereçerem tomẽ a mãao do moço e ẽvoluãna na pala do altar. e assy ho offereçam a deus. E quando fezerem esta pitiçõ prometã. e ffaçam juramento que nũca lhe dem. nẽhũa cousa per ssy nẽ per outrem. nẽ ẽ alguũ tẽpo lhe dem aazo e ocasiom per que a possa auer. E sse per uentura esto nõ quiserem fazer. e quiserem dar algũa cousa ssua em esmola ao moesteiro. façã ao moesteiro daquelas cousas que quiserem doaçõ. rreseruando pera ssy se quiserem ho vsu do fruito. E assy seiã todas estas cousas ordinadas e feitas. que nẽhũa ssospeiçõ nẽ ocasiom de mal fique ao moço pella qual pόssa pereçer. e sseer enguanado. o que deus nõ queira. a qual cousa per experiençia muytas vezes vimos. E esto meesmo façam os mais probes. e aquelles que de todo ẽ todo nõ teẽ nẽhũa cousa. sinplezmente façam sua pitiçom [LXXXXIIII] e assy ho offereçam a deus perdante testimunhas.

Dos saçerdotes que quiserem morar no moesteiro

Se alguũ saçerdote roguar que o rreçebam no moesteiro. nõ lhe seia logo outorguada ssua pitiçõ. Pero se de todo ẽ todo persseuerar em ssua pitiçõ. seia çerto que a de conprir e aguardar todallos preceptos e mandamentos da rregla. e nõ lhe cõssintirõ que faça o cõtrairo. pera seer feito aquello que he scripto. Amygo a que veeste. Seia-lhe outorguado star depois do abbade. beenzer. e missas teer se lho o abbade ẽcomendar. E ssem sseu mandado nõ faça nẽhũa cousa. E deue de ssaber que he obliguado

aa rregla e dar a todolos outros eixemplo domyldade. Se fala ou ordinamento quiserem fazer no moesteiro. tenha aquel loguar e grao que tijnha quando entrou no moesteiro. e nõ o que lhe foy dado e outorguado por honrra do saçerdoçio. Se algũu outro creligo quiser vijnr aa cõgreguaçom do moesteiro seia posto ẽ loguar e graao qual a elle perteençe. sse prometer aguardar os preceptos e mandamentos da rregla e persseuerar en sseu proposito.

Como deuẽ sseer rreçibidos os mõges peregrinos

[LXXXXV] Se algũu monge peregrino veer de longuas prouycias. e por ospede quiser morar no moesteiro. e sse cõtentar do husso e custume do luguar. e nõ ffor superfluo ẽ pedir e demandar outra cousa. e nõ toruar ho moesteiro. mais sinplezmente sse cõtentar daquelo que achar seia rreçibido no moesteiro quanto deseiar. Pero se per uẽtura cõ rrazom e cõ homyldade e caridade e amor de deus. rreprehender. traute o abbade e con discreçon veia sse pera esto foy enuyado de deus. Se depois quiser fazer profissom e pormeter a persseuerar. sseia lhe rreçibida ssua pitiçom maiormente que no tenpo da ospitalidade podia seer conheçida sua vida. E sse no tenpo da ospitalidade for achado viçioso ou maao. nõ ssolamente nõ deue seer juntado aa cõgreguaçõ do moesteiro. mas ainda sseia lhe dito honestamente que sse vaa nẽ pellos seus pecados e maldades os outros seiã corrũpidos. E sse nõ for tal que mereça de seer lançado nõ ssolamente sse pedir que o rrecebam na cõgreguaçõ deue de sseer rreçebido. mais ainda rroguẽno que este. pera os outros sseerem doutrinados e emssinados per sseu exemplo. e porque ẽ todo loguar a huũ senhor seruymos [LXXXXVI] e contẽplamos. Ao qual sse. for tam hidoneo per doutrina e meriçimento o abbade pode dar preroguativa dandolhe graao quanto quer maior. E nõ soomente o abbade pode dar graao ao mõge mayor daquel que auya quando entrou no moesteiro. mais aynda a cada hũu dos saçerdotes. e creligos de ssus ditos sse entender que som dignos e boos per meriçimentos de vida. O abbade nõ receba mõge ẽ ssua congreguaçõ. doutro moesteiro conhecido ssem cõsintimento de sseu abbade. ou sem leteras de rrogo e demcomenda. por que scripto he. Nõ ffaças o que nõ querias que te fezessem·

Dos ssaçerdotes do moesteiro

Se o abbade pedir ao bispo que lhe ordine alguũ mõge de myssa ou dauãgelho. tome e scolha dos sseus aqueles que vir que som hidoneos. O que for ordinado nõ sseja soberuoso. nẽ presuma nẽ ouse de ffazer nenhũa cousa ssem mãdado do abbade. e seia certo que he muyto mais soieito e obriguado aos preceptos da rregla que antes. Nen per aazo e ocasiõ do saçerdoçio oluyde a obediẽçia e preçeptos e mandamentos da rregla. mais de bem ẽ melhor aproueite em seruiço de deus [LXXXVII]. E sse per uentura o abbade e a cõgreguaçõ ho promouerẽ a maior graao per meriçimentos de ssua vida. pero el senpre atenda e esguarde o logar que avia quando entrou no moesteiro. e ante que fosse de myssa. E deue dobedeçer a todolos preçeptos e encomendamentos do abbade e de todollos outros prepostos. e sse o el assy nõ fezer nõ seia auudo por saçerdote. mais seia julguado maao e rreuel. E sseia amoestado per muytas vezes que sse ẽmende. e sse sse nõ quiser correger nẽ emmendar. sseialhe dito e amoestado per ante o bispo que dello seia testimunha. E sse ainda assy nõ sse quiser ẽmendar por que ia as culpas e os pecados som manifestos. seia lançado do moesteiro. e esto sse durar e perseuerar em sua perfia e maldade nõ sse querendo subiuguar nẽ obedeeçer aos preçeptos da rregla.

Dos modos e ẽssinamentos da comgreguaçom

Os mõges tenhã e guardem sseus graaos cada huũ ẽ ssua ordem. ssegundo o tẽpo da cõuerssaçom que aviã quando entrarom no moesteiro. e vida e meriçimento. e ssegundo ho abbade stabelecer. O qual abbade nõ torue a cõpanha a el comitida. nẽ use [LXXXXVIII] de sseu propio podirio fazendo e ordinando aquelo que nõ deue. mais cuyde senpre que de todollos sseus juizos e feitos ha de dar cõto e razom a deus. Ergo segundo a ordinaçõ ssuso dita que o abbade cõstituir ou que os frades ouuerem. assi sse cheguẽ a tomalla paz e a comunhom e a leuantar o salmo e assy stem no coro. E de todo ẽ todo en todollos loguares nõ aia diferençia nẽ departimento nas hidades. mais cada hũu seia ẽ sua ordem. nẽ rreputẽ esto os antigos a jniuria. Por que ssamuel e danyel moços julguarom e rregerom os antigos. Ergo tirados estes que de ssuso dissemos aos quaes o abbade cõ gram consselho deu graao. ou per algũas causas priuou e

degradou. todollos outros aiam e stem ẽ seus graaos assy como veerõ. s. o que veer ao moesteiro na segunda hora do dia conheça que he mais junior que aquel que veo na primeira ora. de qualquer hidade ou dignydade que seia. Os moços seiã bem doutrinados e castiguados de todos ẽ todalas cousas. Os junyores honrrẽ os sseus priores. e os priores amẽ os sseus junyores. Nen huũ nõ chame outro per sseu nome propio. mas os priores chamem seus junyores *fratres*. e os junyores chamẽ aos sseus priores nõnos. no qual sse entende rreuerença de padre. O abbade porque tẽ vezes e loguar de jhesu cristo. seia chamado dom abbade. Nom por el seer abbade. mais por honrra e amor de jhesu cristo. E el senpre cuyde e demostre e use per sseus ffeitos. que seia digno e mereçedor de tal honrra. Em qual quer loguar que sse os frades ẽcõtrarẽ o junyor peça a beençõ ao prior. e quando o mayor passar. o meor sse leuãte e delhe lugar ẽ que seia. nẽ sse asseente o junior. ssem mandado de sseu prior pera seer feilo aquello que he scripto. Dade honrra huũs aos outros. Os moços pequenos e os mãçebos na jgreia e aa mesa cõ diçiplina e ẽssinãça siguam e façam ssua ordem. fora ou ẽ qual quer outro logar aiã guarda e diçiplina ataa que venham a hidade e ẽtendimento cõprido.

Como deue seer feita a emliçom do abbade

A emliçõ e ordinaçõ do abbade seia feita cõ toda discriçom e[c] aquel seia abbade. o qual toda a congreguaçõ ou parte della em causo que seia menor cõ temor e amor de deus. e discriçom e mylhor cõsselho eleger. aquel que ouuer de sseer abbade seia ẽleito per meriçimentos de vida. e per doutrina e sabedoria. posto que seia vltimo en toda a cõgreguaçom. E sse per ventura toda a cõgreguaçom ffor viçiosa per pecados e maldades o que deus nõ queira e todos em huũ cõsselho emlegerẽ pessoa semelhauyl a elles e esses pecados e maldades forem notificados ao bispo ao qual perreençe esse lugar e no bispado do qual he hedificado. ou forẽ notificados aos abbades vizinhos. ou outros cristãos. estes todos defendam e façam que nõ aia loguar o cõsselho e a enliçom feita pelos maaos. e stabeleçam e ordinẽ aa casa de deus boo e digno rregedor. e seiã certos que por esto rreçeberõ boo gualardom de deus. sse o fezerẽ cõ temor e amor de deus. e ssem corrũpimento nẽhũu de pecado. e sse fezerem o cõtraire aueram maao gualardom. O que for ordinado por abbade cuyde senpre qual he o encarrego que rrecebeo e a

[CI]quem ha de dar conto e rrazom da ssua mynistraçõ. E sseia çerto que he ffeito abbade pera mynistrar e aproueitar. e nõ pera parecer e sseer ssenhor. Ergo neçessario he ao abbade que seia enssinado na ley de deus. pera todo aquelo que fezer e disser seia feito segundo ordinaçõ e mandamento de deus. seia casto. sobrio e honesto. myssericordioso. homyldoso. e senpre proponha e exalce a misericordia ẽ seus juizos. a qual misericordia el cõsigua e rreceba no juizo de deus. Auorreça e aia odio aos pecados. ame os frades. e faça ssua correiçõ cõ discreçom e ssagesmente. e nõ seia sobeio e indiscreto em sua correiçõ por que o uaso muyto linpo e sem discreçom de ligeiro sse quebra. Senpre seia renenbrado que he homẽ. e cõssiire sua fraqueza e que leuemente pode cair em pecado. e assy sabera correger e ẽmendar os outros. e seia nẽbrado do que disse o propheta. Que a pena fraca nõ deue de seer quebrantada. E em esto nõ dizemos que leixe criar os viçios e pecados nos subditos mais cõ discriçom e caridade e amor de deus os talhe e tire assy como vir [CII]que he neçessario aa condiçõ de cada hũu. e como ia de ssuso dissemos. e faça per guisa que seia mais amado que temudo. Non sseia sanhoso e spantoso ẽ sseu geesto. nõ seia trigoso e jnquieto. nõ seia contra dizedor de boons ditos e cõsselhos. nas cousas tenporaes nõ sseia muyto ssospeitoso e soliçito por que nũca folguara. En todallas cousas que mandar fazer seia sages e sabedor. quer seiam sprituaaes quer tenporaaes. As obras que mandar fazer tenpere e cõ discriçom departa. e cõssiire senpre a discriçom e dito daquel santo homem jacob. Se aas mynhas grex e ouelhas der muyto trabalho e fezer mais andar do que deuẽ morreram todas ẽ hũu dia. Tome ergo o [a]bbade estes ditos e outros da discriçom que he madre das uirtudes. e assy faça e tenpere todalas cousas pera os saãos e fortes fazerem o que deseiam. e esso meesmo os emfermos e fracos. E o abbade guarde de todo en todo e ẽ todallas cousas esta rregla. que sse bem rreger e mynystrar seia çerto que sera digno e mereçedor. de ouuyr a voz de deus. a qual [CIII] ouuyo o boo seruo que deu ho trigo no tẽpo da necessidade aos seruos como el. A qual uoz disse. Todo aquel que bem rreger e mynistrar auera boo gualardom de deus.

Do preposto do prior do moesteiro

Muytas vezes acõtece que pola ordinaçõ do preposto naçẽ scandalos graues nos moesteiros. por quanto algũus prepostos

cõ maao sprito e cõ gram soberua pensam e creem que som ia segundos abbades. e ẽ sseus oficios usam de grã poderio e cruel. criam scandalos e fazem departimentos na cõgreguaçõ. e maiormente nos moesteiros ꝯ nos quaes o preposto he ordinado e feito pello bispo ou pellos abbades pellos quaes o abbade he ordinado e cõfirmado. O mal e grande danpno que sse desto segue. cada hũu de ligeiro ho pode entender. Por que logo ẽ começo dessa ordinaçon lhe he dado aazo e ocasiom de soberua. e cree e cuida ẽ sseu coraçõ que he exenpto e liure do poderio de seu abbade. por quanto he feito e ordinado per aqueles meesmos pelos quaes he o abbade. Desto naçem e proçedem jnuydias. jras. rreix[CIIII]as. murmurações. discordias. maaos dizeres. desordinações. o abbade diz e quer fazer hũa cousa. e o prepostò diz e quer fazer o contrairo. e em esta discordia neçessario he. que de todo vaam a perdiçõ as almas ssuas. e as dos subditos que ham de rreger. por quanto som adulatores e dizedores de mal a hũu e ao outro. O perigoo e o mal deste gram pecado sse torna aos bispos e abbades que os ordenarõ. e aos monges que o cõssintirõ. e ao abbade e preposto que cõprem e fazem ssuas voontades e nõ os preceptos e mandamentos de deus. E por ende nos por guarda e amor de paz e caridade querendo poer rremedio a esto stabeleçemos que a ordinaçõ do moesteiro seia em poderio e aluydro do abbade. E toda a minystraçõ e proueito do moesteiro sse pode sser sseia ffeita pelos decanos. assy como ante dissemos e pella guisa que o abbade mandar. por que quando a mynistraçom for comitida a muitos hũu nõ emssoberueçera. E sse per uentura he neçessario ao loguar preposto. ou a cõgreguaçom com rrazom e homildade o pedir. e o abbade entender que he assi. ordine e ffaça preposito qual elle en[CV]leger cõ consselho dos frades que temerẽ deus. O qual preposto faça todalas cousas que lho abbade encomendar. cõ toda reuerença. nõ faça nẽhũa cousa cõtra voontade e ordinaçõ do abbade. E por quanto el he prelado. e maior que os outros. por tanto he mays obliguado cõ discriçom aguardar os preceptos da regla. O qual preposto sse ffor achado viçioso e maao. ou soberuoso ou desprezador da santa regla. seia amoestado per palauras ataa quatro vezes. e sse sse non ẽmendar sseia castiguado cõ a diçiplina regular. E sse ainda por esto nõ sse quiser emmendar seia lançado do officio do preposto. e outro que seia digno e merecedor seia posto ẽ sseu logo. E sse depois desto nõ for na cõgreguaçõ obediente. e mãsso. e omyldoso. seia lançado do moesteiro E o abbade cuyde senpre que de todollos seus juizos ha de

dar razom a deus. e por esso aia guarda ẽ ssy. e per maao zeo e ẽvidia e stiguaçõ do diaboo nõ caia ẽ pecado.

Dos porteiros do moesteiro

Aa porta do moesteiro seia posto antigo sabedor. que ssayba dar reposta e recado aaquelles que veerẽ aa porta. e sseja boo e honesto [CVI] e nõ ande vaguando fora. O qual porteiro aia cella junto cõ a porta. pera os que veerẽ acharẽ senpre rreposta. E tanto que algũu firir a porta ou algũu pobre chamar. responda e digua graças a deus ou peça a beençõ e muy asinha e cõ toda manssidõoe e omyldade e temor de deus e cõ fferuor de caridade rresponda. Ao qual porteiro seia dado frade junyor por cõpanheiro sse o ouuer mester. O moesteiro sse poder seer. sseia hedificado ẽ loguar que aia todallas cousas neçessarias. s. agua moynho. orta. fforno. e outras quaesquer artes desuairadas. pera os mõges nõ andarem vaguando ffora do moesteiro por que nõ he proueito de ssuas almas. E queremos que esta rregla sseia leuda muytas vezes na cõgreguaçõ pera os frades nõ sse escusarem per jgnorançia.

Dos ffrades que som emviados a algũus loguares

Os ffrades que stam de camynho pera hirem a algũu lugar. ante que sse vaam peçam ao abbade e a todolos outros que roguem a deus por elles. E ssenpre en todolas horas do dia na fim da ultima oraçõ seia ffeita cõmemoraçõ por todollos ab[CVII]ssentes. E quando veerem do camynho. em aquel dia que cheguarem ao moesteiro per todolas horas canonycas e em fim dellas deitados ẽ terra na jgreia peçam a todos que rroguẽ a deus por elles pollos exçessus. nẽ per uẽtura pecassem per veer ou per ouuyr. ou per palauras ouçiosas. Nenhũu monge que veer de fora nõ digua no moesteiro ho que vir ou ouuyr fora. por que he grande destruyçom. e sse o fezer seia castiguado. E esso meesmo seia feito ao mõge que sair fora do claustro do moesteiro. a qualquer loguar que seia. ou ffezer algũa outra cousa por pequena que sseia. ssem mandado do abbade

Das cousas graues ou jnpossibiles que ẽcomendarẽ aos frades

Se a algũu frade forẽ ẽcomẽdadas cousas graues ou jnpossibiles. rreçeba o ẽcomendámento daquel que lho manda ffazer.

cõ toda omyldade e obediençia. E sse vir que de todo ẽ todo ho nõ pode ffazer. digua honestamente e cõ toda homyldade ao sseu mayor. ho causo e a rrazom por que o nõ pode fazer. E ssem soberua e cõtradizimẽto demostre aquelo que diser. E depois que el splanar e diser a [CVIII] sseu mayor as cousas e razões por que nõ pode ffazer. e o prior nõ quiser rreuoguar a ssentença. estonce el cõfiando na graça e ajudoiro de deus cõ toda homyldade e caridade obedeeça.

Como hũu monge nõ deue de deffender outro no moesteiro

Mvito deue de sseer cauydado. que o mõge nõ deffenda outro no moesteiro per feito ou per palauras. posto que seia muyto sseu parente. A qual cousa os mõges nõ façam nẽ presumam de fazer. por que desto sse segue e pode sseguir ocasiõees de mal e graues scandalos. Se algũu ffor cõtra esto grauemente seia castiguado.

Como ho monge nõ deue de ffirir outro

Pera toda [1] ocasiom e presunçõ de mal sseer tirada do moesteiro Ordinamos e stabelecemos que nen hũu mõge nõ escomũge outro nẽ ffeira. ssaluo aquel a que ffor dado poderio do abbade. Aquelles que pecarẽ e fezerem mal. ante todos seiam castiguados. pera os outros auerem medo. Os moços ataa hidade de quinze ãnos. sseiam castiguados e guardados cõ toda diligençia de todos. e esto cõ tenperança e dis[CIX]criçom. E sse algũu monge ssem mandado de sseu abbade presumir de fferir algũu de mayor hidade. ou firir algũu dos ssobre ditos moços ssem discriçom. seia castiguado cõ a diçiplina da rregla. por que scripto he. Non ffaças a outrem o que non querias que te ffezessem.

Como os monges deuem sseer obedientes hũus aos outros

Os monges nõ soomente deuem seer obediẽtes ao abbade. mays aynda hũus aos outros. seiam certos que pello bem da obediençia aueram o reyno de deus. Preposto ergo o emcomendamente do abbade. e de todollos outros postos per el aos quaes

---

[1] No texto *todo*.

primeiramente os monges deuem de obedeçer. Dy en diante. todolos junyores aos seus priores. cõ toda caridade e omildade obedeeçam. Se algũu for achado perfioso ou desprezador seia castigu[a]do. Se algũu frade. por qualquer culpa aynda que seia pequena. for castiguado de sseu abbade. ou de outro qualquer sseu prior. e sentir o sseu prior scandalizado ou ssanhudo. posto que seia pouco. muyto a pressa e ssem detardança sse deite ẽ terra [CX] antos pees delle e jaça ataa que per satisfaçõ domyldade seia tirada a sanha e o mouymento. e reçeba del beençom. E sse algũu ẽ desprezamento esto nõ quiser fazer. sseia castiguado cõ vindita corporal. ou sse for perffioso e reuel seia lançado do moesteiro.

Do boo zeo e amor que deuem a auer os monges

Como o deseio maao e amor peruersso. tira e aparta os omẽes da graça e amor de deus e os trage e leua ao jnferno. bem assy o boo amor e deseio tira e departe os homeẽs dos pecados e maldades e os trage e junta ao amor de deus e aa vida perdurauyl. Deste boo amor usem os mõges. cõ todo deseio e feruor de caridade e honrrẽ hũu os outros. E ssoffram e ssoportẽ hũus aos outros con toda paçiençia as jnfirmydades. assy do corpo como da alma. e sseiam obedientes de boo coraçõ hũus aos outros. Nen hũu nõ sigua e julgue por boo e proueitoso aos outros aquello que a el praz. mais aquelo que for boo e proueitoso aos outros Amen hũu os outros e façã caridade cõ todo deseio e amor de deus. Temam deus e amẽ sseu abbade com to[CXI] da omyldade e caridade. Nenhũa cousa nõ preponham ao amor de jhesu cristo. o qual nos leue todos ao sseu rregno. amen.

Como esta rregla he hũu muy pequeno prinçipio e modo de uyuir a rrespeito da perffeiçõ que ouue nos santos padres

Esta rregla ditamos e screpuemos. pera nos e aqueles que a nos moesteiros aguardarẽ. Demostrarmos que ha ẽ nos quanta quer de vida onesta e boos custumes. ou algũu começo de bem ffazer. Aqueles que amam e querem vijnr a estado de perfeiçõ deuẽ de usar das doutrinas e ditos dos santos padres. ho aguardamento das quaes trage o homẽ a estado de gram perfeiçom. Quaees ssom os liuros. ou sermõ ou ditos e autoridades

do testamento novo e velho que nõ sseia regla muy nobre e direita para os homees bem viuerem? ou qual he o liuro dos santos e catholicos padres. que nõ digua que per [1] autos e meriçimentos de boa vida venhamos aaquel senhor que nos de nẽhũa cousa ffez e criou? E que som as colações e custumes e constituções dos santos padres e as vidas deles e a rregla de ssam basilio nosso padre. senõ exenplos de mõges bem [CXII] obedientes e de boa vida. e autos e obras de uirtudes? Os exemplos e autoridades dos quaes a nos outros priguiçosos negligentes e rremyssos e que mal viuemos ssom. grande conffusom e destruiçõ. Tu ergo que deseias e queres vijnr ao rregno de deus esta rregla muy pequena. ẽ começo de tua cõuerssaçom com aiudoiro de deus. cõple e acaba. E depois desto cõ ajuda e graça de deus yijnras aa muy grande alteza e perffeiçom de doutrina e uirtudes que de ssuso dissemos.

Deo gratias [2].



[1] Talvez se deva corrigir em *per que*.

[2] Como só em parte me foi possivel cotejar novamente esta copia com o original, é de crer que escapasse algum leve descuido de grafia.

"Ex-libris" manuscritos

de caracter tradicional

(Estudo de Etnografia comparativa)

INTRODUÇÃO

O uso de *ex-libris* está hoje muito em voga, mais por ostentação, ou deleite historico, do que por outro motivo. De facto, a maioria das pessoas que usam *ex-libris* desconhecem o significado exacto d'esta expressão, como se vê de ora escreverem *ex-libris* (com hifen!), ou *ex libris, de Fulano*, ora *ex-libris*, ou *ex libris, Fulano* (sem *de!*), sempre com o nome em português. O proprio Anibal Fernandes Thomás, que estudou o assunto em um meritorio opusculo [1], que se tornou muito raro, estava no mesmo caso, pois tinha um *ex-libris* em que se lia (á parte as iniciais do nome e o moto do emblema): *Ex-libris Annibal Fernandes Thomaz* [2].

Ha *ex-libris* de duas classes: uns são impressos ou gravados; e outros são manuscritos. Os *ex-libris* da primeira classe, a que chamarei *nobres*, apresentam-se por vezes mais ou menos artisticos e ornamentados: parece não ascendem, entre nós, além do seculo XVI, conforme diz F. Thomás [3]. Os nossos *ex-libris* manuscritos datam porém da idade-média [4], e tomam fre-

---

[1] *Os ex-libris ornamentaes portuguezes*, Porto 1905, de 88 páginas, com muitas gravuras.

[2] Devia ser: *Ex libris Hannibalis Fernandes Thomás* (ou com *Fernandes Thomás* tambem em latim), ou então em português: *D»a livraria de Anibal etc.»*.—Com esta má acepção de *ex-libris* corre parelhas a absurda expressão *super-libros*, que já discuti na *Rev. Lus.*, XVI, 344-345. Escuso de voltar ao assunto. Em vez de *super-libros* o que deverá dizer-se é *ex-libris externos* ou *exteriores*, vel simile, pois tão *ex-libris* são estes como os outros, isto é, os *internos* ou *interiores*.

[3] *Ob. cit.*, pág. 1 e 60 (*ex-libris* externos). Cfr. pág. 62. Do seculo XVI e XVII ha poucos. Do seculo XVIII, em que a moda mais imperou, restam bastantes.—Os mais antigos franceses são tambem do seculo XVI: vid. L. Delisle, *A propos d'un ex-libris français du temps de François I*, Paris 1900. Da Alemanha diz F. Tomás, pág. 1, que já os ha do seculo XV.

[4] Em codices alcobacenses da nossa Biblioteca Nacional encontrei, por exemplo, os seguintes:

Num do sec. XIII, n.º mod. 14: «Este liu' he do mostrº de Sam paul da par de Cojmbra ninguẽ lho nõ tome so pena descomunham que ponho em seu nome». É mais moderno que o livro, mas cópia de outro antigo que está por cima, menos legivel.

Num codice do seculo XIV, n.º mod. 182, folha do fim, de letra do mesmo seculo: «Este liuro he de ffernã affonso prior de sancta Mª da Arruda do arçobispado de

qüentemente, pelo menos de certa epoca em diante, e sobretudo nas pessoas de modesta instrução, curiosas fórmas estereotipadas, quasi sempre ritmicas, de que em conjunto vale a pena publicar espécimes na *Revista Lusitana*, pois constituem assunto de Etnografia. Denomina-los-hei *rusticos*, por oposição aos de cima. Ha muitos anos que reuno d'estes documentos de literatura semi-popular, e possuo por isso grande quantidade. Já em 1882, nas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 153, nota 128, me referi ao assunto, e publiquei um texto; na *Revista Lusit.*, II, 108, e VI, 243-244, e n-*O Instituto*, vol. 49.º, pag. 502, nota 2, publiquei outros. Aqui publicarei agora, com algumas explicações, a maior parte dos textos ineditos que tenho á mão.

O costume, como é natural, encontra-se em varios outros países.

Posto que a lingoa mais usada em Portugal para redigir os *ex-libris* rusticos seja a nacional, alguns dos antigos estão redigidos em latim; outros estão parte em latim, parte em português; outros em hespanhol, ou tambem parte nessa lingoa, e parte na nossa. Na minha colecção tenho um em francês, com palavras portuguesas no remate.

Para metodizar um pouco a exposição da materia, dividirei da seguinte maneira o meu trabalho:

I. Colecção de *ex-libris* manuscritos nacionais.
II. Exame dos nossos *ex-libris* manuscritos.
III. Amostra de analogos *ex-libris* estrangeiros.
IV. Considerações gerais.

»Lixboa». E a seguir, noutra letra, talvez do mesmo seculo, ou do seguinte: «E despois »ho vendeo a frey esteuam daguyar: *deo grãs*». Mais adiante (letras posteriores que imitam caracteres antigos): «He (=e) aguora he do uzo do (*sic*) da liuraria dalcobaça»; »Pera uzo da nouiciaria dalcobaça»; «Pera uzo dos irmaos (*sic*)». No verso da folha, letra do seculo XVI: «todos os yrmãos que lerem por este liuro me reze[m] hũ pater »noster e aue mª polla minha alma».

Num codice do seculo XV, n.º mod. 73 (*Regra de S. Bento*), no fim: «Este liuº he »da liuraria do mostrº dalcobaça. E por verdade se pos esta memoria e lebrança (*sic*) »quẽ q̃r que o tiuer ou ẽ algũ tpõ achar || pera ao dito mostrº ho tornar».—Este é ritmico.

No *Castello perigoso*, cod. n.º 199, no fim, letra do seculo XVI ou XV: «quẽ deste »liuro folha tirar ou arrancar || sayba por çerto q̃ Ds. a mão lhade aramcar. Das que »daquy sam tyradas nã nas queyra Ds. acoymar a q̃ q̃r (=quem quer) que as tirou e »serto deue de fazer pẽdẽça do mal q̃ neste liuro fez dũa banda e da outra». Este ex-libris consta de duas partes: numa, que é a primeira, e tem fórma ritmica, faz-se uma ameaça a quem arrancar folhas; na segunda exprime-se um desejo, a proposito das já arrancadas.

I

Colecção de ex-libris manuscritos nacionais

Os *ex-libris* manuscritos estão exarados a maior parte das vezes nas folhas-de-guarda dos livros, ou na parte interna das capas, e isto tanto na folha, e capa do comêço, como nas do fim, mas quasi sempre nas do comêço; tambem ás vezes estão exarados em páginas dos proprios livros, por exemplo, no reverso do frontispicio [1]. Um dos que possuo, tem junto dois desenhos muito toscos: um d'eles representa um busto humano; o outro tanto póde representar uma grade, como um cesto! Com os *ex-libris* concorrem não raro versos ou indicações domésticas (datas de familia, contas, receitas, etc.), pois, por economia de papel, era d'antes muito costume lançar apontamentos nas folhas brancas e nos espaços vazios dos livros.

De, como já vimos, serem os nossos *ex-libris*, ora em português, ora em latim, e de os haver igualmente em hespanhol e francês, feitos cá, resulta que posso agrupá-los por lingoas. No grupo português, como mais numeroso, posso, de mais a mais, tomar em conta a cronologia, pois que alguns tem data, e os que não a tem expressa, datam-se aproximadamente pela fórma da letra, ou datam-se de modo positivo por outras circunstancias. Os datados pertencem aos seculos XVIII e XIX. Dos não datados, mas dataveis, os mais antigos pertencem ao seculo XVII, os mais modernos ao seculo actual. Temos pois: a) *ex-libris* não datados, mas que, pela fórma da letra, podem atribuir-se ao seculo XVII, ou ao seculo XVII-XVIII; b) *ex-libris* do seculo XVIII, datados; c) *ex-libris* não datados, mas que, pela fórma da letra, devem ser do seculo XVIII; d) *ex-libris* antigos, não datados, mas que, pela fórma da letra, podem ser do seculo XVIII ou XIX; e) *ex-libris* do seculo XIX, datados; f) *ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por outras circunstancias, se póde dizer que são do seculo XIX; g) *ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por outras circunstancias, são do seculo XIX ou XX; h) *ex-libris* contemporaneos.

Segue-se agora a colecção. Começo pelos que estão redigi-

---

[1] Tudo isto os diferença dos *ex-libris nobres*, não externos, porque estes gravam-se ou imprimem-se em papelinhos, que depois se colam de ordinario na parte interna da primeira capa.

dos em português, dispondo-os, como já disse, cronologicamente, e dentro da cronologia, tanto quanto possivel, por assuntos, pois os *ex-libris* não são uniformes. Termino pelos que não estão expressos na lingoa nacional. Mantenho em todos a disposição das linhas e a ortografia, a fim de se ver o grau de cultura dos donos dos livros. Quanto aos nomes, uso de certo cuidado, omitindo alguns para que ninguem tenha motivo de nisto me chamar indiscreto.—Quasi todos os *ex-libris* que aqui publico foram colhidos directamente por mim; aos que o não foram, junto a indicação de quem m'os copiou.

A) **Ex-libris redigidos em português.**

a) *Ex-libris* não datados, mas que, pela fórma da letra, podem atribuir-se ao seculo XVII, ou ao seculo XVII-XVIII:

1. Este livro é do snr Miguel da fonsequa; quem lho achar que lho torne a dar || senão na forqua o uá pagar....

Letra do seculo XVII, num livro de 1517.

2. Este liuro de contas he de M^el^ Velozo.

Quem lho ac(h)ar, que lho torne a dar,
senaõ ós infernos ho irá pagar.

Com todos os diabos que o concumão [1] ou que mas [2] diabos o consumaõ, e mao fogo o queime e má ? o coma e faca [3] e...

Na *Arismetica* de Gaspar Nicolas, Lisboa 1613, na Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 2527. Letra do seculo XVII.

3. Este Ovidio he de Luis Correa || quem lho achar lho torne a dar || senão o hade excumungar.

Luis Correa.

Na folha-de-guarda dos *Tristia* de Ovidio, Antuerpia s. d. (seculo XVII).—Letra do seculo XVII ou XVIII.

---

[1] =*conçumão* por «consumão».
[2] =*mās* por *maos*, em próclise.
[3] =*faça*.

4. O [1] cartapacinho se te perderes algum dia || torna a oferecerte a qẽ tanto te queria || O fidalgo q̃ te achar || que vse bem de onrado || se me me nam souber onome || abaixo vou asinado || antonio tenho por nome || q̃ na pia me foi dado || e Luis por sobre nome || nesta sidade criado || Antonio Luis.

Na folha-de-guarda de: *Epistolarum selectarum Ciceronis libri duo,* Ulyssipone 1673. Letra do sec. XVII ou XVIII.—Este livro, como consta de outro ex-libris, pertenceu tambem á Biblioteca da Congregação do Oratorio de Extremoz.

5. Quem este cartapacio por se[u] cudado achar e mo nã tornar a dar || Saiba q̃ no meu palaçio nam tornara a entrar || sem le..

Letra do seculo XVII ou XVIII, nas *Annotaçoens aos generos e preteritos da Arte Nova,* Coimbra 1676. No mesmo exemplar, que pertence á Academia das Sciencias, ha outros *ex-libris,* um muito corriqueiro, outro em mau hespanhol.

6. Quem perdeo esta Logica? Eu: e qẽ Sois vos, q̃ vos não conheceis; pois se vos eu não conheço, como voladarey, vzay como discretto, e abaixo vereis o nome escripto [2]. Porto 6 de Mayo de 1715.

Fulano

No *Compendium Logicæ Conimbricensis,* Evora 1683. Do Museu Etnologico Português.

b) *Ex-libris* do seculo XVIII, datados:

7. Este Liuro he De Iose Pr.ª Bacoro. Se este operder ealguem o achar que lhettorne adar || que lhecusttou *1100* rs. na feira do S Ioão herd.ᵉ dos Esthudanttes hoie 24 de Iunho de 1734

Iose Pr.ª Bacoro

No *Thesouro de Lavradores,* 1792.

---

[1] =O'

[2] Este dialogo deverá entender-se assim:
—Quem perdeo esta Logica?
—Eu.
—E quem sois vós, que vos não conheceis? (porque o outro interlocutor não proferê o nome). Pois se vos eu não conheço, como vo-la darei?
—Usai como discreto, e abaixo vereis o nome escrito.

8. Livro de mim m^{to} amado || thesouro do meu saver || por nome tenho Roza || p.ª com Cristo morrer || folgarei de te achar || no dia q̃. te perder || hoje 9 de abril de 1737 a.

Nome.

Da folha-de-guarda de um livro, obtida por mim em Braga.

9. Se este Livor for axhado || quando chegar a ser perdido || para que seja conhesido || Leva seu dono asinado || se acaso for emprestado || para algum conhesimento || deselhe bom tartamento || para fim do que não cudem [1] || que este Livor fou [2] fortado.

Costou *240* reis em *1777*
Jacinto Antonio.

Na guarda de um livro de que não tenho o titulo.

10. Este livro he de *Fulano*, do lugar da Louza, que o mercou na freg.ª de St.º Amaro dos Escalos de Cima no anno de 1778 e costoulhe 240 reis. E quem lho achar, pode logo restituirlho, dandolhe o que le costou, ou se eu tiver ia morrido bastará que me mandem dizer hua missa pela minha alma. Louza 15 de Janeiro de 1778. *Fulano.*

Num livro que vi no concelho de Castelo-Branco.

11-12. [11]. Este liuro he de *Fulano* || q̃ se elle seperder pelo amor de Deos lho torne a dar || senaõ ao infferno o ira pagar

No col-(?) [2] de fr. Isidro. Eu *Fulano* o sobescrevi em 8 de Nover.º de 1782

Numa das folhas-de-guarda da *Grammatica Latina* de Felix Mendes, Lisboa 1759.

Na pagina oposta:

Está *Sicrano* em tregue desta arte || *Sicrano* || que he do meu condisiplo *Fulano* (*o nome do primeiro*) e mais do meu mestre Antonio Pinto de madureira do logar do pinheiro agora esteve entregue della.

[12]. Q^{m} me achar me atorne a dar || senão a caldr.ª de Pedro Bot.º ira pagar.

---

[1] =*cuidem*, por *cudem*, é fórma popular do Sul.

[2] <> *foi*. Mera fórma ortografica, por causa da correspondencia que em certas palavras se dá entre *oi* e *ou*.

[3] =Col(legio)?

Noutra folha do mesmo livro repete-se quasi por igual o primeiro ex-libris, tambem com a data. Na página oposta, ou verso, lê-se a seguinte carta, que transcrevo, não só por ser de estilo popular, mas por ter alusão á vida da escola:

Sñr. P.e [1] Joaqm estimarey que logre saude per ft.a como o meu amor lhe dez.a dandome ocaziois (*sic*) no serviso.

Snr. nao (*sic*) espere por mim que eu nao vou esta feita porque escuzo huã Rapoza vm.ce está lir [2] della mas eu naõ ea Ds. meu Rico amigo.

Este seu criado que mt.o lhe quer

Sicrano (o segundo nome que acima se lê).

Vê-se que tudo isto foi escrito por estudantes de latim.

13. Livro meu tão querido,
Thezouro de meo saber,
Se algum dia vos perder,
A' mão me venha dar.

A pessoa que o axar
Tenha brios de fidalgo:
Para saber quem he o dono,
Abaixo vai asignado.

Eu *Fulano* 25 de Junho o dia que eu me tinha levantado quando estive doente, 1790

Numa *Arte Latina*, já sem rosto. —Copiei na livraria do S.or Villanova de Vasconcellos, da Vidigueira.

c) *Ex-libris* não datados, mas que, pela fórma da letra, devem ser do seculo XVIII:

14. Este Livro he de Iosê Antonio da Fon.ca

Livro meu mto amado || Tizouro do meu saber || folgarei de te axar || no dia em q̃. te perder || o fidalgo q̃. te axar || huze prontelidade [3] || q Se o nome menão souber || por baxho vai asignado || tenho por nome Ioze || q̃. napia mefoi dado || por sobernome An.to da.. [4] || de vm.e seu criado.

Iose Antonio da Fon.ca.

Letra do seculo XVIII. Na *Arte explicada* de Madureira, Coimbra, 1739. No reverso da página lê-se: «Hic liber fuit Andreæ Fran.ci [5] de Souza Andres».

---

[1] Ou «J.e».
[2] =*li(v)r(e)*.
[3] =*prontalidade*, por *pontualidade*. Influência de *pronto*.
[4] Não percebo o que se segue. Devia ser *Fonseca*, embora ficasse hipermetro o verso.
[5] =*Francisci*.

15. O Livro [1] se te perderes, por ventura algũ dia tornate a oferecer a quem tanto te queria.

O fidalgo que te hachar
uze ponto de onrado
se me naõ souber o nome
abaixo uai asinado

que domingos tenho por nome
que na pia me foi dado
e lopes por sobrenome
que de meu paj eij tomado.

Domingos Lopes..»

Na *Corte na aldeia* de F. R. Lobo, Lisboa 1760. Letra do seculo XVIII.

16. Livro meu m.[to] amado
Thezouro do meu saber
Se algum dia te perder
Viverei apaxonado
Terá accão de honrrado
Aquelle q̃. achando-o
Proguntar pelo dono
Para que ao depois duvida não haja
Abaixo hoponho.

B.[rto]

Na guarda de *El Doctor Eximio y venerable Padre Francisco Suarez..* por el P.[e] Bernardo Sartolo, Coimbra 1731.—Letra do mesmo seculo.

*

17. Este cartapassio de Sentaxe he de Francisco Ioze Barboza || quem lho achar lho tornará a dar || senão aos infernos o ira pagar || com as pernas pera o ar.

Livro de mim tam querido tam amado quem me te dera achar no dia que te perder || e o cavalheiro que te achar tenha lancos [2] de honrado || e por aqui aprenderá o nome deste seu criado.

Francisco José Barbosa.

Na folha-de-guarda das *Explicationes.. totius artis P. Emmanuelis Alvari*, Ulyssipone 1748, que me pertence. O *ex-libris* não tem data, mas ha no mesmo livro um assento da mesma letra, em que se lê «1759».

[1] Lede: *ó Livro*.
[2] Ledo *lanços*, no sentido de «lances».

18. He do P. *Fulano* do lugar do Maçal do chão termo davilla deCellorico Bispado da Guarda || quem llachar que lo torne adar || senão ao inferno o hira pagar || com as pernas p.ª o har.

Na folha-de-guarda de *La flor del moral* de Fr. J. F. Cliquet, Madrid 1734. —Letra do seculo XVIII.

19. Este livro chamado «Cartapacio» he de *Fulano:*

Quem no achar
Que lho torne a dar
Se nam ao Inferno hade hir parar.

Isto he serto

Fulano.

Num *Cartapacio de Syntaxe*, já sem rosto. Letra do seculo XVIII.—Ha outro *ex-libris* do mesmo dono, e tem a data de 1743.

20. Esta arte he de *Fulano.*

Se elle a perder,
Quem lha achar
Lha torne a dar,
Senão ao Inferno
Irá pagar.

Livro meu muito amado,
Thizouro do meu saber,
Se te perder,
Folgarei de te achar.

Escrito em *De Institutione Grammatica* do P.ᵉ Manuel Alvares, Evora 1755. Letra do seculo XVIII.

21. Este Livro he de *Fulano* || q.ᵐ lho achar lho torne a dar || senaõ o Inferno hira parar || com a cabeça p.ª baixo || e os pes p.ª sima [1] || em recompenção (*sic*) de Similhante fruto [2].

No t. IV da 1.ª ed. d-*A Fenis Renascida* (1721), que me pertence. Letra do seculo XVIII.

*

22. Se este libro for achado
qud.º venha a-ser perdido
p.ª ser bem conhecido,

Leva o meu nome a-sinado
se ele for emprestado
p.ª algum conhecimento

---

[1] O escrevente perdêra o sentimento do ritmo (aqui devia ser *para o ar*), e continuou em prosa.

[2] Por *furto*.

desse-lhe bom tratamento
não se deixando esque-ser
P.ª que não venha a-ser
Libro do esque-simento

Monograma

Na folha-de-guarda de um livro mistico do seculo XVIII. Letra do fim do mesmo seculo. Na Biblioteca Nacional de Lisboa.

23. Este livro he de *Fulano* se o perder que [1] o achar lho pode restituir o [2] o se o empretar *(sic)* lho torne a dar pois se dis nos mandamentos 7 não furtarás q̃. he huõ grande pecado pois no ceo não entrares [3] tendo [4] da lhe o tomado [5].

Assinatura

Letra do sec. XVIII. No *Thesouro Espiritual* de Fr. Joseph do Egypto, Lisboa 1721.
Vi em Setubal.

24. Este Livro he de Amaro Luis Antonio || quem o achar, logo logo lho torne a dar || porque he bom e lhe he munto necessario para estudar || .

Na guarda dos *Commentarii in P. Virgilium* de G. Pinto Correa, t. II, Lisboa 1670.—Letra do seculo XVIII.

25.
Este Liuro he de
Ioseph Tello de u-
a bem feto [6] quem
lo acha [7] que
lo torne a
dar

Tello

Num livro com as Orações de Cicero, sem rosto, mas que creio ser do seculo XVIII. Vi-o em Miranda do Douro. Letra do seculo XVIII.

---

[1] =quẽ.
[2] «o» Por *ou* (fonetica do Sul).
[3] por «entrarás».
[4] Falta aqui uma palavra. Talvez: *roubado* ou *furtado*.
[5] Isto é: dá-lhe o tomado. Ou será: «tendo-lh'o tomado».
[6] Creio que será *Va(l) bem fêto*, isto é, «Val Bem-Feito».
[7] Por *acha(r)*.

d) *Ex-libris* antigos, não datados, mas que, pela fórma da letra, podem ser do seculo XVIII ou XIX:

26. Esta Selecta he do Carlos de Noronha. Se acaso for perdido || o fidalgo que o axar || lhe fará a destinta honra de lh'o tornar a entregar || pois para saberem d'onde he a sua patria ha de assignar.

Numa Selecta latina sem data, mas que deve ter sido impressa em Lisboa no seculo XVIII.

27. Se este tal se perder,
O fidalgo que o achar,
O que lhe quero pedir
he que me o torne a dar:
se me não souber o nome,
acima vai nomeado:
Francisco tenho por nome,
que mo puzeram na pia,
e Flores por sobrenome,
pois assim me pertencia.

Num Comento de Ovidio, em hespanhol, do sec. XVIII.

28. Arte Minha Muito Amada | Empenhada Em Meu saber || Folgarei De te axar || Adonde quer que te perder || Ocavalheiro que te axar || E For de ponto honrado || e Não Me souber o nome || Por baixo vai acegNado

Fulano.

Na *Hist. Sagrada do Velho e Novo Testamento*, trad. de L. P. Silva e Azevedo, Lisboa 1770. — Ofereceu-me esta cópia o S.or Pedro de Azevedo.

29. Pedro da Conceição.

O Fidalgo que te achar
E tiver pontos de honrado
Senão souber o Nome
Asima vai assignado.

Na folha-de-guarda de *De locis Theologicis* de J. Opstraet, Veneza 1795.

30. . . . .
[quem] não [souber o meu n]ome ||
[a bai]xo vai nomiado || o Meu
Nome he Ioaõ || q̃ na pia me
foi dado, || o Sobre Nome he Nunes
Sizo || dos Meus parentes tirado.

Na folha meio rasgada de um livro mistico, já sem rosto. Letra antiga.

31. Este livro meu muito amado
Tesouro do meu saber,
O fidalgo que o achar
Usará de termos de onra [1]
Se o meu nome não souber
Abaixo vai asinado
O meu nome he Joze,
Que na pia me foi dado
O sobre nome he Delgado
Que de meu pae foi tomado

Numa *Selecta latina*, que vi no Fundão.

*

32. Esta Arte he de *Fulano* || quem naxar que torne a dar || senão hira parar os Infernos com as pernas para o are. || e quem não dicere que esta Arte he delle mente || Va tomar testemunha com *Fulano* de Punhete.

Na *Grammatica da lingua latina* de A. F. Mendes, Lisboa 1789. A primeira parte do *ex-libris* repete-se noutro lugar, e o nome sòzinho mais duas vezes. Além d'isso o exemplar tem colado um *ex-libris* impresso, que diz «Da Livraria de José da Silva Costa».—Esta *Gramatica* pertence-me.

33. Este livro he de *Fulano* || q̃ oaxar odeve entregar || porq̃ qd.º naõ oinferno [2] ira parar || sem nem nhum agravo buscar || he de m^tos^ contos romanos emt^tos^ [3] latinos.

Sicrano.

Ce livre apartien (*sic*) a—He de *Fulano*—q̃ l'a acheté avec son argent—Este livro custou 1800 rs.

Em varias letras. Os versos do seculo XVIII ou XIX.—Na *Pratica Lusitana* ab Emmanuele Mendes de Castro, Conimbricae 1680.

---

[1] Devia ser *onrado*.
[2] =*ó Inferno* («ao Inferno»).
[3] =*e muitos*.

34-35. [34]. Este libro he de *Fulano.*

Libro de mim aceitado
Como tesouro do meu saber
Folgarei de t'achar
No dia que te perder:
E se for achado
Por algum senhor cortês
Peço-lhe que logo
O torne outra vez.
Deo gracia (*sic*), amen.

[35]. Libro de mim acordado (*sic*)
Ramo e thisouro de meu saber
Folgarey de te achar
No dia que te perder:
E se fores achado
Por algum senhor cortes
Peço-lhe que logo m'o torne outra vez
Se assim não vier a fazer,
Aos infernos irá jazer.

De *Fulano.*

Ambas em um Ovidio, de 1722.

36. Esta arte he de Theodosio de Azevedo do lugar de..[1] Quem no (*sic*) achar || faça u fauor de dar ao seo dono, senão ao inferno ira pagar || com a cabeça para o chão ias pernas para uare [2]».

No *Exame de sangradores* de Manuel José da Fonseca, accrescentado por Bento José de Mello, Lisboa 1786.

37. Este Livro he de *Fulano* do Lug.r de Figueiro [3] da Serra || quem lho achar Fara o favor de lho tornar a entregar || Cenão ao Imferno o hira pagar || Com a cabeça para baixo e os pes para sima [4] || .

Na guarda do *Breve Apparelho e modo facil para ajudar a bem morrer* pelo P.e Estevão de Castro, Evora 1672.

Vi no concelho de Celorico da Beira.

No reverso da folha era outro ex-libris.

[1] Riscado.
[2] =para o ar(e).
[3] =*Figueiró.*
[4] Devia ser *para o ar.*

38. Este livre he de *Fulano:*

quem ho achar
lho torne a dar
seno (*sic*) aos Infernos va parar
Com as pernas pera o ar.

Na *Epanaphora Indica*, 1748.

39. Este livro he de *Fulana*, indigna filha do N. Patriarca S. Domingos:

Quem lhe axar
Lhe dará,
Senaõ ó inferno
Irá parar.

De uma *Collecção de devoções*, Lisboa 1763.—Copiei na livraria do Snr. Villanova de Vasconcellos, da Vidigueira.

40. Se o perder, quem lh'o achar
Lh'o torne a dar,
senão ó inferno vai pagar
Com as pernas para o ar
A' Caldeira de Pero Botelho.

De um livro mistico que vi em Guimarães. — Talvez depois da ultima linha devesse ter: *parar*.

*

41. Este livro he de *Fulano.*

Se este algum dia for perdido,
Pois quem o achar,
Fará o favor de lhe entregar.

Pois quem o achar,
Se este algum dia for perdido,
Fará o favor de lhe entregar.

Nos *Cathecismos da diecese de Montpellier*, Lisboa 1825.

42. Este livro he de *Fulano* do Outr.º da Eeira:

Toda aquella pessoa que o achar
Tem premio, se o entregar,
de moeda e meia quando não seja mais.

Num exemplar do *Secretario Español*.. por Francisco Sobrino, en Brusselas 1720 (com a tradução francesa ao lado: *Secretaire Espagnol*, etc.).

43\. Este livro é de *Fulano.*
Se algu[ma vez] o perder,
A sua [casa o] vão levar,
Que al[viçaras g]anharão.
Quem lho [achar], se lho não le[var],
Ao Inferno o [irá pa]gar.

No vol. I dos *T. Livii Opera,* Coimbra 1799.

*

44\. Se esta obra for achada
Quando vanha a ser perdida
para ser bem conhecida
Leva sua dona assinada.
i se for emprestada
para algum conhecimento
dese-lhe bom tratamento
não deixando esqueçer.
para que não vanha a ser
O livro do esquecimento.

Fulana.

Escrito em um livro de versos do seculo XVIII. Ofereceu-me esta cópia o S^or. General Candido Xavier.

45\. Se este livro for achado
Cazo venha a ser perdido
p.^a ser mais conhecido
leva o meu nome asinado.
Se acaso for imprestado
p.^a algum conhecimento
Se lhe de bom tratamento
q.^m o vir denele ler (*sic*)
p.^a q. não venha ser
o livro do esquecimento

Joaq.^m J.^e Fr.^e

Na *Nova tragedia intitulada «A Vingança»*.., traduzida em verso por Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa 1788.

46\. Se este livro for achado
Quando venha a ser perdido,
Para ser mais conhecido
Terá o meu nome assignado.
Se acaso for emprestado
Por algum conhecimento
Dê-se-lhe bom tratamento
Quem houver de nelle ler,
Para que não venha a ser
O livro do esquecimento.

Num livro velho.

47. Se este livro for achado
quando venha a ser perdido
para ser mais conhecido
leve seu dono assinado;
tambem se for emprestado
para algum conhecimento
lhe deem bom lratamento
dexando-se[1] nunca esquesser
para que não venha a ser
livro de esquecimento.

Manuel de Jesus.

Na *Palestra da penitencia* pelo P.e Fr. Jeronymo de Belem, Lisboa 1736.

*

48. He de Fernando Garcia
Este livro de Camões
Estimado das Nações
Em toda a Gerarquia
Poeta de valentia
Varão que foi singular
Sabia mui bem falar
Este sabio lusitano
Portugues, e castelhano
Tinha doce paladar.

Esta decima via-a numa ed. dos *Lusiadas* (já sem rosto) dedicada *Ao Senhor Jose Eugenio Vergolino* (é a ed. de 1749)[2].

e) *Ex-libris* do seculo XIX, datados:

49. Se Este Livro For Achado,
Quando Venha Açer perdido,
Para Çer bem conheçido.
Leva seu dono,
Assignado.
E se a Cazo For emprestado,
Por Algum conheçimento.
Dey Selhe bom Tratamento
Para q̃ naõ venha A Cer
Livro de esquecimento[3].

---

[1] O sentido pede *dexando-o*, mas está assim.

[2] Pontue-se assim:

He de Fernando Garcia
Este livro de Camões,
Estimado das nações
Em toda a gerarquia:
Poeta de valentia,
Varão que foi singular;
Sabia mui bem fallar
Este sabio lusitano
Português e castelhano;
Tinha doce paladar.

N. B.: *sabia falar português e castelhano.*

[3] Não sei se já publiquei algures este *ex-libris*.

Sr. P.e Joaõ *de tal*—No Beâtto Atonio (*sic*) [1]. 2 de Julho de 1804.

Num livro da Biblioteca Nacional, de Miscelanea (impresso), t. VII. Marcação bibliotecal, mod. $\frac{3243}{azul}$, Literatura. —Ha curioso neste *ex-libris* a fórma dialectal *dey* (=dê).

50. Este libro hé de |*Fulano:* q.m llo achar, dar-llo ha p.r amor de Deos, se não héra p.a a Caldeira de Pedro Botello; e se acaso não quizer hir, daráo a o dito *Fulano* da freg.a de Ariosa. De 1807.

Na folha-de-guarda de uma ed. de Horacio, s. d. (seculo XVIII).

51 Este *Novenario Geral* he de *Fulano*, que o comprou a *Fulana* deste lugar da Rapa por preço de *160* r.s.

Se alguem o achar
Lho tornará a dar
Senão ao Inferno irá pagar.

Fulano (assinado) 1814.

No *Novenario Geral* (sem nome de A.), t. V, Lisboa 1791.
O lugar da Rapa é no concelho de Celorico da Beira.

52. Este Livro he de *Fulano* do lugar de Figueiro dasserra [2] || quem Ler por este Livro fara [3] aesmola de lhe rezar por Alma. Anno de 1814.

Fulano (assinado).

No verso da folha em que está outro dos *ex-libris* aqui transcritos.

53. De *Fulano*, collegial no Seminario da Guarda, n.al da Quinta do Chafariz de Villa de Celorico.

9 de Maio de 1822.

---

[1] (Convento do) Beato Antonio, em Lisboa.
[2] Entenda-se «Figueiró da Serra».
[3] Repetia-se adiante, por engano, a mesma palavra. Suprimi-a.

O Fidalgo que te achar
E tiver ponto de honrado
Senão souber o Nome,
Asima vai assignado.

Em *De Locis Theologicis* de J. Opstraet, Veneza 1795.

54. ..he de *Fulano:*

quem lho achar
fará o favor de lho entregar
aliás Inferno será a sua hospedaria.

14 de Abril de 1827.

De um ms. da Biblioteca Nacional: marcação: T $\frac{2}{98}$.

55. Este livro hé da Snr.ª *Fulana* || Seo perder quem o axar || Fará o Favor de o entregar || Feito este Letreiro em 31 de Agosto de 1831.

Feito por *Sicrana.*

*(Segue-se outra vez o nome abreviado, com **as** cetras, ou guarda).*

Nos *Catecismos* da diocese de Montpellier, Lisboa, 1824.

56. Este Livro he de Fr. Joaq.ᵐ do Canno Corista Leigo Qu[e]m oaXar venha ter Com elle Ganhara as suas alvissas. 1832. Fr. Joaqᵐ do Canno.

Numa folha-de-guarda das *Maximas sobre Arte Oratoria* por C. Lusitano, Lisboa 1759.

57. Livro de mim estimado || thezouro do meu saber || desejarei logo axa-lo || no dia que o perder; || cavalheiro que o axar || uze de termos de honrado ||, quem o meu nome não souber || ; por baixo vai esplicado. || O meu nome he Antonio || que na Pia me foi dado || sobre nome *de tal* || para ser de Deos criado.

Canha 25 de Dezembro de 1854.

Fulano de tal (assinado).

Numa folha-de-guarda da *Escola fundamental.. para aprender a ler,* Lisboa 1838.

58. Este livro e de *Fulano:*

se o perder
e alguem o achar
i lho não quera [1] dar
a cadea hira esbarrar.

3 de Agosto de 1857.

Fulano.

Na *Explicação da Syntaxe* de A. R. Dantas, Lisboa 1784.

59. Se este libro for achado
Cazo benha a ser perdido
Para que bá conhessido
Leva o seu nome asignado
Se acazo for emprestado
Por algum conhessimento,
De-se-lhe o bom tratamento
Ecá mo benha trazer
P.ª que não benha a ser
Libro de esquecimento.

Escrito em Vila-Real, em 1857, na *Imagem da Vida Cristã* de 1585.

60. Se este livro for perdido
E por alguem for achado,
Para ser bem conhecido,
Leva o seu nome assignado.

Do *Dictionn. des antiquités* de Rich. No Museu Etnologico.

Fulano. 1859.

61. Este Livro é de *Fulano:*

Quem ou axar
e se elle algum dia o perder
noo ou inferno ade arder
se lhe ou não entregar [2].

1872.

Na *Vida e feitos de.. Malhão,* Lisboa 1794.

62. É de *Fulano:*

Se a [3] ele perder o farão favor de lh'a dar
Se não ó Inferno irão pagar.

6 de Março de 1878.

Num *Pomarium latinitatis,* 1736.

---

[1] =*quêra* por *queira.*
[2] Como no Sul o ditongo *ou* se pronuncia *ô*, o escrevente substituiu o *o* por *ou.*
[3] No feminino, por causa do *latinitatis* do titulo do livro.

63. *Fulana.*
28-I-79

Livro meu meu amado
Thesouro do meu saber
Folgarei em te achar
Se por acaso te perder
Leva o meu nome assignado.

Fulana.

Na guarda de *The third book of reading lessons*, pt. I, Dublin 1870.

64. Se este livro for achado
Quando venha a ser perdido,
Para ser mais conhecido
Leva seu dono asinado.

Ao que fica copiado, letra do seculo XVIII *ou começos do* XIX, *segue-se um nome riscado, que não se lê, e mais o seguinte:*

Este a mim foi dado,
Pois a firma bem o mostra,
Por sua vez a signado 1
Fulano de tal da Costa.

Setubal 1 de Janeiro de 1885.

No *Livro de ouro que contem a introdução á vida devota*, Lisboa 1784.
Vi-o em Setubal.

65. Este livro é de *Fulano de tal* (1886).

Quem o ler compadeça-se de nós com um P. N. e A. M.

Num livro que vi em Avis.

66. Estes inclusos 4 livros são de *Fulano* na era de 1890:

A quem os emprestar
Logo que os leia,
Queira-lh'oš entregar.

Vi em Avis.

67. Este bom livro é de *Fulano:*

Se o perder e alguem o achar,
Fará o favor de lh'o dar,
Senão ó Inferno o vai pagar,
Voltadinho para o ar
E com a cabeça para o chão.

Vide-Monte 16 de Agosto de 92 [isto é, 1892].

No *Compendio de Sermoens novos*, por * * *, Porto 1789.

---

1 Neste lugar a *firma*, isto é, umas iniciais.

f) *Ex-libris* não datados, mas que, pela letra, ou por outras circunstancias, se pode dizer que são do seculo XIX:

68. Livro do meu sentido,
Tezouro do meu saber
Se algum dia te perderes
O fidalgo que te axar
Uze com ponto de onrado
Se não sober o nome
Por baixo vai assinado.

Fulano (assinado).

Morador no Paito dos Carros.

Na guarda das *Meditações da Infancia de Christo* do P.e B. do Quental, Lisboa 1682. Letra da primeira metade do seculo XIX.—No Museu Etnologico.

69. Este livre he de *Fulano* do Lugar de Ferreirim, Freguezia de Gouvians [1], Bispado de Lamego.

Livro meu muito amado || tizouro do meu saber, || folgarei de te achar || no dia em que te perder, || o fidalgo que te achar || terá termos de homem honrado, || senão souber humeu nome, || no fundo vai asinado || o meu nome he Ioaõ || que na pia me foi dado || naquelle ilustre dia || em q̃. eu fui Batizado.

Na folha-de-guarda da *Introductio in universum jus ecclesiasticum* de P. J. Riegger, Pars I, Lisboa 1771.—O *ex-libris* repete-se no verso da folha.—Letra do seculo XIX.

70. Arte Minha Muito Amada || Empenhada Em Meu saber || Folgarei De te Axar || Donde quer q̃ te perder. || O cavalheiro que te axar || E For de pronto [2] honrado || e Não Me souber o nome || Por baixo Vai acignado.

Fulano.

Na folha-de-guarda da *Historia Sagrada*, parte 2.a, Lisboa 1770, que possuo.—Letra do seculo XIX.

---

[1] Isto é, *Gouviães*.
[2] Por *ponto*.

71. Este estimado livro,
Espelho do meu saber,
Desejava de te achar
No dia em que te perder
O cavalheiro que te achar
Cumprirá o que manda a honra:
Se não souber o meu nome,
Abaixo vae assignado.

(*Segue-se uma assinatura*).

Num livro dos meados do seculo XIX.

72. Livro [meu] muito amado
Thisouro do meu saber
Se algum [dia] te perder.
O varão que te achar
Se tiver termos de homem honrado
E não souber o meu nome,
Abaixo vai asignado.

Não m'o dando, á caldeira do P.e Botelho [1] irão parar.

Aguilhão [2]. O P.e José *de tal.*

Na guarda de um *Officio de defunctos*, Porto 1851.

73. Se este livro for achado
Quando venha a ser perdido,
Para ser bem conhecido,
Leva seu dono assignado.

João tenho por nome
Maria me foi dado,
De *tal* por sobrenome,
Que de meo Pai foi herdado.

Livro de mim estimado
Thesoiro do meu saber,
Gostarei [3] de te achar,
Se algum dia te perder.

---

[1] Por *Pero Botelho!*
[2] Qunita.
[3] Por engano estava *porlarei.*

Se fores ter, ao poder
De algum curioso Leitor
Peço-lhe se não esqueça
De te tratar com amor.

João Maria *de tal* (assinado).

Numa *Selecta e veteribus scriptoribus*, Pars I, Conimbricae 1829 (livro escolar).

74. Este Livro he de *Fulano* filho de *Sicrano* da quinta do chafariz arabalde desta Vila de Cellorico da Beira, q.[m] mo achar mo dará por q̃. bem sabem q̃. lhe costou muito dinheiro e he p.[a] seo Estudo.

No verso do mesmo livro francês em que está o *ex-libris* n.º 81.

75. Se este livro for perdido
E por alguem for achado
Para ser bem conhecido,
Leva meu nome assinado.

Fulano do sitio d'Alportel.

Em um livro de 1816.

76. Este Libro he de *Fulano* do Lugar de Duas Igrejas termo da Cidade de Miranda Bispado de Bragança.

Libro meu muito amado || thezouro do meu saber || tomara de te achar || na hora em que te perder || se não souberem o nome || que na pia me foi dado || abrão os olhos || que abaixo vai declarado.

Fulano (assinado).

Folha solta.

Se este livro for perdido, || quando venha o livro a ser achado || para não ser desconhecido || leva o seu nome assignado || que he

Sicrano (assignado).

A seguir tem:

Tenet multa ratio (*sic*), dicit multum bene—J. et Castrus.

Numas *Phaedri Fabulae*, Olisipone 1819. No fim.

77. Livro meu muito amado
Muito meu querido
Em dia que fores perdido
Por mim serás procurado
E se não souberem o meu nome
Abaixo vai asignado.

Fulano.

Na *Regia via crucis* auctore D. Benedicto Haefteno Ultraiectino, Anturpiae 1728.—Letra do seculo XIX.

78. Se este Livro for achado
Quando venha a ser Perdido
Para ser vem conhessido
Leba seu dono asinado.

Jose tenho por nome
Jacintho me foi dado
De tal por sobre Nome
Que do meu Pai foi adotado.

No *Piloto Instruido*, 1851. Da minha posse.

*

79. Este Livro he de *Fulano* || se elhe (*sic*) se perder || e alguem lho achar || tornelho a dar || senão ao Inferno hira pagar.

Na folha-de-guarda das *Visitas ao SS. Sacramento* (já sem rosto, mas dos fins do seculo XVIII). Letra do seculo XIX.

80. Se este livro for achado
Quando chegue a ser perdido,
Para que va conhecido,
Leve meu nome asignado:
Ou por acaso prestado,
Para algum conhecimento
E lhe deem bom tratamento
Não o deixando esqueçer,
Para que não chegue aser
O livro do esquecimento.

Quem achar este livro,
E não no quiser dar,
Logo quando morer,
Aos Infernos irá parar.

Fulano de tal, filho de *Sicrano de tal:* Assistente navilla de Estremoz: Frontaria da fonte...[1] = 1.º Andar.

Na guarda da *Historia da vida do P.e S. Francisco Xavier*, 1788. Letra de pessoa pouco prática de escrever, seculo XIX.

81. Livro meu muito amado || thesouro do meu saber || o Snr. q̃ te achar || fará o favor de modar ||, qd.º não no inferno ira pagar || Deos te não in.. (?).

Fulano (assinado).

Na guarda de um livro francês: *Les Entretiens mémorables de Socrates* (incompleto), cuja aprovação tem a data de 1784.—Letra do seculo XIX.

82. Livro meu estimado;
Thesouro do meu saber
Estimarei de te achar,
O dia em que te perder.

Se algum dia te perco
Meu delicado prazer
Eu morro com pena d'alma
Sem ti não posso viver.

E quem te achar
E te não ẽtregar
Ao inferno vae pagar,
Com sete martellicos a martellicar.

Informação que me deram em Carviçais de Moncorvo.

83. Este livro he meu: quem o achar
Fará favor de m'o dar,
Se não ao Inferno irá paga,
De pernas para o ar.

Livro meu muito amado,
Thezouro do meu saber,
Gostarei de te achar
No dia que te perder.

1 Aqui está queimada a folha.

Meu livrinho que me custaste 180 rs.

Fulano.

Letra do seculo XIX. Nos *Elementos de civilidade*, trad. por José Vicente Rodrigues, Porto 1777.

84. Este livro he de *Fulano.*
Quem lh'o achar
Fará o favor de lh'o dar,
Senão ó inferno hirá pagar.

Letra do seculo XIX. Em um livro de 1721.

85. Quem Este Livro achar
q̃ a Seo dono for dado
lhe dará aluisaras
lhe fico munto obrigado.
Seo nome vai asignado
por amor de alguns enganos
pois ha sertos Maganos
q̃ gostão Bem de goardar
he o meo Ilustre nome
pois não temo que algum homem
meo livro queira goardar
Pois Se isto asuseder
para o inferno vá parar
nunca..[1]
Sem..[2].

Na guarda de um livro de Logarithmos, francês, antigo, s. d. (começos do seculo XIX).

86. Este livro pertence a *Fulano* residente em Alpedrinha, quem o achar hade fazer o favor de o dar senão irá para o caldeirão de Pedro Botelho, as pernas para cima e a cabeça para baixo.

Num exemplar das *Noites de Young.*

87. Este Libro he do Sor P.^e Franc.^co *de tal* filho de Fran.^co *de tal* || se o perder quem lho achar || lho torne a dar || senão o [3]

---

[1] Apagado o resto.
[2] Idem.
[3] =*ó* «ao».

inferno vai pagar || com as pernas para o ar || a [1] caldeira de Predo (*sic.*) Botelho . . [2].

Na guarda das *Novas observações sobre os differentes methodos de prégar* por F. P. D. S. A., Lisboa 1765.— Letra do seculo XIX.

88. Hera do uzo de Fr. Ioze *de tal* Leitão; || quem lho achar ||, que lho torne adar || Se não ira ter ao Caldeirão.

(Assinatura abreviada, a que se segue outra de letra diferente).

Num livro de 1750.—Letra do seculo XIX.

89. Este Livro ei [3] de *Fulano* || quem o axar || ade ter que dar || senão vai para a cadeia.

No *Cathecismo Evangelico* do P.e Fr. Placido Olivier trad. pelo P. Fr. Antonio da Purificação, t. I, Lisboa 1773.— Letra do seculo XIX.

90. Este Livro he de *Fulano* da villa do Cano. Quem o achar venha ter com elle ganhará as suas alvisas.

Num livro mistico do seculo XVIII (folha-de-guarda).—Letra do seculo XIX.

91. Este Livro he de *Fulano*, que lhe custou 300 R.s || quem lho achar ||, que lho torne a dar || para continuar as suas liçoens.

Fulano.

Num livro antigo de que não tomei nota. No mesmo se lia: «Este livro he de Antonio Julio q̃ lhe custou huns (*sic*). Viva mt.os annos. *Vale*».—Letra do principio do seculo XIX.

*

92. Se este livro for axado || coando venha a ser perdido || p.a que va conhecido || leva seu dono acinado || Se acazo for prestado || paralgũ conhecim.to || deemlhe bom tratamento || para que não venha a ser || livro do esquecim.to.

Na guarda de uma ed. de Vergilio, Lisboa 1735.—Letra do seculo XIX.

---

1 =*á*.
2 Depois de «Botelho» ha umas letras que não entendo.
3 Dialectal, por «é».

93. Livro meu muito Amado
Thezouro do meu Saber
Deseijo muito achar-te
No instante em q̃ te perder.
Pois se alguem te achar
Que te dê bom tratamt.º
Pois não fique no rol
Do livro do esquecimt.º

O meu nome é Maria
que na pia me foi dado
tenho por apelido Loureiro
q̃ do meu Pai foi tirado.

Escrito á mão n-*A Aguia do Empyrio* do P. Francisco de Santa Maria, Lisboa 1787. A letra é do seculo XIX, talvez dos meados.

94. Se este Livro for perdido || e depois que for axado || seja logo entregado || antes que seja esquecido || a seu dono bem entendido.

Na guarda do *Ordinario de la santa misa* por Pouget, trad. al castellano por Escartin y Cabrera, Barcelona 1793.—Um antigo dono hespanhol começou outro *ex-libris: Si este Libro se perdiere*..—Letra do seculo XIX.

95. Se este Livro fôr achado
Quando venha a ser perdido
Para que seja conhecido
Leva seo dono assignado [1]
Se acaso fôr emprestado
Por algum conhecimento;
Não o deixando esquecer
Para que não venha a sêr
O Livro do esquecimento.

Nos *Segredos da Natureza* de Jeronymo Cortez, Lisboa 1831.

96. Esta gramatica he de *Fulano.*
Se este Livro fore prestado || para algum conhecimento || peço-lhe dê trato bom || para que não seja livro desquecimento.

Na *Gramatica Portugueza* de Lobato.

[1] *Fulano.*

97. Se este livro for achado
Quando elle for perdido
Para çer bem conhecido
O dono leva asinado.
Se a cazo for emprestado
Para algum conhecimento
Lhe darão bom tratamento
Para q̃. não venha acontecer
O q̃ pode soceder
Livro de isquecimento.

Fulano.

Nas *Aventuras de Gil Blas de Santillana, robadas a España*, t. II, 1805 (trad. de Le Sage). Pertenceu á livraria de meu bisavô materno, o Marechal Luis Candido C. Pinheiro Furtado, cujo *ex-libris* (impresso) tinha.

98. Sê este Livro for perdido
Quando elle for achado
Para ser bem Conhecido
O Dôno leva asignado.

Se por acaso for imprestado
Para algum Conhecimento
Se lhe dará bom tratamento
Para que não venha â aconteçer
O que pode Suceder
Livro de esquecimento.

A. Leitão.

Na folha-de-guarda do *Manual Encyclopedico* de Monteverde.

99. *Fulano*, Extremos, morador na rua da Mizericordia. Não seja livro de isquecimento.

No verso do rosto da *Collecção das palavras familiares* do P. Antonio Pereira, Lisboa 1821.

100. Se este livro for perdido
E por alguem fôr achado,
P'ra poder ser conhecido
Por baixo vae assignado.

Num livro, de que não tomei nota.

101. Se este livro for perdido || e por alguem for achado || para ser bem conhecido || leva o seu nome assignado.

Fulano.

Num livro do seculo XIX. Letra do mesmo seculo.

102. Esta gramatica
Latina e portugueza
Pertence ao *Fulano*
Com toda a certeza.

O tal *Fulano*
com o nariz torto
olhos pretos
e cabello de porco.

O tal *Fulano*
que tem torto o nariz
e [1] natural
da villa d'Aviz.

Eu sou chamado
o Snr. *Fulano*
do...

Fulano.

No *Compendio de Gramatica Latina* de Gomes de Moura, Coimbra 1854.

g) *Ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por outras circunstancias, se podem atribuir ao seculo XIX ou XX.

103. Meu livro muito amado
thesouro do meu saber
espero de um dia te encontrar
se algum dia te perder.

Quem este livro encontrar
porte-se como honrado
se o meu nome não souber
leva o baixo assinado.

Joaquim meu primeiro nome
que na egreja me foi dado
de tal por apelido,
desde já muitobrigado!

Encontrei-o num papel avulso (guarda de livro).

104. Livro meu muito amado
Thesouro do meu saber
Folgarei de te achar
Se algum dia te perder

1 Leia-se: *é*.

O senhor que te achar
Terá termos d'honrado

Se me não souber o nome
Abaixo vai assignado.

Num livro moderno.

1.º

105. Se este livro se perder
E por alguem for achado
P'ra melhor me conhecer
meu nome vae assignado.

2.º

Isto não é brincadeira!
Não imaginem que brinco
Sou ***Fulano de tal***
Com o número 505.

3.º

Se accaso houver engano
Sem saber onde chegar
Pode ir ao 3.º anno
1.ª turma pode entregar.

Num papel avulso (de estudante liceal).

h) *Ex-libris* contemporaneos.

106. Se este livro for perdido
E por alguem for achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assinado.

O meu nome é Antonio
Que na pia me foi dado,
O sobrenome *de tal*
Que de meu pai foi tomado [1].

Informação do meu aluno universitario Manoel Afonso do Paço.

107. Livro meu muito amado,
Tesouro do meu saber,
Folgarei de te achar
No dia em que te perder.

Se este livro fôr perdido,
E por alguem for achado,
P'ra ser bem reconhecido,
Leva o meu nome assinado.

Informação do meu aluno universitario Manuel Afonso do Paço, que me disse escreverem isto os rapazes nos livros, no concelho de Almada.

---

1 Variante:

E Alvaro por apelido:
Desde já muito obrigado!

108. Livro meu muito amado,
Tesouro do meu saber,
Folgarei de te achar
No dia em que te perder.

O senhor que o achar
Tratará de ser honrado;
Se não souber o meu nome,
Por baixo vai assinado.

Informação do meu aluno Manoel Afonso Paço, que me disse costumarem escrever isto os rapazes nos livros, no Alto-Minho.

109. Meu livro muito amado,
Thesouro do meu saber,
Desejo de te achar
Se por desgraça te perder.

Se por desgraça te perder,
E por alguem fores achado,
Querendo saber o meu nome,
Em baixo vai assignado.

Fulano.

Num exemplar dos *Rudimentos de Botanica e Agricultura* por Julio A. Henriques, Coimbra 1901.

B) Ex-libris redigidos em latim, ou parte em latim e parte em português.

Sigo na disposição a ordem dos assuntos, e começo pelo texto mais antigo.

110. Huius libri possessor est
Filicianus a saraiva si
Aliquis eum inue-
(*sic*) rit reddat ei quo
niam maximum
apud illum
beneﬃcium
collocabit

=

Videris hunc Librum terra si forte iacere,
Illum ab humo manibus tollito sume precor:

Sed postquam depictum nomen legeris ullum
Pagina in hac prima, reddito queso mihi.

Felicianus à saraiua.

Num exemplar da *Epistola.. Hieronymi Osorii*, Lisboa 1575, na Bibliotheca Nacional (reserv.). Letra do seculo XVI ou XVII (talvez XVII).

111. Si cupis istius Dominum cognoscere Libri,
Aspice, signatum nomen habebis ibi.

Joze Fran.co Cord.o

Num Ovidio, Patavii 1762 (Fastos, Tristes, *Ex Ponto*)—Fórma um *distichon*, senão que o primeiro *i* de *libri* foi tido por longo.

112. Si cupis istius dominum cognoscere libri,
Respice, videbis nomen adesse meum.

Dominicus Emmanoel (*sic*) Costius Sylvius.

Na folha-de-guarda da *Lux moralis*, Veneza 1728. — Fórma um distico, mas o *i* de *liber* do hexameto foi tido como longo, e o primeiro *i* de *videbis* tambem. Letra do seculo XVIII.

113. Si quis in hunc librum curvos congessirit (*sic*) ungues,
In stygias ibit præcepitatus (*sic*) aquas.

Na folha-de-guarda das *Orações Panegyricas* de Fr. M. de Mealhada, Coimbra 1754.—Fórma um distico (o *i* breve de *librum* foi tido como longo, por confusão com o do adjectivo *liber*).

114. Si quis in hunc librum rapidos conjecerit (*sic*) ungues,
Legat et inteligat (*sic*) carum michi videbit.

Num livro do seculo XVIII. Quis-se formar um distico, mas o pentameto está muito imperfeito, e no hexametro fez-se longo o *i* de *librum*.

115. Si quis in hoc libro nogmen agnoscere uelit,
Adspiciat titulum nogmen clarumque videbit.

Na guarda das *Tragedias* de Seneca, Antuerpia 1639, que possuo. A 2.ª

linha fórma um hexametro. A fórma *nogmen* é fantastica; talvez o A. quizesse escrever *gnomen*, qae seria etimologica.—Depois dos versos o nome.

116. 1) Si dominum hujus liberi (*sic*) cognoscere cupias, infra scriptum videbis.

Martinus cognomento Rodriguezius ex oppido Donnas.

Donnas 2 de Abril de 1787 ≡≡ M. D. C.C.LXXXVII.
Martinho Roïz *de tal e tal* Donnas.

Na guarda de um livro, o qual tem no recto um *ex-libris* em português, que transcrevo:

2).

Livro Meu m.to amado ||
tizouro do meu saber || se
algum dia te perder || o fidal
go que te achar || uze os ter
mos de onrrado || semeu
nome nam seber ||
abaixo vaj nome
ado || o Meu nome
he Martinho ||
q̃ napia me foi dado ||
esobre nome
he Rodrigues ||
que demeu
pai [1]
foi
tomado [2]

Hoc nomen est muum (*sic*) Martinho Roïz das Donnas [3].

117. 1) Esta (*sic*) he de Jozé *de tal* de V.a Nova, termo de V.a de Pena Cova:

quem lho achar
torno lhe [4] a dar.

---

[1] **No original está *me foi tomado*, com *me* a mais, porquê primeiro èscrèveu-se por engano *me foi dado*, e riscou-se apenas *dado*, esquècendo riscar *me*.**

[2] ***Donas* é o nome de um lugar do concelho do Fundão.**

[3] **Esta disposição é como a de certas poesias gongoricas do seculo XVII. Cfr. supra, n.º 110.**

[4] **Isto é: tornê-lhe a dar o livro.**

2) Si cupis hujus libri cognoscere domnum [1] || aspice ad nomen infra scriptum, et videbis qui est (*sic*).

Josephus Silvius *de tal* (em português).

Estes dois *ex-libris* estavam num exemplar dos ***Rudimenta literaria*** do P.e Francisco Xavier, Lisboa 1732.— Quis-se formar com o 2.º um distico, que com variantes vemos noutros numeros d'esta lista.

118. Este livro he do R. Fran.co Rõz. [2], de Angorez. || Quem lho achar || q̃ lho torne a dar || *nisi ad Infros* (sic) *ibit et ilact* (sic) [3] *permanebit in aeternum.*

Num *Promptuario Moral* de 1675.

119. 1) *Na página de um livro:*

Si nomen meum vis scire,
Infra potes invenire.

2) *Na outra pagina:*

Quia curiosus fuisti,
Nomen meum non vidisti!

(isto é, fez-se voltar a pagina em vão ao leitor).

Estes *ex-libris* foram-me comunicados pelo Rev. Abade José Augusto Tavares.—Ha uma lenda, segundo a qual se lia em um penedo, que, se o voltassem, haviam de achar por baixo muita riqueza; voltaram-no, e encontraram outro letreiro que dizia que o virassem para o outro lado (não tenho á mão o apontamento, cito de memoria). Conheço outra, segundo a qual se lia em uma pedra:

Quem a mim m'alevantar,
Debaixo de mim ha-de encontrar.

Os cobiçosos de riquezas voltaram-na e leram o seguinte:

Já ha muito tempo havia,
Que debaixo de mim jazia,

porém não encontraram nada (Torres Novas).

---

[1] Fórma sincopada.
[2] =*Roīz* (Rodriguez ou Rodrigues).
[3] =*illac*.

120. *Hic Liber Sinodi est Joseph roderico quem emet uille que vocatur Situs* (?) hoje 17 de Julho de 1759 por preso 400 rs. comprei porque o dono tinha dois e por iso o vendeo tam barato e se alguem no achar || mo torne a dar || se naom ao inferno ira parar || mas ha de ser com as pernas para o ar.

No *Sacrosancti et oecumenici Concilii Tridentini Paulo III Julio III et Pio IV Pontificibus*.., (de Antuerpia s. d.).

121. Hic nomen meum pono
quia librum perdere nollo (*sic*).
Si meum nomen queris (*sic*)
aperi oculos et videbis.
Manoel Rodrigues da Silva.

Na *Preparação pera a eternidade* do P.e Ignacio Manoel, 1705.—Letra do seculo XVIII.

122. Hic nomen meum pono
Quia librum perdere nolo,
Si nomen meum scire velis
Aperi oculos et videbis.
Antonius Baptista.

Na folha-de-guarda de um livro que vi numa aldeia do concelho de Castelo Branco. Letra do seculo XIX.

123. Liber
Ecce meum nomen
pono || ad unum librum
perdere nollo (*sic*).

Num livro de 1699, que vi na Cuba.

124. Hic pono nomen meum. Siquis voluerit scire, aperiat oculos, et legat.

Num livro de 1857, do Museu Etnologico. Letra do seculo XIX.

125. Quid nostrum est, sine pacto nostro ad alium tranferri (*sic*) non potest. Oppono nomen meum.

Caetanus Josephus *etc. (em português)*.

Num livro latino do seculo XVI (impresso), incompleto.

126. Facere fidem est facere ut quis credat persuadere ut omnis qui hoc legerit, credat hunc librum esse ex usu Emmanoelis *de tal* (*em português*) a die 11 mensis Ianuarii 1743 usque ad praesens: quaeso ut ne mihi surripiat eum, et signum, quo utor, hic pono et scribo.

E. Rap.º Neves (*com cetras*).

Na folha-de-guarda (do princípio) dos *Commentarii* de Pedro de Almeida a Suetonio, 1715, que me pertence. — Noutra folha-de-guarda (do fim) lê-se: «Este livro he do uzo do P. M.el *etc. sed nunc est usus Emmanoelis de tal* (em português); mas agora he do uzo de Manoel *de tal. Meus est hic liber, quia eum emi pecuniis meis.*

c) **Ex-libris redigidos em hespanhol, ou parte em hespanhol, e parte em português.**

Sigo na transcrição a ordem (presumivel) das datas.

127. Este libro he de Paschoal *de tal* || mi nombre quero poner || en aques [1] libro mio || q̃ se lo perder || que se saiba que hes mio || Jesus Maria Ioseph.

Na folha-de-guarda (do fim) do *Fasciculus ex selectioribus authorum viridariis.. pars prima.. Eborae 1671*, que me pertence. Letra do seculo XVII. — O mesmo *ex-libris* (mixto de português e hespanhol) repete-se mais duas vezes, aplicado a outros donos.

128. Si este Libro se perdiere Suplico a quien se'lō alle me lo mande que el Dueño se llama Ioao (*sic*) Leal.

Num livro hespanhol de 1740, que vi em Estremoz.—Letra do seculo XVIII.

129. Libro, Se te perderes,
Como puede acontecer,
Suplico aquien te allare,
que te me sepa volver.
Se Lononbre [2] de su dueño

[1] *Aques* corresponde a *aquese*, ambas elas fórmas arcaicas. Mas talvez se quisesse escrever *aqueste*, fórma tambem arcaica, modernamente usada em poesia.
[2] =lo nombre (*sic*).

gustares de saber
estende tus oios risueño
que aqui bien lo puedes ver.
Maria Thomazia *de tal.*

Ex-libris antigo, que me foi dado pelo falecido arqueologo Albano Bellino, em Braga.

D) Unico ex-libris, que possuo, redigido em francês, —com um apendice em português.

130. Cest livre est à moi
Comme Paris est ou Roi
En cas de perdiction
mon non
Ces Matrocos Guimaranes
Perna torta, Cai dos cães.

Nos *Elementos de Grammatica Latina* de Miguel Le Bourdiec, Reitor do Collegio Francez estabelecido em Lisboa, Lisboa 1816.—Tem, como se vê, muitas incorrecções: no v. 1 *cest* por *ce*, no v. 2 *ou* por *au*, no v. 5 quis-se escrever *c'est*, etc. Na parte portuguesa leia-se: *Matrôco* (creio) por *Matrocos*, *Cai* por *Pai*, etc.

II

Exame dos nossos ex-libris manuscritos

Examinarei sucessivamente o assunto e a fórma.

I.—Assunto:

O assunto de todos os *ex-libris* que ficam copiados resume-se assim:

Como com eles se pretende designar posse, o possuidor declara o seu nome, e acompanha de outros dizeres a declaração, tais como filiação, naturalidade, morada; no n.º 102 temos um retrato ironico do dono do livro. Conheço dois tão sucintamente

expressos, que os não incluí na colecção, mas ponho-os aqui: «Esta Arte he de *Fulano*. Escuzão de lhe andar á roda, he minha eu sou o seu dono», letra antiga, no *Theatro Ecclesiastico*, Lisboa 1786 (apesar de o dono lhe chamar «Arte»); «Este livro he de quem quer que for. Hyeronimus», letra igualmente antiga, no *Adeodato contemplativo* de Fr. Agostinho de Santa Maria, Lisboa 1713. A's vezes o dono do livro diz como é que o adquiriu: comprando-o caro ou por certo preço [1].

Depois aparece-nos o elogio do livro: é util para estudo, é um tesouro, é um espelho. Quando o livro foi escrito por autor de fama, o dono exprime isso com orgulho (n.º 48). Por tantas razões, dá-se muito aprêço ao livro.

Dos citados meritos é o mais corrente o ser este um tesouro de sabedoria. A designação de *tesouro* dada a um livro, ou por excelencia de doutrina que ele contenha, ou por nele se coligirem os vocabulos de uma lingoa, era muito usada na idade-media, e d'aí em diante o foi sempre até hoje: *Thesaurus pauperum* do nosso Pedro Hispano, seculo XIII; *Tresor des ystoires*, seculo XIV (cfr. *Romania*, XIV, 61); *Trésor de la cité des Dames* de Christine de Pisan, seculo XV; *Thesaurus linguae Latinae* e *Graecae linguae* de Estienne, seculo XVI; *Thesouro da lingua portuguesa* de Bento Pereira, seculo XVII; *Thesouro dos christãos*, tradução de Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, seculo XVIII; «Tesouro da lingoa celtica antiga» (em alemão: *Alt-Celtischer Sprachschatz*) de Holder, seculo XIX-XX. — Assim como nos *ex-libris* se chama *tesouro* a um livro, tambem se lhe chama *espelho*, embora menos vezes: de facto, um espelho, visto que reflecte uma imagem, significa metaforicamente «modêlo» (como já em latim *speculum*),

.. dos galantes soys dado
por espelho neste mundo [2];

e um bom livro é espelho de verdades, que se contempla com proveito. Não faltam denominações de livros tiradas d'esta metafora, analogas a *tesouro*, por exemplo: *Espelho de christãos*, 1518; *Espelho de casados*, 1540; *Espelho da cruz*, codice da Biblioteca Nacional, n.º moderno 89, seculo XVI; *Espelho de perfeição*, 1615; *Espelho de religiosos*, 1622; *Espelho de Lusitanos*,

---

[1] Num *ex-libris* ms., que não incluo na colecção, diz o dono que o *resgatou*: «Este livro he do P.º Manoel Alves, o qual resgatou do poder de rapazes onde esteve alguns anos captivo e veio para meu poder no anno de 1786. — Hoje he do P.º Antonio José da Silva, que comprou etc.»

[2] *Cancioneiro* de Rèsende, I, 159 (poèsia do seculo XV).

1643; *Espelho do invisivel*, 1714; *Espelho da eloquencia portugueza*, 1734; *Espelho mystico*, 1749. Para só citar estes!

Todo o cuidado de quem escreve um *ex-libris* se dirige a fazer que o livro não se perca; mas se se perder, aí vem numerosas exortações á pessoa que o achar: o dono alega os Mandamentos da Lei de Deus, porque não o restituir é um furto; pede que lh'o restituam honradamente, que lhe dêem o valor d'ele, que lhe rezem pela alma, quando morrer, ou ao menos que tratem bem o livro. Alguem que o ache e o restitua, receberá alviçaras, terá um premio em dinheiro. Se o achador porém resiste ás súplicas, em que se lhe fala na honra, ou resiste ás proprias ofertas de valores, então o dono cai-lhe em cima com ameaças, conforme as ideias da epoca, ou as circunstancias da ocasião: proibe-lhe que lhe torne a entrar em casa, intimida-o com a cadeia, a força, a excomunhão, e por fim com o inferno, aonde o pobre ladrão será martelado, ou irá rabiar dentro da caldeira de Pero Botelho! Envia semelhantes exortações o dono àquele a quem o livro for emprestado: que o estime, não deixando de, logo que o utilize, o tornar a entregar, para que não fique livro *do esquècimento*. Até acontece que um simples leitor, ou o proprio herdeiro, sejam rogados para que ergam ao Ceo orações pelo dono.

Juntarei algumas notas ao que acabo de dizer, como fiz a respeito de *tesouro* e *espelho*.

Alegar os Mandamentos da Lei de Deus, pedir que se reze por alguem, são ideias correntes em um povo cristão, como o nosso [1]. Invocar a honra, é ideia comum a todos os povos ci-

---

[1] Eis aqui outros *ex-libris* manuscritos do mesmo genero, que não inclui na colecção por não serem propriamente *rusticos*,

1. a) Do uso de Fr. Ant.º da Purificação. Deu-lho seu pay Thomé Glz. de Andr.ª, que pede ao Religioso que estudar por elle o encomende a Ds. Lx.ª 8.bro de 1703.

b) Passou ao uzo de Fr. Manuel de Santa Maria, pelo demitir de si o P.e Fr. Ant.º da Purificação no ano de 1718.

Na guarda de um livro religioso do seculo XVIII.
Vi em Extremoz.

2. Este livro he do uzo de Fr. Felipe de Santa Thereza: quẽ o ficar pessuindo digalhe 7 missas, q̃ talvez as deva, e no cazo que as não deva, q̃ o *utinã* assim seja, servirão por faltas, ou por sua tenção; e pede isto por charid.e nouẽbro *anno Domini* 1733. *Fr. Felippe de S.ta Thereza.*

De uma folha-de-guarda das *Obras* de Fr. Antonio das Chagas, Lisboa 1701,—que vi no concelho de Castelo Branco.—O latinismo do Frade manifesta-se na frase *o utinam!* e no *anno Domini*.

vilizados, principalmente a um como o povo português, que tanto uso outr'ora fez d'ela: *homem honrado, antes morto que injuriado!* diz um proverbio, a que servirá de comentario isto do Dr. João de Barros (seculo XVI): «mais val morrer com honrra que viuer desonrrado, e he en tanto estimada a honrra, que he comparada aa vida, e assy podemos ferir e matar por conservar a honrra, como por conservar a vida» [1].

A palavra *alviçaras*, que vemos figurar em varios *ex-libris*, e que aí, como de ordinario, se usa no plural, significa propriamente o premio que alguem dá a quem lhe leva um boa nova. Neste sentido a empregaram muitos dos nossos autores antigos, por exemplo, Fernão Alvares do Oriente, que, falando do nascimento de Cristo e do presepio, diz: «vimos pastores, que postos em vela sobre a guarda de seus rebanhos, forão destas boas novas avisados por hum mensageiro do claro empyreo, que dellas aos pastores pedio no mundo as primeiras *alviceras*» [2]. Tambem no romance da *Nau Catrineta* diz o gageiro:

Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal [3].

Igualmente diz um personagem no romance de *D. Flores:*

D. Flores, dá-me *alvices*,
Já sei que vindes fazer!
Minha mana já é morta,
Já me vieram dizer! [4].

A *alviçaras* corresponde em hespanhol, na fórma e na aecpção, *albricias:* ambas as palavras vem da arabica abbixara, que significa o mesmo que as da Iberia [5]. Os Romanos diziam em igual sentido *euangelia* (plural), que ao mesmo tempo significava orações e festas por boas novas que se recebiam: o nosso Agostinho Barbosa aduz a este proposito um trecho de Cicero: o *suaves tuas epistulas, quibus* **euangelia** *debere fateor!* ad Atticum [6]. *Euangelia* é palavra originariamente grega [7]. A par havia γέρας «presente de honra»: em uma poesia de Moscho, seculo III a. C., diz a deusa Cipria (Venus) que, se alguem lhe indicar onde está seu

[1] *Espelho de casados*, 2.ª ed., de T. de Noronha & A. Cabral, Porto 1873, fls. XXI (a 1.ª é de 1540).

[2] *Lusitania Transformada*, ed. de 1781 (Lisboa), pág. 162. O A. viveu no seculo XVI.

[3] Garrett, *Romanceiro*, t. III (1875), pág. 104.

[4] Versão que ouvi no Alandroal.

[5] Fr. João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, Lisboa 1799, confirmado por Dozy, *Gloss. des mots esp. e port. dériv. de l'arabe*, Leiden 1869, pág. 74.

[6] *Dictionarium Lusit. Lat.*, Braga 1611, s. v. «alviçaras», coluna 69.

[7] Do singular (εὐαγγέλιον) «boa nova» veio *evangelho*.

filho Eros, que andava errante por fóra, terá uma recompensa: γέρας ἕξει [1]. As alviçaras, como praxe estabelecida no consenso dos povos, descendem pois de tronco bem remoto. Ou não fosse movimento tão espontaneo gratificar um obsequio que se recebe! —No falar hodierno o termo *alviçaras* adquiriu significação mais especial do que a antiga: denota a recompensa oferecida a quem achar uma cousa perdida. O *Diario de Noticias* a cada instante promete *alviçaras* por uma cadelinha, por um gato, por uma bolsa de dinheiro... Os nossos antepassados possuiam no seu lexico uma palavra que em parte continha a significação de «alviçaras»: era *achádego*. Mas o achádego era um premio que o achador tinha direito de receber do dono da cousa achada, emquanto as alviçaras resultam apenas de uma obrigação moral. Com o tempo a palavra *achádego* desapareceu, embora não totalmente a ideia juridica encerrada nela, porque, por exemplo, quem acha dinheiro e o restitue, tem direito de receber parte [2].

Nas penas cominadas contra quem sonegar um livro vimos a cadeia, a forca a excomunhão, o Inferno. A cadeia ainda é pena legal e ordinaria para punição de furtos. A força, já hoje felizmente derrubada, estava no mesmo caso com relação ao passado [3], como os proverbios até o testificam: *o ladrão, da agulha ao ouro, e do ouro á forca* [4]; *bem parece o ladrão na forca* [5]; e uns versos populares que ouvi a gente do Algarve dizem de modo semelhante:

Ha ladrões, e ladrões finos,
Qu'ajuntam contos de *rés:*
Uns vão [a] parar ás Indias,
Outros vão [para] as galés,
E outros vão para a forca,
Ficam dançando co'os pés.

A excomunhão e o Inferno são ideias cristãs, como outras que especifiquei acima. A excomunhão aparece já nos mais an-

---

[1] *Poetae minores Graeci*, Cambridge 1652, pág. 276.—Gósto muito de me servir de livros da minha livraria, como quasi sempre no presente artigo até aqui tenho feito, e por isso me sirvo d'este, que aí está, e não procuro outra edição mais moderna.

[2] Acerca de *achádego* vid.: Viterbo, *Elucidario*, s. v.; Pereira e Sousa, *Diccionar. juridico*, t. I, Lisboa 1825; *Ordenações Affonsinas*, liv. II, tit. 113, § 2.º; *Ordenações do reino*, liv. V, tit. 12. Tanto estas últimas Ordenações como aquelas se referem a servos fugidos.—A palavra *achádego* deve pronunciar-se acentuando o segundo *a*, porque é formada com o sufixo *-ádego*, que vem do latim -aticum. Cf. tambem sobre esta acentuação D. Carolina Michaëlis, *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, I, 22, not. 5.—O mesmo sufixo *-ádego* se vê em *Vidago* e *vinhago*, de *vitaticum etc., como já algures expliquei. Entre -aticum e *-ago* houve **-ád'go*, que está representado em hespanhol por *-azgo*, por exemplo, em *hallazgo*.

[3] Tão conhecido é isto, que não me canso a procurar leis.

[4] Delicado, *Adagios Portuguezes*, Lisboa 1651, pág. 112.—Com este adagio se relaciona um conto popular, conhecido.

[5] Rolland, *Adagios, proverbios* etc., Lisboa 1780, pág. 139.

tigos *ex-libris* manuscritos, naqueles mesmo que não são dos que denominei *rusticos:* vid. pág. 147. Tambem aparece em *ex-libris* manuscritos estrangeiros da idade-media, por exemplo: *hic est liber illius, quem si quis furatus fuerit, vel aliquo ingenio tulerit, anathema sit* [1]. O Inferno é designado nos nossos *ex-libris*, como na linguagem cotidiana, ora por esta palavra, ora pitorescamente pela *caldeira* (ou *caldeirão*) de *Pedro* (ou *Pero*) *Botelho*, cheia de azeite ou de agoa a ferver, onde os pecadores padecem queimados. Num romancista do seculo XIX lê-se: «Ah! patife, que tens já metade da alma no *caldeirão de Pero Botelho!*» [2]; e no seculo XVII Simão Machado faz que Gil Cabaço diga á filha:

E per seres tensoeira
E nam tomar meu conselho,
La verás de que maneira
Te chanta *Pero Botelho*
Na sua infernal *caldeira* [3].

A maneira de representar o Inferno por uma caldeira é muito medieval: no teatro, na literatura e na arte. «The *Miracles* »*de S.te Geneviève* show the tortures of Hell when Nero is »placed in a cauldron and the devils blow upon a fire beneath »it. The cauldron as an instrument of torture is a very common »*motif* in the iconography of the Hell scene. On the judgment »portal of the cathedral at Reims, the cauldron alone is found »representing Hell as it does in this play. In other instances it »is combined with the dragon's head, sometimes resting in the »open jaws, as on the cathedral at Rouen. The morality of the »*Maulvais Riche* requires an interior scene in Hell in which Lu»cifer appears, as is usual; and the cauldron is used as an instru»ment of torture. The Hell scene of *Bien avisé et mal avisé* is »set to resemble the kitchen in the house of a great lord, according »to the stage directions. This is plainly a development of the fla»mes, smoke, and the cauldron of other scenes in Hell. Also, in »this play, the dragon's jaws are employed to cover the depths of »the infernal regions» [4]. Em Portugal, creio ter visto algures, numa igreja, um altar em que o Inferno estava esculturado ao

---

[1] Vid. a minha *Noticia do poema provençal de «Santa Fé»*, Coimbra 1902, pag. 10, nota (extr. d-*O Instituto*, vol. 49.º).

[2] A. Sarmento, *Contos ao soalheiro*, 1876, pág. 11.

[3] *Comedias*, Lisboa 1631, fls. 91.

[4] Vid. D. Cl. Stuart, «The stage setting of Hell and the iconography of the middle ages» in *The Romanic Review*, IV, 336-387.

vivo com a fórma de caldeira (de Pero Botelho), porém não me lembro do nome da terra (e até dou a informação como muito duvidosa). Por se aplicarem nomes do Inferno a certas aberturas naturais [1], como já na idade-media e antiguidade se fazia [2], acontece que nas Furnas, ilha de S. Miguel, ha, como me informaram, uma nascente mineral chamada *Caldeira de Pedro Botelho* [3]. — O n.º 82 diz-nos que se quem achar um livro o não entregar, irá para o Inferno «com sete martelicos a martelicar», isto é, será aí martelado ou castigado com sete martelicos. A pena ou castigo infernal do martelo era tambem medieval. Na *Visão de Tundalo* relata-se que no Inferno «os diaboos, com garfos de ferro e com tenazes», puxavam as almas para uma forja, «e davã em ellas com maços de ferro, de guisa que de muitas almas faziã hũa massa» [4]. Já num texto latino do seculo VII se diz que o Diabo é ás vezes designado por *malleus* «o martello» [5]. A mesma designação tem ele na tradição alemã [6], o que traz á lembrança o deus do martelo na mitologia germanica e na mitologia gauleza [7]. Quanto ao «sete», ele é bem conhecidamente número fatidico.

[1] Cf. Adolpho Coelho in *Rev. de Ethnologia*, pág. 153.

[2] Vid.: A. Maury, *La magie et l'astrolog.*, 4.ª ed., pág. 170-171; *Dict. des antiquit. gr. et rom.*, s. v. «Inferi», pág. 502, col. 1.ª; *Lexikon* de Roscher, II, 251.

[3] *Pero* ou *Pedro*, como nomes do Diabo, são eufemismos: cf. o que escrevi nas *Lições de Philologia*, Lisboa 1913, pág. 411 ss. (é certamente pelo mesmo motivo, e por se querer afagar o Mau Espirito, que por vezes se lhe chama «Compadre». Na Suiça chamava-se d'antes simplesmente «o outro»: *Archives Suisses des trad. pop.*, XVI, 51). Em galego diz-se *Perete* e *Perello*, vid.: *Dicc. gallego-cast.* de Valladares Nuñez, s. v.; são evidentemente deminutivos de *Pero*. Ha nas nossas tradições populares uma entidade mitica parecida com o Diabo, e que faz muitas travessuras e maldades, tambem chamada *Pedro*: é *Pedro Malasartes*, nome que no *malas* parece de origem hespanhola, e que, quanto a isto, é comparavel ao *Pedro de Urdimalas* ou *Urdemalas* do teatro hespanhol (acêrca de *Urdemalas* como apelido em Hespanha vid. Godoy y Alcántara, *Ensayo sobre los apellidos castell.*, Madrid 1871, pág. 56-57). Não só não faltam nomes proprios de pessoas dados por essa Europa fóra ao Diabo: *Georget*, *Marti*, *le vieux Guillaume*, *Paul le cornu*, *Nic Neguitsã* (vid. *Mélusine*, V, 29, e 81, e X, 257; aí se cita um trabalho em que Nyrop tratou do assunto), mas é vulgar entre nós chamar *João* e *Maria* a certas figuras criadas pela fantasia popular (vid. uma lista num artigo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusi.*, I, 35, n. 1, a que podem juntar-se outros). — Quanto a *Botelho*, que vem junto a *Pero* ou *Pedro*, é aqui alcunha graciosa, que serve de apelido (ritmico: *ê-o*=*ê-o*). *Botelho* existe em verdade como apelido corrente, mas *botelho*, na aldeia, aplica-se por escarneo como designação de «individuo gordo e baixo», por causa da semelhança que se encontra entre ele e uma abobora tenra, que outra cousa não significa *botelho* (e *botelhão*) no lexico de algumas provincias.

[4] Vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 255 (texto publicado por J. J. Nunes); cf. III, 109 (texto publicado por F. M. Esteves Pereira).

[5] Apud J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, II (4.ª ed.), 835.

[6] Grimm, *loc. cit.*, pág. 835.

[7] Acerca de Donar, deus germanico do raio e do trovão, representado com um martelo, vid. Grimm, ob. cit., I, 151 e 201; acêrca do deus gaulês do martelo, deus tambem da trovoada e do fogo celeste, vid. H. Gaidoz in *Rev. Archéolog.*, Março-Abril de 1890, págs. 169 e 172 («Le dieu gaulois au maillet»).

Tanto a excomunhão como a ameaça com o Inferno, que encontramos nos *ex-libris*, se correlacionam historicamente com as maldições fulminadas nos documentos medievais contra as pessoas que infringissem as disposições contidas neles. Aqui transcrevo algumas de tais maldições, que estão publicadas nos *Portugaliae Mon. Hist.*: seculo XII, *si ego aut aliquis homo de propinquis meis aut de extraneis quisquis ille fuerit qui contra hunc testamentum ad inrumpendum venerit,.. sit excommunicatus.. et cum Iuda traditore lugeat penis in æterna damnatione* [1]; seculo XI, *si autem quilibet propinqus meus siue extraneus hoc meum factum irrumpere temptauerit pro presumpcione sola sit excomunicatus et maledictus a Deo..* [2]; seculo X, *si aliquis homo venerit contra hunc meum* (sic) *ad irrumpendum.. sit excommunicatus et cum Iuda traditore abeat participio in eterna pēna nunquam finienda* [3]; seculo IX, *qui hunc factum nostrum inrumpere quesierit.. sedeat separatus et excomunicatus..* [4]. Fóra de Portugal aconteciam factos parecidos, porque isto eram costumes gerais. Em documentos de Hespanha se lê, por exemplo: seculo X, numa doação: se alguem for contra ela, seja maldito, e *non abeat participationem con Ihu redemtorem per in secula, sed cum Iudas traditorem* [5]; seculo IX, num testamento, *si quis.. testamentum istum disrumpere voluerit,.. descendat super illum rumpheā* (i. é, *romphaea* ou *rumpīa*: ῥομφαία, «lança» usada na Tracia, etc.), *sicut descendit super Datan et Abiron, quos vivos terra absorvuit..* [6]. Em documentos de França: seculo XII, *qui hoc donum.. inrumpere voluerit, sit maledictus cum Datan et Abiran, et cun Jude Scariote.. particebs fiat in infernum* [7]; seculo XI, *quis contra hanc cartan.. ad irrumpendum venerit.. iran Dei incurrat* [8]. Para que acumular mais testemunhos de crença tão corrente? A ela, pelo seu lado, podem ainda descobrir-se facilmente raizes mais antigas.

Num tumulo cristão de Mérida, do seculo VII, lê-se: ..*siquis*

---

[1] *Dipl. et chartae*, n.º 940.

[2] *Ibid.*, n.º 894.

[3] Ibid., n.º 108.

[4] Ibid., n.º 6.—Acerca do assunto vid. tambem o que diz o Snr. Gama Barros, *Hist. da administraç.*, III, 125.

[5] *Boletín de la Acad. de la Hist.*, LXXIII, 423.

[6] *Ibidem*, XLVIII, 135.—Os personagens biblicos Dathan e Abiron ou Abirão figuram tambem bastante nas imprecações dos nossos documentos medievais. E não só aí: no auto da *Geração humana*, 1536, aparecem dois diabos, um dos quais se chama *Abirã*.

[7] Vid. *Cartulaire de Gellone* publicado por Alaus, Cassan e Meynial, Montpellier 1898, pág. 349.

[8] *Ibid.*, pág. 174.

hoc monumentum meum inquietare voluerit, anathema percussus, lebra Gezi et perfruatur, et cum Iuda traditore abeat portionem.. O P.e Fidel Fita, que publica a inscrição na integra [1], comenta-a com a sua costumada erudição, e diz: «Las fórmulas de imprecación nos llevan derechamente al tiempo en que las sepulturas de los fieles corrian grave peligro de ser inquietadas aun de manos de los mismos clérigos; por lo qual el concilio IV Toledano del año 633.. fulminó contra ellos el canon XLVI». Contudo o costume vinha já da epoca pre-cristã. Muitas inscrições afins se encontram por todo o orbe romano. Em sepulcros pagãos da cidade de Roma lê-se, por exemplo: *qui me commusserit (=commoverit), habebit deos iratos et vivus ardebit* [2]; e: *quisque huic tutulo (=titulo) manus intulerit, sale et aqua desideret* [3]. Em um tumulo de Puçol: *qui hoc titulum sustulerit, habeat iratas umbras qui* [4] *hic positi sunt* [5]. Noutro povo classico, de mais afastadas relações com o nosso, mas conexo intimamente com o romano, isto é, no povo grego, temos por exemplo: ἐὰν δέ τις ἀδικήσῃ τὴν στήλην ἁμαρτωλὸς ἔστω εἰς τοὺς θεοὺς ἅπαντας [6].

*

Foi certamente pensando em tais cominações contra o *ius* dos mortos, que alguem imaginou que num suposto tumulo de Shakespeare estavam os seguintes versos, que li algures:

Good friend, for Jesus' sake, forbear
To dig the dust enclosed here.
Blessed be he that spares these stones,
And curst be he that moves my bones.

---

[1] *Boletín de la Acad. de la Hist.*, xxx, 497. Fita propõe *anathema(te)* em vez de *anathema:* efectivamente a lingoa classica pedia aquela fórma, porém tambem ha *anathema, -ae* (vid. Georges, *Lexikon der latein. Wtf.*); não é pois necessario modificar o texto da inscrição. Por *lebra (=lepra) Gezi* entenda-se, como Fidal Fita justamente interpreta, «lepra que atacou Giezi (personagem biblico)».

[2] Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, n.º 8181.

[3] Dessau, *ib.*, n.º 8182.

[4] Está aqui o masculino, apesar de antes se ler *umbras*, porque o lapicida teve em mente, creio, *Manes*, que é usualmente do genero masculino.

[5] Dessau, *loc. laud.*, n.º 8199.—Á comparação que aqui estabeleço entre as fórmulas execratorias dos *ex-libris*, as maldições medievais, e as inscrições romanas já eu me havia tambem referido no meu citado opusculo *Noticia de «Santa Fé»*.

[6] Vid. Salomon Reinach, *Traité d'E'pigraphie grecque*, Paris 1885, pág. 430. O A. tambem aí fala do mesmo uso na Igreja grega.

II. — **Fórma:**

Como os nossos *ex-libris* são redigidos em quatro lingoas, terei de, no que vou dizer, formar outros tantos grupos: *ex-libris* em português, em latim, em hespanhol, em francês.

a) *Ex-libris* em português:

Os *ex-libris* em português são, por certo, os mais curiosos e variados. Exceptuando o n.º 6, que é dialogado, e o n.º 12, onde o proprio livro dirige a palavra ao leitor, é sempre em todos os outros o dono quem fala, ora referindo-se a ele em terceira pessoa, ora dirigindo-se vocativamente, e portanto personificando-o. Conheço outro *ex-libris* manuscrito em que é tambem o livro quem fala: *Sou do Collejo* (sic) *do Espirito Santo* (num exemplar da *Coroa Serafiça* de Fr. Pedro de Jesus, Lisboa 1750), porém ele, pela sua simplicidade, não pertence á categoria que estou estudando.

Se na quasi totalidade dos casos o *ex-libris* tem fórma ritmica, e até versificada, ha muitos casos em que o dono, começando a falar em verso, descamba em prosa, ou em que fala exclusivamente nesta.

A tres tipos principais se podem reduzir os *ex-libris* metrificados. Restitui-los-hei d'este modo, *plus minus*, ás fórmas primitivas:

TIPO A:

Livro meu muito amado,
Tesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia em que te perder.

O fidalgo que te achar
Use de termos de honrado:
Se não souber o meu nome,
Abaixo vai assinado.

O meu nome é *Fulano*,
Que na pia me foi dado,
Tal e tal por sobrenome,
Que de meu pai foi tomado
(ou: Por ser de Deus criado).

TIPO B:

Se este livro for achado,
Quando venha a ser perdido,
Para ser bem conhecido,
Leva seu dono assinado.
Se acaso for emprestado
Para algum conhecimento,
Dê-se-lhe bom tratamento,
Não o deixando esquecer,
Para que não venha a ser
O livro do esquècimento.

TIPO C:

Este livro é de *Fulano:*

Quem o achar
Lh'o torne a dar,
Senão ao Inferno
Irá parar (ou: o vai pagar),
Co'a cabeça para o chão,
E as pernas para o ar.

Os restantes tipos giram ordinariamente em tôrno d'estes, ora com ampliações ou adições, ora com substituições, ora com amalgamação de varios tipos.

O tipo B constitue claramente uma décima de fórma clássica: *abbaaccddc*. A décima, como fórma de poesia popular, é ainda hoje bastante usada, principalmente pelos Alentejanos. O tipo C julgo ter sido na origem um distico, ou parelha, pois tem aspecto de sentença, e as sentenças proverbiais tomam geralmente essa fórma; em tal caso, teriamos:

Quem o achar, lh'o torne a dar,
Senão ao Inferno o vai pagar,

ao que depois se acrescentariam os dois versos que se lhe seguem. O tipo A é possivel que na origem tivesse outra fórma: todavia hoje consta de tres quadras, constituindo as duas últimas uma como oitava com a fórmula *ababcbdb*.

Todos estes tipos se repetem, e são por isso tradicionais. Os n.os 48 (décima) e 102 (tres quadras) desviam-se um pouco da norma, e tem certo cunho individual.

Os versos dos tipos A e B são de redondilha maior, empregada na poesia lirica popular. Se a primeira parte do tipo C é originariamente quadra, os seus versos são de quatro silabas metricas; se são um distico, os seus versos são de redondilha

maior (mas o segundo é hipermetro); a segunda parte tem versos tambem de redondilha (o primeiro com ectlipse, o segundo com hiato).

b) *Ex-libris* em latim:

Uns são em verso (distico: hexametro e pentametro), outros em prosa, ou mixtos. Alguns têm parte em português.

Neles achamos tambem certas fórmas estereotipadas: n.os 111 a 117, e 121 a 126, que correspondem no sentido, mais ou menos, ao tipo A dos *ex-libris* portugueses. Os n.os 111 a 113 formam disticos uniformes, e quasi exactos. Os n.os 114 a 116 são disticos estropiados. O n.º 118 corresponde ao tipo C português. O n.º 119, um tanto chistoso, já o anotei no proprio lugar. O n.º 120 é sensabor, como muitos outros d'esta siloge. O n.º 124 amalgama outros tipos: 111 ss., e 121 ss. O n.º 125, em prosa, é mera sentença moral, e além d'isso participa de tipos já anotados. Falta falar do n.º 110. É parte em prosa, parte em verso; os versos formam dois disticos, com alguma irregularidades prosodicas, mas certos quanto á sintaxe: dos *ex-libris* latinos parece-me este o melhor e mais acabado.

A mór parte dos *ex-libris* latinos, ainda os metrificados, estavam escritos a seguir, sem ordem nenhuma, como acontece tambem com os portugueses. Na transcrição dos metrificados dei-lhes ordenação.

c) Em hespanhol:

O n.º 127 é ritmico, o 128 em singela prosa, o 129 parece-se com os congeneres de Hespanha que transcrevo na secção III d'este trabalho.

d) Em francês:

A parte francesa, deixando de lado as incorrecções, apresenta-se analoga ao *ex-libris* n.º 6, de França, que insiro na secção III. A alcunha etnica junta ao apelido *Guimarães* é muito conhecida, e já a publiquei como tal nos meus *Dictados topicos*, Barcelos 1882, n.º 48. Comparavel a ela é o que diz D. Francisco Manoel de Mello nos *Apologos Dialogaes*, pág. 276: *De Guimaraens, || onde prendem a gente, e soltaõ os caens*, frase tambem citada por Camillo n-*O Santo da Montanha*, cap. XVII, nesta fórma:

Deus nos livre de Guimarães,
Onde prendem a gente e soltam os cães.

A razão de muitos d'estes proloquios é freqüentemente a rima, como se vê de eles se aplicarem por vezes a muitas terras cujo nome termina do mesmo modo.

III

Amostra de analogos ex-libris estrangeiros

Pude colher espécimes de Hespanha, França, Italia, Suiça, Alemanha, Austria, e Inglaterra, uns directamente, outros em revistas ou obras de Etnografia. Aqui publíco alguns d'eles, pela ordem mencionada.

A) De Hespanha:

1. Si esto libro se perdiese,
como suele acontecer,
suplico al que melo allase
que melo sepa bolber:
ni es de cura ni de fraile
ni de ninguna muger,
que es de un pobre estudiante
que lo ha de menester.
Dos cuartos a las animas,
y otros dos par beber.

Antonino.. (rôto).

Tenho-o em uma folha que encontrei sôlta. Letra do seculo XVII ou XVIII.

2-3. Formulillas que suelen escribir los muchachos en la primera hoja de sus libros:

Si este libro se perdiere,
Como se puede perder,
Suplico al que se lo hallare
Me lo sepa devolver.
Le daré para tabaco
Y tambien para papel
Y si no tiene bastante,
Le daré con la ponta del pié.

F. R. Marín, *Cantos pop. españ.*, t. I (1882), pág. 71-72.

VARIANTE:

Y si no sabe mi nombre,
Aquí abajo lo pondré.

Ibid., pág. 139.—O A. do livro publíca outros.

4. Si este libro se perdiere,
Como puede suceder,
No és de cura ni de fraile
Ni tampoco de un marqués,
Que és de un pobre estudiante
Que está aprendiendo á leer.

Foi-me dado pelo meu antigo aluno universitario, Dr. Calvo Velasco, que o ouviu em Hespanha.

B) De França:

5. Aspice *Pierrot pendu*,
Qui hunc librum *n'a pas rendu;*
Si hunc librum reddidisset
Pierrot pendu non fuisset.

Mélusine I, 102, onde se cita uma variante italiana, que vai adiante sob o n.º 9.

6. Ce livre est á moi,
Comme Paris est au roi;
Si vous voulez savoir mon nom,
Regardez dans ce petit rond.
Celui qui le trouvera aura une bouteille de vin,
Quand la *simelle* de mon soulier aura produit du raisin.

Mélusine, I, 294.

C) De Italia:

7. Questo libro chi l'accata,
sia persona savia o matta,
presto presto me lo renda
e [1] de'suoi quattrini spenda.

---

[1] Provavelmente é o «ou».

Cosi feci, s'io lo volsi;
lo pagai, e poi lo tolsi [1].
Castelli [2].

Copiei-o em Veneza de uma ed. das *Tusculanae Quaestiones* de Cicero, 1604, que vi numa livraria.

8. Se questo libro se perdesse,
Ed a chi darlo non si sapesse,
Colla barba non son nato,
N. N. son chiamato.

(*Sul frontispizio*):

Se vuoi sapere il mio nome, volta il foglio.

(*In testa al foglio seguente*):

Parchè sei stato troppo lento,
Il mio nome é a pagina cento.

(*A pagina cento*):

Perchè sei stato troppo pigro,
Il mio nome è infondo al libro.

(*Sull'ultimo foglio*):

Se tu avessi tardato un po di più
Il mio nome non c'era più.

(*Firma dello scolaro*).

De Taverne. Vid. *Archives suisses des tradit. pop.*, VI, 211.

9. Aspice *Pierino impeso*,
Qui hunc librum *non ha reso;*
Si hunc librum reddidisset,
Pierino appeso non fuisset.

Mélusine, I, 102.—Neste jornal ha outros.

D) Da Suiça:

O costume era d'antes corrente na Suiça, tanto entre estudantes, como entre pessoas de certa gravidade. Nas *Archives*

[1] «Assim fiz, se o quis (ter): paguei-o, e depois tomei-o (de quem m'o vendeu)».
[2] Nome do possuidor.

suisses des trad. pop., VIII, 224, inserem-se varios *ex-libris* do seculo XVII pertencentes a um só proprietario e a um só livro, *ex-libris* em francês, em alemão e em latim. Aqui transcrevo tres:

10. Si nomen meum scire vis
Franciscus plenus Amoris;
Si cognomen cupis scire
Chanetus dicitur esse.

11. Ce liuere est mien et mapartient,
A moy que suys un bon Christien;
Celuy qui le trouera le me rendra,
Luy sora (*sic*) poye son bon vin,
A la mesure de Jacopyn.

12. Questo libro è di carta,
Questa carta è di straccio,
Questo straccio è di lino,
Questo lino è di terra,
Questa terra è di Dio,
Questo libro è tutto mio.

Do cantão de Ticino. Vid. *Archives Suisses*, já cit., XIV, 197.

E) Da Alemanha:

13. Dieses Büchlein ist mir lieb;
Wer es stiehlt, der ist ein Dieb.
Der kommt auf das Galgenrad,
Da fressen ihn die Raben ab.

14. Dieses Büchlein hab'ich gekauft.
.... (*nome proprio*) bin ich getauft,
.... (*nome de familia*) bin ich geboren.
Wer's find't, ich hab's verloren.
Der geb's mir in die Hand;
Dem bin ich gut mein Leben lang.

Dos *Blätter für pommerische Volkskunde*, 1894-1895, pág. 25-26. Publicam-se aí mais cinco, que omito por brevidade.

15. Dieses Buch gehöret dem Mathias Ehm von Rehmlingen aus dem Amt Merzig. Geschrieben im Jahr 1795. Und der

mir es wilt nehmen und nicht wüder zu geben: so weiss ich gewiss, dass es kein braver Mann ist. Sagt der Jakobus Oehm und die Katharina Steiers.

Da *Zs. des Vereins f. rhein. u. westfäl. Volkskunde*, V, 149.

Na *Zs. des Vereins für Volkskunde*, VI, 446, faz-se uma remissão para o vol. II, 85, para um artigo sobre *ex-libris;* como não possuo este volume, nada mais posso dizer. No cit. vol. VI, *ibidem*, menciona-se tambem uma obra de W. Wattenbach, intitulada *Das Schriftwesen des Mittelalters*, 3.ª ed., Leipzig 1896, onde a pág. 528 ss. se coligiram *ex-libris;* igualmente a não pude consultar.

F) Da Austria:

16. Hic liber est meus, Qui furatur erit reus.
Certe poena capitis Vi petatur lapitis (!),
Dein discat sinere, Possessori reddere.

Do seculo XVII. Num museu de Salzburgo. Vid. *Zs. des Ver. f. Volkskunde*, VI, 446.

17. Hic liber est meus,
Testis est deus;
Qui non credebat,
Nomen meum videbat,
Schessan sum natus,
Valerian vocatus.

De uma colecção de rimas populares de Bucóvina e Galicia. Vid. *Zs. des Ver. f. Volksk.*, VII, 298.

18. Dieses Büchlein ist mir lieb,
Wer es stiehlt ist ein Dieb.
Das Papier ist mein Acker,
Drum schreib' ich so wacker.
Die Feder ist mein Pflug,
Drum schreib'ich so klug.
Die Tinte ist mein Samen,
Drum schreib' ich meinen Namen. N. N.

Ib. ib.—Ha aí mais oito.

o) De Inglaterra:

19. The grass is green;
The rose is red;
This book is mine
Till I am dead.

Apud F. R. Marín, *Cantos pop. españ.*, já cit., t. I, pág. 140.

IV
Considerações gerais

Indicar a posse de um objecto, sobretudo de um objecto querido, inscrevendo nele o nome do possuidor, é a cousa mais natural do mundo: e de tal costume já poderiam achar-se provas em remotissimas eras. Porque não havia de acontecer o mesmo com os livros? E quanto maior aprêço se lhes não daria d'antes, na idade-media, e na antiguidade, em que os livros eram escritos com calamo ou pincel, e por isso muito mais custosos de obter do que hoje, depois que a maravilhosa invenção de Gutenberg tornou acessiveis, ainda ás pessoas de apoucados haveres, a aquisição d'esses tesouros do espirito humano?

Assim nasceram os *ex-libris*. A principio eram apenas manuscritos, simples, e sem ornatos. Com o aperfeiçoamento das artes e industrias, e o apuro do gôsto literario, receberam não só fórma ritmica, mas enfeitaram-se de desenhos, e aplicaram-se aos livros por intermedio da impressão e da gravura. Têm, pois, origem culta. Como porém, quando se faz um descobrimento, logo as multidões geralmente se aproveitam d'ele, aconteceu que o uso de *ex-libris* manuscritos passou tambem para o povo, porém apenas, já se vê, para as classes que possuiam alguma cultura,—e isto tanto em Portugal como em diversos países. Quando os *ex-libris* se aperfeiçoaram por impulso dos bibliofilos, o povo continuou a servir-se dos outros, mais modestos, e adaptou-os de certo modo aos seus proprios habitos, dando-lhes fórma adequada. A civilização mostra-se de ordinario sob a aparencia de duas linhas, que, embora nascidas do mesmo ponto, vão divergindo: a linha culta, e a linha popular, aquela, que representa progresso activo, esta, que representa lentidão de movimento ou estacionamento. Os *ex-libris* que chamei *nobres* são, no meu caso, o progresso; os *rusticos* são a tradição ou conservação dos primitivos.

Os *ex-libris* manuscritos, ou *rusticos*, na sua fórma especial

e rotineira, constituem um costume muito espalhado por todo o Portugal, e desde ha seculos, pelo menos desde o XVII, postoque já muito em decadencia hoje. Vemo-los em particular nas escolas de primeiras letras, nas antigas aulas de latim e nos colegios; mas tambem algum camponio que sabe escrever, e algum pachorrento padre ou frade o emprega ou empregou. Eles contêm elementos que pertencem ao escrinio geral das superstições, —elementos antigos e radicados—, como a caldeira de Pero Botelho, onde a designação do Diabo manifesta a um tempo uma ideia de terror religioso, no eufemismo de *Pero*, e uma ideia zombeteira, na alcunha de *Botelho*. A graça escarninha do povo patenteia-se igualmente quando este põe no Inferno, com as pernas para o ar, o roubador do livro, ou com sete martelicos a martelicar (n.º 82), frase em que entre o «sete», tão corrente nas lendas e locuções. Outros elementos tradicionais dos *ex-libris*, além do reflexo do viver geral, que já foi assinalado no capítulo II, são o uso do verso de redondilha, o tom sentencioso que se nota no tipo C, e por vezes aspectos de linguagem vulgar, *b* por *v*, *dei* «dê», *alviças*. Por tudo isto o estudo dos *ex-libris* manuscritos faz parte da Etnografia, como logo de começo declarei.

Da amostra de *ex-libris* estrangeiros que ofereci ao leitor no capittulo III consta que o costume português existe tambem lá fóra nas mesmas classes (estudantes, etc.), e com particularidades analogas, na fórma e no sentido,—ora mais, ora menos esmerados, segundo o grau de instrução, e o genio nacional: o que prova que tudo tem origem comum, que deve buscar-se na difusão da cultura latina da idade-média em diante. Certamente os *ex-libris* redigiram-se primeiro em latim, como a propria expressão *ex libris* o deixa ver, e foi nesta fórma que se propagaram, por intermedio das escolas monacais, e por outras vias: depois cada nação os traduziu ou imitou na respectiva lingoa, mantendo todavia a par o uso de tipos latinos. D'aqui as semelhanças gerais. Algumas semelhanças especiais que se observam, por exemplo, entre o nosso tipo B e os *ex-libris* hespanhois, devem ter provindo de relações directas.

Eis como esta materia corriqueira, que poderia parecer tão desprovida de importancia, adquire alguma, quando se estuda sob o aspecto da demopsicologia, da historia dos costumes, e do intercambio social.

Campolide, 31 de Março de 1919.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELANEA

Sobre «cabaça», «calabaza»

Falta una explicación satisfactoria de estas formas de la Península Ibérica. Sobre ellas callan los diccionarios románicos, y alguna etimologia propuesta, como la del Dic. de la R. A. E., **calpar** (vasija), no es congruente. Y sin embargo parece indudable, estudiando los demás tipos románicos, que todos han partido de una base común. Estas formas dispersas, a pesar de profundas divergencias que acusan una base inmediata distinta, tienen elementos comunes estroncados con **cucurbita,** cuya explicación, por incierta y oscura que sea, debe intentarse. Que yo sepa, nadie ha señalado representantes ibéricos de **cucurbita,** y sin embargo existe uno indudable en el gallego *cogorda*, definido en el Dic. de Valladares «agárico, excrescencia esponjosa, de la familia de los hongos», llamado así por la semejanza con una pequeña calabaza, y que tiene correspondientes en el provenzal *cougourdo* y antiguo francés *gougourde* (calabaza). Pero todos los indicios son de que la forma clásica no fue única en latin: es más, estudiada esta forma en un campo más amplio, se ve que está en desacuerdo con las correspondientes de otros grupos, que hacían esperar en latín un tipo * **curbita** (comp. el SK. *carbhatah*), deduciéndose con toda evidencia que **cucurbita** es un cruce de la forma supuesta con su sinónimo **cucumis**. El problema se complica, porque al estudiar los diveros tipos romances es preciso descubrir que modificaciones son romances y cuales latinos. Por ejemplo en el francés *gourde* no podemos menos de ver una modificación francesa: *gourde* es un caso de haplologia por el antiguo *gougourde,* forma obtenida por asimilacion silábica de *cougourde*, que remonta al clásico **cucurbita**. En la forma *courge* la fonética tiene que aceptar de buen grado bien la explicación de M. Lübke, *Gram.* I, 591, en lo que se refiere a la *g*, * **cucurbica (fabrica** *forge*), bien la conocida de * **curbea (cavea** *cage*): la solución la dará el antiguo francés *coourge*, si es intermedio entre * **cucurbica** y *courge*, por lo que se refiere a la reduplicación, siendo entonces precisa una base * **cucurbica** o * **cucurbea**. Las formas de la Península Ibérica piden una base latina sin reduplicación, ya fuese por una previa haplologia, ya por persistir en el latin hablado una forma etimológica sin la interferencia de sinónimos citada, con un sufijo **-acea** (forma-

ción concordante con la de Italia, **cucumis** > *** cucucea** *cucuzza*). Pero esta supuesta base *** curbacea** (comp. para el tema el alemán *kürbis* «calabaza») se deforma en un tipo ibérico común ***carbacea,** del cual es superviviente el catalán *carbassa;* probablemente en el mismo latín se produce una divergencia *** carabacea, * calavacea,** por una oscura etimología popular, con **cara, * calaver** u otra voz semejante, si es que no basta la tendencia a la anaptisis que demuestran diversos ejemplos románicos, como el italiano *sparaviere* y el castellano *esparavel* del francés antiguo *esparvier*, del germánico **sparwâri**. El aragonés *carabaza*, antiguo *carabaça* (Bol. de la R. A. E., IV, 350), el catalán *carabassa* (y el siciliano *caravazza*, de probable origen catalán) arrancan de la base *** carabacea**. Para el portugués *cabaça* y gallego *cabaza*, para el castellano *calabaza* (y para el francés *calebasse*, que es una importasión del castellano, lo mismo que el provenzal *calabasso* «un juego de niños») hay que admitir una base *** calabacea,** cuya antigüedad hay que reconocer por la comunidad de formas y por ser antiguo el processo de elisión de *l* interna en portugués y gallego, con una antigüedad análoga a la de la deformación de **cadavera, cala-,** que produjo *caveira*.

VICENTE GARCÍA DE DIEGO.

Epitafio gracioso

Li em 1904 em Alcacer do Sal, na guarda de um livro do seculo XVII, pertencente ao antiquario P.e Matos Galamba, hoje falecido (vid. a seu respeito *O Arch. Port.*, XXI, 345), o seguinte epitafio, de letra do mesmo seculo (copio textualmente):

«Epitaphio q̃ a deuoção de hum affeiçoado fez p.a se esculpir na pedra q̃ cobre as cinzas daquelle abrazado feniz Emminentissimo a incendios de amor gollozo, q̃ encheo de manjar o estamago, como quem fazia jornada p.a o outro mundo, e quiz escuzar alforjes:

Nada santo mostrou ser
este q̃ a terra consome,
que os santos morrem de fome,
este morreo por comer.
Cardeal ueio a morrer,
q̃ ninguem á morte escapa;
e por baixo de subcapa
mostrou, não com pouco espanto,
senão morreo padre santo,
q̃ teue morte de papa».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

— **Syntaxe Historica Portuguesa** — por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Lisboa, Livraria Classica Editora, 1918.

Numa *Declaração* que acompanha a obra, entende o editor, e muito bem, comemorar dignamente o primeiro aniversário da morte do sábio Professor, trazendo a lume a *Syntaxe Historica Portuguesa.*

Não podia imaginar-se, realmente, uma comemoração mais louvável. Engrandeceu-se o escritor e prestou-se um bom serviço à nossa lingua.

O assunto era árido, demandava uma paciência beneditina, e só podia ser levado a cabo por um homem de grande competência, pouco dado a fantasias, e com um poder profundo de visão em assuntos linguísticos.

A dificuldade da tarefa foi manifestada pelo ilustre professor Ribeiro de Vasconcelos no fim da sua *Grammática Histórica.*

Mas não havia impossíveis para o colaborador honestíssimo da *Grammatica Francesa*, para o autor da pequenina *Grammatica Portuguesa*, que, apesar de imitada, ainda não pôde ser vencida, para o consciencioso anotador do *Chrisfal*, para o crítico seguríssimo e levemente irónico de tantos estudos alheios, para aquele escritor, enfim, que, num trabalho severo de tantos anos, conseguiu reunir o material riquíssimo com que adornou a sua preciosa edição dos *Lusíadas*, derramando luz sôbre os passos mais obscuros, estabelecendo paralelos entre o nosso poema e as obras da literatura latina, desfazendo equívocos, derrubando castelos arquitectados no ar, etc.

*

Não é a *Syntaxe Historica* uma obra perfeita, nem o poderia ser nas condições dolorosíssimas em que foi publicada:

Há falta de exemplos, muitos dispensáveis, outros essen-

ciais para a compreensão das regras formuladas, difíceis de fixar quando não acode ao nosso espírito um caso concreto; algumas citações não podem ser fácilmente verificadas, e outras precisam de emenda [1]; em alguns parágrafos devia chamar-se a atenção para outros; notam-se alguns erros tipográficos que o leitor pode corrigir sem esfôrço, mas que o benemérito editor deve extirpar em segunda edição [2]; a pág. 294, deu-se um salto, tendo passado a continuação da última linha para o cimo da mesma página.

Outras deficiências aponta honestamente o editor, as quais devem ser remediadas em nova edição, e essa não há-de faltar, pois que os professores e estudantes não podem mostrar-se indiferentes perante um dos melhores trabalhos saídos nos últimos anos sôbre a língua portuguesa.

Epifânio da Silva Dias põe os leitores de sôbre-aviso quanto a modos de dizer pouco correctos [3], e admite construções que estávamos habituados a ver condenadas [4].

Revelando uma erudição profunda, frisa os latinismos e aproxima as nossas regras das permitidas pela sintaxe grega, francesa, inglesa e alemã.

Chama a nossa atenção para a linguagem popular, relacionando-a muitas vezes com passos da literatura arcaica [5].

Entre os exemplos extraídos do português arcaico e dos melhores escritores modernos, há, na *Syntaxe*, numerosas citações dos *Lusíadas*, que fornecem notas gramaticais abundantes aos professores e alunos de Instrução Secundária [6].

São abundantes as observações e os problemas debatidos. Na impossibilidade de apreciar tôda a matéria, faremos algumas considerações sôbre certos casos, acrescentando aqui e além exemplos.

---

[1] A pág. 124 b)... 1) cita-se o canto II dos *Lusíadas*, quando a citação pertence ao primeiro; a pág. 146... § 190... 2) cita-se no mesmo poema o canto I, est. 38, pertencendo o verso transcrito à estância 33.

[2] Lembraremos a pág. 35, 1.ª linha—*refutar* por *reputar*; e a pág. 10, 7.ª linha—*cavelleira* por *caneleira*.

[3] São numerosas as observações. Citaremos as de págg. 3, 36, 53, 94, 95, 102, 114, 130, 142, 158, 164, 175, 238, 257 e 299.

[4] V. a págg. 34, 58 e 269: *Fazer em pedaços...*, *meios mortos...*, *pedir para* (com infinitivo).

[5] V. a pág. 10: *Diz que* com o sentido de—*dizem que, diz-se que*; a pág. 63: *lha* por *lhes*; a pág. 63, *in fine*: *ti* e *mi* por *eu* e *tu* «no falar popular antigo». Ainda hoje, porêm, se diz na linguagem popular: *Eu posso mais ca ti.*

[6] V. pág. 8... 18; 10 § 7.º; 14... b); 21... e); 23... § 21; 90... § 117: 91... 2; 107; 138... obs. 2.ª; 254, etc., etc.

Pág. 10, § 7.º — À similhança de *on* francês, empregava-se no português arcaico *homem*, como pronome, sem artigo [1].

Pág. 32 — «Alguns verbos que na linguagem usual moderna são intransitivos (v. g. *resistir, incorrer*) eram no port. arch. medio tambem empregados como transitivos [2]. A pág. 27, § 27, apontam-se vários casos em que o complemento directo é, ou pode ser em alguns casos, precedido da preposição *a*. Acrescentamos em nota vários exemplos tirados dos *Exerc. Espirit.* de Bernardes [3].

A pág. 61, tratando dos numerais, observa o autor: «No port. arch. medio dizia-se, v. g.: *tres quatro* por 3 ou 4 [4].

Pág. 96 — Acêrca do emprêgo do artigo definido antes do pronome possessivo, consegue fixar algumas regras, não obstante a dificuldade do problema. Estabelece, e muito bem, que no port. arch. medio era muito mais vulgar que no moderno a omissão do artigo [5].

Pág. 84, § 104 — «No Port. arch. medio era mais usual» não se empregar o artigo definido entre a palavra — *todo* — e o substantivo:

«... *o conde com todas suas gentes* [6].

---

[1] *Fid. Aprendiz*, ed. de Mendes dos Remédios, pág. 8:

«Se lição ha de tomar
Despachemos, que tem homem
Outros mil que lições tomem...»

— *Miscellanea* de Garcia de Rezende (ed. de M. dos Remedios, pág. 20, n.º 50:

«Pasma homem de ouuir
ho que sabe muito certo...»

[2] «De que te empinas e tomas orgulho, tu que não sabes se agradas a Deus, e sabes muito bem que o *desagradaste*...?» O mesmo em Vieira, como pode ver-se de uma citação no *Diccionario* de Moraes.

[3] «Os que temem a Cristo». «Animou a seu filho». «... para que todos honrassem ao filho». «O perdão das injurias estará como executando a Deos pela palavra...» «... obras que possam contrapesar aos pecados». «Ousas a levantar...».

[4] V. Garcia de Resende, *Miscellanea* (ed. cit. pág. 81, n.º 233):

«Vijmos em Euora valer
hos moyos de pam yguaes
quinze vijnte mil reaes,
. . . .»

[5] V. os seguintes exemplos, todos tirados de Bernardes, *Exerc. Espirit*:
«Deus manifeste sua justiça...» «... a ordem... dos fins de sua alta providencia...» «... pas em teu coração...» «Deos encaminha tudo a seus fins». «Para julgar tua causa e coroar teus merecimentos...». «Afoga teus pecados». «... disse a seus apostolos...».
«Vós atastes a huns nervos os meu pés e pusestes-vos a observar os meus caminhos, e a examinar as minhas pégadas...» «Sendo alli elevada a alma para conhecer a sua sentença». «Deos... porque a sua misericordia para comnosco...».

[6] Fernam Lopes.

Pág. 88—Sôbre o emprêgo de *cada um*, substantivamente, é curioso o seguinte exemplo:

«*E cada um* (todos, um por cada vez) *se escusava de tal ida*» [1].

Págg. 98 e 135—Sôbre o emprêgo do artigo partitivo no português arcaico, e ainda por vezes no médio, e da preposição *de* em sentido partitivo, fazem-se na *Syntaxe Historica* eruditas considerações. Recordamo-nos de ler alguns casos em Fernam Lopes. *Chron. de D. João I*, tendo tomado nota do seguinte:

«... *bebei logo da ourina, que é muito proveitosa*...».

Pág. 178—O advérbio *onde*, alêm do significado—*com o que*—pode equivaler a=*pelo que, quando, naquela ocasião*. Precedido da preposição *por*, quer dizer—*por cujo motivo* [2].

Pág. 294—Sôbre a conjunção concessiva—*mas que*—embora, diz Epifánio empregar-se em estilo oratório. Parece-nos que tal emprêgo não é tam restrito.

«... *mas que me mateis*... o corpo, sempre a alma, e olhos ficarão meus... Cast. *Metam.* XXXIII.

A obra compõe-se de duas partes: I—*Da ligação das palavras na oração;* II—*Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações.* No fim há um apêndice à sintaxe que abrange a seguinte matéria: *Elipse, zeugma, pleonasmo* (gramatical), *sínese, atracção* (e assimilação de modos), *anacolutia* e *contaminação sintáctica.*

*

As observações do autor foram o resultado de um trabalho consciente e demorado [3].

Depois de uma análise rigorosa dos textos, coleccionou os diferentes casos, dispondo-os numa ordem perfeita.

É realmente admirável o poder de indução e de síntese que

---

[1] Fernam Lopes.

[2] «...e, vinda a manhaã em que o batel foi visto pelos Mouros, acudiram obra (de) duzentos, onde Gonçalo de Sintra por se defender naquela vasa pereceo...» (João de Barros, Dec. I, L I, C. IX).

—«Só eu choro onde todos cantam (Bern. *Exerc. Espirit.*, t. I, pág. 227 (ed. de 1706).

—«Onde cuidei de casar huma só filha que tinha, alli a fiz viuva». Ant. Ferr. *Cioso*, 101 (ed. de 1771).

—«Estávamos no airo, onde chegou ali um homem (pop.).

—«Dá tambem (a oração) esforço para vencermos... por onde disse S. João Climaco...» Bern. *Exerc. Espirit.*, t. I, pág. 4. Cfr. *Lusíadas*, c. VIII, est. 21.

[3] V. por exemplo a matéria de págg. 30, 33 e 105.

revela Epifánio, aclarando os passos mais difíceis pela suposição de palavras ocultas.

Debalde se procuraria na *Syntaxe Historica* a leviandade e a precipitação em formular regras que se desmoronam com a mesma facilidade que presidiu à sua elaboração...

Pondo ponto na nossa crítica ligeira, não deixaremos de lamentar que a edição dos *Lusíadas* de Epifánio da Silva Dias não fôsse justamente apreciada ao encarregar-se últimamente um ilustre professor de proceder a uma nova, expurgada de erros. Foi um esquecimento do Ex.mo Snr. Dr. Alfredo de Magalhães a quem a instrução fica devendo grandes serviços.

Avançamos até a idea de que o Estado podia e devia adquirir a obra do falecido Professor, espalhando-a em edições acessíveis aos alunos.

Pôrto, 20 de Dezembro de 1918.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

II

Varia quaedam

Trabalhos do Dr. J. J. Nunes:

— **Convergentes e divergentes,** Lisboa 1917 (separata do *Boletim* da 2.a Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. x);

— **Crónica da ordem dos frades menores,** ms. do sec. xv, agora publicado inteiramente pela primeira vez, e acompanhado de introdução, anotações, glossario, e indice onomastico: 2 vols., Coimbra 1918 (publicação da Acad. das Sc. de Lisboa).

J. L. DE V.

si-

e
a

la-
ias
um
os.
ga-

via
ões

do

xv,
ado
ols.,